

Sonhos sem Amanhã

Clash by night

Doreen Owens Malek



Verão de 1940.

Um jorro de palavras inflamadas em alemão irrompe nos rádios de Fain Les Sources: "A Alemanha ocupou Paris!"

Uma nova realidade aguardava três homens e três mulheres. Amantes e inimigos subitamente lançados num agonizante conflito entre a necessidade de defender suas pátrias e as paixões que floresciam ignorando nacionalidades e barreiras. Num abismo de incertezas, sonhavam permanecer no círculo mágico de proteção do amor. Mas não eram iguais; estavam em lados opostos. Bravos combatentes da Resistência, implacáveis soldados da SS... homens e mulheres orgulhosos e apaixonados para quem a luta com os próprios sentimentos seria tão árdua quanto a própria guerra!

Digitalização: Silvia

Revisão: Carola





Paris em guerra: O talento e a sensibilidade de uma escritora num romance comovente e inesquecível!

**DOREEN OWENS MALEK
SONHOS SEM AMANHÃ**

Título original: **Clash by night**

Copyright: Doreen Owens MALEK

Publicado originalmente em 1988 pela Worldwide Romance, Toronto, Canadá

Tradução: Elsa Joana Frezza

Copyright para a língua portuguesa: 1989

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2000 - 3º andar

CEP 01452 — São Paulo — SP — Brasil

Esta obra foi composta na Editora Nova Cultural Ltda. E
impresso na Cia. Lithográfica Ypiranga

LIVRO PRIMEIRO

Ocupação Verão de 1940

Capítulo I

Henri Duclos girou o dial e um jorro de palavras inflamadas, ditas por uma excitada voz germânica, irrompeu subitamente do alto-falante do pequeno rádio receptor.

— Tomaram Paris — traduziu Laura com a voz embargada pela emoção.

Três rostos perplexos, atônitos, voltaram-se para ela.

— Tem certeza? — perguntou Alain.

— O locutor disse que as tropas de ocupação estavam marchando pela "Avenue des Champs-Élysées".

— Oh, meu Deus... — gemeu Brigitte, cobrindo o rosto com as mãos.

Henri ficou lívido e deixou-se cair na cadeira. Perguntou assustado.

— Que nos acontecerá agora?

— Vai ser exatamente como na Bélgica e na Holanda — sussurrou Brigitte. — Vi isso no cine-jornal. Campos de trabalhos forçados, toques de recolher, judeus obrigados a se registrarem e a usarem a estrela amarela...

Alain parou de andar de um lado para outro e postou-se diante de Laura.

— Temos que fugir!

Ela olhou para o cunhado com assombro.

— Para onde? Os alemães devem estar bloqueando todas as estradas. Logo ocuparão a França inteira. Não há via de escape!

— Prefere ficar sentada aqui, de braços cruzados, à espera: do inevitável?

O rádio funcionou novamente e outra voz, trêmula e arquejante, começou a transmitir um comunicado especial em francês. As notícias eram más e Alain, nervoso, virou bruscamente o botão, interrompendo o fluxo de informações.

— Estão hasteando a bandeira nazista na "Place de la Concorde" — tornou ele, a voz dura e fria. — Isso é mais do que podemos suportar. Vamos, arrumem tudo!

O pai e a irmã levantaram-se imediatamente. Apenas Laura ficou a olhá-lo, como se quisesse dizer alguma coisa. Mas falar para quê? Não adiantava. Quanta coisa tinha-se dito naqueles anos, que agora estava reduzida a pedaços! Crenças e propósitos, sem falar nos mortos...

— Você vem conosco? — insistiu Alain, irritado diante do silêncio dela.

Depois de um segundo de reflexão, ela assentiu lentamente. Que mais poderia fazer?

Laura olhou para o céu sem nuvens. O sol era vertical, desanimador, e a claridade ofuscante. Fazia dois dias que viajavam, marchando através dos campos e dos bosques. Acampavam ao ar livre durante a noite e alimentavam-se do pouco que haviam armazenado, unidos diante do desastre inevitável.

Ela sabia que era inútil fugir, mas não pudera suportar a idéia de separar-se da família de Thierry, o único bem que lhe restava do homem que amara e com quem se casara, a única lembrança viva dos dias felizes.

Com um leve suspiro, colocou a pesada mala no chão e enxugou o suor da testa com o braço, perguntando-se se havia alguém ali que soubesse para onde estavam indo. Fora apenas o instinto que os fizera abandonar sua pequena cidade e ganhar a estrada atravancada de gente desesperada, gente de expressão sombria e espírito envenenado pela inquietação, pelo medo e pelo ódio. Mas não havia lugar onde pudessem resguardar-se do avanço alemão. Em breve, os conquistadores ocupariam toda a região e a ilusão de paz que reinava no vale desapareceria.

Esse pensamento permaneceu com ela durante as horas que se seguiram e ainda a acompanhava, quando um distante zunido de motores a obrigou a olhar por cima do ombro. O sol refletia-se nos fasci pintados nas asas do avião que descia, como uma bala, na direção deles.

— Caças italianos! Abriguem-se nas valas! — gritou, empurrando Brigitte para o fosso de irrigação que se estendia ao longo da estrada poeirenta.

Os aviões mergulharam e as metralhadoras começaram a disparar em rajadas curtas, traçando uma linha de fogo pela estrada e pelos campos. Homens e mulheres, com as fisionomias desfiguradas pelo pânico, corriam com seus filhos em busca de abrigo ou atiravam-se ao chão, tentando escapar, de alguma forma, da morte nas garras daqueles monstros.

Quando os aviões se foram, tão subitamente quanto haviam chegado, ergueram-se lentamente e olharam confusos para a estrada coberta de destroços, mas gratos de terem escapado com vida.

Laura saiu do fosso e estendeu a mão à Brigitte.

— Você está bem?

A jovem fez que sim, arquejante.

— Por quê? Por que eles tinham que fazer isso conosco?

Alain ergueu o punho para o céu e bradou:

— Bandidos! Covardes! Desçam desses aviões e venham lutar comigo. Como homens!

Laura pousou-lhe a mão no ombro.

— Vai ter sua chance, Alain. Isto é apenas o começo.

— Estávamos indefesos e mesmo assim eles nos atacaram!

— É a guerra, Alain.

Ele a fitou em silêncio por um momento, depois meteu a mão no bolso e tirou um cigarro, acendendo-o. Soltou a fumaça pelo nariz e disse:

— Vamos embora daqui. Temos uma longa caminhada pela frente.

— Que distância percorremos?

— Cerca de quarenta quilômetros.

— Tanto assim?

Alain confirmou com a cabeça.

— Esta foi a parte mais fácil. Daqui para a frente a estrada torna-se sinuosa e o caminho ruim e esburacado.

Laura quis perguntar por que estavam se apressando tanto, mas engoliu as palavras. Podia entender que seria uma capitulação, uma admissão de impotência ficar dentro de casa e esperar pelo que pudesse acontecer. Desse modo, ao menos, tinham a ilusão de que estavam fazendo alguma coisa.

Um grito angustiado, vindo da frente da coluna de retirantes, tirou-a de suas divagações. Por um momento, ela pensou que os aviões tivessem voltado e moveu-se automaticamente. Mas ao ver uma expressão de perplexidade surgir no rosto de Alain, estacou.

— Que foi?

— Os alemães chegaram!

Laura ficou na ponta dos pés e conseguiu vê-los também. Um longo comboio de carros alemães avançava, numa única marcha, seguido por dois caminhões carregados de soldados e de um outro veículo, cheio de munições e suprimentos.

Quando a coluna fez alto para dar passagem ao jipe que transportava o comandante, Alain levou a mão à faca que trazia na cintura. Ela apertou-lhe o braço, com força, até que toda a tensão dele se dissipasse e depois murmurou com voz abafada:

— Não seja idiota! Não é hora para heroísmos inúteis. Aceite o inevitável e viva para lutar mais tarde.

Alain deixou o braço pender ao longo do corpo, os olhos fixos nas armas assentadas na traseira do carro-chefe. Estavam todas apontadas para a multidão. O oficial encontrava-se de pé, silencioso e imóvel como uma figura de proa, as insígnias douradas de sua túnica cinzenta cintilando ao sol.

Todos sabiam que ele teria apenas de dar uma ordem e as armas disparariam. Mas ele não disse nada, permanecendo por um longo tempo a perscrutar o grupo de retirantes. No rosto, marcado por profundas rugas de cansaço, os olhos castanhos eram vivos e vigilantes. Pareciam registrar tudo, num único lance de olhar.

Laura notou as duplas listas na rígida gola preta. Coronel. Mas o teria reconhecido por um oficial graduado à primeira vista, tal a aura de poder e autoridade que irradiava.

Ele apanhou o megafone que seu ajudante-de-ordem lhe estendia e levou-o à boca sem tirar os olhos da multidão.

— Sou o coronel Becker — anunciou num francês com sotaque, mas fluente. — Comandante das Forças de Ocupação do III Reich no departamento do Mosa. Voltem para suas casas. Prometo que não serão molestados.

Os franceses olharam-se, aturdidos e surpresos. Voltar para suas casas? Então não iam ser presos, encarcerados ou enviados para um campo de trabalhos forçados?

Percebendo a evidente confusão que suas palavras geraram, Becker prosseguiu:

— Meus homens irão distribuir rações de alimentos a todos. Quando terminarem de comer, formem filas ordenadas e voltem para suas casas.

Dito isto ele fez um gesto imperceptível e dois soldados saltaram do veículo de suprimen-

tos, pondo-se imediatamente a distribuir filões de pães, queijos inteiros e canecos de cerveja preta.

Alain fez uma careta desdenhosa, sentindo-se tentado a dar vazão a seus sentimentos numa explosão irônica. Mas Laura pousou-lhe a mão no braço em advertência, e após um momento de hesitação, ele encolheu os ombros, resignado. Estava vencido e o sabia.

Os olhos do coronel Becker pousaram neles por um Instante e depois desviaram-se, indiferentes. Laura compreendeu que ele notara tudo, e um calafrio percorreu-lhe o corpo. Porém, o oficial continuava a perscrutar a multidão com o rosto desprovido de qualquer expressão. Quando todos terminaram o ligeiro repasto, perguntou brandamente:

— Há um líder entre vocês?

Várias cabeças voltaram-se para Henri, que se encolheu todo, visivelmente constrangido. Mas Becker o fitava com tanta intensidade, que ele foi obrigado a dar um passo para a frente.

— Quem é o senhor? — perguntou-lhe o alemão.

— Sou Henri Duclos.

— Qual é o seu cargo?

Henri começou a transpirar e não respondeu. Jamais se sentira tão amedrontado em toda a sua vida.

Laura, sentindo que o silêncio prolongava-se perigosamente, interveio de pronto:

— Meu sogro é prefeito da cidade.

— Que cidade?

Ela lhe sustentou o olhar com firmeza.

— Fain-les-Sources.

— Todos aqui são de Fain?

— Sim, todos.

Becker virou-se novamente para Henri e fitou-o com olhos penetrantes.

— Henri Duclos, queira se apresentar em meu quartel-general na sexta-feira, às nove horas da manhã, para que eu lhe dê instruções detalhadas sobre os códigos e regulamentos que irão vigorar de agora em diante. — Ele fez uma pausa. — Parece-me que há um hospital nestas redondezas, certo? O velho acenou com a cabeça, timidamente.

— Sim, em Bar-lec-Duc.

— A que distância daqui?

— Cerca de quatro quilômetros além de Fain.

Becker assentiu, pensativo.

— Então o senhor vai me encontrar lá. Espero contar com sua inteira cooperação.

Ele disse algo em alemão e seu motorista deu a partida. A multidão afastou-se, enquanto o carro atravessava aos solavancos os sulcos das estradas. Alguns dos mais jovens acenaram com a mão, com ar de escárnio, mas os velhos apenas enxugaram o suor do rosto.

— Porcos! — gritou Alain. — Vão para o diabo!

— O que vamos fazer? — perguntou-lhe Brigitte, preocupada. Foi Laura quem respondeu:

— Vamos para a casa. Não há outra alternativa.

Alain sentiu-se vencido.

— Gostaria de que Thierry estivesse aqui.

— Eu também — suspirou sua cunhada, com laivos de tristeza na voz.

Várias pessoas do grupo já estavam começando a dar meia-volta e os outros as imitaram. Laura deu o braço ao sogro, pensando quanto tempo empregariam para chegar a Fain e como estaria a cidade quando chegassem lá.

A viagem de volta foi lenta devido ao contínuo fluxo das tropas alemãs. Outras unidades seguiram-se à de Becker e logo a estrada ficou repleta de carros e caminhões das forças invasoras, que tinham precedência sobre o tráfego dos pedestres.

Foi somente na quinta-feira que a família Duclos chegou a Fain-les-Sources. A bandeira alemã tremulava no alto do edifício do correio mas, apesar disso, podia-se quase achar que nada havia acontecido, se um jipe não aparecesse repentinamente numa curva, ou o som de uma voz gutural não rompesse o tranqüilo silêncio das velhas ruas calçadas de pedras. Porém, os alemães ainda estavam chegando. Dentro de poucas horas, sua presença seria uma realidade incontestável.

Foi o que Laura descobriu na manhã seguinte à sua volta. Ela estava na cozinha, preparando o chá. Alain já havia saído para o seu trabalho na fábrica de vidro, Brigitte voltara para os alojamentos das enfermeiras e Henri ainda dormia, no andar superior. A casa estava em silêncio, num clima de aparente normalidade, mas bastava olhar pela janela para perceber que essa aparência era ilusória. Um grupo de soldados fazia exercícios de treinamento na rua principal. E ela iria aprender que essa exibição, uma pequena amostra do poderio militar nazista, se repetiria todos os dias à mesma hora com o objetivo de intimidar a população local.

Laura afastou-se da janela, procurando esquecer o passo ritmado da tropa em marcha. Enquanto se sentava à pequena mesa de pinho, as recordações inundaram-lhe a mente, vividas e opressivas.

Chegara dos Estados Unidos aos vinte anos e fora estudar línguas européias na Universidade de Nancy. Ali conhecera e se apaixonara por Thierry Duclos, o filho mais velho de Henri Duclos, prefeito de Fain-les-Sources e, apesar da objeção de seus pais, casara-se com ele.

Acompanhara-o até Fain, quando, depois de formado, fora ocupar o posto de gerente da fábrica de vidro, a única indústria da cidade, e se instalara com ele na casa paterna. Nunca se sentira tão feliz.

Essa felicidade perdurara até setembro de 1939, quando a Alemanha invadira a Polônia. Dois dias depois, a França declarava guerra à Alemanha e Thierry fora o primeiro a se alistar. Após a primeira campanha, chegara a mensagem "Desaparecido, julgado morto" e seu mundo desmoronara.

Enquanto tomava pequenos goles da bebida fumegante, recordava os primeiros tempos sem ele, dias tristes, envoltos numa névoa de dor. Seus pais, preocupados com a situação na Europa, haviam-na inundado de cartas, implorando-lhe que voltasse aos Estados Unidos. Mas ela quisera permanecer no lugar onde havia sido feliz com Thierry e onde se sentia útil.

Assim, retomara a posse da vontade, dirigindo praticamente sozinha a escola de Bar-lec-Duc, já que a guerra arrebanhara todos os homens fisicamente capazes. Isso até o momento em que a invasão de Paris transformara suas vidas num caos.

Laura aspirou o aroma da infusão, revendo suas memórias ao acaso: o café da manhã com Thierry no dia de sua partida, o rosto dele quando voltara para casa, a fim de despedir-se pela

última vez. Seus olhos se enevoaram e um leve suspiro escapou-lhe dos lábios. Depois, quase automaticamente, consultou o relógio. As crianças deviam estar ansiosas, esperando que seus mestres chegassem e lhes explicassem alguma coisa sobre aquela confusão. Era necessário fazer um esforço para que tudo voltasse à rotina anterior e que as aulas continuassem, apesar da derrota da França.

Becker encontrava-se à entrada principal do Hospital Sacre-Coeur, em Bar-lec-Duc, e observava seus homens hastear a bandeira nazista. A suástica preta, rodeada por um campo branco sobre fundo vermelho, tremulou sobre o balcão e caiu livremente quase até o primeiro andar.

Era um símbolo imponente, majestoso, destinado a mostrar a todos os que entrassem no edifício quem estava no poder. Ele a fitou gravemente por mais alguns segundos e então virou-se para seu ordenança.

— Tudo em ordem, Hesse?

— Tudo em ordem, "Oberst".

— Avisou o diretor que preciso da ala residencial para instalar meus homens?

— Sim, senhor. — Hesse apontou para a porta onde se lia "Directeur". — O escritório já está livre.

— Quanto tempo vai demorar para que os empregados voltem a ocupar seus postos e o hospital torne a funcionar normalmente?

Hesse baixou o tom de voz.

— Já estão voltando, senhor. O chefe da equipe convocou uma reunião para esta tarde.

— Muito bem. Estarei no escritório, se alguém precisar de mim.

— Vai almoçar, coronel?

Becker olhou para seu ajudante, um gigante de cabelos loiros e olhos azuis, e quase sorriu. O garoto tratava-o como um tio poderoso, mas, distraído, a quem era preciso lembrar quando era hora de comer.

— Não quero nada, Hesse. Apenas café, se você puder conseguir uma xícara. O ajudante da cozinha abandonou seu posto, como os outros, mas deve haver alguém por lá neste momento.

— Vou providenciar, senhor. — Hesse bateu continência e fez meia-volta.

O coronel fiscalizou a operação de seus homens por mais alguns minutos e depois entrou no gabinete do diretor. Era uma sala espaçosa, arejada, cheia, do assoalho até o teto, de livros e pastas. Uma vez esvaziada, serviria perfeitamente para seus propósitos.

Tirou o quepe e correu os dedos pelos fartos cabelos escuros, levemente grisalhos nas têmporas. Estava ficando cansado. Era um esforço, para ele, não pensar o que teria dito seu pai se o visse nessa situação ignóbil, humilhante.

Sentou-se à escrivaninha, numa concentração profunda, e pôs-se a reviver todos os episódios de sua vida, como se, fazendo isso, pudesse precisar quando tudo começara a desmoronar. Era difícil chegar a uma conclusão, mas o resultado final fora essa pouco invejável designação para o interior da França, com a missão de impor disciplina a uma população derrotada e fazer-se aceitar como mediador respeitado.

Com um suspiro, apalpou os bolsos, à procura de cigarros. Encontrou a carteira e retirou de seu interior o retrato de seus dois filhos. Contemplou-o por um instante e depois tornou a

guardá-lo, jogando a carteira sobre a mesa. Aquilo já fazia parte de seu passado.

Uma batida na porta fez com que ele voltasse à realidade.

— Quem é? — perguntou.

— Hesse, senhor.

— Entre.

Seu ajudante-de-ordem entrou na sala com uma bandeja, que colocou em cima da mesa.

— O café, senhor.

— Obrigado, Hesse. Você é muito eficiente. O jovem enrubesceu até a raiz dos cabelos.

— Faço o que posso, senhor.

Becker encheu a xícara e tomou um gole. Sentiu-se um pouco melhor.

— Bem, Kurt. Aqui estamos nós.

— Sim, senhor.

— Não exatamente como você esperava, aposto. Tenho certeza de que não era nisto que estava pensando, quando entrou para o exército.

O jovem guardou silêncio, como se temesse dar uma resposta errada.

Becker suspirou e fez um gesto com a mão.

— Pode ir, meu rapaz. Não se importe com o que eu disse. Divagações de um velho maluco. Peça ao diretor para vir falar comigo assim que a reunião terminar.

Seu ajudante olhou-o com ar hesitante, e ele tornou a dizer:

— Pode ir. Eu estou bem.

Obviamente aliviado, Hesse recolheu a bandeja e saiu fechando mansamente a porta atrás de si. Becker terminou seu café e, curvando a cabeça, procurou dispor seus pensamentos em ordem de combate.

Na manhã seguinte, Laura acompanhou Henri à Bar-lec-Duc. O sogro estava à beira de um colapso nervoso, e ela temia que ele não tivesse condições de enfrentar sozinho uma entrevista com o comandante alemão.

Encontrou o andar térreo do hospital fervilhando de atividade. Quase da noite para o dia, os diligentes alemães haviam transformado uma das alas em quartel e ativado a enfermaria. Agora, ambas funcionavam com teutônica eficiência. Mas, apesar do domínio que tinha sobre si mesma, sentiu um nó na garganta à vista da bandeira da dominação tremulando no vestíbulo. Não havia mais dúvidas de que "La Belle France" caíra nas mãos daqueles bárbaros competentes! Sua pátria de adoção estava agora de joelhos.

Com um suspiro desconsolado, deu o braço ao sogro e passou adiante, firmando o passo. No corredor, um soldado adiantou-se para eles. Reconheceu imediatamente o cabo de cabelos loiros e olhos azuis que dera o megafone ao coronel Becker, no dia da chegada das tropas alemãs.

— Henri Duclos? — perguntou ele.

Henri assentiu, de olhos baixos. O ordenança, que aparentava ser muito jovem, voltou-se então para Laura e perguntou-lhe em alemão:

— Quem é a senhora?

— Sou Laura Duclos, nora do prefeito — disse ela na mesma língua.

Estava acabando de se apresentar, quando uma porta abriu-se e um homem uniformizado apareceu no limiar e fez um sinal de que ambos podiam passar.

O rapaz acompanhou-os até o gabinete do coronel e bateu à porta. Ao ouvir um abafado "Entre", abriu-a e anunciou em posição de sentido:

— O senhor prefeito, coronel.

O comandante estava de pé junto à janela e Laura estudou-o demoradamente, notando o contraste que havia entre os dois alemães. O cabo era um ariano perfeito, de pele clara e olhos azuis como o céu alpino. Já o coronel, alto, esguio, de olhos castanhos levemente amendoados, parecia um descendente dos hunos que haviam transposto o Reno na Idade Média.

— Obrigado, Hesse. Pode ir — disse ele.

O cabo fez uma continência formal e saiu da sala, deixando os visitantes sozinhos diante do comandante da Força de Ocupação.

Becker correu os olhos do prefeito para a moça. Lembrava-se muito bem da atraente ruiva que lhe chamara a atenção no dia de sua chegada a Fain, e estava surpreso de vê-la à sua frente.

— Quem é a senhora?

— Laura Duclos, a nora de Henri.

— Não pedi que viesse. Por que está aqui?

A voz era ríspida e autoritária e Laura sentiu o rosto em fogo. Mas replicou calmamente:

— O alemão de meu sogro é precário. Pensei que pudesse ser útil, se houvesse algum problema de comunicação.

— Onde aprendeu a falar alemão?

— Diplomei-me em línguas européias pela Universidade de Nancy.

— A senhora não parece francesa — observou o coronel, alerta a qualquer nuance.

Laura adiantou-se e colocou sobre a escrivaninha os papéis que tinha nas mãos.

— Sou americana — anunciou com orgulho.

Becker sentou-se e examinou o passaporte e a carteira de identidade com ar pensativo. Essa mulher era uma cidadã americana. Considerando que os Estados Unidos ainda não haviam rompido as relações diplomáticas com a Alemanha, era mais prudente tratá-la com cortesia. O consulado americano estava ainda em funcionamento e a moça estava ali com a evidente intenção de proteger o sogro.

Suas mãos bem tratadas repousaram sobre os papéis que acabara de folhear e ele ergueu os olhos para ela.

— Então, a senhora é casada com o filho de Henri Duclos.

— Era. Meu marido morreu em combate.

— Nesse caso, morreu como um herói.

— Muitos morreram como heróis naquele dia.

O coronel tirou um cigarro da cigarreira e o acendeu cuidadosamente antes de observar:

— De ambos os lados. Não foi isso que quis dizer, "madame" Duclos?

Laura nada disse e Henri, que notara a brusca troca de palavras, relaxou.

— Elaborei uma lista de regulamentos que dizem respeito ao toque de recolher, às reuniões sociais e a outros assuntos dessa natureza. Vou lê-las para que tudo fique bem claro. Quem não cumprir um só desses regulamentos ficará sujeito a penas severas.

Becker colocou o cigarro no cinzeiro e inclinou-se para frente, os olhos castanhos fixando-

se no rosto pálido de Henri.

— Cópias dessa lista deverão ser afixadas em todas as esquinas e em todos os lugares públicos. Esperamos que tanto a administração quanto a polícia locais colaborem com as Forças de Ocupação na manutenção da ordem em toda a região. Compreende o que estou dizendo, Duclos?

— Perfeitamente. O seu domínio do francês é excelente. Becker começou a ler. Ficava decretado, entre outras coisas, que todos os cidadãos deveriam recolher-se antes das vinte e duas horas e que qualquer agrupamento de cinco ou mais pessoas seria considerado conspiratório contra o Reich. Terminada a leitura, ele fechou o dossiê.

— Colaborem e terão tudo a ganhar com isso.

O prefeito fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Ótimo. Hesse, meu ajudante-de-ordem, providenciará as cópias das listas e o senhor terá até domingo para completar o serviço. Tem alguma pergunta a fazer?

Henri trocou um olhar com Laura e depois balançou lentamente a cabeça.

— Seus documentos, "madame" Duclos. — Becker apanhou o passaporte e a carteira de identidade e os passou às mãos de Laura. — Por que não volta aos Estados Unidos? É um lugar mais seguro para a senhora.

Ela estudou o rosto do comandante, querendo descobrir se houvera uma ameaça implícita em suas palavras. Mas a expressão do homem era enigmática.

— Agora, a minha pátria é a França, coronel — disse por fim, com voz emocionada.

Ele continuou a olhá-la ainda por alguns segundos e depois fez um gesto de dispensa com a mão.

— Podem ir.

Quando a porta fechou-se atrás dos visitantes, Becker contraiu os lábios, pensativo. Podia apostar que o herói morto não se parecia em nada com seu tímido e fraco pai. Via-se que aquela ruiva altiva, de ar decidido, era ardente por natureza. Não iria satisfazer-se com um homem que não fosse tão impetuoso quanto ela. Suspirou fundo. Não lhe faltava mais nada! Uma cidade de província, habitada por franceses cheios de ódio contra os conquistadores, e uma ianque ferosa e desafiadora, fomentando discórdias!

Após deixar o escritório de Becker, Henri voltou para Fain e Laura enveredou pela rua que levava à "École St. Pierre", onde trabalhava. Em apenas quarenta e oito horas, tinha ocorrido uma transformação surpreendente. Bar-lec-Duc tornara-se uma cidade cheia de soldados que falavam um idioma estranho e que se locomoviam em carros velozes com bandeiras alemãs. A animação geral e a grande atividade indicavam que esses estrangeiros tinham vindo para ficar.

Ao passar diante de um grupo de soldados da infantaria, rigidamente perfilados, olhou-os com curiosidade. A disciplina era rigorosa e eles tinham ordens de não importunar as garotas francesas. Mas duvidava que tal regra fosse prevalecer para sempre.

Com um suspiro, dirigiu-se para o edifício branco do começo do século que sediava a escola, e encontrou Lysette Remy no saguão. A moça era a bibliotecária da cidade, mas nos últimos meses passara a ajudá-la. Faltavam apenas quatro semanas para o encerramento das aulas e as duas estavam fazendo um esforço extra para que o ano escolar terminasse sem incidentes.

— Você o viu? — perguntou ela, curiosa, enquanto lhe passava uma xícara de chocolate.

Laura sorveu a bebida com prazer.

— Vi, sim.

— E o que achou dele?

— É uma máquina eficiente, como todos eles. Já tinha uma lista de regulamentos preparada. De agora em diante, todos nós estaremos em liberdade vigiada.

Lysette olhou em volta, medrosa, e então sussurrou:

— Recebemos ordens para proceder como se nada tivesse acontecido. Se nos portarmos bem, não haverá problemas.

Laura resmungou:

— Parece coisa do coronel Becker.

— Acho que as mudanças na escola acontecerão no outono, quando as aulas recomeçarem. No momento, eles estão ocupados com coisas mais importantes.

— Não se iluda. Becker não é homem de conceder uma única vantagem.

— A biblioteca pode ficar aberta durante o verão. Mas não antes de ser vistoriada pelo coronel — disse Lysette, claramente preocupada diante dessa perspectiva.

Laura sorriu com tristeza.

— Becker deve pensar que nossa biblioteca é uma espécie de centro cultural. Vai ficar desapontado quando souber que nosso último livro foi comprado em 1915!

As duas moças ficaram ainda um momento olhando uma para a outra. Então a sineta tocou, anunciando o fim do recreio, e ambas rumaram para suas respectivas salas.

Nas semanas que se seguiram, todo o ritmo de vida do norte da França sofreu uma drástica mudança. Os invasores eram uma presença constante, contida, mas, inesquecível. Só entravam em ação quando absolutamente necessário, mas não deixavam dúvidas de que qualquer forma de resistência seria duramente reprimida.

A partir do dia da invasão, as crianças foram proibidas de cantar a Marselhesa e, no fim do ano letivo, Laura recebeu um novo currículo escolar a ser adotado no outono, dando ênfase a história e à cultura germânicas.

Os cafés e os bares eram obrigados a fechar suas portas às seis da tarde, e os melhores hotéis e restaurantes de Bar-le-Duc e Vitry-le-François, outra cidade vizinha, foram requisitados para o uso exclusivo dos alemães. Carros-patrolha, com guardas armados, faziam a ronda a intervalos regulares, não permitindo que nenhum dos habitantes se esquecessem de que estavam vivendo sob constante vigilância militar.

Henri era chamado com frequência ao gabinete de Becker para receber as listas dos novos decretos a serem impostos à infeliz população derrotada. Porém, à medida que o tempo passava, a atitude do prefeito para com os indesejáveis visitantes modificava-se expressivamente. Fraco, mas com o gosto pela chefia, ele preferia terminar seus dias como burocrata de uma cidadezinha insignificante do que opor-se ao inimigo, já que isso se constituiria na sua própria queda. A única forma de sobreviver era cooperar, de igual para igual. E foi o que ele fez, tornando-se rapidamente um colaboracionista da Nova Ordem.

Com isso, passou a gozar de todas as vantagens que as boas relações com as altas patentes do III Reich podiam conferir: Jantares em restaurantes finos, acesso às frutas frescas e aos vi-

nhos confiscados, transporte rápido em carros confortáveis.

Os membros de sua família não compartilhavam de seus maleáveis pontos de vista. E mais: estavam chocados e profundamente desgostosos com seu comportamento. Embora não exigissem que ele oferecesse resistência armada, tinham esperado que conservasse a dignidade, já que isso era tudo o que restava aos vencidos.

E era com altivez e dignidade que se comportava a maioria dos habitantes da pequena cidade. Alguns, na verdade, faziam mais do que isso. Os inconformados e os amantes da liberdade organizavam-se para lutar clandestinamente, utilizando-se de todos os meios de que dispunham. O processo era delicado: tinham que confiar uns nos outros como irmãos. Um companheiro mal escolhido podia resultar na prisão imediata dos conspiradores e no fracasso de seus planos.

Amigos que se conheciam desde a infância esquadriavam-se e mantinham os ouvidos abertos aos rumores, procurando determinar quem entre eles era confiável e estava pronto para correr os riscos mais extremados. A meta era desorganizar e causar danos irreparáveis à Força de Ocupação, Apesar de desestruturados e destreinados, não lhes faltavam coragem e sangue-frio para tanto.

Uma noite de fins de julho Alain chegou mais cedo para jantar. Laura e Brigitte preparavam a refeição. Ele esperou até que a irmã subisse a seu quarto para mudar de roupa e então disse baixinho:

— A reunião é hoje à noite, Laura.

Ela teve um estremecimento involuntário.

— Onde? — perguntou, enquanto cortava a última fatia de pão para servir com o queijo.

— No estábulo de Langtot.

— Por que esta noite? Pensei que fossem esperar até que tivessem recrutado mais pessoas.

— Curei quer que poucos se envolvam no assunto, por enquanto. Mas a operação se expandirá assim que pusermos a máquina para funcionar. — A voz de Alain tornou-se perceptivelmente mais baixa. — Está acontecendo alguma coisa na fábrica.

— O quê?

— Não posso dizer nada ainda. É apenas uma suposição. Mas se estivermos certos, pode ser a oportunidade que esperávamos para causar sérios prejuízos aos alemães.

"Então, está para acontecer...", pensou Laura. Tudo parecia apontar para algo, mas não conseguia definir o que era. Sabia apenas que seu cunhado, ansioso para formar grupos anti-germânicos, unira-se a Curei, um veterano da Primeira Guerra Mundial, tão ansioso quanto ele para expulsar os invasores da região.

Ao ouvir os passos de Brigitte na escada, perguntou, cautelosa:

— Ela sabe?

Alain sacudiu gravemente a cabeça.

— Não. É melhor guardarmos segredo. — Ele pensava no pai, que pagara um alto preço por seus novos amigos e privilégios. A própria família não confiava mais nele.

Laura assentiu e trouxe a sopeira para a mesa. Começou a despejar o conteúdo fumegante nos pratos de barro e depois que os dois irmãos se acomodaram, sentou-se diante de Alain.

O relacionamento entre ambos era complicado. Tinha consciência de que ele estava atra-

ido por ela, mas não dava importância ao fato: mais cedo ou mais tarde, o cunhado acabaria se interessando por jovens de sua própria idade. E, dentro de alguns anos, realizaria seus sonhos e se tornaria exatamente como seu reverenciado irmão mais velho.

— Quer me passar a manteiga? — pediu Brigitte a certo momento.

Laura olhou-a com agrado. A jovem era a mais bonita dos três irmãos Duclos. Aos vinte anos, parecia ainda uma boneca de Dresden: tez clara, com a textura sedosa, olhos azuis e cabelos da cor do trigo maduro. Passou-lhe a manteigueira pensando de que modo a Nova Ordem iria afetá-la. Brigitte falava tão pouco que era quase impossível adivinhar o que estava pensando da situação. Mas tinha receio de que sua inocência não sobrevivesse à ocupação.

— Como estão as coisas no hospital? — perguntou-lhe. A moça encolheu os ombros.

— Bem. Há "boches" por toda a parte, mas eles nos deixam trabalhar em paz.

Alain ergueu os olhos do prato e disse com leve irritação:

— Que bonzinhos! Deixando-nos em paz em nossa própria terra!

Brigitte enrubesceu.

— Estava querendo dizer que eles não aborrecem quem se preocupa apenas com os próprios afazeres. O comandante não deixa seus homens interferirem na rotina do hospital.

— Esse Becker deve ser um grande sujeito! — tornou seu irmão, irônico.

Laura fitou-o e fez-lhe um sinal imperceptível. Depois disso, a conversa tomou um rumo mais ameno e o jantar terminou bem. Quando Brigitte saiu, os dois cunhados ficaram ainda sentados à mesa, a olhar um para o outro. Decorrido um momento, Alain comentou, em voz baixa:

— Percebeu o que quis dizer? É melhor não contar nada a Brigitte.

— Quanto menos gente souber, tanto melhor. Mas sua irmã não é simpatizante dos alemães.

— Quem não luta contra eles é a favor deles! — replicou o rapaz batendo com o punho na mesa. — Já basta um colaboracionista na família!

Laura mordeu o lábio. Alain era incapaz de entender o que acontecia a certos homens, quando o terror da vida os assaltava, ou quando a vontade fraquejava sob o fardo dos anos.

— É melhor você ir andando — disse-lhe brandamente. Alain levantou-se e abraçou-a, e ela alisou-lhe os cabelos crespos, tão semelhantes aos de Thierry.

— Farei tudo o que puder para expulsar esses usurpadores daqui. Tudo! — Havia uma entonação nova na voz dele, clara e precisa.

— Tenha cuidado, sim?

— Fique descansada. Quero estar vivo para ver o que acontece.

Alain esgueirou-se pela porta dos fundos e correu através do campo, já envolto em sombras, na direção do estábulo de seu vizinho. Ao chegar, bateu na porta, que lhe foi aberta pelo próprio Curei, o herói da Somme.

À claridade da lanterna, suspensa numa das vigas de carvalho, ele pôde ver Langtot, o fazendeiro, e os irmãos Thibeau, que trabalhavam também na fábrica de vidro. Todos tinham no rosto a mesma expressão, uma mescla de medo, esperança e determinação.

— Vamos ter um verão quente, rapazes — começou Curei, com um sorriso.

E foi desse modo em toda a França, do vale dos castelos do Loire até as cabanas de pasto-

res da Auvergne. Os homens conspiravam, bradando por ação, e a resistência nascia.

Capítulo II

O calor úmido e sufocante de agosto envolvia Camps Lejeune, Carolina do Norte, como um manto invisível. O capitão Daniel Patrick Harris, do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, saiu do alojamento dos oficiais e olhou para o céu. Estava nublado, prenunciando a chuva que parecia não chegar nunca.

Ele se voltou para o segundo-tenente, Gamble, que chegava depois de fazer sua ronda de inspeção às sentinelas, e comentou:

— Houve outra briga ontem à noite, na hora do rancho. O acampamento está cheio demais. Se esse calor continuar, não sei o que vai acontecer.

— É uma situação delicada. Os rapazes estão irritados, querem entrar em ação.

— Pois é justamente esse o problema.

O capitão deu uma tragada no cigarro e consultou o relógio.

— Vamos andando?

Dirigiram-se em silêncio para o edifício central. O auditório já estava lotado, quando transpuseram as amplas portas de correr.

— Sabe qual é o motivo desta reunião? — perguntou Gamble, olhando ao redor.

Harris encolheu os ombros.

— Talvez os "Krauts" tenham nos declarado guerra de uma hora para a outra e Forrest queira nos dar a boa nova pessoalmente.

Gamble sorriu.

— Você iria gostar, não iria?

Tomaram seus lugares na última fileira de cadeiras e esperaram a chegada do major Forrest, fumando e escutando as conversas. O silêncio desceu de súbito sobre a sala quando ele apareceu e subiu na pequena plataforma, onde estavam hasteadas as bandeiras dos Estados Unidos e da Carolina do Norte, e o estandarte vermelho e dourado do Corpo de Fuzileiros Navais.

— Rapazes, serei breve — começou com voz clara e cordial. — Sei que todos vocês gostariam de fazer alguma coisa para abrandar a crise que se abateu sobre a Europa. Pois bem: agora terão uma oportunidade. Estamos procurando um voluntário para desempenhar uma missão difícil e perigosa atrás das linhas inimigas. A seleção será feita na sexta-feira. Quem estiver interessado deve entrar em contato com o tenente Gray.

Um sussurro correu o auditório. Forrest esperou que tudo voltasse à calma e concluiu:

— Isso é tudo. Estão dispensados.

Quando ele saiu, acompanhado por seu ajudante-de-ordem, a sala povoou-se de um murmúrio de vozes excitadas.

— Vai se apresentar? — perguntou Gamble, voltando-se para Harris.

O capitão encostou-se confortavelmente na cadeira e acendeu um cigarro.

— Naturalmente! Estou começando a me cansar de praticar tiro ao alvo e fazer exercícios nos campos de tabaco!

— A missão de Forrest é feita sob medida para um camarada como você. Mas não conte comigo! Não estou ansioso para entrar em ação. Quero aproveitar a vida, enquanto Tio Sam não declarar guerra à Alemanha.

Harris não retrucou. Estava pensando em como induzir o major a escolhê-lo, entre todos os candidatos que certamente se apresentariam.

Ele se apresentou naquela mesma tarde. À noite, ficou se revirando na cama durante horas, imaginando as perguntas que lhe seriam formuladas, quando fosse entrevistado. Era uma prática que empregara em seus tempos de zagueiro do time de futebol da escola secundária, enquanto esperava que o técnico o submetesse a um severo escrutínio, segundo as regras pertinentes do jogo.

Conseguiria persuadir Forrest a aceitar sua petição? Estava certo de que poderia executar a tarefa, mas tipos rigorosos como o major preferiam, às vezes, um soldado-disciplinado e obediente a outro com iniciativa própria, embora imaginação e independência fossem qualidades essenciais numa missão como aquela.

Cruzou as mãos sob a nuca e ficou meditando sobre o problema até o amanhecer. Esperou então o toque da alvorada, pensando se teria paciência de passar outra semana naquela caserna sufocante, enquanto as horas passavam com enervante lentidão.

Ficaria louco, se fosse obrigado a isso. Convulsões abalavam o mundo pela raiz e havia tanto para fazer! Estava cansado de esperar e receber ordens. Queria entrar logo em ação e a incumbência de Forrest era uma boa oportunidade para tal.

Sentou-se na cama e enxugou o suor do rosto, ansiando pelas brisas frescas e revigorantes do lago Michigan e até pelos ventos do nordeste e os céus cinzentos do inverno de Chicago.

Súbito, sentiu-se tocado pela vaga nostalgia de sua velha casa. A lenha estalando no fogão de tijolos, o cheiro bom das batatas assando, a limpa brancura das primeiras neves, as corridas de trenó...

Tornou a deitar-se e fechou os olhos. Depois suspirou fundo e pôs-se a conjecturar por quanto tempo ainda iria se prolongar aquela agonia.

Não teve que aguardar muito. Treze candidatos haviam-se apresentado, respondendo ao apelo, e todos iriam ser entrevistados naquela mesma semana, segundo o tenente Gray, o ajudante-de-ordem do major.

Três dias depois, ele estava sentado numa despojada saleta de recepção esperando sua vez.

— Sente-se, capitão — disse-lhe Forrest, quando foi introduzido no gabinete. — Pode fumar, se quiser.

— Obrigado. — Harris sentou-se numa velha poltrona e acendeu um cigarro.

— Li sua ficha e confesso que fiquei profundamente impressionado. Classificação máxima na faculdade, um dos primeiros em Quântico, aulas de pilotagem de avião em Clery Point, cento e cinquenta saltos...

O major pôs a ficha de lado e lançou-lhe um olhar longo e penetrante.

— Mas tenho uma ou duas perguntas a fazer.

— Pergunte o que quiser, senhor.

— Antes de falarmos sobre a missão, gostaria de saber por que você se apresentou como voluntário.

Harris expeliu lentamente a fumaça do cigarro e resolveu falar francamente:

— Tanto quanto um homem pode ser honesto acerca de seus motivos, eis os meus: O mundo vai sofrer uma mudança radical com esta guerra. Temos de participar já do processo. Se esperarmos muito, talvez seja tarde demais.

— Isso é tudo o que tem a dizer, Dan?

Ele quis fazer um comentário brilhante ou uma observação inteligente, algo, enfim, que convencesse seu superior de que estava capacitado para desempenhar a tarefa. Mas como era de poucas palavras, disse apenas:

— Sim, senhor. Isso é tudo.

Forrest moveu gravemente a cabeça.

— Muito bem, filho. Pode ir.

Harris bateu continência e saiu do gabinete sem encará-lo. Tinha medo de ver a desaprovção refletida em seu rosto.

No dia seguinte, para sua surpresa, foi notificado de que havia sido escolhido. Já estava preparando a bagagem, quando recebeu um recado de que Forrest queria vê-lo. Meia hora depois, banhado e barbeado, atravessava o campo em companhia de Gray.

— Fizeram a escolha acertada — observou o tenente. — Você é a pessoa mais indicada para a missão.

— Espero corresponder à expectativa.

No corredor o oficial estendeu-lhe a mão.

— Boa sorte.

— Obrigado.

O major ergueu-se quando Harris entrou no gabinete.

— Meus cumprimentos, capitão. Quando o escolhermos, preterimos alguns de nossos melhores homens.

Ele sorriu, agradecido, e sentou-se. Ao notar um grande mapa da França pendurado na parede, seu coração começou a bater mais forte. Era exatamente o que havia pensado.

—Vai enfrentar um grande desafio, Dan — continuou seu chefe. — Mas tenho confiança de que irá sair-se bem.

— Farei todo o possível, major.

— Agora ouça com atenção: vou dar-lhe uma idéia geral de nossos planos. Como deve ter percebido, seu destino é a França ocupada. Mais precisamente a região do Mosa, que os alemães tomaram há um mês.

Forrest apanhou um ponteiro e aproximou-se do mapa.

— Aqui está a cidade de Bar-lec-Duc. A pouca distância dela há um povoado chamado Fain-les-Sources. Nenhuma das duas localidades tem importância estratégica e é curioso que os alemães tenham escolhido essa região para instalar-se.

Ele se voltou, pensativo.

— Mas há uma fábrica de vidro em Fain e temos informações seguras de que eles planejam transformá-la numa fábrica de munições.

Harris debruçou-se sobre a mesa, subitamente interessado.

— Como as obtiveram?

— Estamos em contato com o líder de um pequeno grupo de "maquis", um alsaciano rude, de nome Curei — explicou Forrest. — Nosso homem é um veterano da Primeira Guerra Mundial, condecorado por bravura. Agora está muito velho para lutar, mas seu ódio pelos alemães ainda persiste.

O major colocou o ponteiro sobre a mesa e balançou a cabeça.

— Infelizmente, seu bando é composto principalmente de rapazes muito jovens, sem experiência, e de veteranos como ele. Sua missão consiste principalmente nisto: treiná-los de modo que eles possam agir sem você, uma vez concluída a operação.

Harris sentiu seu interesse aguçar-se, mas não fez nenhum comentário.

— Os alemães estabeleceram seu quartel-general no hospital de Bar-lec-Duc. Seu comandante é o coronel Anton Becker, um militar do exército regular que fez carreira sob o III Reich, mas que caiu em desgraça. Seu falecido pai era tenente dos Ulanos do Rei e os "Krauts", para não desagradar os membros dessa família ilustre, alguns dos quais contribuíram com grandes somas para a guerra, resolveram mandar Becker para o nordeste da França. Oficialmente, para impor a Nova Ordem à população local. Mas na realidade para se livrarem dele.

Forrest fez uma pausa.

— Ultimamente, Curei e seu grupo notaram uma atividade fora do normal na fábrica. Os alemães estiveram fazendo perguntas sobre a temperatura máxima dos fornos, "consultores" foram chamados para opinar sobre a qualidade do vidro etc. Na semana passada, um dos rapazes do alsaciano que lá trabalha descobriu um desses "consultores" fundindo barras de metal e despejando o líquido em moldes de balas. Portanto, fica bastante claro que os alemães têm um projeto quase pronto e estão pensando em usar os empregados da fábrica para pô-lo em execução.

Forrest sentou-se e cruzou as mãos sobre o dossiê.

— Você será transportado de avião até o norte da França e lançado de pára-quedas nos bosques que ficam à beira do rio L'Ornain, um afluente do Marne que banha Fain-les-Sources e Bar-lec-Duc. Seu contato será um jovem chamado Alain Duclos, que o esconderá e o apresentará a Curei. Duclos é um elemento precioso. Sua cunhada, viúva de seu irmão mais velho, herói de guerra, é americana e fala francês e alemão fluentemente.

O major fez uma nova pausa.

— Há um pequeno senão. O pai do rapaz, prefeito da cidade, é um colaboracionista.

Harris ergueu o cenho e fez seu primeiro comentário:

— Família interessante...

O chefe acenou com a cabeça, concordando.

— Obviamente, o pai pode ser um problema, mas o serviço de informações garante que o rapaz e a viúva são dignos de toda a confiança.

— É estranho que essa americana não tenha voltado para a sua terra.

— Não é tão estranho assim, considerando que a França é seu país de adoção. Ela preferiu ficar e trabalhar com Curei.

— Muito nobre da parte dela.

— Essa operação tem de ser efetuada rapidamente. Daqui, você irá a Parris Island onde, além das aulas de francês, receberá treinamento sobre demolição e táticas de guerrilha.

Harris assentiu.

— Perfeitamente, senhor.

— Espero que você ajude aquele punhado de bravos franceses a mandar a fábrica pelos ares.

— É o que faremos, senhor!

Forrest sorriu e continuou:

— Quero ressaltar novamente nossa posição oficial. Não entramos ainda nessa guerra. Portanto, se for apanhado, negaremos qualquer envolvimento no caso. Fui bem claro?

— Sim, senhor.

— Tem exatamente uma hora para arrumar seus pertences e ficar pronto para partir. Suas lições de francês começarão esta noite. Em Fain, a americana agirá de intérprete. Mas se for detido no meio do caminho, terá que passar por um francês, compreendeu?

— Perfeitamente, senhor.

O comandante levantou-se e estendeu a mão.

— Boa sorte. Como você mesmo disse, hoje é a França, amanhã seremos nós. Tenho certeza de que empenhará o melhor de seus esforços nessa tarefa.

— Farei o que for possível.

Harris saiu do gabinete mal contendo a excitação. Finalmente teria a oportunidade de entrar numa ação de verdade. Já era alguma coisa! De volta ao acampamento, enfiou suas roupas, botas e meias numa mochila de lona. Depois, sentou-se na cama e acendeu um cigarro. Mais uma hora não era muito para esperar, depois de todo o tempo que passara preparando-se para aquilo.

— Pronto para partir? — perguntou Gamble atrás dele. Harris virou-se. O amigo estava encostado na parede do alojamento, um cigarro pendurado nos lábios.

— Estou pronto, como sempre.

Os olhos de Gamble eram avaliadores.

— Sei por que o escolheram.

— Por quê?

— Você tem experiência e iniciativa própria. Eles sabem disso. Até eu sei disso.

— Sou apenas um soldado que cumpre as ordens que recebe.

— Você sempre consegue o que quer?

Harris não pôde deixar de sorrir.

— Quase sempre.

O tenente estendeu-lhe a mão.

— Então, boa sorte, companheiro.

— Obrigado.

O capitão rumou para o jipe que o esperava para levá-lo à base, e sentou-se ao lado do motorista. Gamble seguiu o veículo com os olhos, dominado por uma estranha emoção. "Harris sobreviverá", pensou. "É um homem de fibra."

Capítulo III

Lysette Remy achava-se em seu gabinete de trabalho, na biblioteca da "École St. Pierre", quando o coronel Becker, acompanhado de seu ajudante-de-ordem, entrou sem se fazer anunciar. Ela percebeu incontinenti que o comandante estava ali para fazer uma inspeção e, instintivamente, endireitou-se na cadeira.

Ele veio ao seu encontro com o desembaraço de um atleta bem treinado, esbelto e elegante no seu uniforme cinzento, e postou-se diante dela.

— Permite que examine sua sala? — perguntou-lhe em seu francês da Universidade de Leipzig, enquanto tirava o quepe e alisava os cabelos negros.

Lysette fez um aceno afirmativo com a cabeça, pensando vagamente no que aconteceria se recusasse. O coronel havia tomado uma liberdade um tanto abusiva, porém ela não tinha poderes para evitar sua intrusão. Ficou imóvel a observá-lo, enquanto ele iniciava a inspeção, parando de vez em quando para examinar um ou outro livro, antes de voltar-se novamente para ela.

— Preciso de seu conselho — anunciou então, olhando-a fixamente.

Essas palavras causaram-lhe a maior surpresa.

— Meus conselhos?

— Exatamente... Como é mesmo seu nome?

— Remy. Lysette Remy.

— Senhora ou senhorita?

Um ligeiro rubor cobriu as faces pálidas de Lysette.

— Senhora.

— Pois bem, Sra. Remy. Tenho algum tempo livre e gostaria de empregá-lo aprofundando meus conhecimentos sobre a literatura francesa. Não quer escolher alguns livros para mim?

Lysette estudou-o com curiosidade. Vira-o de longe, alguns dias após a invasão, mas a figura que se erguia diante dela era diferente da imagem que tinha em mente. Podia quase jurar que ele estava enfadado. Obviamente, fora educado para uma vida mais ativa e interessante do que essa que lhe fora destinada em Bar-lec-Duc.

— Não temos traduções em alemão — disse, fitando-lhe os olhos castanhos, de cílios espessos e sobrelhas marcadas.

Pela primeira vez, desde sua chegada, Becker ficou à vontade. Seu rosto magro, moreno, abriu-se num sorriso de quem verdadeiramente se divertia.

— Meu francês é bastante razoável, Sra. Remy.

— Très bien.

Lysette afastou a cadeira e pôs-se de pé. Atravessou a sala, até as estantes cheias de livros e escolheu alguns volumes que colocou sobre a grande mesa embutida.

— Não sei se o senhor já conhece esses autores.

Becker correu os olhos pelas lombadas: Proust, Sthendal, Flaubert, Maupassant. Seu rosto iluminou-se.

— Efetivamente, "madame". Mas será um prazer relê-los. Permita que a cumprimente por seu bom gosto.

— Acredito que alguns de nossos escritores podem competir em talento com Goethe e Remarque.

O coronel franziu a testa.

— Os livros de Remarque são considerados subversivos em meu país.

Lysette não se intimidou.

— Tenho algumas obras em francês desse escritor. Estão à sua disposição, caso mudar de idéia.

Kurt Hesse seguia a conversa com perplexidade. O comandante não costumava mostrar-se afável com os franceses. Pelo contrário. Tratava a todos com autoritária rispidez. Mas, naquele exato momento, estava "sorrindo" para a pequena bibliotecária!

Becker pareceu não notar seu espanto e ordenou-lhe em alemão:

— Apanhe os livros e espere-me lá fora.

— Pois não, senhor.

Quando o ajudante saiu da sala, o coronel aproximou-se mais de Lysette, impressionado pela dignidade com que ela cumpria um dever obviamente desagradável. Examinou-a em silêncio, observando-a com desapaixonada atenção: trinta anos, rosto comum, esbelta demais. Não era o tipo de mulher de que realmente gostava. Não obstante, havia nela, além de sua inteligência, algo que o atraía sobremaneira.

— Tem outro emprego, além deste?

— Ajudo "madame" Duclos a dirigir a escola.

— Muito bem. E seu marido?

Lysette hesitou um momento, antes de dizer:

— Desaparecido em ação.

Becker tornou a adotar suas maneiras distantes.

— Virei entregar-lhe pessoalmente os livros, quando tiver terminado de lê-los.

— Disponha do tempo que quiser, comandante.

— Bom dia, "madame". — O coronel fez com a cabeça um aceno amável e dirigiu-se para a porta.

Lysette seguiu-o com os olhos. Não compartilhava do preconceito de seus compatriotas contra os homens da raça dele. Para os outros, os alemães eram os opressores, os odiados "boches". Para ela, ao contrário, eram os libertadores, os homens que a haviam arrancado das mãos grosseiras de seu marido.

Não revelava seus sentimentos a ninguém, ciente de que seria considerada dura e egoísta. Mas eles haviam determinado sua atitude em relação a Becker. Vira-o como um homem igual aos outros e não como um tirano.

Quatro semanas depois, Laura esperava por Alain tomando chá na quieta intimidade de sua cozinha. O anoitecer estava encerrando uma tarde calma. As janelas achavam-se abertas e o

canto das cigarras e as vozes intermitentes dos grilos, combinados com o eventual ronco de algum carro alemão, numa operação de patrulhamento, chegavam até o interior do pequeno aposento num meio-tom abafado e monótono.

Mas, à medida que as horas passavam, a sensação de bem-estar foi substituída por uma ansiedade crescente, que tornava aquela espera intolerável. Teria preferido participar da ação, como das outras vezes, porém Alain não a convidara e ela não lhe pedira explicações.

O envolvimento de ambos com o bando de "maquis" devia ser um segredo. Mas achava que tanto Brigitte quanto Henri sabiam disso e fingiam ignorá-lo. Suas freqüentes ausências não eram comentadas e, por diversas vezes, quando Alain voltara para casa machucado, a cunhada cuidara dele sem fazer perguntas.

Obviamente, o sogro vivia sob o temor constante de que seus novos amigos alemães descobrissem o que se tramava em sua própria casa. Mas, para evitar discussões, fechava os olhos e nada fazia. Desse modo, Alain tinha liberdade para participar dos atos de sabotagem, considerando seu trabalho na fábrica como uma mera cobertura para seu verdadeiro objetivo: expulsar os alemães da França.

Geralmente, Laura acompanhava-o em suas expedições noturnas, traduzindo-lhe tudo o que ouvia. Dessa vez, porém, ele a deixara para trás, alegando que deveria cumprir sozinho a tarefa que dele esperavam e partira, exultante com aquele novo desafio a seu vigor e vitalidade.

Laura levantou-se e olhou pela janela, perscrutando a noite. Não conseguiu ver nada além do halo de luz do lampião que iluminava a entrada do estábulo de Pierre Langtot. Tornou a sentar-se e, com esforçada paciência, abriu um dos cadernos de seus alunos do curso de verão. Correu os olhos pelas respostas rabiscadas na primeira página mas, ao imaginar que Alain podia estar caído numa fossa, com uma bala metida no corpo, desistiu.

Suspirando, pensou que, antes da guerra; sua vida fora simples e despreocupada: o amor de Thierry preencheria sua vida, dando-lhe um novo propósito. Agora, esse amor não existia mais e a dor dessa perda estava se transformando rapidamente num irresistível desejo de vingança.

Durante toda a sua vida havia considerado a liberdade como um bem natural a que todos tinham direito. E não seria agora que iria se acomodar com essa opressiva rotina de simulações o mentiras deliberadas. Os Randall eram descendentes dos Pelegrinos, gente que havia atravessado o oceano num barco frágil, em busca de liberdade religiosa. Tão poucos, um punhado apenas, porém haviam lutado bravamente contra os nativos hostis e um meio ainda mais hostil, conhecendo por fim a liberdade.

Nos últimos anos, vira o nazismo desenvolver-se como uma raiz de mandrágora na vizinha Alemanha e estender-se na direção dos outros países. Sua indignação pela arrogância e arbitrariedade de seu líder transformara-se em algo próximo ao ódio, após a invasão da França. E agora que sabia que essa ocupação podia continuar durante muitos anos, ou até tornar-se permanente, sentia ímpetos de rebelar-se e lutar até a morte.

Uma batida na porta dos fundos arrancou-a bruscamente de suas divagações e a fez levantar-se de um salto. Ao retirar a tranca, Alain caiu para frente sobre o chão lajeado. Tinha as mãos rasgadas e uma mancha pegajosa a alargar-se sobre a manga da camisa. Quando conseguiu levantar-se, arrastou-se dois passos e caiu de bruços sobre a cadeira.

Ela precisou lançar mão de todo o seu autocontrole para não gritar. Depois, movida por

súbito impulso, correu para buscar o estojo de primeiros socorros. Quando voltou à cozinha, o cunhado estava debruçado sobre a mesa, de olhos fechados.

— Que foi que aconteceu? — perguntou-lhe, enquanto enchia uma chaleira de água e a punha para ferver. — Não deveria ser um trabalho simples? Por que se feriu?

Alain ergueu a cabeça com dificuldade.

— Fiquei preso no arame farpado, quando me arrastava ao longo da cerca.

— É a terceira vez que você volta para casa nestas condições. Sabe que as marcas de sangue podem, chamar a atenção dos alemães?

— Por favor, nada de sermões — pediu ele um tom queixoso. Laura sentiu o coração confranger-se.

— Você devia seguir as ordens de Curei e não se aventurar do outro lado da estrada.

— Voltei para casa, não foi?

— Mas veja em que estado. Será milagre se não contrair uma infecção. E como irá explicar esse ferimento ao pessoal da fábrica? Acha que eles não irão notar?

— Que você quer que eu faça? Que me confraternize com os alemães, como fez meu pai?

— Havia uma leve irritação na pergunta.

— Você sabe que não — respondeu Laura com brandura. — Mas gostaria que tivesse mais cuidado. Você se arrisca demais.

— Apenas cumpro o meu dever.

Laura não insistiu. Cortou-lhe a camisa junto ao ombro e examinou o ferimento.

— Gostaria de que Brigitte estivesse aqui — suspirou então. — Ela saberia o que fazer.

Alain apertou os lábios.

— Não gosto de vê-la naquele hospital cheio de "boches". Era melhor que ela voltasse para casa.

— Brigitte quer terminar seu curso de enfermagem e eu aprovo sua decisão.

Ela tirou uma velha toalha do bufê e a rasgou em tiras.

— Agüente firme. Acho que vai doer um pouco.

O cunhado recostou a cabeça no espaldar da cadeira e submeteu-se docilmente aos seus cuidados, permitindo que lhe lavasse o ferimento e enfaixasse o braço. Quando ela terminou, perguntou em voz baixa:

— Onde está meu pai?

Laura fez um gesto em direção do andar superior.

— Lá em cima, dormindo.

— Tem certeza?

— Absoluta. Por quê?

— Tenho notícias importantes.

Ela notou-lhe a excitação e ficou curiosa.

— Diga logo.

Alain sorriu e seu humor transformou sua fisionomia.

— O agente americano está a caminho. Chegará amanhã à noite, e eu vou esperá-lo no velho abatedouro do Bois D'Or.

— E eu, o que faço?

— Irá servir de intérprete. Esse é o trabalho especial que Curei lhe prometeu.

Laura animou-se.

— Ótimo!

O rapaz lançou-lhe um olhar de soslaio e seus lábios descaíram, amuados.

— Acho que esse trabalho compete a nós, não a ele. Poderíamos ter cuidado de tudo sozinhos. Laura fitou-o, boquiaberta.

— Pensei que você tivesse ficado feliz com a chegada dele!

— Estou feliz porque vamos pôr nossos planos em prática. Mas era desnecessário vir alguém de fora para nos ensinar como agir!

— Não seja ridículo! — replicou Laura, sem meias palavras. — Esse americano é especialista em explosivos. Onde poderíamos encontrar alguém, aqui, que tivesse essa experiência? Pare de resmungar contra a interferência de fora e agradeça a Deus que ele tenha vindo nos ajudar. Meu país ainda não está em guerra contra a Alemanha. Esse homem está arriscando a vida por nossa causa!

Alain levantou-se.

— Você será sempre uma americana, Laura. Mesmo que viva mil anos aqui.

Ela nada respondeu. Depois que ele saiu, permaneceu na cozinha e entregou-se completamente à tarefa de corrigir as provas de seus alunos. Trabalhou até o dia amanhecer e então retirou-se para os seus aposentos. Seu último pensamento, antes de adormecer, foi para o homem que chegaria dentro de algumas horas.

Aquela noite, o avião que trazia Dan Harris penetrou no espaço aéreo francês. Era uma aeronave espaçosa, mas o capitão estava sozinho no compartimento de passageiros, preparando-se para o salto. Quando ele ouviu a porta da cabine abrir-se, voltou-se para o piloto.

— Ainda demora muito?

— Não, senhor. Já estamos sobrevoando Paris. Já estive lá alguma vez?

Harris sacudiu a cabeça.

— Não.

— Grande lugar. Mulheres lindas. O senhor vai ver.

— Duvido muito, tenente.

O homem sorriu. E avisou:

— Dois minutos para o salto, senhor.

Harris verificou seu equipamento pela última vez e esperou.

— Um minuto.

Ele abriu o alçapão e o vento chicoteou seu rosto. Apertou os olhos e cerrou os lábios, sentindo no estômago aquele mal-estar que sempre precedia o salto. Depois inspirou profundamente e começou a se sentir melhor.

— Boa sorte, senhor. — O piloto ergueu o polegar. — Dê um beijo em Danielle Darrieux por mim.

Harris retribuiu o gesto e deu um passo para frente. Quando o piloto gritou "agora", atirou-se. A descida foi suave, sem nenhuma sensação de queda, coisa que nunca deixava de espantá-lo, embora houvesse saltado um sem-número de vezes, agora podia ver as árvores subirem em

sua direção e rezou para não ser colhido por nenhum ramo. Isso havia acontecido uma vez, em Cherry Point e, para se desvencilhar, tivera que cortar todas as linhas do pára-quedas. Fora como livrar-se da teia de uma aranha gigantesca.

Dessa vez, porém, conseguiu ultrapassar os bosques sem problemas. Caiu numa clareira e, durante alguns segundos, esperou que seu coração voltasse ao ritmo normal. Pôs-se então de joelhos e livrou-se do pára-quedas. Depois abriu um buraco no chão fofo e enterrou-o.

Fechou os olhos por um momento e visualizou o mapa que tinha na memória. O rio encontrava-se a oeste, a uma milha de distância talvez. Teria que encontrá-lo e segui-lo na direção do sul, até uma cabana usada outrora como matadouro, situada no meio de um pequeno bosque. Lá haveria um rapaz à sua espera, o contato que o levaria à presença do alsaciano, veterano da Primeira Guerra Mundial.

Abriu os olhos e apalpou o bolso de trás, onde estavam seus documentos. Segundo eles, era um trabalhador braçal de nome Jean Leclerc, o que explicaria seu sotaque estranho e seu francês primário.

Enquanto pensava em seu trabalho e na maneira pela qual deveria realizá-lo, arrancou o macacão de vôo e o jogou no mesmo buraco onde enterrara o pára-quedas, alisando a seguir a terra revolvida. Depois de vestir as rústicas roupas de camponês que trouxera consigo, lançou um olhar à sua volta e, satisfeito, apanhou a mochila e pôs-se a caminho.

Na escuridão do Bois D'Or, Alain Duclos aguardava. As ordens eram para levar o agente americano à estrebaria de Pierre Langtot. O resto viria depois.

Ele sentou-se sobre a palha, a observar a abertura existente na parede. Havia a claridade das estrelas, mas não luar. Passa dos alguns minutos, consultou o relógio, não tinha idéia de quando o ianque chegaria ou se o homem tinha mesmo saltado em solo francês. Alguma coisa podia não ter dado certo. Ficaria ali até o dia amanhecer. Se o americano não desse sinal de vida até então, era quase certo de que não viria.

Esticou as pernas e fechou os olhos, procurando dormir. Nada mais havia que pudesse fazer. Quando consultou novamente o relógio, eram quatro horas. Pôs-se de pé, completamente alerta. No mesmo instante, ouviu passos que se aproximavam do bosque: pareciam estar apenas a poucos metros.

Ficou à espera. Um vulto emergiu do meio das árvores e caminhou para ele.

— Ou est l'embranchement pour aleer à Fain? — perguntou uma voz com forte sotaque.
— Pode me mostrar o caminho para Fain?

Era a senha. Alain adiantou-se, cauteloso, ainda não completamente convencido.

— Certament, c'est ma ville — replicou. — Certamente, é a minha cidade.

O desconhecido deu mais um passo para frente e Alain pôde vê-lo melhor. O homem era alto, de ombros largos, e vestia roupas de camponês. À leve claridade do amanhecer, notou-lhe os maxilares fortes, os olhos claros e os fartos cabelos negros. Bon Dieu! Seriam os americanos assim tão grandes? Aquele que tinha diante de si era tão alto quanto um lenhador!

— Vim de muito longe e estou cansado. Je suis fatigué.

— Está com fome? — disse Alain em inglês. — Trouxe-lhe um pouco de comida.

— Não estou com fome, obrigado.

O americano sorriu subitamente e Alain percebeu por que ele fora escolhido para a missão. Confiança e segurança irradiavam de seu sorriso como a luz do sol.

— Prazer em conhecê-lo. Sou Dan Harris.

— Sou Alain Duclos e estou feliz com sua chegada. O lugar onde vai ficar não é longe daqui. Venha comigo, por favor.

Seguiram tão silenciosamente quanto possível, detendo-se de quando em quando para perscrutar a noite. Após meia hora de marcha pararam diante de uma estrebaria. Alain bateu na porta, que foi aberta por um homem de meia-idade.

— Langtot — apresentou o rapaz.

O francês sorriu para o capitão. Depois foi buscar uma garrafa de vinho e encheu os copos, passando-os cerimoniosamente a cada um dos homens. Após o brinde disse algumas rápidas palavras em francês, que Harris não compreendeu.

— Ele disse que foi muito bonito de sua parte vir de tão longe para nos ajudar — traduziu Alain.

— Ele também está correndo um grande risco escondendo-me aqui.

Quando Alain explicou a Langtot o que o americano dissera, o velho homem sacudiu a cabeça com veemência e disse devagar, para que Harris pudesse entender:

— Sou um homem velho, tenho pouco tempo de vida. Não é a mesma coisa.

— Estou contente de ter vindo — retrucou Harris.

A gratidão dos dois franceses era tão comovente que ele ficou constrangido. Não havia feito nada para merecer isso. Sua chegada, por si só, não tinha nada de louvável.

Iria demorar um pouco para que ele percebesse que cada passo na direção da libertação, por mais insignificante que fosse, era um estímulo àquele povo oprimido.

Mas essa urgência em fazer alguma coisa, qualquer coisa, para erguer o ânimo daquela gente dominou-o desde aquela primeira noite e deixou-o mais determinado do que nunca a tornar sua missão um sucesso.

Langtot mostrou-lhe o celeiro onde ia passar a noite, forneceu-lhe um cobertor, uma garrafa de água, uma pequena cesta de alimento e depois saiu renovando os agradecimentos.

— Eu também preciso ir — anunciou Alain. — A patrulha começa a ronda cedo. Voltarei amanhã à noite, está bem?

— Está bem.

— Trarei Curei e minha cunhada para servir de intérprete. D'accord?

— Ótimo.

— Procure dormir um pouco. Salut.

Harris esperou que o rapaz deslizasse pela porta entreaberta e se confundisse com as sombras da madrugada. Fechou então a porta de madeira com uma tranca e subiu a rangente escadinha de madeira que levava ao celeiro.

Deitou-se na cama de fragrante palha e fechou os olhos. Forrest tinha razão. O bando era composto de velhos ou rapazes muito jovens. Alain, por exemplo, não parecia ter mais do que dezoito anos. Seus devaneios deviam ser cheios de esperança e não de medo. Mas aquela guerra estava roubando-lhe a juventude assim como a de milhares de jovens como ele. Não era justo, não se devia fazer uma guerra com crianças.

Quando Alain abriu a porta dos fundos, Laura afastou a cadeira e pôs-se de pé.

— O agente americano chegou? — perguntou, ansiosa.

O cunhado lançou em torno um olhar preocupado.

— Meu pai está?

— Foi à cidade, para uma reunião distrital. Não se lembra?

— Ah... sim.

— E então? — insistiu ela.

— Ele chegou e está bem.

Laura soltou um suspiro de alívio.

— Felizmente. Como ele se chama?

— Dan Harris.

Harris. Ela gostou do nome. Lembrava-lhe o Dia de Ação de Graças e os piqueniques de 4 de julho.

— Por que você fica aí, parada como uma estátua? — perguntou Alain, notando-lhe o ar extasiado. — Ajude-me a escolher algumas camisas para o americano. Ele é muito alto, mas acho que há algumas roupas de Thierry que estão no sótão poderão servir-lhe perfeitamente.

Capítulo IV

Horas depois, naquele mesmo dia, enquanto o sol batia impiedosamente sobre o telhado de ardósia do estábulo, Dan Harris pensava, um tanto sonolento, na tarefa que lhe haviam imposto e na gente que dependia dele.

Levando-se em conta as circunstâncias, estava bastante satisfeito. Sentia-se sempre assim, antes de enfrentar um desafio. Era a calma que precedia a tempestade e ele a aproveitava, sabendo que poderia passar um longo tempo até que pudesse desfrutar de novo dessa mesma sensação.

Cruzou os braços sob a nuca e ficou olhando para o teto sem ver. O ar era cálido, o zunido dos insetos acalentador. O cansaço de uma noite insone subjugou-o de maneira irresistível. Rendeu-se a ele e dormiu, sobre a palha macia, até o primeiro frescor da noite penetrar no estábulo.

Despertou com a chegada de Langtot, que vinha trazer-lhe o jantar e a notícia de que o resto do bando se reuniria a eles quando a noite tombasse completamente.

Curei foi o primeiro a chegar, um homem de seus sessenta anos, olhos agudos, que cumprimentou Harris cordialmente e chamou-o de "capitaine". A seguir, chegaram os dois irmãos Thi-beau, cada qual com seu tesouro. Um deles, Patric, trazia a planta da fábrica, que seu pai ajudara a construir havia trinta anos, e seu irmão mais velho, Michel, a duplicata das chaves do escritório.

Harris ficou agradavelmente surpreso. Aquela gente não perdia tempo! Cumprimentou-os efusivamente, no seu francês precário, erguendo o polegar direito para reforçar sua aprovação. Os

outros o entenderam e sorriram, satisfeitos. Tudo ia dar certo: o americano apreciava o que haviam feito.

A porta do estábulo abriu-se pela última vez, admitindo Alain que entrou acompanhado de Laura. Ela estacou, quando viu o agente. Então, aquele era Dan Harris? Haviam-lhe dito que era capitão e ela esperava alguém de seus quarenta anos, cabelos grisalhos e ar grave. Mas esse homem não teria mais do que trinta anos!

Observou-o, enquanto ele vinha ao seu encontro.

Era alto, como Alain dissera, tinha cabelos castanhos, olhos de um azul-acinzentado, cílios e sobrancelhas escuros. Seus traços finos, aquilinos, sugeriam inteligência e humor.

Quando ele estacou à sua frente, Alain fez as apresentações:

— Esta é Laura, que irá nos servir de intérprete.

Ela avançou com a mão estendida.

— Bem vindo à França, capitão.

Harris não tirou os olhos dela, enquanto lhe apertava a mão. Viu-lhe o cobre escuro dos cabelos contrastando com o rosto claro e levemente colorido, os profundos olhos verdes, as salientes maçãs do rosto, a boca suave, o queixo firmemente arredondado.

— Madame... — murmurou, encantado.

Curei tossiu discretamente e Harris teve consciência de que estava ainda apertando a mão da moça. Retirou a sua desajeitadamente e começou a falar num francês hesitante.

Laura interrompeu-o com gentileza.

— Tudo bem, capitão. Pode falar em inglês. Eu servirei de intérprete para ambos os lados.

— Obrigado. Seria exaustivo ter de repetir-me a todo instante.

Harris pegou o rolo de plantas que Patric Thibeu trouxera e abriu-o sobre o chão de laje do estábulo. Estudaram cuidadosamente os desenhos. Os franceses apontavam para as entradas, as saídas, a localização dos fornos e do escritório e ele assimilava as informações. Tinham que pensar num jeito de entrar no recinto e determinar onde seriam colocados os explosivos, para então saírem e detonarem a carga a uma distância segura. Era uma tarefa delicada.

Decorridas duas horas, Curei ergueu os olhos dos papéis e consultou o relógio,

— Vamos interromper os trabalhos. A patrulha vai passar dentro de meia hora. Temos de ir embora antes disso.

— O.k. — Harris endireitou-se e apanhou um maço de cigarros.

Laura advertiu-o prontamente:

— Devia evitar de fumar aqui, capitão. O feno é altamente combustível.

Ele olhou-a, espantado. Não havia pensado nisso.

— Não sei muito sobre fazendas. Fui criado num subúrbio de Chicago. Conhece a cidade?

Ela sacudiu a cabeça, enquanto acenava para Curei e os irmãos Thibeu, que se dirigiam para a porta.

— Antes de vir para cá, eu raramente saía de Massachusetts.

— De que lugar de Massachusetts?

— Brookline, perto de Boston.

Harris assentiu.

— Conheço o lugar. Estive lá certa vez, visitando um colega de faculdade...

Alain acompanhava aquela conversa com crescente aborrecimento. Havia notado o modo pelo qual os dois tinham-se olhado durante a reunião, obviamente interessados um no outro. Examinou Harris sob uma nova luz, considerando a imagem que ele devia apresentar à viúva de Thierry. O fuzileiro era alto, forte, com aquele ar de autoconfiança de que as mulheres tanto gostavam, ao passo que ele próprio devia parecer desajeitado e muito jovem.

A voz de Langtot trouxe-o de volta à realidade.

— Ele disse que nada foi dito, ontem, à noite, sobre um avião sobrevoando a região ou um pára-quedista — traduziu Laura. O amigo dele tem um rádio transmissor-receptor clandestino, em Vitry, e não ouviu nenhum comentário a esse respeito. Significa que os alemães não o avistaram?

— Eu não apostaria tanto nisso — observou Harris, pensativo.

— Comment? — perguntou Langtot.

— Duvido que seu amigo ouviria isso pelo rádio. Os alemães não iriam avisar ninguém, se soubessem de minha chegada — explicou o fuzileiro. — Seu amigo pode alcançar Londres com seu rádio receptor-transmissor?

O velho homem assentiu e acrescentou alguma coisa em francês.

Ele disse que é preciso ter muito cuidado — tornou Laura.

— A pessoa que for apanhada ouvindo uma transmissão do exterior pode ser fuzilada.

— Compreendo.

Harris voltou-se novamente para ela.

— Soube que você trabalha na escola. O que faz exatamente?

— Comecei ensinando inglês. Agora, faço um pouco de tudo. — Ela fez uma pausa e encarou-o. — Você é muito jovem para um capitão.

— E você muito jovem para uma viúva.

— Atualmente há muitas viúvas jovens na França.

— Parece que você guarda uma grande mágoa em seu coração. Quer me dizer por que se sente assim?

— Creio que não tenho nada para lhe dizer a esse respeito, capitão — disse Laura com cautelosa polidez.

Fez-se um momento de silêncio, e então Harris mudou de assunto.

— Vou precisar de toda a ajuda que puderem conseguir.

— Quanto a isso, fique descansado. Receberá toda a assistência necessária, capitão.

— Dan — sugeriu Harris, sorrindo.

Laura relaxou um pouco e sorriu também.

— Está bem, Dan.

Ele fez com a cabeça um sinal de aprovação.

— Assim está melhor!

Alain olhava de um para outro, contrariado. Aqueles dois pareciam entender-se muito bem. Não estava gostando nada daquilo! Forçou um sorriso e disse:

— É melhor irmos andando.

Harris anuiu com a cabeça.

— Quando voltarão?

— Amanhã à noite, à mesma hora.

— Muito bem. Até amanhã.

Langtot saiu, levando consigo o lampião a óleo, e a estrebaria mergulhou na escuridão. A noite estava tranqüila, ouvia-se o canto dos grilos nas moitas. De vez em quando, um vagalume brilhava no escuro.

Na manhã seguinte, já estava cedo em atividade. Tomou seu café, comeu um pedaço de pão fresco com um pouco de manteiga campestre e pôs-se imediatamente a estudar as plantas que Thibeau lhe trouxera. Estava quente dentro do estábulo e o suor escorria-lhe pelos braços e o torso nu, enquanto fazia anotações a lápis à margem do papel.

Enxugou a testa com o dorso da mão e ia debruçar-se novamente sobre o desenho, quando o cavalo de Langtot apoiou o focinho aveludado em sua nuca. Virou-se para afagar-lhe o pescoço.

— O que acha? Na entrada ou nos fundos?

O cavalo relinchou e ele riu.

— Ah! Você não sabe...

A viúva Duclos continuava a ocupar-lhe a mente, impedindo-o de se concentrar. Nunca tivera uma predileção especial por ruivas, mas Laura era diferente. Seus cabelos lembravam-lhe a cor das moedas de cobre bem polidas, e sua pele, a transparência do alabastro. Seus olhos verdes haviam sustentado os dele com firmeza durante a conversa, mas sentia que ganhara um ponto, quando a expressão séria dela se transformara, por fim, com um sorriso.

Sacudiu a cabeça e fechou os olhos. "Pare de pensar nela", ordenou-se. "Seu marido morreu há menos de um ano e você tem uma tarefa difícil pela frente."

E decidido a não distrair-se mais de seu trabalho, apanhou o lápis e voltou ao estudo das plantas.

Quando seu ajudante entrou no gabinete com alguns relatórios, Becker empurrou os papéis que estava examinando para o lado e consultou o relógio. Quase meio-dia! Levantou-se, apanhou dois livros da estante e dirigiu-se para a porta, sorrindo.

— Deixe isso sobre a mesa, Hesse. Já estava de saída. Quero dar uma volta por aí e depois devolver esses livros à biblioteca.

O coronel fez uma pausa e continuou, num tom de sutil ironia, que sempre confundia seu ajudante-de-ordem:

— Se De Gaulle chegar com um batalhão de franceses livres para tomar conta da cidade, você poderá me encontrar na École St. Pierre.

Hesse escutava-o sem poder acreditar. Por que o coronel não o encarregava de entregar os livros? Afinal, esse serviço cabia a ele! Então percebeu, com espanto, que Becker queria ver novamente a bibliotecária.

O comandante estava atraído pela moça, não havia dúvida. E não entendia por quê. Ela era uma mulher comum, um ralo do campo que dificilmente atrairia a atenção de um homem da cidade. Mas o coronel também era um tipo estranho, sempre cismarento, calado. Quando não estava mergulhado no trabalho, preferia ficar sozinho e ler.

Hesse colocou os papéis sobre a grande mesa de trabalho, encheu o tinteiro e arrumou as canetas numa fila ordenada. A despeito das peculiaridades de seu comandante, admirava-o. Ele tratava bem seus inferiores e, diferentemente dos outros oficiais graduados, não esperava que seu ajudante lhe adivinhasse os pensamentos.

Mas mantinha-se a distância, não revelando nada de si mesmo. O que tornava seu interesse pela francesinha ainda mais difícil de entender. Custava-lhe acreditar que o coronel, sempre tão auto-suficiente, sentisse solidão. Especialmente sendo casado com a bela aristocrata cuja fotografia vira inúmeras vezes sobre a escrivaninha. Não, talvez ele quisesse apenas falar de literatura com a bibliotecária. O coronel era um homem bem educado e devia sentir falta das conversas inteligentes das pessoas de seu próprio meio.

O cabo sacudiu a cabeça, enquanto fechava o tinteiro e o guardava no armário. As preferências femininas de seu comandante não lhe diziam respeito. Meter o nariz nos assuntos particulares dos oficiais era um modo de procurar encrencas.

Deixou o escritório e perscrutou o saguão, à procura do mensageiro da Chancelaria de Berlim, que deveria chegar nesse dia com a correspondência de seu superior. Não viu ninguém. Voltou-se então para os corredores. Estava ansioso. Esperava uma carta de sua mãe, que morava no vale do Rhur, e de quem sentia muita falta.

Havia deixado também uma namorada em Witten, mas seu irmão escrevera-lhe quatro meses depois de sua partida, dizendo que ela tinha outro pretendente, um viúvo rico com dois filhos. "Isso acontece", pensou, sem muito pesar. "As moças se interessam por quem está perto delas."

Não avistou nem sinal do homem que procurava. Quando se voltou para esquadrinhar novamente a entrada, viu alguém que fez seu coração bater mais forte. Uma estudante de enfermagem saía do elevador com um carrinho cheio de suprimentos. Um assistente do hospital seguia-a, todo curvado para ela, evidentemente com a intenção de cortejá-la. A moça parecia aborrecida, mas procurava livrar-se dele com polidez.

Hesse observou a cena por alguns minutos. Depois não agüentou mais e foi até eles.

— Você não tem nada para fazer? — perguntou, em seu mau francês, ao perplexo assistente.

— Tenho, sim, senhor — balbuciou ele, embaraçado e como um escolar apanhado numa falta.

— Trate disso, então — ordenou-lhe com rudeza e o rapaz rodou nos calcanhares e afastou-se rapidamente.

Depois voltou-se para a loira delicada, de rosto encantador, que permanecia imóvel junto ao carrinho, sem saber o que fazer.

— Está bem, mademoiselle?

— Claro que estou! — retrucou ela com frieza. — Roger estava apenas conversando comigo.

Seu olhar era franco, sem nenhum traço de servilismo, e traduzia um profundo aborrecimento.

— Tive a impressão de que aquele sujeito a estava importunando. Desculpe se a assustei sem necessidade. Brigitte corou. Fossem quais fossem suas respectivas posições, o cabo estava

animado por boas intenções.

— O senhor não me assustou — disse-lhe educadamente. — Obrigada por sua intervenção. Roger é mesmo impossível.

A tensão cedeu e Hesse sorriu.

— A senhorita estuda aqui?

Ela virou o carrinho na direção do corredor.

— Sim, estudo.

Os olhos dele fixaram-se no crachá preso ao corpete de seu uniforme.

— Duclos. Seu pai é o prefeito de Fain?

Uma nota de surpresa apareceu na voz de Brigitte.

— Você o conhece?

Hesse assentiu vagarosamente. O pai dela era um colaboracionista, mas ela se mantinha a distância dos alemães. Talvez não nutrisse os mesmos sentimentos pró-germânicos.

— Posso ir, cabo? Precisam deste material na enfermaria.

Ele afastou-se para um lado.

— Você vem ao hospital todos os dias?

— Não, apenas quando estou de plantão.

— Nesse caso, é bem possível que tornemos a nos encontrar.

— É bem possível — disse Brigitte, diplomática.

Hesse acompanhou-a com os olhos. Era de fato uma moça bonita. Nem mesmo a longa saia do uniforme azul e os sapatos de sola de borracha conseguiam esconder seu corpo esbelto e suas pernas bem-feitas. Ele sorriu. Como ajudante-de-ordem do comandante, tinha acesso a quase tudo e não lhe seria difícil verificar as fichas e os horários dos plantões.

Laura parou no limiar da biblioteca e enfiou a cabeça pela porta entreaberta.

— Nenhum cliente?

Lysette Remy ergueu os olhos e sorriu.

— Nenhum. Os alunos só voltarão a freqüentar a biblioteca no início do novo ano letivo. Com a escola bem em frente ao quartel-general dos alemães, seus pais preferem mantê-los em casa durante as férias.

— Não podemos censurá-los. Gostaria de fazer o mesmo, mas não posso renunciar a meu trabalho.

Laura mostrou uma pilha de formulários.

— Vou acabar de preenchê-los e depois tirar o dia de folga. Por que também não faz isso?

— Talvez — concordou Lysette, alisando os cabelos.

— Estarei no escritório, caso precise de mim.

Laura voltou-se e quase deu de encontro com o coronel Becker, que vinha em sentido contrário. Ele deu um passo para trás e bateu os calcanhares.

— Madame Duclos...

— Coronel — replicou ela friamente.

Depois disso, seguiu apressada pelo corredor, na direção do saguão. Estacou à entrada do edifício para recuperar o fôlego e censurou-se. Aquele homem era irritante, mas não podia adivi-

nhar que estava dando cobertura a um fuzileiro americano! Precisava controlar-se.

Becker ficou parado ainda um instante à porta da biblioteca, seguindo-a com os olhos, e depois deu de ombros.

— Sua amiga me detesta — comentou, parando diante de Lysette.

A moça surpreendeu-se com sua franqueza, mas não procurou enganá-lo.

— Laura gostaria de ver os alemães fora da França.

— Ela gostaria de me ver numa fogueira, isso sim!

Lysette reprimiu um sorriso. Para sua surpresa, o coronel sorriu também, bem-humorado.

— A senhora está achando graça?

— Bem... não, mas...

Para ocultar sua confusão, ela apanhou os dois volumes que ele havia deixado sobre a mesa.

— Gostou?

— Tratam de mulheres casadas infelizes. Não é um assunto que me desperte um interesse particular.

— Que pena!

Ele a fitou um instante em silêncio e depois perguntou:

— Tornou-se bibliotecária apenas por amor aos livros?

— O homem para quem eu trabalhava achou que eu devia instruir-me e inscreveu-me. num curso superior.

— Seu... patrão?

— Fui criada num orfanato. Quando completei catorze anos, as irmãs puseram-me para trabalhar na casa do patrono da instituição.

— O que aconteceu com seus pais?

— Minha mãe morreu logo depois que eu nasci e meu pai voltou para a Polônia, deixando-me aos cuidados das irmãs de caridade.

Becker ouviu-a com ar grave e depois caminhou para a janela.

— Então, seu pai era polonês...

— Sim, era.

Ele se virou para encará-la, o sol brilhando em seus cabelos negros.

— Durante a queda de Varsóvia, vi poloneses a cavalo arremessarem-se contra os nossos tanques.

— Foi uma loucura, não foi?

— É magnífico, mas não é a guerra... — murmurou o coronel, pensativo.

— O quê?

— Foi o que disseram sobre a Carga da Brigada Ligeira, na Criméia.

Lysette fitou-o com ar interrogativo.

— Foi um ato de coragem inútil. Tal como o dos poloneses arremetendo-se contra os tanques — esclareceu Becker.

— Compreendo. Mas talvez os poloneses achassem que se iam morrer de qualquer modo, era melhor que morressem lutando.

O coronel assentiu.

— Sim, acho que foi isso.

Ele fez uma pausa e depois continuou, com voz gentil, que a mantinha hipnotizada.

— As irmãs do orfanato eram bondosas com a senhora?

— Sim, mas...

— Mas?

Lysette encolheu os ombros.

— Eram bondosas à sua maneira. Quando faziam alguma coisa, era por amor a Deus e não ao próximo. Eu sentia que havia sempre esse... distanciamento.

— Compreendo o que quer dizer.

Becker sorriu, benevolente, e então fez uma pergunta inesperada:

— Como conheceu seu marido?

Ela baixou os olhos, confusa.

— Ele era o filho de meu patrão.

— Ah... então a senhora criou-se com ele.

— De certo modo, sim. Conheci-o quando tinha catorze anos.

— Amor de adolescentes, suponho.

Lysette sorriu, pouco à vontade, e murmurou uma observação banal. Não estava ressentida com o rumo que a conversa havia tomado. Mas a idéia que ele fazia sobre os sentimentos que nutrira por seu marido estava tão longe da verdade, que ela não sabia o que dizer.

O coronel atribuiu sua reticência à dor, e mudou de assunto:

— Foi a senhora que organizou esta biblioteca?

— Sim, fui eu.

— Explique-me o método que adotou — pediu ele com tranqüilo interesse.

Lysette não podia acreditar que um homem tão importante quanto o coronel estivesse realmente interessado nos métodos adotados na implantação daquela pequena biblioteca do interior da França. Mas ele parecia ouvi-la atentamente, enquanto ela falava do código numérico, da disposição dos livros nas estantes, das fichas dos catálogos, que incluíam, por ordem alfabética, o título, o autor e o assunto do livro.

Ele a interrompeu algumas vezes para fazer-lhe perguntas e quando ela terminou a exposição, observou:

— A senhora deve amar muito os livros.

— Considero-os os meus melhores amigos.

— Eu também penso assim.

— Eles são imutáveis, não nos desapontam e estão sempre à nossa disposição.

— Concordo com a senhora.

Seus olhos se encontraram e, por um momento, ela pôde sentir a solidão daquele homem e sua necessidade de amor.

— Pode me entender?

— Sim, posso. Continue, por favor.

Lysette hesitou. Esse homem era o mais graduado oficial de toda a guarnição germânica e, no entanto, queria falar de livros. E esperava pacientemente, com os braços cruzados sobre o peito, que ela começasse.

Estranhamente, não queria que ele fosse embora e assim prosseguiu, sua voz tornando-se mais cálida à medida que falava.

Laura levou sua bicicleta para a rua principal de Bar-lec-Duc, tendo o cuidado de não deixar cair os pacotes que enchiam a cesta presa ao guidom. O armazém de Fain, que servia também de Correio e guardava o único telefone da cidadezinha, tinha um estoque limitado de produtos frescos. Assim, sempre que podia, ela se abastecia em Bar-lec-Duc.

Nesse dia, comprara algumas coisas especiais para o jantar que pretendia preparar para Harris, entre as quais as frutas em conserva que faziam a fama da cidade. Pudera observar, após aquele único encontro, que ele fumava demais, e sentia-se na obrigação de preparar-lhe algo apetitoso para que ele fosse tentado a comer.

Surpreendentemente, havia conseguido tirar o fuzileiro da cabeça, enquanto se concentrava nas tarefas da manhã. Agora, no entanto, ao estacionar a bicicleta no pátio do hospital, sua lembrança já lhe enchia e mente. Considerava-o homem certo para a missão, mas entendia que essa ponderação era puramente emocional. E por um único motivo: Harris era tão americano que, ao vê-lo pela primeira vez, ela sentira uma pontada no coração.

Ele representava o Meio-Oeste e lembrava-lhe todos os rapazes que havia conhecido na escola: Bobby Hicks, Scott Marston, Dave Wincote. Podia facilmente imaginá-lo numa partida de beisebol, torcendo por seu time, ou jogando futebol numa manhã nevoenta e fria de outubro, no meio de um campo cheirando a madeira queimada e a maçãs. Ele era o lar.

"Você está se sentindo solitária", censurou-se. "A morte de Thierry, a cidade cheia de alemães, a guerra..."

Mas Laura sabia que não se tratava apenas disso. Amara Thierry porque ele era diferente dos homens que conhecera nos Estados Unidos. Apreciara seus modos, seu sotaque delicioso, quando ele falava inglês, sua visão européia. Agora, sentia-se atraída por Harris por motivos opostos.

Contraíu os lábios, pensativa, enquanto prendia a bicicleta e tirava os pacotes da cesta. Galgou a ampla escadaria do hospital evitando olhar para os soldados alemães que encontrou no caminho, e dirigiu-se para a ala da Cirurgia, à procura de Brigitte.

Ao passar diante do gabinete de Becker, viu que a porta estava aberta. Mas lá encontrava-se apenas seu ajudante. Seus olhos se encontraram e ela pensou: "meu inimigo"! Porém, se não fosse pelo uniforme, ele poderia passar muito bem por um rapaz qualquer da aldeia. Era muito jovem para ocupar-se com os assuntos sérios da guerra.

O cabo desviou a vista e Laura seguiu seu caminho de cabeça erguida. Se começasse a pensar assim de todos eles, estaria perdida. Parou na enfermaria e perguntou por Brigitte. Enquanto esperava, uma irmã de caridade passou a seu lado, deixando atrás de si um aroma suave de verbena que a fez suspirar.

Voltou-se e viu Brigitte chegar pelo corredor que separava duas fileiras de camas de ferro com uma cesta cheia de lençóis. Acenou-lhe com a mão e a cunhada fez-lhe um sinal para esperar.

Minutos mais tarde, ela emergiu da rouparia cheirando a sabonete.

— Como vai, Laura?

— Bem. Pode me dar um minuto de seu tempo?

— Vou ver se posso fazer uma pausa.

Brigitte afastou-se para falar com a enfermeira-chefe. Voltou instante depois com a permissão e levou a cunhada para a saleta de descanso anexa à enfermaria.

— Eles entram também na sala de cirurgia? — perguntou Laura, indicando com um gesto de cabeça o soldado alemão sentado atrás da escrivaninha.

— Não, mas ficam nos vigiando o tempo todo. — Brigitte desabotoou a gola da blusa e suspirou. — Às vezes, isto aqui parece o inferno.

— Manhã trabalhosa?

— Tivemos um pós-operatório complicado, com infecção. O homem é inglês e todas as vezes que volta à consciência me chama de "irmã". Acho que é assim que eles chamam as enfermeiras na Inglaterra.

Ela inclinou-se para frente e baixou a voz.

— Deve ser por causa desse nosso paciente que o guarda está tão atento.

— Por quê? O homem é um espião?

Brigitte encolheu os ombros.

— Eles desconfiam de todos.

Laura teve um estremecimento involuntário, mas logo se recompôs.

— Vim saber se você vai para casa neste fim de semana. Estamos sentindo sua falta.

A cunhada não disse nada, e ela ficou a olhá-la, procurando decifrar-lhe os pensamentos. Tinha a impressão de que a moça queria evitar o pai.

— Estou livre — ouviu-a dizer por fim.

— Então irá passar sua folga conosco.

Brigitte hesitou um momento. Depois respondeu com ar casual:

— Está bem, irei.

Laura tornou a olhá-la com simpatia.

— Você tem que ver seu pai, Brie. Apesar de tudo, ele a ama e sente muito sua falta. Alain e eu também não tivemos muitas oportunidades de falar com você, ultimamente.

— Alain não fala. Ele discursa e grita, como se isso pudesse mudar alguma coisa.

Laura teve a tentação de falar-lhe sobre as atividades do grupo, para que ela soubesse que seu irmão não estava apenas discursando. Mas conteve-se, consciente de que não era ainda o momento certo.

Nesse instante, a porta abriu-se e ambas voltaram-se. Era a enfermeira-chefe.

— Estamos precisando de você para mudar os curativos de Martin, Duclos.

— Sim, senhora.

— O descanso foi breve — observou Laura, quando ficaram a sós.

— Estamos com falta de gente habilitada — explicou Brigitte, levantando-se. — A maior parte do pessoal que foi embora quando os alemães chegaram ainda não voltou. Gostaria de ter feito a mesma coisa.

— Alguém tem que ficar para enfrentar a situação — observou Laura, enquanto seguiam pelo corredor.

No saguão, o ajudante de Becker endireitou-se automaticamente ao vê-las, e seus lábios curvaram-se num leve sorriso.

— Aquele rapaz está olhando para você — sussurrou Laura para a cunhada.

Brigitte fez-se de desentendida.

— Que rapaz?

Laura deu uma risadinha.

— Não me diga que não percebeu que ele a está devorando com os olhos.

— Oh... aquele cabo...

— Parece fascinado por você.

— Impressão sua. Falei com ele apenas uma vez.

— Oh... então você falou com ele? Quando?

Brigitte suspirou, ao perceber que se traía.

— Ele interveio em meu favor esta manhã, quando um dos assistentes começou a me importunar.

— É um rapaz bonito.

— Mas é alemão!

Laura percebeu que a conversa ia tomando um rumo perigoso e mudou de assunto.

— Posso contar com você na sexta-feira à noite?

Brigitte confirmou com a cabeça.

— Vou dar a boa notícia a Alain e Henri.

— Faça como quiser.

À saída, Laura notou que o cabo começava a deslocar-se imperceptivelmente na direção de Brigitte e resolveu tomar nota disso para futuras referências.

Aquela noite, ela foi cedo para o estábulo, com o jantar de, Harris arrumado numa cesta coberta com um guardanapo. Se fosse detida por uma patrulha, diria que estava levando alguma iguaria para a mulher de Pierre. Mas atravessou o campo que dividia as duas casas sem ser perturbada.

Era uma noite de luar, com o céu profusamente estrelado e o ar perfumado por fragrâncias das flores silvestres e do gengibre que cresciam no jardim dos Langtot. Lembrando-se de que o mundo estava em guerra, ela descobria uma intensa felicidade na quietude daquele cenário.

Em paz consigo mesma, abriu mansamente a porta do estábulo e deslizou para o seu interior sem fazer ruído. Mas estacou, confusa, ao ver Harris, de torso nu, exercitando-se na viga mestra.

— Desculpe — disse ele, pulando para o chão e cobrindo-se com a camiseta. — Não estava esperando ninguém.

Laura sentou-se sobre um monte de feno e ajeitou a saia sobre os joelhos.

— Não se preocupe comigo, Dan. Não é a primeira vez que vejo um homem de peito nu.

— É um alívio ouvir isso. — Harris sorriu. — Estava cansado de ficar sentado e achei que um pouco de exercício me faria bem.

Ela baixou os olhos, enquanto ele vestia a calça por cima do short. Porém, vira o suficiente para saber que ele possuía um corpo atlético, com um peito amplo e pernas bem desenvolvidas.

— Trouxe-lhe o jantar — anunciou, tirando o guardanapo que cobria a cesta.

Havia salada de endívia, galinha assada, batatas, croissants, geléia de ameixa, um bule de chá e creme fresco da propriedade de Langtot. Os olhos de Harris arregalaram-se de prazer.

— Foi você quem fez tudo isso?

— Apenas a galinha com batatas e a salada.

Ele sentou-se no chão, diante dela, e pôs-se a comer com evidente satisfação.

— Foi realmente muita gentileza de sua parte — disse, entre dois bocados. — Tem certeza de que pode me oferecer um jantar como este? Não quero que gaste todo o seu dinheiro comigo.

— Não se preocupe. Usei alguns talões de racionamento de Brigitte. Ela toma suas refeições na residência das enfermeiras e não necessita deles.

Harris ergueu os olhos do prato.

— Brigitte?...

— A irmã de Alain. Ela estuda enfermagem em Bar-lec-Duc.

— Compreendo.

Ele não pôde deixar de examiná-la, enquanto comia. Laura mantinha-se imóvel com as mãos ao colo. A dança amarela da luz do lampião iluminava-lhe os cabelos acobreados penteados a pajem, o rosto erguido. Observando-lhe a beleza, pensou como ela fazia para parecer tão alinhada com tão pouco dinheiro e imaginou que ela devia costurar suas próprias roupas.

Reclinou-se para trás, apoiando-se nos cotovelos e acendeu um cigarro, um Gauloise que Curei lhe dera. Não pudera trazer nenhum dos americanos consigo, e sonhava com o odor pungente de Lucky Strikes e o fumo aromático do Camel. Fumar um cigarro francês era como fumar palha, mas era melhor do que nada.

— Obrigado — disse, expelindo uma nuvem de fumaça. — Sinto-me outro.

Laura recolheu os restos do repasto e guardou-os na cesta sem deixar de fitá-lo.

— Você se ofereceu como voluntário para esta missão, não foi?

A pergunta surpreendeu Harris.

— Sim, foi.

— Por quê?

Ele fitou-lhe os grandes olhos verdes por um instante.

— Não podia ficar indiferente ao que estava acontecendo na Europa — disse. Depois sorriu. — Além do mais, gosto de uma boa luta.

— Mas o que vocês estão fazendo é tão perigoso... Não tem medo?

— Sim, tenho. Só os loucos não sentem medo.

Nesse instante, Langtot entrou na estrebaria, seguido pelos outros membros do grupo, e Harris levantou-se.

— Pergunte se notaram alguma anormalidade: bloqueamento das estradas, intensificação do patrulhamento... Coisas desse tipo — disse ele, virando-se para Laura.

A resposta foi negativa e ele sorriu, satisfeito. Todas as evidências levavam a crer que sua chegada passara despercebida.

— O que está acontecendo na fábrica? Os alemães aumentaram a temperatura dos fornos? — perguntou depois, dirigindo-se aos irmãos Thibeau.

Os dois jovens descreveram as mudanças ocorridas, visando transformar a vidraria numa fábrica de munições, com abundância de detalhes.

— Quando ela estará pronta para funcionar?

— Dentro de um mês — disse Patric.

— Cinco semanas, no máximo — reforçou Michel.

Alain interveio.

— Isso significa que temos de agir rapidamente.

— O.k.

Harris apanhou o rolo de plantas, abriu-o e indicou alguns pontos no desenho.

— Se colocarmos a carga aqui no escritório, próximo ao gerador principal, poderemos passar o fio por esta porta.

Ele fez um círculo em volta do ponto marcado sortie e inclinou-se para frente.

— Vamos colocar o detonador neste lugar. Quando a carga de explosivo for acionada, correremos para nos abrigar nos bosques. Mas quero examinar o local e verificar tudo pessoalmente, para ter certeza de que o mapa é exato, que nada mudou nestes anos. Está bem assim?

Os membros do bando entreolharam-se e fizeram um sinal afirmativo. Apenas Alain permaneceu imóvel.

Após a breve pausa, Harris continuou:

— O que poderemos usar como explosivo?

Foi Curei quem respondeu.

— Nitroglicerina. Usam-na nas minas.

— A nitro é demasiada Instável. Que mais temos?

Todos permaneceram em silêncio.

— Matéria plástica explosiva?

Laura traduziu, mas era evidente que eles não sabiam do que se tratava.

Harris suspirou, frustrado.

— Dinamite, talvez?

— Os alemães têm muita dinamite — disse Curei, após uma pausa.

— Nesse caso, teremos de roubá-la.

— Estiveram transportando grande quantidade desse material em carroças de feno — confirmou Michel Thibeau. — Meu tio disse que a remessa veio de Hamburgo.

— Carroças? — estranhou Harris. — Essa raça superior está tendo problemas com seus caminhões?

— Estão usando todos os caminhões para transportar os tesouros de arte do Louvre para Berlim — disse Curei com amargura.

Alain, que se mantivera em silêncio até aquele momento, aproximou-se de Harris e disse abruptamente, num inglês que saía aos trancos:

— Vou conseguir essa dinamite para vocês.

Laura lançou-lhe um olhar alarmado.

— Alain...

O rosto dele se contraiu energicamente.

— Sei onde os "boches" escondem o explosivo.

Harris mostrou-se muito interessado.

— É fácil identificá-lo?

Alain fez um sinal de assentimento.

— Aqueles bastardos são metódicos, põe rótulos em tudo, inclusive nas latas de lixo.

— Que quantidade pode conseguir?

— A quantidade que for necessária.

— Ótimo. Irei ao campo com você.

— Não — retrucou Alain, secamente. — Prefiro que Michel e Patric me acompanhem.

Harris hesitou e Curei pousou-lhe a mão no braço.

— Deixe o rapaz se encarregar disso. Não podemos permitir que você se arrisque. Se os "boches" apanharem Alain, pensarão que se trata de uma tentativa individual de sabotagem, e nós poderemos levar nossos planos avante. Mas, se eles prenderem você, perceberão que se trata de algo mais serio. Você tem que ficar escondido até o término da operação.

Laura olhava de um para o outro, aborrecida. Intuíu que Alain estava querendo dar conta do serviço por conta própria para mostrar que era tão competente quanto Harris, correndo assim um risco desnecessário. Mas não podia impedi-lo de tomar suas próprias decisões.

— Está bem — concordou Harris, por fim.

Houve um brilho de triunfo nos olhos castanhos de Alain. Ele havia sido o primeiro a desafiar a liderança do americano. Não era exatamente uma derrota do agente estrangeiro, já que os dois trabalhavam do mesmo lado. Mas representava certamente uma vitória para ele.

Os homens continuaram a conversa, e Laura traduzia mecanicamente, o espírito alheado. A voz de Harris era tão calma, tão tranquilizadora, que ela podia quase imaginar que eles estavam discutindo os lances de uma partida de xadrez ou a estratégia de batalhas de outra época.

Mas não se tratava de um exercício teórico. Se fossem apanhados, podiam ser todos torturados ou mortos.

Capítulo V

Harris dedicou às semanas seguintes a transmitir a seus camaradas franceses todas as informações que possuía sobre a localização das bases germânicas e a movimentação das tropas inimigas através da Europa. Além disso, deu um curso completo de táticas de guerrilhas, fornecendo-lhes conhecimentos eficientes para dificultar a atuação das unidades alemãs na região do Mosa. O tempo estava se escoando depressa e ele não podia dar-se ao luxo de desperdiçar um minuto sequer.

Certa tarde de setembro, em que estavam todos reunidos no estábulo, ele tirou um bloco da mochila e abriu-o sobre um caixote emborcado.

— Vou mostrar a vocês como se explode um jipe Mercedes.

Os outros aproximaram-se e espiaram por cima de seu ombro.

— Vejam: são todos iguais. Se cortarmos o cano do combustível aqui, nesta junção....

Laura ia traduzindo automaticamente, como se estivesse lendo um livro em voz alta sem, contudo, reter o seu significado. Durante todo o tempo, seu espírito se voltava para o fuzileiro. Ele tinha o hábito da decisão e talento para fazer com que as coisas fossem feitas. Os rapazes pareci-

am confiar inteiramente nele.

— Os caminhões são um pouco diferentes — ouviu-o dizer a certo momento.

Inclinou-se para olhar o esboço e seus olhos se encontraram. Sorriu levemente, mas ao notar que Alain a fitava com ar aborrecido, desviou a vista. Tirou Harris de suas cismas e continuou a traduzir. O assunto passou para a sabotagem de trens e Curei descreveu um método de abrir os trilhos com uma alavanca, a fim de descarrilhá-los.

Esse método apresentava um grande inconveniente: tinha que ser posto em prática pouco antes da passagem do trem, e isso exigia que os sabotadores trabalhassem expostos ao longo de linhas férreas estreitamente vigiadas.

O veterano francês discutiu com Harris a possibilidade de subornar os guarda-chaves, para que manobrassem erradamente as chaves nos desvios ou entroncamento dos trilhos. Mas isso era também arriscado, já que esses homens podiam ser facilmente identificados.

Continuaram a discussão noite adentro e terminaram dando os últimos retoques nos planos de Alain para roubar a dinamite. Depois, um a um, todos saíram. Só Alain ficou parado à porta, esperando por Laura.

— Boa sorte para amanhã à noite — disse-lhe Harris com um sorriso.

Ele assentiu, olhando para a cunhada.

— Você não vem?

— Vá adiante — respondeu ela. — Eu irei logo em seguida.

O jovem sentiu o coração confranger-se de ciúme, por deixá-la a sós com o americano, mas obedeceu.

Quando ele se retirou, Laura voltou-se para Harris, preocupada.

— Acha que Alain se sairá bem?

— Claro! O rapaz tem peito.

Ela ficou olhando para ele, pensativa, e depois observou:

— Você nos está dando uma porção de informações preciosas.

— Tudo o que pude guardar na memória.

— Acredita que isso irá nos ajudar?

— Se não acreditasse não estaria aqui — respondeu Harris, lacônico.

— Não estou pondo em dúvida a importância de seu trabalho — desculpou-se ela. — Mas é que os alemães são tantos e tão bem organizados... Nossa tarefa parece quase impossível.

— É o que eles querem que você pense. Acredite nisso e estará perdida.

Laura encarou-o firmemente.

— Não vou desistir. Estou sendo apenas realista.

— É bom ser realista. Mas não confunda isso com covardia.

Ela corou e seus olhos arderam de indignação.

— Como se atreve a me dizer... Harris ergueu a mão, interrompendo-a.

— Sossegue, ruiva. Queria apenas tirá-la do sério.

— Posso perguntar por quê?

— Você parece sempre tão distante, tão fria... Mas achei que devia haver sangue em suas veias, caso contrário não teria vindo à estrebaria todas as noites, aprontando-se para brigar com os alemães.

Laura se desarmou por completo e um sorriso aflorou-lhe aos lábios.

— Está satisfeito com o andamento dos planos?

— Bastante.

Estavam sozinhos e um silêncio constrangedor pesou sobre eles, Harris acendeu um cigarro e disse:

— Pode ir, agora.

Laura virou-se bruscamente.

— Boa noite, capitão.

— Boa noite, Boston — retrucou ele, ao vê-la afastar-se toda empertigada e com o nariz erguido.

Quase assobiou, enquanto a seguia com os olhos. À luz fraca do lampião, havia uma estranha fluidez no seu andar profundamente feminino. Teve a impressão de ver, através da blusa leve que ela usava, os contornos dos seios e imaginou se eles seriam do mesmo tom de alabastro do rosto.

Aspirou com força a fumaça do cigarro e disse consigo mesmo:

"Ela me daria umas boas bofetadas se soubesse o que estou pensando."

Brigitte Duclos dobrou o corredor empurrando uma mesinha de rodas e quase esbarrou em Kurt Hesse. Ele estava parado à porta da Emergência, evidentemente à espera dela.

— Deixe-me em paz, por favor! — disse, ao passar por ele. — Minha supervisora já reparou que você anda me seguindo.

— É por isso que você me evita?

— Eu não devia estar falando com você!

— Por que não?

Ela o encarou firmemente.

— Porque você é meu inimigo. Invadiu meu país!

Hesse empalideceu e disse com raiva:

— Não invadi coisa nenhuma! Fui convocado e eles me mandaram para cá!

Brigitte fez uma expressão de descaso.

— É um modo muito original de encarar a questão.

— É a verdade! — A voz dele parecia estranhamente rouca naquele corredor silencioso.

— Não podemos esquecer essa história de invasão e sermos... amigos?

— Nunca!

Ele segurou-a pelo braço e olhou-a intensamente. À claridade que entrava pela janela, viu que seu lábio inferior tremia.

— Não quer me dar uma chance?

Brigitte ficou calada por algum tempo. Hesse era sempre tão gentil e distinto...

— Não sei o que fazer — confessou, por fim.

— Encontre-se comigo na hora do almoço.

— Você sabe que eu não posso fazer isso.

— Por que não?

Ela hesitou e então a resposta pareceu sair-lhe do fundo do coração:

- Porque é impossível e eu não quero. Está claro?
- Vou fazê-la mudar de idéia.
- Nem pense nisso!

Hesse acompanhou-a com os olhos, enquanto ela se dirigia para a ala da Enfermaria, sentindo-se profundamente deprimido.

Alain Duclos olhou para o céu. Uma grande lua saía de trás da massa irregular dos montes, tornando a noite extraordinariamente clara. Esperou pacientemente. Quando ela desapareceu atrás de uma nuvem, fez um sinal aos Thibeau para que o seguissem.

Chovera naquela tarde, e ele sentia as botas rangerem, aderindo à lama pegajosa. Ao alcançar o muro de três metros de altura, que abrangia todo o perímetro do campo, consultou o pesado cronômetro em seu pulso. Faltavam ainda dois minutos.

Parou e manteve-se imóvel, à espera. O homem do turno da noite da central elétrica, um profissional francês que fora obrigado a entrar para o serviço dos alemães, era amigo de Curei e concordara em desligar a força da cerca de arame que protegia o topo do muro às onze em ponto.

A essa hora ocorria a troca de guardas e ele teria dez minutos de tempo para entrar furtivamente no campo, roubar a dinamite e sair tão silenciosamente quanto entrara. Então, o homem de Curei restabeleceria a corrente.

Enquanto enterrava o gorro preto na cabeça, repassou mentalmente os planos até a hora combinada. Apanhou então um graveto do chão e o atirou sobre a cerca. Nada aconteceu. A força estava desligada.

Desenrolou a corda que trazia em volta da cintura e arremessou-a sobre o muro. Na terceira tentativa, o gancho prendeu-se no topo e a corda sustentou seu peso. A seguir, fez um sinal a Patric e pôs-se a escalar o muro com a agilidade de uma pantera, parando no alto para espiar do outro lado.

O luar permitiu-lhe ver um soldado alemão apoiado em seu rifle, de costas para ele, conversando com outro, possivelmente o homem que iria substituir. Passou as duas pernas pelo muro e saltou, caindo ao solo à maneira dos pára-quedistas, como Harris havia lhe ensinado.

Ergueu-se imediatamente e correu agachado até alcançar as sombras de uma árvore. Parou, ofegando, para recuperar o fôlego, e aproveitou para esquadrihar o terreno à sua frente.

Podia-se ver a quase um quilômetro de distância com aquele luar. Teria que se arrastar num círculo amplo, que o levaria para a retaguarda das carroças cheias de caixas de explosivos. Em menos de oito horas, elas seriam levadas a seu destino e a oportunidade estaria perdida. Não podia falhar.

Devagar, prendendo a respiração, começou a se deslocar. Ao atingir a primeira carroça, puxou para baixo a lona que a recobria e conseguiu ler a inscrição: "Gefahr-Spregstoff". Perigo - explosivos... E mais embaixo, estampado em letras minúsculas: "Dynamit".

Tirou a faca da cintura e cortou a tira de metal que envolvia as caixas. Com uma delas sobre os ombros, refez o caminho de volta tão silenciosamente quanto possível. A corda pendia livremente do paredão. Amarrou-a em volta da caixa e deu-lhe um puxão, avisando Patric e Michel para que içassem a carga.

Conteve a respiração, enquanto a dinamite ia sendo suspensa do chão. Só sossegou

quando Patric apareceu no alto do muro para agarrá-la e passá-la a seu irmão. Quando ele voltou a atirar-lhe a ponta livre da corda, repetiu o processo, lançando, de quando em quando, olhares inquietos por cima do ombro. O alemão estava agora se despedindo de seu colega, que tomava o rumo das barracas.

Concluiu a tarefa sem maiores problemas. Então, palmo a palmo, pôs-se a escalar o muro, sentindo-se um herói numa história de aventuras. De súbito, sem nenhum motivo aparente, o guarda voltou-se e começou a perscrutar as sombras. Julgou ver-lhe os olhos voltados para o alto, a brilhar, e saltou, agarrando-se ao alambrado da cerca com uma das mãos.

O guarda continuava a olhar para a frente. Mesmo sem ver, sentiu que algo estava errado e ergueu o rifle gritando Halt! Achtung! No mesmo instante a sentinela postada no alto da torre acendeu o holofote e uma explosão de luz branca rompeu a escuridão.

Assustado, o homem de Curei ligou a força e a corrente elétrica correu pelo braço de Alain. Ele abriu instintivamente os dedos e caiu sobre o chão esponjoso com todo o peso sobre a perna esquerda. Não durou mais do que uma fração de segundo, e as balas começaram a zunir por cima de sua cabeça, ricocheteando no alto do muro e enchendo o ar de detritos.

Pô-se de pé e quase caiu de novo de dor. Michel precipitou-se para ajudá-lo, mas ele ordenou-lhe num sussurro:

— Vão e levem o material para Curei!

Os dois irmãos fitaram-no, hesitantes, mas quando a sirene começou a soar, num longo gemido enervante, não esperaram mais e correram para os bosques, cada qual com uma caixa às costas.

Alain sentiu-se como se fosse um alvo dentro do alcance de uma Unha de fogo e reagiu com a presteza de um felino; içou-se no ramo mais baixo de uma árvore e escondeu-se no meio da folhagem escura. Quando a dor cedeu, abriu os olhos e deixou de segurar o fôlego.

Pôde ouvir o ranger das botas dos soldados, e o ruído estridente do portão do campo, abrindo-se. Um fluxo de uniformes cinzentos, numa única fila, passou pela alameda seguido de perto por um jipe, com um oficial rigidamente sentado no banco de trás. Poucos minutos depois, quando tornou a olhar para baixo, estava inteiramente sozinho.

Mas não podia permanecer ali por mais tempo. Os alemães poderiam voltar a qualquer momento e vasculhar a área. Arriscava-se a ser apanhado, se demorasse muito.

A descida foi dolorosa, sua perna ainda doía. Mas para sua surpresa, descobriu que podia andar. Avançou cautelosamente, esgueirando-se pelas sombras e cortando caminho pelas vielas transversais.

Já se julgava a salvo, quando um carro alemão dobrou a esquina, diante dele. Pensou em mudar de rumo e correr, mas eles o veriam. E se corresse, levaria uma bala pelas costas.

Olhou em torno, desesperado, e viu que o Café Mistral estava aberto, numa flagrante violação aos regulamentos militares. Os empregados eram certamente franceses. Tinha que arriscar.

Ao chegar mais perto, entendeu por que o local estava ainda iluminado e em pleno funcionamento. Som de vozes e risos, e trechos da Deutschland Über Alies fluíam no cálido ar noturno. Lá dentro, os alemães comemoravam.

Esgueirou-se pela entrada de serviço e abriu a porta. As três pessoas que estavam na cozinha, uma senhora com ares de proprietária e dois adolescentes, voltaram-se para ele a um só

tempo, espantados com sua intempestiva aparição.

— Estou fugindo dos alemães — explicou, ofegante. — Podem me dar abrigo?

Os dois rapazes entreolharam-se, cheios de medo. A mulher olhou-o fixamente durante alguns segundos e depois continuou a arrumar a grossa fatia de paté maison e a cestinha de pão numa bandeja.

— Leve isso lá dentro, Philippe — ordenou a um dos ajudantes.

O rapaz não pareceu contente, mas dirigiu-se para a sala com a bandeja equilibrada na ponta dos dedos.

— Claude — continuou ela. — Tire a camisa e dê para esse moço vestir.

— Iremos para a prisão se descobrirem que ajudamos um fugitivo! — lamentou-se ele.

— Covarde! — disse ela com desprezo.

Claude corou, envergonhado, e apressou-se a tirar a camisa branca de algodão, que Alain vestiu imediatamente, depois de tirar a malha preta de gola enrolada e o gorro. Era grande demais e ele teve que enrolar as mangas.

— Acalme-se, Claude — tornou a mulher, pondo a mão no ombro de seu ajudante —, e leve mais cerveja para os alemães. Comporte-se com naturalidade e ninguém perceberá nada. Entendeu?

O rapaz assentiu, passando a língua pelos lábios secos, e apanhou os canecões de cerveja. Depois, abriu a porta vaivém com o cotovelo e foi para a sala apenas de camiseta.

Incontinenti, Alain apanhou a espátula e virou a omelete que ele havia deixado sobre o fogo. Enquanto isso, a proprietária enfiava as roupas descartadas no fundo da arca de provisões, cobrindo-as com uma pilha de panos de prato. Mal havia acabado de baixar a tampa, quando a porta de serviço abriu-se e dois homens de uniforme apareceram no limiar.

— Que desejam, senhores? — perguntou ela inocentemente.

Um deles, que usava insígnias de major, perguntou, áspero:

— Trabalham aqui?

— Sim, senhor. Sou a proprietária do café e este rapaz é meu ajudante.

— Esteve aqui a noite toda?

— Sim, senhor.

— Não viu nada de anormal?

— Não vi, não senhor.

O major voltou-se para Alain.

— Há outra entrada de serviço, além desta?

Ele sentiu um arrepio gelado percorrer-lhe a espinha. Não sabia o que dizer. Atrás dos alemães, a mulher fez que não com a cabeça.

— Não, senhor — respondeu, sem hesitar.

O oficial alemão observou-os atentamente.

— Queremos que vocês franceses sejam nossos amigos, mas quem ajuda nosso inimigo torna-se um inimigo também.

Dito isto, ele se voltou, rígido, e foi para a sala acompanhado de seu subalterno. Alain desabou sobre uma cadeira, emocionalmente exausto.

— Suínos — murmurou a velha senhora.

Minutos depois, Claude voltou da sala pálido, mas visivelmente aliviado.

— Os dois oficiais foram embora.

A mulher retirou uma garrafa de Sauterne do armário e despejou dois dedos do líquido ambarino num copo.

— É um vinho de cozinha, mas serve — disse ela, passando-o a Claude. — Beba e relaxe. Vencemos esta partida.

— Acha que eles voltarão? — perguntou o rapaz, dirigindo-se para Alain.

— Duvido. Devem estar percorrendo as ruas e dando uma busca completa na área.

A mulher olhou-o com curiosidade.

— Fale-me de você. Está agindo sozinho ou há mais alguém?

Ele hesitou e então confessou:

— Formamos um grupo.

— Se precisar de ajuda, não hesite em me procurar. Sou Giselle e moro no andar superior da casa.

— O nome de nosso grupo é Víbora, lembre-se disso — murmurou-lhe Alain ao ouvido. — Nossa hora chegará.

Giselle tirou uma chave do bolso da saia.

— Não podemos permitir que eles o apanhem. No pátio dos fundos há uma escada que conduz ao meu apartamento. Fique lá até o dia amanhecer.

— Obrigado!

Alain abriu a porta de serviço e deu uma olhada em torno para se assegurar de que não havia ninguém ali. Então correu para os fundos e galgou os estreitos degraus de madeira de dois em dois. Uma vez na sala de Giselle, deixou-se cair sentado no sofá. Aquele fora um dia muito longo. Esticou-se e adormeceu quase instantaneamente.

Pela manhã, ao acordar, notou que a porta do quarto estava fechada e deduziu que Giselle devia estar ainda dormindo. Consultou seu relógio de pulso: terminara a interdição do trânsito de civis. Ia dirigir-se para a porta, quando viu um bilhete em cima da pequena mesa de jantar. Abriu-o. "Use meu talão de racionamento e tome um bom café da manhã."

Alain balançou a cabeça sorrindo e, ao invés do talão, apanhou um croissant da cestinha e o enfiou no bolso. Ao sair do apartamento, misturou-se à corrente de transeuntes e os acontecimentos da noite anterior saíram-lhe fácil e naturalmente do espírito.

Seus pensamentos voltaram-se então para Harris. Não podia negar que a colaboração do fuzileiro havia sido vital. Ele elaborara um plano de ação perfeito e fornecera-lhes todas as informações que os americanos possuíam sobre as bases alemãs na Europa, inclusive a localização das centrais transformadoras e dos depósitos de combustível. Além do mais, dera-lhes um curso rápido de combate em guerrilhas, e instruíra-os sobre os métodos mais eficientes de sabotagem e o uso de armas e explosivos. Assim, quando ele partisse, teriam preparo suficiente para continuar a tarefa sozinhos.

Apesar disso, não gostava dele. O sujeito era arrogante, mandão e devia usar o seu charme para colecionar uma série interminável de mulheres. A própria Laura olhava-o como se ele fosse Lafayette!

Harris desejava-a, tinha certeza, embora procurasse não demonstrá-lo. Mas seus olhos

cintilavam de entusiasmo, iluminados por uma vivacidade irresistível quando ela estava presente. Estava tentando conquistá-la e o fazia com a despreocupada naturalidade de um profissional!

O homem fumava cigarros como Humphrey Bogart nos filmes americanos, falava com aquela mesma voz rouca e sensual, e impressionava a todos, quando discutia a estratégia militar de Hitler e o pacto entre a Alemanha e a Itália. Todos, exceto ele próprio!

Ainda irritado, tomou o caminho de Fain. Alcançou sua casa no exato momento em que Laura estava preparando o café da manhã para Brigitte. Ela se virou no fogão, quando ele abriu a porta dos fundos e ficou a olhá-lo como se estivesse vendo um fantasma.

— Você voltou... — balbuciou por fim, os olhos cheios de lágrimas. — Pensei que eles o tivessem apanhado!

— Eu estou aqui, não estou?

— Então, como foi?

Houve uma nota de triunfo na voz de Alain.

— Conseguimos!

— Que significa tudo isto? — indagou Brigitte, olhando de um para outro com curiosidade. — Conseguiram o quê?

Laura e Alain entreolharam-se, indecisos.

— Acho que devemos contar tudo — disse ela em voz baixa. — Mais cedo ou mais tarde, sua irmã terá que saber.

O cunhado hesitou por um momento, mas acabou assentindo.

— Estou esperando uma explicação — tornou Brigitte pacientemente.

— Estamos escondendo um fuzileiro americano na estrebaria de Langtot — disse Laura de um fôlego só.

A moça fitou-a, boquiaberta.

— Um fuzileiro americano? Para quê?

— Os alemães querem transformar a vidraria numa fábrica de munições e ele veio para nos ajudar a destruí-la antes que isso aconteça — explicou Alain.

Brigitte levantou-se de um salto.

— Vocês perderam o juízo!

A voz dele soou fria como o aço.

— Acho que foi você quem perdeu o juízo.

— Eu?

— Quem é que anda se exibindo por aí com um novo amiguinho, certo cabo alemão, ordenança do comandante da Força de Ocupação?

Brigitte empalideceu e fez força para falar com voz controlada:

— Quem foi que lhe contou? Roger? Ele está com ciúme porque...

— Porque você preferiu o "boche", não foi?

— Você não tem o direito de me vigiar!

— Parece que você está precisando, e muito, de alguém que a proteja de si mesma!

— Vai me impedir de falar com quem eu quiser?

— Aquele "boche" é nosso inimigo!

— Alain... — Laura interveio docemente.

— Fique fora disso! — retrucou ele, exaltado.

Depois fez uma pausa, para logo voltar-se para a irmã.

— O que foi que você viu nele, afinal? A farda impecável? Isso não esconde quem ele é!

— Eu o conheço e sei que ele é melhor do que você pensa,

— Que tocante!

Laura colocou-se entre os dois.

— Deixe-a em paz, Alain.

— Primeiro foi meu pai que se tomou cúmplice e instrumento dos "boches", e agora é minha irmã que quer dormir com um deles. Isso me dá vontade de vomitar!

Laura sentiu o impulso de dar-lhe um tapa na cara, mas controlou-se.

— Cale a boca! Não quero ouvir mais nada!

— Você está do lado dela? — perguntou Alain, vermelho de raiva.

— Digamos que não estou do seu. Esta cena é deprimente!

— Ela está pactuando com um alemão!

— Não seja ridículo! Ela não está pactuando com ninguém.

Laura virou-se para a cunhada.

— O que há realmente entre você e esse rapaz?

— Não sei o que foram contar a Alain, mas a verdade é que Kurt está gostando de mim e eu não sei o que fazer.

— Kurt, hein? — disse Alain, ferino. — Já assim tão íntimos?

— Não há nada entre nós, acredite!

— Não ainda...

Alain interrompeu-se, uma idéia súbita atravessando-lhe a mente.

— Acha que ele gosta de você a ponto de abrir o bico?

Brigitte olhou-o, confusa.

— O que quer dizer?

— Esse Kurt poderá fazer muito por nós.

— De que modo?

— Fornecendo informações preciosas.

— Kurt é apenas um cabo — disse a moça de má vontade. — Não sabe nada.

— Ele é o ajudante de Becker. Está constantemente no gabinete do comandante e deve ter acesso a todos os documentos e comunicados importantes.

— Ele nunca me disse nada.

— Pode deixar escapar alguma coisa sem querer. De agora em diante, preste atenção a tudo o que ele disser.

Brigitte contraiu os lábios e virou-se.

— Deixe-me em paz.

— Pense nisso — insistiu Alain e dirigiu-se para a sala.

— Não vai tomar café? — gritou-lhe Laura.

— Estou muito cansado para comer. Vou direto para a cama.

Brigitte tornou a sentar-se à mesa, pensativa. Kurt gostava dela. Não lhe seria difícil fazê-lo falar. Teria de pensar nisso... com todo o cuidado.

- Fale-me a respeito desse fuzileiro que vocês estão escondendo — pediu a Laura.
- Ele é um agente secreto. Veio para ajudar a organização.
- Isso eu sei. Quero saber como é a aparência dele.
- Bem... Dan é alto, tem cabelos escuros e olhos azuis.
- Só isso?
- Ele é jovem, forte, sadio, cheio de vida e de senso de realização.

Brigitte sorriu, compreensiva.

- Há quanto tempo ele está aqui, em Fain?
- Há várias semanas.
- Vocês estão se arriscando muito.
- Vai valer a pena.
- Espero que sim. — A moça inclinou-se para a frente. — Ele se parece com Thierry?

Laura esboçou um sorriso e recostou-se na cadeira.

- Não exatamente. Mas há uma calma nele... uma delicadeza...

Brigitte olhou-a com curiosidade. Fazia tempo que não via essa expressão sonhadora no rosto da cunhada.

Naquela mesma tarde, ela se encontrava no cubículo anexo à sala operatória, lavando os instrumentos e colocando-os no forno de esterilização, quando Kurt Hesse chegou mansamente, fechando a porta atrás de si.

Ao ouvir o ruído de seus passos, virou-se, sobressaltada.

- O que veio fazer aqui?
- Não adivinha? Vim vê-la.
- Alguém o viu entrar?
- Não.

Brigitte fingiu não ver que ele a olhava intensamente.

- O que pretende de mim?
- Sua amizade.

Ela ficou um instante em silêncio, pensando na conversa que tivera com Alain. Ali estava a oportunidade para ajudar o grupo. Se fosse simpática com ele...

A voz de Hesse interrompeu-lhe os pensamentos.

- Trouxe isto para você.

Ela olhou para o pacote envolto em papel alumínio e ficou literalmente boquiaberta.

- Manteiga?

Ele assentiu, satisfeito.

- E haverá também um pacote de açúcar. Você pode fazer um bolo.
- Não temos leite.
- Conseguirei um pouco para você.

Brigitte revirou o pacote entre os dedos.

- Como conseguiu essa manteiga?
- Recebemos um carregamento de Berlim num caminhão frigorífico.
- Não vão notar a falta?
- A falta pode ser justificada por um descuido de registro.

- Será que não vai derreter?
- Esconda-a na geladeira da Emergência até a hora de ir para casa.
- Você pensou em tudo, não?
- Conheço os regulamentos de cor.
- Os regulamentos de Becker? O que ele faria se descobrisse que está aqui, conversando

comigo.

- Não faria nada — murmurou Kurt quase para si mesmo, pensando na bibliotecária.

Brigitte passou por ele e entreabriu a porta.

- Vá agora. Não há ninguém no corredor.
- Não irei enquanto não me prometer que nos veremos amanhã.

Ela o contemplou e viu um sentimento sincero em seu rosto bonito e sensível. Talvez pudesse esquecer que ele era um "boche" e permitir que houvesse compreensão e simpatia entre ambos.

- Amanhã à noite, um pouco antes das onze. A essa hora não haverá ninguém aqui.

Hesse acariciou-lhe o rosto. Ela parecia quase uma menina, com os cabelos loiros escondidos debaixo da touca de enfermeira.

- Virei sem falta.
- Agora vá, por favor.
- Até amanhã.
- Até amanhã — murmurou Brigitte, sentindo de repente que esse encontro era o que ela mais queria no mundo.

Lysette Remy estava ajoelhada diante das prateleiras, rodeada de livros, quando Becker entrou na biblioteca. Ela se voltou com um sobressalto de surpresa e, ao vê-lo, ficou imóvel, com o braço erguido e um volume na mão.

- Assustei-a?
- Oh, não!

Tranqüilamente, ele tirou a túnica, enrolou as mangas da camisa e, em silêncio, pôs-se a ajudá-la a colocar os livros no lugar. Após a primeira sensação de incerteza na presença dele, uma incerteza que lhe dificultava os movimentos, Lysette tornou-se calma e sossegada, e aceitou a companhia dele com naturalidade.

Quando a arrumação terminou, Becker a ajudou a pôr-se de pé e ficou a contemplá-la.

— Por que usa sempre seus cabelos presos num... como é que vocês franceses chamam isso?

- Chignon.
- Deixe-me ver como fica com eles soltos. — Ele adiantou-se e fez menção de tirar um dos grampos que os mantinham presos.

Lysette recuou bruscamente e ele deu um passo para trás, confuso.

- Desculpe. Não devia ter feito isso.
- Oh, não tem importância — murmurou ela, lamentando sua razão inconsciente. Ato contínuo, tirou os grampos, um a um, e seus cabelos cor de mel derramaram-se até os ombros.

Ele olhou-a com agrado.

- Exatamente o que eu imaginava. São muito bonitos.
- São de uma cor indefinida, não acha?
- Absolutamente!

Becker não entendia esse abandono tão completo de seus privilégios femininos. Ela não era bonita, mas com cuidados e atenção poderia tornar-se muito atraente. No entanto, parecia determinada a passar despercebida e isso o intrigava e o fascinava ao mesmo tempo.

— Acha que eu fico melhor assim? — ouviu-a dizer de repente, com o evidente desejo de agradá-lo.

- Sim, acho — disse-lhe gentilmente.

Ela ergueu a mão para alisar os cabelos, num gesto confiante e singularmente patético, e sua manga tombou, revelando a longa cicatriz que lhe enfiava o antebraço direito.

— O que foi isso? — perguntou Becker, que já vira outras semelhantes e sabia o que ela devia ter sofrido.

Lysette sentiu o coração dilatar-se, como se fosse sufocá-la.

- Nada — murmurou.

- Um acidente? — tornou ele, percebendo-lhe o olhar angustiado.

Ela compreendeu que o coronel estava ansioso para que tivesse confiança nele e lhe dissesse tudo.

- Fraturei o braço — confessou.

- Como foi isso?

- Meu marido... Ele...

- Seu marido quebrou-lhe o braço?

— Aconteceu um pouco antes de sua partida para a guerra. Ele se embriagou e... — Lysette interrompeu-se, com medo de afastá-lo de si, se lhe contasse os sórdidos detalhes.

Becker fitou aquela fisionomia suave e sentiu-se invadido por uma súbita onda de piedade.

— Não quer vir ao meu alojamento sábado à noite? — disse com gentileza. — Poderíamos jantar juntos.

- Ao seu alojamento? Não sei... Interpretando mal sua hesitação, ele acrescentou:

- Posso mandar um carro apanhá-la no lugar que determinar e ninguém ficará sabendo.

Está bem?

- Sim, está bem.

Ele olhou-a com bondade.

- Não é uma ordem. Você é livre para recusar o convite, se preferir.

Lysette sustentou-lhe o olhar com firmeza.

- Gostaria muito de ir.

- Muito bem. Onde quer que meu motorista vá buscá-la?

Ela refletiu um minuto.

- Na velha abadia de Beaupré. Fica na encruzilhada da estrada para Vitry.

- Conhece Hesse, meu ajudante?

- Sim, conheço.

- É um rapaz de toda a confiança. Passará para apanhá-la às oito horas. Está bem para

você?

Ela assentiu.

— Outra coisa, coronel.

— Sim?

— Como deverei chamá-lo? Dadas as circunstâncias, coronel me parece demasiado formal.

Becker sorriu.

— Anton.

Ela baixou os olhos e repetiu meigamente:

— Anton.

Ele lhe tomou a mão delicada entre as suas, sem nada dizer. Mas mostrava tanta doçura que Lysette sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos.

Naquela noite, enquanto preparava um sanduíche para Harris, Laura pensou que dentro em breve, no máximo quarenta e oito horas, ele teria partido para sempre. A essa idéia, sentiu uma opressão no peito. Parecia-lhe que ia perder o único companheiro que tinha na vida.

Gostava dele. Gostava do modo como ele inclinava a cabeça quando falava com ela, das covinhas que se formavam em suas faces quando sorria, e até de seu estranho sotaque de americano do Meio-Oeste. Mas não era hora para considerações de ordem pessoal.

Com um suspiro resignado, enfiou o sanduíche numa sacola e deslizou furtivamente pela porta dos fundos. Recuou para as sombras, quando os faróis do carro-patrolha riscaram a alameda, e esperou que tudo voltasse à normalidade. Atravessou então correndo o trecho de campo aberto que a separava da propriedade de Langtot e bateu à porta da estrebaria.

Foi Alain quem a abriu. Ele estava tenso e pálido e mal a olhou. Uma barreira invisível erguera-se entre eles desde a chegada de Harris, e, por mais que ela tentasse, não conseguia rompê-la.

Forçou um sorriso e atravessou a estrebaria lançando um olhar em torno. Langtot e Curei estavam estudando as plantas pela milésima vez, e os irmãos Thibeau examinando o engenho que Harris montara com a dinamite roubada e o detonador que o chefe de Curei doara ao bando. Afastado do grupo, Alain chegou com várias caixas de armas que haviam conseguido juntar. Havia Lagers alemãs, roubadas das Forças de Ocupação, Berettas italianas apanhadas nos campos de batalha, Colts americanas doadas pelos amigos da Resistência e mais um estranho sortimento de outras peças. O fuzileiro estava sentado no chão, ao lado das caixas, examinando uma pistola e assobiando uma melodia de Gershwin. Laura deu mais dois passos e parou diante dele, com o coração a bater-lhe descompassadamente no peito.

Ele ergueu os olhos e ficou um momento a olhá-la, com um esboço de sorriso nos lábios. Por fim falou:

— Olá, Boston.

— Trouxe um presente para você. Adivinhe o que é?

— Rita Hayworth?

Laura riu.

— Sinto muito decepcioná-lo. É apenas outro par de calças.

— Obrigado — disse ele e pôs-se a assobiar outra melodia.

— "Don't Explain"?

Harris assentiu, sorrindo.

— Grande sucesso de Billie Holliday. Via-a certa vez, apresentando-se com a banda de Artie Shaw. Não vou esquecê-la jamais.

— Foi em Chicago?

Dan era loquaz apenas quando ministrava instruções ao grupo. Fora isso, falava pouco. E ela estava muito curiosa a respeito dele e de sua família. Mas ele se limitou a dizer:

— Sim, foi.

Depois carregou o revólver e passou-o às suas mãos.

— É uma boa e velha Smith&Wesson, calibre 38. Tem o tamanho e o peso ideais para uma mulher. Caberá perfeitamente em sua bolsa.

O revólver era pequeno, mas parecia tão mortal quanto a áspide que levava Cleópatra para o sono final. Laura balançou levemente a cabeça.

— Não sei, Dan...

Ele fitou-a fixamente.

— É necessário.

— Está bem — murmurou ela com um suspiro.

— Vou ensinar você a manejá-lo.

Harris colocou-se atrás dela e passou-lhe os braços sob as axilas.

— Erga-a com as duas mãos. Não queira manejá-la com uma mão apenas ou poderá acertar qualquer um, menos na pessoa que está sob sua mira.

— O.k. — murmurou Laura. Sentia-lhe o calor através do tecido leve do vestido e sua força viril. Teve que se dominar para que suas mãos não tremessem.

— Aperte o gatilho levemente. — Ele se inclinou por cima do ombro dela. — Assim, vê?

— Compreendi.

Ela virou a cabeça para olhá-lo. Dan estava muito perto e a fitava intensamente sob as pálpebras semicerradas. Súbito, ela percebeu que no silêncio que se formara todos estavam olhando para eles.

Ele também percebeu e deu um passo para trás, constrangido. Depois, abriu o tambor, mostrou como se carregava a arma e finalizou:

— Gostaria de que você pudesse praticar um pouco. Mas não há mais tempo.

Ela o olhou, agradecida. Guardou a arma na sacola e passou-lhe o sanduíche que trouxera de casa.

— Estou preocupada com uma coisa, Dan.

— Que é?

— O que você faria, caso fosse apanhado ao sair da França? Deve ter preparado uma boa história, não?

— Farei de tudo para não ser capturado. Mas se isso acontecer, direi que sou um trabalhador desempregado a caminho de Paris, em busca de melhores condições de vida.

— Não há empregos em Paris nem em nenhuma parte. Essa história não convenceria ninguém.

— Sossegue. Não vou ser apanhado.

Harris acendeu um cigarro, soprou a fumaça e voltou-se para os outros.

— Muito bem, rapazes. Mostrem ao capitão Danny que ele não perdeu seu tempo. Quero que cada um de vocês prove que sabe manejar o detonador. Isso no caso de acontecer alguma coisa e vocês terem de fazer o trabalhinho sem mim.

Todos obedeceram sem contestar. Depois, puseram-se a falar dos planos e Alain, como sempre, começou a objetar contra tudo o que Harris dizia, o capitão sempre havia encarado essa eterna batalha por prestígio com espírito tolerante. Nessa noite, porém, ele perdeu a paciência.

— Que é que há com você, garoto? Por que não guarda suas opiniões para si mesmo e não deixa que nós, adultos, tomemos as decisões?

Alain ficou vermelho de raiva.

— Você não precisa me dizer como devo agir em meu próprio país!

— Este não é mais, seu país. E se quiser reavê-lo, pare de fazer objeções cretinas e coope-re conosco! — retrucou Harris, saindo do sério.

A cólera impulsionou Alain e deu-lhe força. Sua mão avançou, fechada, na direção do queixo do fuzileiro, que cambaleou sob o impacto, mas não fez nenhum gesto para revidar. prontamente, Curei agarrou o rapaz pelo colarinho.

— Seu maluco!

Impassível, Harris viu o veterano impelir Alain para fora da estrebaria e Laura alcançá-los na porta. Quando o velho francês voltou, disse-lhe secamente:

— Esse garoto tolo vai acabar estragando tudo, com essa mania de se julgar o melhor.

O homem balançou a cabeça.

— Não se trata disso.

— O que é, então?

— Ele está... jaloux.

— Comment?

— Ele percebeu que Laura gosta de você, entende. E está jaloux.

Ciúme. Curei estava lhe dizendo que o garoto estava com ciúme! Isso explicava seu estranho comportamento. Pensativo, voltou-se para onde estava Laura e fez-lhe um sinal para que se aproximasse.

— Alain se acalmou?

— Sim, mas você foi muito injusto com ele!

Harris não retrucou. Continuou a discutir os planos com os outros quatro por mais meia hora. Ao terminar, levou a moça para um canto.

— Quero me desculpar pelas palavras duras que disse a Alain. Não sei o que me deu.

Ela suspirou.

— Você tem vivido sob uma tensão muito forte. Não se preocupe.

— Ele ainda está do nosso lado?

— Claro! Como pode duvidar disso? Ele sorriu.

— Você estará aqui amanhã à noite?

— Naturalmente. Virei para desejar-lhes felicidades.

Ambos sabiam que seria a última vez que se veriam, mas esforçaram-se para tomar um

tom despreocupado.

— Até amanhã, então.

— Au revoir.

Capítulo VI

Já era noite fechada quando os participantes do movimento subterrâneo reuniram-se na estrebaria pela última vez. O ataque à fábrica estava marcado para a noite seguinte, que, segundo a previsão, devia ser clara e sem lua.

A conversa desenvolveu-se em cumprimento de uma obrigação. Os preparativos haviam sido feitos e agora só restava repassar tudo.

— Vamos recordar as etapas do plano mais uma vez — propôs Harris.

Houve um suspiro coletivo. Os homens estavam exaustos, mas, ansiosos para continuar com a empresa, puseram-se a ouvi-lo com atenção.

— O encontro será à meia-noite, no lado norte do bosque — começou ele em inglês e sua voz calma e uniforme parecia a de um sacerdote recitando as vésperas.

Quando terminou, fez uma pausa e olhou para todos.

— Muito bem. Sabemos em que pé nos encontramos. Alguma pergunta?

Não houve nenhuma.

— Os planos foram feitos com base na segurança de todos. Não se arrisquem à toa e só pensem em sair disso com vida. Estamos entendidos?

Houve um assentimento geral. Depois Curei falou:

— A carroça estará esperando por você à entrada do bosque. Em Calais, meu primo o esconderá em seu barco e o levará pelo canal da Mancha até a Inglaterra.

Os planos de fuga de Harris já haviam sido traçados. Ele ia para a costa da França logo após o reide.

— O.k. Mas acho que vocês deveriam vir comigo. Haverá o diabo aqui, quando aquela coisa explodir.

Os homens sacudiram a cabeça sem tecer comentários.

Fain era seu lar e eles não podiam abandoná-lo. Tinham seu próprio trabalho para realizar ali.

— Nesse caso, acho que não há mais nada a dizer — prosseguiu ele num tom tranquilo e cordial. — Boa sorte. Bonne chance.

Os homens levantaram-se tendo no rosto um ar determinado. Sabiam que iam alterar seus próprios destinos. Harris acompanhou-os até a porta da estrebaria e apertou a mão de cada um, dizendo-lhes as palavras amáveis que eles precisavam ouvir. Quando chegou a vez de Alain, ele o levou para um canto.

— Apesar de nossas divergências, quero lhe dizer que você fez um bom trabalho para to-

dos nós aqui e ainda continua a fazê-lo. Se não fosse por você, não teríamos a dinamite. Tive muita satisfação de poder contar com a sua ajuda.

Alain sentiu seu ressentimento esvair-se. Tinha consciência de que não era hora para pequenas cenas de ciúme e quis provar a si mesmo que estava acima de qualquer sentimento menor.

— Fui um idiota, Harris — desculpou-se, sacudindo energicamente a mão do fuzileiro.

— Não mais do que eu, Alain.

Quando ele se voltou e foi ao encontro de Curei, Harris acendeu um cigarro e procurou Laura com os olhos.

— Quero agradecê-la pela ajuda que nos prestou. Foi inestimável.

— Você é um dos nossos — disse ela com simplicidade. Depois, num impulso, acrescentou: — Há alguma coisa que eu possa fazer por você?

Ele passou a mão pelo queixo barbudo e sorriu.

— Há, sim. Gostaria de tomar um bom banho.

— Um banho?

— Passei quase um mês aqui tomando banho de tina e doido por um banho de verdade. Há uma banheira em sua casa?

— Sim, mas não acha a idéia perigosa? Terá que correr através do campo aberto e alguém poderia vê-lo.

— Você tem feito isso todas as noites e sabe como driblar a patrulha. Vá na frente a faça-me um sinal se tudo estiver o.k. Atravessarei o campo em questão de segundos.

Laura refletiu. Alain saíra com Curei e Henri estava festejando com os alemães, em Barlec-Duc. Não haveria qualquer risco por essa parte. Mas objetou:

— Curei não vai gostar.

— Ele não precisa saber.

Ela acabou por se convencer.

— Está bem. Espere-me aqui e fique atento. Quando eu acenar, corra para a porta dos fundos da casa de Henri.

Quando ela saiu, Harris ficou parado à porta do estábulo, fumando e pensando se houvesse uma intenção oculta atrás da pronta aquiescência de Laura. Mas logo afastou esse pensamento perturbador da cabeça. Estava consciente de como devia parecer após três semanas de confinamento: barbudo, cabelos compridos, cheirando a estábulo.

Jogou o cigarro no chão, apagou-o com a ponta da bota e depois espiou pela porta entreaberta. Seus olhos captaram um movimento qualquer junto ao muro: era Laura fazendo o sinal combinado. Pôs-se a correr quase dobrado ao meio e alcançou-a no instante em que ela abria a porta de sua casa.

Laura ficou um momento encostada à parede, cansada e ofegante, e depois apontou para a velha banheira de zinco, colocada num canto da cozinha.

— Aí está ela.

Harris coçou pensativamente o queixo.

— Deve pesar uma tonelada.

— Eu o ajudarei.

— Não é preciso. — Ele suspirou e pôs-se a arrastar a banheira para o meio da cozinha.

Laura ficou a observá-lo por um instante. Depois encheu uma grande panela de água e acendeu o fogo. Enquanto esperava que a água fervesse, sentou-se numa cadeira ao lado do fogão.

— Conte-me o que está acontecendo lá em casa — pediu então, de olhos fixos nele.

— Em casa?

— Sim, nos Estados Unidos.

Harris ficou pensativo por um momento. Depois disse:

— Todos têm consciência de que não podem viver isolados da Europa e do resto do mundo e querem participar dos acontecimentos.

Ele chegou mais perto e fitou-a nos olhos.

— Você devia pensar melhor e ir embora daqui.

— Talvez eu vá... algum dia. Agora, não. Quero fazer tudo o que estiver ao meu alcance por minha pátria de adoção. Ainda tenho esperança de que esta loucura termine logo.

— Vai chegar uma hora em que você não poderá mais sair daqui.

— Sei disso.

— Não sente falta de sua família?

A resposta de Laura demorou um instante.

— Sim, quando ouço você falar.

Ele a fitou nos olhos por um longo tempo e sua voz estava rouca quando murmurou:

— Laura...

Ela não se mexeu, sentindo nesse olhar um apelo mudo. Súbito, afastou a cadeira e levantou-se bruscamente.

— Vou buscar o aparelho de barbear de Alain.

Voltou minutos depois, com os apetrechos de barbear e uma toalha de banho.

— Não quer sentar-se enquanto espera? Pode ser seu último momento de descanso verdadeiro. Amanhã, a estas horas, você não estará mais aqui.

À menção do reide e de sua iminente partida, Harris experimentou uma sensação de vazio na boca do estômago. Mas procurou ignorá-la.

— Seu marido chamava-se Thierry, não?

— Sim, Thierry.

— Um nome diferente.

— Ele era também um homem diferente. Tinha coragem, bom humor, capacidade de realização. Não tinha medo de ninguém nem de nada, exceto que eu pudesse sofrer...

Harris viu um sorriso iluminar-lhe os lábios e os olhos e sentiu uma pontada no coração.

— Sente falta dele?

— Muita. Costumam dizer que o tempo cicatriza todas as feridas, mas acho que o vazio que Thierry deixou em minha vida nunca será preenchido.

— Sei como é.

— Como pode saber?

Ele encolheu levemente os ombros e disse, evasivo:

— Posso imaginar.

Laura ficou com o olhar perdido na distância.

— Meus pais não queriam que eu me casasse com Thierry. Meu pai, principalmente, era inflexível a esse respeito e ficou consternado com minha decisão.

— Por quê?

— Ele queria que eu voltasse para os Estados Unidos e me casasse com um dos jovens internos bem educados que freqüentavam nossa casa.

— Seu pai é médico?

Ela confirmou com a cabeça.

— Vocês continuam a se corresponder?

— Sim. Meus pais querem que eu vá morar com eles.

— E você?

— O conforto que isso poderia me proporcionar não é mais suficiente. A vida não pode resumir-se apenas a jogar tênis, a ir a festas e a chás de caridade...

Laura ficou um momento em silêncio. Depois virou-se para o fogão e avisou:

— A água está fervendo.

Harris rumou para a banheira, tirando a camisa no caminho.

— Estava louco para tomar um banho quente, fazer a barba e trocar de roupa.

— Há ainda algumas coisas de Thierry no sótão — murmurou ela, esforçando-se para desviar a vista. — Vou ver se consigo outro par de calças para você. Essas que está usando são muito quentes para esta estação do ano.

Uma vez sozinho, ele despejou a água fervente na banheira e temperou-a. Depois, o pensamento fixo em Laura, deitou-se na banheira e fechou os olhos, deixando que o vapor o envolvesse. Não sabia como despedir-se dela. Queria dizer-lhe coisas bonitas, que a fizessem lembrar-se dele para sempre, mas sua mente estava vazia de idéias.

Sozinha no sótão repleto de potes de conserva de frutas e purê de tomates, Laura abriu a arca que continha as roupas de Thierry escolheu cuidadosamente um par de calças de gabardine, uma camisa branca de algodão e um par de meias.

Ao voltar para a cozinha, encontrou Harris com a toalha em torno da cintura, já ensabando o rosto com o pincel de barba. Seus olhos fixaram-se no peito largo e depois deslizaram pelos quadris estreitos e pelas pernas longas e musculosas. Teve um arrepio involuntário. Nunca, desde a morte de Thierry, sentira uma atração tão repentina e poderosa!

Em silêncio colocou as roupas em cima da mesa e foi esperar na sala de visitas. Cinco minutos depois, ele apareceu no limiar apertando a presilha do relógio em torno do pulso. A luz do abajur em cima da mesa iluminava seu rosto de uma maneira que lhe acentuava a beleza. Ficou olhando para ele, e começou a sentir seu coração bater forte.

— Você parece outro.

Ele sorriu.

— Estava precisando de alguns cuidados.

— Não quer comer alguma coisa antes de ir embora? — perguntou-lhe ciente de que estava querendo retardar sua partida.

— Não quero incomodá-la.

— Não é incômodo nenhum.

Foram para a cozinha. Laura cobriu a mesa com uma toalha axadrezada e colocou sobre ela pão fresco, um pedaço de queijo branco e uma tigela com frutos da região. A seguir, preparou um bule de café bem forte e despejou o conteúdo fumegante em duas xícaras de barro.

— Sente-se, Dan.

— Obrigado.

Comeram em silêncio. Ao terminar, ele consultou o relógio de pulso.

— Henri não vai demorar — observou ela, lendo-lhe os pensamentos.

Ele acabou de sorver o café e depôs a xícara sobre a mesa.

— Quando vim para cá, pensei que seu sogro fosse participar da causa da liberdade. Como fizeram Langtot e Curei — comentou, levantando-se.

Laura suspirou.

— Henri está com medo.

— Quem não tem medo? Henri é um traidor!

— Não o julgue com tanta severidade. Nem todos são como você.

— Vamos esperar que nem todos sejam como ele!

— Prometa-me que terá muito cuidado com Alain. Ele está querendo lavar a honra do pai e poderá se expor demais.

— Fique descansada. Farei tudo que puder para proteger o garoto. Mas as coisas podem não correr como desejaríamos que corressem.

— Sei disso.

Ele colocou-lhe as mãos nos ombros.

— Você foi sempre muito gentil comigo, Laura...

Não havia nada para dizer a esse respeito e ela esperou em silêncio que ele continuasse:

— Quero que saiba que eu a admiro pela dedicação à sua causa.

— Não é tanto assim. Gostaria de que você pensasse em mim de vez em quando. Isso ajudaria muito.

Ela sorriu, trêmula.

— Estarei pensando em você, Dan. Em silêncio, ele estendeu-lhe a mão. Lenta, timidamente, Laura segurou-a.

— Rezarei por você.

Ele percebeu, por seu tom de voz, que ela estava chorando. Tocou-lhe a face úmida e implorou:

— Não quer me dar um beijo de despedida? — No mesmo instante, passou o braço em torno dela, trazendo-lhe o corpo de encontro ao seu e beijou-a de leve na boca.

Não foi mais do que uma leve pressão de lábios, mas Laura ficou atordoada, tremendo da cabeça aos pés. Antes que pudesse analisar a reação, a porta de um carro bateu na rua, e eles se separaram bruscamente. Em Fain, apenas os alemães tinham carros!

— Henri... — murmurou ela, assustada. — Corra, Dan!

Enquanto ele desaparecia nas sombras do campo adormecido, ela entrou e fez desaparecer rapidamente os vestígios da presença do fuzileiro. Por fim, tirou os sapatos e avançou para cumprimentar Henri, que acabava de aparecer no corredor.

— Boa noite, papai. Ia justamente tomar um banho — explicou.

O velho lançou-lhe um olhar enevoadado. Sua cabeça grisalha oscilava, enquanto, cambaleante, ele se dirigia para as escadas. Estava embriagado.

Laura deixou-se cair sentada numa cadeira, incapaz de sustentar-se nas pernas trêmulas. O medo pelos alemães convertera Henri num elemento perigoso. Felizmente, ele não notara nada.

Quando conseguiu controlar as batidas de seu coração, debruçou-se sobre o peitoril da janela e olhou na direção da estrebaria. Notou uma pálida claridade a debruar a porta e rezou de mãos postas:

— Que Deus o proteja!

Brigitte empurrou o carrinho de medicamentos pelo corredor atapetado, ouvindo o som de seus sapatos de borracha no silêncio da noite. Essa última hora de seu turno enervava-a. O hospital ficava quieto demais. Os pacientes dormiam e até os rumores que vinham da guarnição alemã aquartelada no mesmo edifício cessavam.

Enquanto passava pela ante-sala da Enfermaria, lançou um olhar ao guarda de plantão. O homem estava rigidamente sentado atrás da escrivaninha, parecendo não vê-la nem ouvi-la. Ao chegar diante da sala das enfermeiras, um vulto apareceu repentinamente à sua frente. Reconheceu-o no mesmo instante. Era Kurt Hesse. Olhou para o relógio. Duas em ponto. O que ele estaria fazendo ali, a uma hora dessas?

Perplexa, viu-o dirigir-se à mesa e dizer alguma coisa ao guarda. Seu conhecimento de alemão era razoável. Chegou mais perto e conseguiu ouvir:

— Vim substituí-lo. Precisam de você no depósito. Querem que inspecione o carregamento de trigo que será enviado amanhã para Lyon.

"Carregamento de trigo!"... Devia contar isso a Alain!

— Não recebi nenhuma ordem nesse sentido — resmungou o soldado.

— O coronel deixou uma ordem escrita em seu gabinete. Suba e verifique. Você tem que montar guarda no depósito até as sete da manhã.

O soldado disse algo ininteligível entre dentes e dirigiu-se para o saguão com o rifle pendurado ao ombro. Hesse esperou até que ele desaparecesse de vista e então caminhou para Brigitte com um sorriso nos lábios.

— O que você está procurando? — perguntou ela, estupefata. — Encrencas?

— Absolutamente. É tudo muito correto e oficial. — O sorriso de Kurt ampliou-se. — Mas adivinhe quem escreveu a ordem?

Brigitte não pôde deixar de sorrir.

— Você é impossível!

— É o que todos me dizem. — Ele olhou em torno. — Onde está a enfermeira-chefe?

— No quarto de algum paciente.

— Nesse caso, teremos alguns minutos de tempo.

Ela o olhou com desconfiança.

— Para fazer o quê?

— O que você quiser.

— Deixe-me ver... Dar uma volta por aí, de braços dados, à vista de todos?

Uma sombra desceu sobre o rosto sorridente de Hesse.

- Não vai ser assim para sempre, Brigitte.
- Quando as coisas vão mudar?
- Quando esta guerra terminar.
- Mas como irá terminar? Com o seu país dominando o meu?
- Brigitte...

Um ruído de passos que se aproximavam interrompeu-o. De pronto ele pegou o rifle e postou-se junto à mesa, em posição de sentido. Ao passar a seu lado, a enfermeira-chefe olhou-o com curiosidade.

- Mudaram de guarda? — perguntou ela baixinho a Brigitte. A moça assentiu.
- Sim, senhora.
- Venha comigo. Quero que me ajude a mudar os curativos de monsieur Landau.

Sem mais outra palavra, ela se dirigiu para o corredor. Antes de acompanhá-la, Brigitte lançou um olhar rápido por cima do ombro. Hesse permanecia ainda rigidamente perfilado.

Da noite seguinte, ele foi convocado ao gabinete do coronel Becker.

— Ah... Hesse. Tenho uma convidada para jantar e gostaria de que fosse buscá-la. Ela o estará esperando na velha igreja da rua Vitry. Sabe onde fica?

- Sim, senhor.
- Ótimo. Você a acompanhará e a levará aos meus alojamentos, na ala residencial. Faça-a entrar pela passagem de serviço. Não quero que ninguém a veja e gostaria de que a visita permanecesse em segredo.
- Perfeitamente, senhor.
- Pode ir, Hesse.

Quando ele se retirou, Becker pôs de lado o relatório que estava examinando e acendeu um cigarro. Sabia a que risco se expunha ao encontrar-se com Lysette, mas necessitava de sua amizade e estava disposto a avançar mais do que meio caminho ao seu encontro. Ela o fazia sentir-se melhor, mais jovem. Na companhia dela podia esquecer sua carreira arruinada, a linda esposa cuja indiferença retribuía plenamente, e os dois filhos que o tratavam como a um estranho.

Tinha consciência de que essa atração transcendia os limites da razão, mas não podia escapar dela, como também não podia escapar da intensa alegria que experimentava em saber que logo a veria.

Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. Uma volta pelo jardim, nessa hora de penumbra, talvez ajudasse a aplacar a ânsia da espera.

Hesse desceu correndo os degraus do hospital e pôs-se ao volante do Mercedes aberto do Estado-Maior. Deu a partida e, feita a curva, impulsionou o carro ao longo da rua principal. Da calçada, os habitantes paravam para olhá-lo com olhos calmos e imperturbáveis, antes de seguirem seu caminho.

Atravessou a praça vazia e depois enveredou pela estrada campestre. O dia começava a extinguir-se num céu sem estrelas. O ar recendia a perfume das flores silvestres mesclado ao odor da terra e da relva fresca inspirou-o profundamente e deixou que seus pensamentos se fixassem em Brigitte.

Desejava-a desde a primeira vez em que a vira e agora sentia que ganhava terreno. Len-

tamente, ela estava aprendendo que ele não era uma ameaça à sua segurança e não procurava mais repeli-lo. E isso era tudo o que queria no momento.

Em paz consigo mesmo e com uma visão bem nítida do caminho a percorrer, alcançou o trecho em que a estrada em curva se unia a uma alameda. À margem, erguia-se uma velha igreja quase em ruínas, coberta de hera.

A convidada do coronel emergiu de seu interior e desceu os degraus arruinados, quando os pneus do carro esmagaram o pátio de cascalho. Ele saltou do carro e tirou o quepe e abriu-lhe a porta com uma curvatura rígida.

— Bon soir, madame.

Ela inclinou levemente a cabeça e acomodou-se no banco de trás sem dizer palavra. Quando chegaram a Bar-lec-Duc, já imperava o toque de recolher e as ruas estavam desertas. A convidada não seria vista por ninguém. Hesse encostou o carro diante da entrada de serviço e conduziu-a, através da cozinha, à passagem que dava para a ala residencial.

Quando bateu à porta de coronel, pôde sentir o sobressalto da jovem mulher que se mantinha ao seu lado. Excitação mesclada ao temor. Do homem com quem ela iria se encontrar ou da situação delicada em que se encontrava? Não sabia o que dizer.

Quando a porta se abriu, disse em tom respeitoso:

— A sua convidada, senhor.

Becker deu um passo para frente e fez uma elegante reverência.

— Boa noite, Lysette.

— Boa noite, coronel.

Ele a introduziu no hall de entrada e antes de fechar a porta disse por cima do ombro:

— Obrigado, Hesse. Pode ir agora.

Depois voltou-se para sua jovem companheira e ficou um instante a contemplá-la.

— Você está encantadora. Esse vestido de linho amarelo lhe assenta muito bem.

A expressão de Lysette não mudou, mas ele teve a impressão de que uma luz se acendera dentro dela, irradiando um calor que o atingiu deliciosamente. Aproximou-se dela e passou-lhe o braço pela cintura.

— Venha conhecer meus domínios.

Lysette deu uma olhada em torno. A sala era mobiliada com uma simplicidade quase espartana. A exceção era o relógio de bronze sobre o consolo da lareira e uma espineta colocada num canto.

— Onde a conseguiu?

Becker passou levemente a mão pela madeira envernizada do instrumento.

— Achei-a no portão de uma casa abandonada, debaixo de uma pilha de caixotes vazios. Hesse limpou-a e a trouxe para cá.

— Você toca. Ele sorriu.

— Meus pais me obrigaram a tomar lições de música, quando eu era criança. Mas eu preferia jogar futebol e nunca fui bom aluno.

— Por que o restaurou, se não o usa?

— Achei-o bonito — explicou ele, esperando que ela compreendesse que a beleza fora um motivo suficiente para despertar seu interesse.

Houve uma batida na porta. Becker disse alguma coisa em alemão e um soldado entrou empurrando um carrinho com alguns pratos cobertos e uma garrafa de vinho no gelo.

— Tomei a liberdade de encomendar nosso jantar no Cheval Blanc. Gostaria de tomar um pouco de vinho?

— Aceito, obrigada.

Enquanto o rapaz acendia o aquecedor sob o prato, ele retirou a garrafa do balde, abriu-a com movimentos rápidos e encheu duas taças.

— Anjou, rosé.

Lysette provou o vinho considerando a frágil espineta, que ainda conservava traços de uma delicada pintura.

— Quer que eu toque alguma coisa para você? — perguntou num impulso.

— Terei imenso prazer em ouvi-la tocar.

Becker tirou-lhe a taça da mão e conduziu-a até o piano. Depois ficou a observá-la, enquanto ela se inclinava para o teclado com ar extasiado. Mas, aos primeiros acordes de Für Elise, ele girou bruscamente nos calcanhares e afastou-se.

Lysette olhou-o, surpresa, e parou de tocar.

— Essa música não lhe agrada?

Ele despediu o ajudante com um gesto e voltou-se para ela.

— Minha mulher costumava tocá-la com frequência. Elise... é o nome dela.

— Compreendo. Posso tocar outra coisa qualquer.

Ela recomeçou a tocar e ele teve a impressão de nunca ter contemplado em nenhuma fisionomia mudança tão grande sob a influência da música.

— Mendelssohn... meu compositor preferido — disse, quando ela terminou a peça. — Sabe que é proibido tocá-lo em meu país? Verboten!

— Por quê?

— O avô dele era judeu.

— Oh! Só por isso?

Becker encolheu expressivamente os ombros.

— Virá um dia em que tudo isto parecerá um sonho mau. Mas, enquanto esse momento não chega, vamos escapar do mundo real falando do passado. Concorda comigo?

Lysette fez que sim, contente de vê-lo recuperar o bom humor e o brilho. Durante o jantar, ele falou de sua infância na propriedade familiar junto à fronteira franco-suíça, dos verões que passara em Carlsbad com seus pais e irmãos, de sua mocidade despreocupada de rapaz rico e mimado.

Ela o ouvia, com a deliciosa sensação de estar sendo transportada para um mundo fascinante, em que o tempo e as conseqüências não contavam. Depois do café, cortou finalmente o fio daquelas reminiscências, dizendo:

— Você preparou-se para seguir a carreira militar. Mas, aqui, está desempenhando o papel de um policial.

Becker concordou com um suspiro resignado.

— Um papel lamentável.

— Não preferia estar lutando nas trincheiras?

A expressão dele tornou-se sombria.

— Sim, preferia fazer uso do privilégio de morrer em combate, como todo oficial. Mas caí em desgraça. Tornei-me persona non grata junto ao nosso Führer e fui enviado para cá como castigo.

Ele alcançou-lhe a mão através da mesa e apertou-a.

— Gostaria que soubesse que você torna esta... carga mais suportável.

Lysette sentiu um nó na garganta. Alguma coisa na sua voz tocara-a no fundo da alma. Ela entreabriu os lábios para falar, mas nesse instante o relógio bateu meia-noite e Becker pôs-se de pé.

— Não devia ter tomado tanto o seu tempo. Vou chamar Hesse para que a leve de volta à sua casa.

Dito isto, ele a ajudou a levantar-se e a acompanhou até a porta.

— Gostaria de ficar — disse ela, inesperadamente. Becker fitou-a, incrédulo,

— Compreende o que isso significa?

— Compreendo.

— Sabe o que sua gente pensaria, se a descobrissem?

— Sei — disse ela com firmeza.

Ele lhe tomou as mãos, trazendo-as devagar para o peito, até pousá-las sobre o seu coração.

— Nesse caso, você vai ficar, minha querida.

Depois, passando-lhe o braço pelos ombros, levou-a para o quarto, iluminado apenas por um pequeno abajur na mesinha-de-cabeceira. Atraiu-a para si e sentiu-a trêmula em seus braços.

— Assustada?

— Não.

— Nervosa?

— Um pouco. Nunca estive com outro homem a não ser meu marido.

Ele ergueu-lhe o rosto. Ela estava de olhos fechados e ele os beijou, dizendo num sussurro:

— Não tenha medo, querida. Serei delicado com você.

Ele a virou de costas. O zíper correu silenciosamente e o vestido caiu a seus pés, num suave amontoado. Depois tornou a voltá-la para si.

— Linda! — exclamou, demorando-se na contemplação dos seios pequenos mas perfeitos que ofegavam sob a combinação leve.

Lysette voltou os olhos para a cama. Teve um sobressalto e suas mãos gelaram. Sentia medo, não sabia bem de quê. Cruzou os braços sobre os seios e implorou:

— Apague a luz.

Becker olhou-a durante alguns segundos em silêncio. Afinal disse:

— Mudou de idéia?

— Não. Quero ficar com você, mas estou... envergonhada.

Ele riu. Sentia-se subitamente vivo, como não se sentia há anos. Curvou-se e beijou-lhe o alto da cabeça, e depois apagou o abajur.

— Melhor assim?

— Bem melhor.

À leve claridade que se filtrava do banheiro, Lysette o viu despir a túnica e a camisa. Sua pele brilhava, tão polida como o mármore, e seus ombros eram amplos para um homem esguio. Quando ele a tomou em seus braços, descansou a cabeça em seu peito e fechou os olhos.

Becker afagou-lhe os cabelos, pensando como lhe acalmar o coração assustado. Podia imaginar o que ela devia ter sofrido nas mãos do marido, e como ele devia ter distorcido o ato de amor, transformando-o em algo terrível e intimidante. Evocou uma série de imagens brutais e seus lábios cerraram-se involuntariamente. Tinha que lhe provar que fizera bem em ficar.

Levantou-se com ela nos braços e carregou-a para a cama, beijando-lhe o rosto, as pálpebras e a boca com beijos rápidos e leves.

— Liebchen...

Alguns instantes depois, seus lábios se colavam aos dela num beijo ardente e demorado.

Lysette abandonou-se àquelas carícias com uma ousadia que não acreditava possuir. Passou-lhe os braços pelo pescoço, mantendo-se tão colada a ele que os bicos de seus seios roçaram-lhe o peito nu. Ele cingiu-a pela cintura e, sofregamente, correu os dedos fortes por seu corpo palpitante. Depois, numa ânsia incontida, tomou-lhe os seios nas mãos e beijou-os demoradamente.

Ela sentiu-se arder em fogo e não pôde evitar que um gemido de prazer lhe escapasse da garganta.

— Anton...

Mais excitada do que nunca, moldou seu corpo ao dele. E quando ele a penetrou, não teve mais que um desejo: entregar-se sem reservas.

Harris agachou-se atrás do tronco de carvalho e consultou o relógio de pulso, de quadrante luminoso. Faltavam apenas alguns minutos para entrarem em ação.

O céu estava encoberto, mas uma brecha entre as nuvens deixava filtrar a luz de algumas estrelas. Olhou por cima do ombro e não viu nada, além de uma massa confusa de sombras. Sabia, porém, que seus homens estavam ali, em meio à escuridão, prontos para obedecerem ao seu comando. Súbito, a convicção do que iam fazer dominou-o e teve certeza de que não falhariam.

Um ramo estalou à sua esquerda. Virou a cabeça e viu Alain chegar, silencioso como um gato, e deixar-se cair a seu lado, ao alcance de um sussurro. Disse-lhe para aguardar seu sinal e depois seguiu-o, como haviam combinado. Ele devia alertar os trabalhadores franceses do turno da noite, encarregados de manter as fornalhas acesas, enquanto o detonador era instalado aos pés da colina.

Olhou para o relógio de novo. Sem esperar mais, fez um sinal a Alain e saiu correndo do meio das árvores. Estavam assumindo a sua tarefa.

Becker despertou já plenamente consciente, como sempre, e olhou em torno. Não havia lua e a noite estava silenciosa. Até o incessante canto das cigarras transformara-se num murmúrio distante e abafado.

Levantou-se e caminhou, nu, para a janela aberta. Aspirou o ar revigorante e limpo e voltou-se para a cama. Lysette continuava a dormir, uma pequena forma oculta sob os lençóis.

Estava ainda tentando entender o que havia acontecido. Não era um homem inexperien-

te. Conhecera outras mulheres antes de sua esposa, mas estava despreparado para a reação que tivera ao sentir o belo corpo macio de Lysette Remy sob o dele.

Involuntariamente, comparou-a a Elise. Sua esposa era incansável e imaginosa no ato de amor. Mas para ela o sexo tinha um fira determinado: prazer, filhos, abrandamento da tensão. Não gostava de beijos. Virava a cabeça, sempre que tentava capturar-lhe a boca. Lysette, ao contrário, entreabriu os lábios macios, pronta para receber sua língua, ardente de desejo. Sua vulnerabilidade, sua timidez quase virginal despertaram-lhe emoções longamente adormecidas e ela dera-lhe, numa única noite, o que sua esposa não lhe proporcionara em muitos anos de casamento.

Foi até a cama, sentou-se na beirada e inclinou-se para contemplá-la. Ela agitou-se no sono, suspirou profundamente e despertou.

— Desculpe, Lysette. Não queria acordá-la.

— Você não me acordou.

Ela atraiu para si o rosto dele e acariciou-lhe as têmporas.

— Quantos anos você tem, Anton?

Ele sorriu levemente.

— Quarenta.

— Pensei que fosse mais velho.

— Por quê?

— Pelo cargo que ocupa.

O sorriso dele desapareceu.

— Eu era ambicioso na minha juventude.

Ela ergueu-lhe o rosto.

— E você, Liebchen, quantos anos tem?

— Trinta e dois.

— Temos que ser mais cuidadosos na próxima vez.

Um rubor de felicidade espalhou-se pelo rosto pálido de Lysette. Então, haveria uma próxima vez...

— Não precisa se preocupar. Não posso ter filhos.

— Mas você é ainda jovem!

— Fiquei grávida certa vez, mas perdi o bebê. Meu marido...

— Brutalizou-a?

Ela fez que sim, envergonhada.

— Não havia ninguém para ajudá-la?

— Fui pedir conselhos ao pároco da aldeia e ele me disse para ter paciência.

— Ele podia tê-la matado.

Houve vezes que eu desejei que ele fizesse isso. Becker puxou-a contra seu peito.

— Gostaria de lhe oferecer alguma coisa para provar que a vida pode ser diferente.

Lysette olhou-o, fascinada. Ele era belo, gentil e cuidadoso. Passou-lhe os braços pelo pescoço e beijou-o.

— Não precisa me oferecer nada. É suficiente que o veja algumas vezes.

Seus lábios voltaram a se encontrar, apaixonadamente. Não houve, porém, a ânsia do

primeiro momento. Agora a sensação era de um bem-estar crescente, que anulava palavras, fronteiras e horizontes. Desmancharam-se inteiramente em carícias voluptuosas até atingirem juntos o auge da paixão e do despreendimento.

Laura andava de um lado para o outro da cozinha, uma sensação de pânico envolvendo-a de maneira indefinida e ameaçadora. Ora temia que a missão houvesse falhado, ora que Harris e Alain tivessem sido surpreendidos por uma patrulha, ou destroçados por um detonador defeituoso.

Quando, finalmente, uma explosão trovejante abalou o silêncio da noite, agarrou-se à borda da mesa, trêmula e ofegante. Quando se refez, correu para a sala de estar, abriu as janelas duplas que davam para a rua e ficou contemplando o fogo que irrompia da colina em colunas vermelhas, azuladas e verdes. Sorriu, cheia de orgulho. Mas o sorriso morreu em seus lábios, ao pensar na retaliação que se seguiria.

Nesse instante, Henri, os cabelos grisalhos revoltos e os olhos vermelhos de sono, irrompeu na sala.

— Que foi?

— Uma explosão — explicou Laura. — Parece que foi pelos lados da fábrica.

O sogro gemeu e murmurou algo incompreensível.

— Que foi que disse?

— Todos nós vamos pagar caro por isso.

Laura ficou calada.

— Por que você teve que se meter nisso? — disse ele, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a com violência.

— Não sei do que está falando. Não saí de casa esta noite.

— Acha que eu sou um velho tolo e que não percebo o que está acontecendo em minha própria casa? Você e Alain pensam que são espertos, mas não sabem com quem estão lidando. Isto aqui não é como um filme americano de mocinho e bandido!

Ele enterrou o rosto nas mãos e pôs-se a soluçar.

— Seremos castigados... seremos castigados...

Um leve ruído na cozinha interrompeu suas lamentações. Era Alain. Quando ele entrou na sala, trazia o triunfo estampado no rosto.

— Onde você estava? — perguntou-lhe Henri, ríspido.

O jovem sorriu para Laura e depois voltou-se para o pai.

— Jogando xadrez com Pierre Langtot.

— Até agora?

— Foi uma partida difícil.

Henri sacudiu a cabeça.

— Você está louco!

— O senhor é que está louco, vendendo-se por um pouco de vinho!

O velho avançou cora o braço erguido. Depois, percebendo a inutilidade de tudo aquilo, deixou-o cair ao longo do corpo.

— Você vai precisar de um bom álibi! Todos nós iremos precisar disso.

- Eu tenho um. A mulher de Langtot assistiu à partida.
- E você acha que eles irão ouvi-la?
- Não se preocupe com isso. Feche os olhos e tampe os ouvidos, como sempre fez, e volte para a cama.

Henri hesitou um instante e então saiu da sala com as costas arqueadas, como se carregasse pesado fardo. Laura esperou que ele subisse as escadas para perguntar:

- Tudo correu como planejaram?
 - Acho que não ficou nenhuma fornalha de pé — disse Alain com satisfação.
 - E Harris?
 - Partiu para Calais logo após a explosão.
 - Graças a Deus! E os outros?
 - Ilesos.
 - O que vai acontecer agora?
 - Não sei, espero que todos mantenham o sangue-frio e a boca fechada.
- Seus olhos se encontraram. Ambos sabiam que o verdadeiro desafio estava ainda por vir.

Em Bar-lec-Duc, Becker acordou com uma explosão, seguida do reflexo de um clarão nas vidraças. Percebeu imediatamente o que havia acontecido, e começou a vestir-se, a mente trabalhando freneticamente.

Lysette soergueu-se na cama, sonolenta.

- Ouvi um barulho. Que foi?

Ele contemplou-lhe os ombros nus, os cabelos soltos, o dorso e a linha ondulante da coluna.

— Levante-se, Liebchen. Ninguém pode vê-la aqui. Eu tenho que sair para resolver um problema.

- O que aconteceu?
- Não tenha medo. Hesse a levará para casa.
- Diga, Anton. Por favor.

Ele inclinou-se para ela e beijou-lhe os lábios entreabertos.

- A fábrica em Fain — disse com um suspiro. — Seus compatriotas acabam de explodi-la.

Capítulo VII

Lysette recebeu as palavras de Becker com desalento.

- Não se preocupe — disse ele brandamente. — Irei procurá-la, quando tudo terminar.
- Vai mesmo?

- Naturalmente. Pode demorar alguns dias, mas voltaremos a nos encontrar e então... —

Houve uma batida na porta. — Espere um instante.

O coronel atravessou a sala e abriu a porta. Era Hesse.

— A fábrica de Fain foi destruída, senhor — anunciou ele sem maiores preâmbulos.

— Totalmente? — perguntou Becker, controlado.

— Sim, senhor. De acordo com os primeiros relatórios, sobrou apenas a estrutura do edifício.

Ambos calaram-se quando uma sirene disparou na rua. Eram os bombeiros de Bar-le-Duc respondendo à emergência.

— Ainda há fogo?

— Sim, senhor. E pode espalhar-se.

— Viram alguém rondando a fábrica, antes da explosão?

— Achemos os guardas nos bosques, com os pés e as mãos amarradas. Evidentemente foram rendidos e levados para lá inconscientes. Não viram nada.

— Foi trabalho de alguém daqui — observou o coronel, pensativo. — Bom. Quero que leve madame para casa e depois vá encontrar-se comigo na fábrica. Estamos entendidos?

— Sim, senhor.

Becker voltou-se para chamar Lysette. Quando ela emergiu do quarto, de olhos baixos, murmurou-lhe:

— Lembre-se do que eu lhe disse.

Ela assentiu e passou por ele sem olhá-lo. Polidamente, ele acompanhou-a à porta, que conservou aberta até sua figura delicada ter desaparecido na curva do corredor.

Voltou-se então para o espelho do hall de entrada, alisou os cabelos e pôs o quepe.

Tinha plena consciência da sorte que o aguardava, após os acontecimentos daquela noite. Iria sofrer as conseqüências por ter permitido que um bando de rapazes mandasse pelos ares um dos projetos mais ambiciosos do III Reich. A Gestapo era impaciente, muito impaciente!

Fitou a própria imagem, desconsolado. Agora, nunca mais sairia desse fim de mundo! E o que era pior: o sucesso da operação levaria os rebeldes a empreenderem outras, que ele teria de reprimir. De repente, via-se promovido de policial a executor!

"Estou cansado disso", pensou. "Terrivelmente cansado."

Mas não tinha para onde ir nem futuro algum para construir. Perdera tudo: nome, reputação, família. E sua pátria, que jurava servir, estava agora nas mãos de uma ralé sem princípios nem virtudes, que ocupava todos os cargos elevados no governo.

Resignado, abaixou a aba do quepe sobre os olhos e dirigiu-se para a porta, decidido a enfrentar o que devia enfrentar.

Ao chegar ao local da fábrica, Becker olhou para aquela carcaça vertical como se estivesse vendo uma ruína pela primeira vez na vida. Vigas carbonizadas, paredes ruídas, vergalhões retorcidos emergindo dos escombros fumegantes como serpentes hirtas. Os soldados escavavam os escombros e os bombeiros esguichavam água sobre a fumaça densa, rodeados por uma multidão de curiosos.

— Mande essa gente embora! — ordenou a um cabo, que começou a empurrar o povo para a estrada com o auxílio de sua baioneta.

Depois virou-se para um jovem soldado que passava correndo com um balde de água e chamou-o:

— Você aí! Ponha esse balde no chão.

O rapaz obedeceu-o de imediato.

— Estava aqui por ocasião da explosão?

— Sim, senhor.

— Há gente soterrada aí?

O soldado limitou-se a sacudir a cabeça.

— Fale, rapaz! Não vou castigá-lo por isso — disse-lhe em tom mais brando. — Quero saber exatamente o que aconteceu.

— Sim, senhor.

O rapaz pôs-se a inteirá-lo dos fatos. Não havia ainda terminado, quando Hesse chegou e postou-se ao seu lado. Quando o interrogatório terminou, virou-se para ele.

— Madame chegou bem em casa?

— Sim, senhor.

— Alguém a viu?

— Não, senhor. As ruas estavam cheias de gente e eu a deixei a três quarteirões de distância da casa dela.

— Fez bem. — Becker suspirou e fez um gesto com a mão. — Nossa pira funerária, Hesse.

O cabo ficou em silêncio.

— Bom. Teremos que fazer alguma coisa. Descubra os suspeitos e leve-os ao quartel-general para serem interrogados.

— Por onde devo começar? — perguntou o cabo, aflito.

— Comece pela primeira casa da rua mais próxima. Estarei em meu gabinete para dar início ao processo dentro de vinte minutos.

— Sim, senhor.

Hesse bateu os calcanhares e permaneceu em posição de sentido até o jipe de seu comandante desaparecer aos solavancos pela estrada, em meio de uma nuvem de pó.

Nos dias que se seguiram, Becker dormiu pouco e comeu quase nada. Sua aparência estava impecável como sempre, mas havia sombras escuras sob os olhos e as faces estavam encovadas.

Na tarde do terceiro dia, Hesse entrou em seu gabinete e anunciou:

—Mande para casa o último grupo de suspeitos, senhor. Não há mais ninguém para ser interrogado.

Becker recostou-se na cadeira, acendeu um cigarro e expeliu lentamente a fumaça. Três dias de interrogatório sem nenhum resultado. A maioria daquela gente não sabia realmente nada. Mas os que sabiam mantinham a boca fechada. Não teria imaginado tal solidariedade por parte daqueles camponeses simplórios.

— Vá buscar o velho — ordenou.

— Que velho? — perguntou Hesse, espantado.

— O prefeito Duclos. Traga-o aqui.

— Mas ele é colaboracionista! — objetou Hesse, pensando em Brigitte. — Adotamos a política de deixar essa gente e seus familiares em paz. Não concordariam em trabalhar para nós se não lhes déssemos proteção.

Becker suspirou, enfadado.

— Está querendo me ensinar como devo proceder, Hesse?

O cabo enrubesceu até a raiz dos cabelos, mas não se moveu.

— E então?

— Senhor...

— Diga.

— Acho que seria um erro tratar esse homem como um cidadão qualquer. Afinal, ele cooperou conosco de livre e espontânea vontade. Depois, trata-se de uma pessoa inofensiva. O que ele poderia saber?

Becker levantou os olhos para o soldado e disse friamente:

— Mas tem um filho rebelde e uma nora atrevida demais. Como se isso não bastasse, o homem é covarde, não merece confiança. Estou cansado de lidar com gente desse tipo! Traga-o aqui.

Hesse girou lentamente nos calcanhares e retirou-se. Becker seguiu-o com os olhos, sem ressentimento, pensando o que levaria seu obediente ajudante-de-ordem a contestá-lo. Mas logo esqueceu o incidente. Tinha mais em que pensar.

Laura estava sentada à sua escrivaninha, na École St. Pierre, preparando o programa para o novo ano letivo, quando Brigitte, ainda de uniforme, irrompeu na sala. Um só olhar ao rosto pálido e desfeito da jovem foi suficiente para convencê-la de que o pior havia acontecido.

— Alain foi preso! — disse ela com voz trêmula. — O que vai ser dele agora?

Laura levantou-se de um salto e agarrou-a pelos ombros.

— Quando foi isso?

— Não sei. Acabei de ouvir a notícia no hospital. Parece que foram buscar papai, depois que você saiu, e uma hora depois prenderam Alain.

— Papai deve ter dito alguma coisa aos alemães!

— Mas ele não sabe nada! — protestou Brigitte.

— Muito mais do que você imagina.

A moça apertou nervosamente as mãos.

— Alain não vai confessar, tenho certeza. Será que vão torturá-lo?

— Becker não está querendo uma confissão mas um bode expiatório — retrucou Laura. — O coronel parece ser mais humano do que seus compatriotas e fez esforços genuínos para descobrir o responsável. Mas, agora, vai usá-lo como um exemplo de rebeldia inútil.

— Vão matar Alain... — soluçou Brigitte.

Laura já havia recuperado o domínio de si mesma e olhou-a com compaixão.

— Não se desespere. Vamos ver se há algum modo de intervir a favor dele.

No final da tarde, cartazes em francês e alemão, anunciando que o sabotador havia sido descoberto e seria executado no dia seguinte, em praça pública, foram afixados por toda a cidade.

Brigitte e Laura permaneceram na ante-sala do gabinete de Becker durante toda a tarde, esperando que o coronel as recebesse. Mas foram deliberadamente ignoradas. Por volta das cinco, ao voltar para o quartel-general, Hesse encontrou-as ainda sentadas no saguão.

Brigitte levantou-se quando o viu e foi ao seu encontro.

— Mademoiselle Duclos... — disse ele polidamente.

— Posso falar com você em particular? — A voz dela era apenas audível.

Ele lançou um olhar à Laura, que os observava, e depois, decidido, levou-a para o corredor. Assim que ficaram a sós ela tomou-lhe ambas as mãos,

— Queríamos obter a permissão para ver Alain. Mas passamos o dia aqui e o coronel Becker não nos recebeu. Você pode fazer alguma coisa nesse sentido?

Hesse balançou a cabeça.

— Não sei. Duclos confessou-se culpado e foi condenado à morte. Encontra-se incomunicável.

Ela apertou-lhe a mão com força e disse com súbito calor, o sangue subindo-lhe às faces.

— Por favor, Kurt. Você tem que tentar! Alain não pode morrer sem dizer adeus a seus familiares. Seria muita crueldade! Não quer interceder por mim? O jovem refletiu um instante.

— Espere aqui. Talvez eu possa fazer algo.

Um brilho de esperança surgiu nos olhos de Brigitte.

— Ficaremos gratas por tudo o que fizer.

— Você não me deve nada.

Depois disso, Hesse dirigiu-se para o gabinete de Becker. O chefe admitiu-o imediatamente e foi logo apontando para uma folha de papel timbrado desdobrado em cima da mesa.

— Um comunicado do quartel-general da Gestapo em Lyon. Kleinschmitt, o homem de confiança do Führer, deverá chegar amanhã. Foi designado para tratar do caso Duclos.

Hesse percebeu a irritação na voz do coronel e ficou em silêncio.

— E então? — disse seu chefe, estimulando-o a falar. Sem erguer os olhos, o cabo disse em voz baixa:

— As duas Duclos estão lá fora. Querem vê-lo.

— Livre-se delas!

— Elas passaram a tarde aí fora, esperando ser recebidas.

Becker fez um gesto de impaciência.

— Sei disso, Hesse. O que você espera que eu faça?

— Elas querem ver o prisioneiro — respondeu o jovem, cauteloso.

— Querem vê-lo, hein?

— Há alguma possibilidade, coronel?

Becker recostou-se na cadeira e olhou-o, pensativo.

— Qual é seu interesse nessa família?

O ajudante nada disse.

— Você sabe que não há nenhuma dúvida quanto à participação de Duclos nesse caso. Ele mesmo confessou. Portanto, não estou condenando um homem inocente.

— Sim, senhor.

— Era essa a sua preocupação?

Não houve resposta. Becker previu que ia acabar se cansando e capitulou.

— Bem, não importa. Traga a americana.

— Obrigado, senhor. — Hesse girou nos calcanhares e deixou o gabinete.

O coronel inclinou-se para trás e pôs-se a tamborilar de leve no braço da cadeira. A americana... Não lhe faltava mais nada, depois de tantos aborrecimentos! Mas ela, ao menos, era se-

nhora de si mesma. Sobreviveria ao choque e procuraria conformar-se diante do inevitável.

Quando ela entrou em seu gabinete, porém, sentiu um assomo de hostilidade.

— Madame Duclos... — disse com fria polidez. — Em que posso servi-la?

A voz de Laura veio nítida e firme.

— Gostaria que nos desse permissão para ver Alain Duclos.

— Por que deveria dar-lhe tal permissão?

— Iria negar isso a um homem na véspera da execução?

— Seu cunhado procurou a morte, madame.

— Acredita realmente nisso?

— Acredito — respondeu Becker, fitando-a com olhos penetrantes.

Ela não permitiu que a cólera a dominasse.

— Por favor, coronel! Que perigo ele poderá oferecer agora?

— Algum perigo se, como presumo, a senhora trabalhava com ele e veio para receber as derradeiras informações.

— O senhor pode deixar um guarda no local.

— Tenho a impressão de que nem os guardas a impediriam de agir!

Laura percebeu o que o irritara e procurou se desculpar.

— Não estou pedindo muito, coronel.

Becker levantou-se bruscamente.

— Nada mudará a minha resolução.

— Mas coronel...

— Alain Duclos é inimigo de meu país e morrerá por isso!

Espantada com essa reação, ela não retrucou.

— Pode retirar-se, madame — tornou ele, dominando-se.

A moça não deu nenhum sinal de retirar-se. Ao invés disso, ficou a olhá-lo, com os grandes olhos verdes arregalados. Obviamente, ainda esperava que ele pudesse mudar de idéia.

Becker deu de ombros, desanimado. Detestava-a cordialmente, mas ela era amiga de Lysette. Dirigiu-se à porta e abriu-a, para que ela saísse.

— Dez minutos — ordenou a seu ajudante, perfilado em posição de sentido. — Dez minutos para cada uma das mulheres, que deverão entrar separadamente na cela. Nem um minuto a mais!

As duas moças seguiram Hesse até o porão do hospital. Havia dois guardas armados postados do lado de fora do cubículo onde Alain encontrava-se preso. O cabo transmitiu-lhes as ordens do coronel e depois voltou-se para Brigitte.

— Pode entrar.

Transcorridos dez minutos, um dos homens bateu com a coronha do rifle na porta. Brigitte emergiu do cubículo um segundo depois, com o rosto banhado de lágrimas. Hesse deu um passo na direção dela e então, lembrando-se de onde se encontrava, estacou.

— Precisa de alguma coisa, mademoiselle?

Brigitte fitou-a com ar perdido, como se não o reconhecesse. Depois sacudiu lentamente a cabeça. Laura voltou-se para ele.

— Pode acompanhá-la à capela? Minha cunhada está à beira de um colapso nervoso.

— Farei isso, madame.

Quando ela entrou no cubículo, Alain estava de pé junto à janela, com as mãos nos bolsos. As sombras do entardecer acentuavam o sofrimento marcado em seu rosto. Mas ele conseguiu esboçar um sorriso.

— Eles o maltrataram? — perguntou ela, ansiosa.

— Não havia razão para isso. Eu me confessei culpado.

— Becker deve imaginar que você não agiu sozinho.

— Ele acha que uma execução pública abafará qualquer espírito de rebelião.

— Isso não irá acontecer. Nunca!

Alain ficou um momento em silêncio. Depois murmurou:

— Nos últimos tempos estivemos um pouco distanciados um do outro. Foi culpa minha.

Pode me perdoar?

— Não há nada a perdoar.

Ele a estreitou nos braços.

— Laura...

— Curei recebeu uma mensagem esta manhã pela BBC — sussurrou ela em seu ouvido. —

"Da águia para a víbora: o marinheiro chegou à pátria por via marítima".

— Harris chegou à Inglaterra são e salvo!

— Sim, Alain.

Ele abraçou-a novamente.

— Eu sabia que ele conseguiria. Eu sabia!

Laura sentiu as batidas de seu coração de encontro ao peito e teve vontade de chorar. Era difícil acreditar que essa jovem vida seria sacrificada, que esse corpo vigoroso e saudável logo iria jazer na imobilidade da morte.

— Seu sacrifício não será em vão — disse ela com fervor. — Lutaremos até o fim pela causa da liberdade. Prometo, Alain.

Ele fechou os olhos. Quando os abriu, estavam marejados de lágrimas.

— Estou assustado, mas não vou permitir que esses bastardos saibam disso. Quero morrer como um homem.

Laura acariciou-lhe o rosto.

— Não vão saber. Pense que em breve você se reunirá a Thierry e isso o ajudará. Ele o amava tanto... — lembrou ela, como se recordasse, tranquilamente, fatos familiares.

— Você acredita realmente nisso?

— Sim, meu querido. E você deve acreditar também.

Ele sorriu em meio às lágrimas.

— Eu a amo, sabia?

— Sim, eu sei.

— Acho que a amei desde o dia em que Thierry trouxe você para casa.

— Oh, Alain...

— Beije-me. Um beijo de adeus.

Ela beijou-o no rosto, mas quando ele capturou-lhe a boca, beijou-o como a um amante. Quando se separaram, estavam ambos sem fôlego.

Alain tomou-lhe ambas as mãos.

— Dê-me sua palavra que voltará para a sua pátria, algum dia.

— Por quê?

— Porque você a ama e eu quero morrer pensando que será feliz.

— Quando tiver terminado minha missão aqui, farei de tudo para voltar.

— Ótimo.

Houve uma batida na porta e ele prosseguiu, apressado:

— Cuide de Brigitte, ela não tem sua força. E leve-a para casa. Não quero que ela assista à execução. Nem ela nem você. Promete?

Ela fez que sim com a cabeça, pensando onde encontraria forças para suportar aquele momento.

— E quanto... ao velho, não o culpe pela minha morte. Ele foi usado.

— Alain...

— Coragem — murmurou ele. — Não deixe que eles a vejam chorando.

Laura enxugou os olhos e fitou-o intensamente, como se quisesse gravar-lhe os traços na memória.

Houve outra coronhada na porta, mais forte desta vez, e ele a empurrou para a porta.

— Não se esqueça de nossa causa — murmurou. — Não se esqueça de mim.

Laura passou pelos dois guardas tão rígida quanto um autômato. A passos lentos, percorreu o longo corredor iluminado pela triste brancura das janelas. Na capela, benzeu-se e persignou-se. Depois ajoelhou-se e fez uma breve oração.

À luz que vinha da sacristia, viu Brigitte e o cabo alemão sentados no banco da frente. Atravessou a nave central e inclinou-se para o soldado.

— Foi muito gentil de sua parte confortar minha cunhada.

— Não precisa me agradecer, madame — disse o rapaz, levantando-se.

Súbito, Laura percebeu o absurdo da situação. Ela o agradecia por ter consolado Brigitte quando, no dia seguinte, ele poderia ser um dos integrantes do pelotão de fuzilamento! Ao pensar nisso, sentiu o sangue gelar em suas veias.

— Vamos para casa, Brigitte — disse, tomando a moça pelo braço. — Não há mais nada que possamos fazer aqui.

Na manhã seguinte, Becker estava ainda tomando café em seu gabinete, quando Hesse anunciou:

— Herr Kleinschmitt, senhor.

O homem baixo e franzino que irrompeu pela porta como um furacão vestia um uniforme preto muito justo e trazia uma braçadeira vermelha com a suástica no braço esquerdo. As letras SS na gola identificavam-no como um membro daquele temido e odiado grupo, instrumento pessoal e guarda pretoriana do Führer. Mas Kleinschmitt era mais do que isso: era um agente secreto do Estado. Geheime Staatspolizei ou simplesmente Gestapo. No passado, Becker conhecera alguns deles e passara a odiá-los a todos, indistintamente.

Levantou-se e cumprimentou-o com uma polidez estudada, que mal disfarçava seu desdém.

— Bom dia, Standartenführer. O senhor madrugou. Kleinschmitt não era nenhum tolo. Percebeu a velada ironia de suas palavras e retrucou:

— Se o senhor se levantasse mais cedo, talvez o infeliz incidente que me trouxe até aqui não teria ocorrido.

Becker não disse nada. Esperou simplesmente pelo primeiro golpe, que não tardou a vir:

— Chegou ao nosso conhecimento que, nesse caso da sabotagem da fábrica, o senhor não empregou os métodos convencionais para interrogar os suspeitos. Pode me explicar por quê?

Os "métodos convencionais" significavam tortura e Becker tinha uma repugnância visceral por tais táticas. Jamais violentara uma criatura para conhecer-lhe os segredos, como um ladrão que assaltasse pelas costas.

— Torturas e represálias podem provocar reações inesperadas por parte da população. Eles estão esperando retaliação e a terão, quando Duclos for executado. Mas não é prudente ir além disso.

— Não seja ridículo, coronel — disse Kleinschmitt, furioso. — O medo é a única coisa que essa gente compreende. O senhor está pondo em risco a operação, oferecendo a imagem de um homem fraco e indeciso.

— Não concordo.

— O senhor não tem experiência para lidar com uma população hostil!

— Tenho um conhecimento básico da natureza humana. E acho que isso é suficiente — respondeu Becker.

— Onde ganhou esse conhecimento? Na Universidade de Leipzig? — O agente fitou-o, sarcástico — O medo é uma emoção forte. Se eles tiverem medo, obedecerão.

Becker voltou-se sem responder. Havia coisas mais fortes do que o medo. Esperança, amor, determinação, coragem. Qualquer estudante de História sabia que a repressão selvagem alimentava a rebelião. Mas Kleinschmitt tinha dentro de si a semente do fratricídio, o terrível impulso de espancar, estrangular e matar.

— Vou ser destituído do comando? — perguntou, esperançoso.

— Certamente que não, embora esse ato de sabotagem tenha desagradado ao Reich Führer Himmler. Ser for removido agora, será uma admissão de que perdemos o controle da situação. O senhor permanecerá em seu posto e redobrá suas medidas de segurança!

Kleinschmitt fez uma pausa demorada.

— O senhor tem apenas um homem. Mas ele não pode ter feito o trabalho sozinho. Deve haver outros.

— Somos odiados por todos, aqui. Quem pode saber quem o ajudou a roubar a dinamite?

— Pode ser trabalho de um grupo organizado. Nesse caso, se interrogarmos convenientemente o prisioneiro, antes de sua execução, poderemos conseguir alguma informação importante.

"Surrá-lo até perder a consciência, esmagar-lhe os rins, quebrar-lhe os ossos, eis o que você chama de interrogar!", pensou Becker, desanimado.

— O rapaz não tem ainda vinte anos e vamos tirar-lhe a vida. Isso devia ser suficiente para nós.

Kleinschmitt fitou-o gelidamente. "Que idiota", pensou, "preocupando-se com um cam-

ponês simplório!" Porém, com um passado de tradições instilado no sangue, que mais poderia se esperar dele? Os homens de sua casta orgulhavam-se de ter as mãos e as consciências limpas, e recusavam-se a fazer o jogo da Gestapo. Mas, no futuro, veriam que isso de nada lhes serviria. No novo Reich, o que contava era o poder. E em breve, ele, Kleinschmitt, filho do açougueiro de Baden, alcançaria o poder!

— Devo informá-lo que fui designado para observar seu procedimento, daqui em diante. Estarei verificando cada medida que tomar e enviarei relatórios nesse sentido à Chancelaria. — O agente fez uma pausa demorada. — Até agora, fomos extremamente amáveis consigo. Mas saiba que poderemos ser extremamente desagradáveis.

Becker olhou-o com indiferença. Kleinschmitt não o assustava, embora pudesse causar-lhe problemas sérios no futuro.

— Presumo que ficará aqui para assistir à execução.

— Sim, claro. Meu chefe quer que eu lhe envie a informação de que o caso está encerrado. Enquanto isso, gostaria de conhecer seu quartel-general.

— Certamente. — O coronel levantou-se e abriu a porta. — Hesse, acompanhe o Standartenführer e mostre-lhe nossas instalações.

Hesse bateu continência e deu um passo para trás, permitindo que o oficial do serviço de informações o precedesse. Antes de se afastar, olhou para o coronel, que assentiu levemente, encorajando-o.

Sozinho, Becker afrouxou a gola da túnica e acendeu um cigarro. Pobre Alemanha, nas mãos de homens como Kleinschmitt! Verdade que nem todos os membros da Gestapo eram tão grotescos quanto ele. A maioria era constituída de meros oportunistas e alguns eram até homens brilhantes.

Havia, contudo, algo em comum entre eles, algo que os tornava perfeitamente adequados para a tarefa que desempenhavam. Não era simples crueldade, mas uma total indiferença diante de tudo que não estivesse ligado a seus próprios interesses e à causa do Reich. Na ânsia de dominarem o mundo, viam suas vítimas não como seres humanos, mas como obstáculos a serem eliminados.

Mas não havia nada a fazer. Era assim e estava acabado.

Becker apagou o cigarro no cinzeiro e abotoou a gola da túnica. Conseguiria passar por mais essa provação e o faria unicamente por Lysette.

A execução de Alain, destinada a servir de exemplo à população, teve poucos espectadores. Quando ele chegou a praça da igreja, de olhos vendados e punhos atados, um grande silêncio se estendeu sobre a cidade. Sua morte veio numa rajada de violência, mas foi misericordiosamente breve.

Sua família não estava lá, no momento de sua rendição final. Henri permaneceu encerrado em seu quarto, para onde se retirara desde que seu filho fora preso. E Laura e Brigitte respeitaram sua última vontade.

Quando tudo terminou, os irmãos Thibeu, acompanhados pelo padre Deslourdes, apareceram para envolver o corpo numa mortalha branca e levá-lo para sua casa, onde ele seria velado até o seu sepultamento.

De pé, junto à janela, Becker olhava para a rua deserta lá embaixo. Dali viam-se apenas os

telhados das casas e um retângulo de céu sombreado, onde tremulavam as primeiras estrelas. Após o almoço, voltara para seu gabinete, mas não pudera fazer nada que prestasse. E logo que bateram as três horas, fora para seus alojamentos, prostrado. A vergonha daquele dia o acompanharia todos os minutos. Nunca descera tanto, nunca cometera maior indignidade!

Uma leve batida na porta arrancou-o de suas amargas divagações. Alcançou-a com duas passadas e abriu-a.

— Lysette... — murmurou, estreitando a moça contra o peito. Ela aconchegou-se em seus braços.

— Esperei tanto por este momento...

— Quatro dias.

— Tempo demais...

Sem esperar um minuto sequer, ergueu-a nos braços e levou-a para o outro quarto, depositando-a sobre a cama.

Lysette acendeu o pequeno abajur da mesinha-de-cabeceira e ficou a olhá-lo, enquanto ele se despiu. Quando ele a enlaçou e prendeu-lhe os lábios num beijo, aninhou-se nos braços dele e deixou-o tirar-lhe as roupas até desnudá-la inteiramente.

E quando ele a possuiu ferozmente como se assim pudesse aliviar o peso que lhe oprimia o peito, deu-se melhor e mais do que nunca, ousando o que jamais imaginara possível ousar.

Passada a volúpia, Becker encostou-se ao travesseiro e ficou a olhá-la com mal contida angústia.

Ela roçou os lábios no ombro dele.

— O que foi, Anton? Você parece triste.

— Aquele rapaz... Duclos, foi fuzilado hoje.

— Eu sei.

— Cheguei a pensar que você não viesse esta noite.

Lysette o olhou fixamente.

— Por causa disso?

Becker assentiu.

— Aquela sua amiga americana me procurou.

— Para interceder pela vida do cunhado?

— Não. Ela sabia que nada poderia salvá-lo. Queria vê-lo pela última vez.

— Você deu a permissão?

— Sim, dei. Mas não teria acreditado que ela fosse se humilhar a esse ponto.

— Ela gostava muito de Alain. Certas coisas são mais importantes do que o orgulho.

Ele ficou calado.

— A morte de Alain não impedirá o povo de lutar, Anton.

— Eu sei... eu sei...

— "O sangue dos mártires é a semente da igreja!"

Ele se voltou, surpreso, e a tensão de seu rosto afrouxou-se num leve sorriso.

— Parece que as irmãs ensinaram-lhe também latim. Tertuliano, não?

— Não tenho certeza. Elas costumavam citar esse versículo, quando nos ensinavam que as perseguições e a opressão tornaram os cristãos mais determinados a suportar o martírio.

— Você acha que eu fiz de Alain um mártir?

— Ele estava tentando libertar sua terra do opressor. Você não teria feito o mesmo?

Becker fitou-a em silêncio, longamente, estudando-lhe a fisionomia.

— Por que você não me odeia, como os outros? Ela acariciou-lhe o rosto.

— Senti, desde o começo, que você não era como eles.

— Mas eu sou um deles! — lembrou-a Becker, sombrio. — E nem eu nem você poderemos esquecer isso. Jamais.

Lysette respirou fundo, como se estivesse recolhendo forças.

— Há uma coisa que eu quero lhe dizer, Anton.

— Pois diga.

— Sabe que meu pai era polonês?

— Sim, você me disse.

— Mas não disse que ele era judeu.

Ele fitou-a sem entender.

— Ninguém sabe — continuou ela, calmamente. — Sou filha ilegítima. Na minha certidão de nascimento aparece apenas o nome de minha mãe.

Diante do obstinado silêncio dele, ela perguntou, ansiosa:

— Você não se importa com isso?

— Minha querida Lysette... Estou arriscando a liberdade e até a minha vida. Se meus superiores souberem que estou mantendo relações com uma francesa, eu poderia ser julgado e condenado. E você seria marginalizada por seus próprios compatriotas, se o caso viesse a público. Não acha que as coisas já estão bastante ruins? O fato de você ser meio judia não pode torná-las piores.

Ela respirou, aliviada.

— Pensei que você fosse me rejeitar quando soubesse disso. Becker ergueu-lhe o queixo com dois dedos e obrigou-a a encará-lo.

— Não faço parte desse bando de fanáticos, Lysette. Por que acha que estou aqui?

Ela não respondeu e ele prosseguiu:

— Não sabe que eles me mandaram para cá para me punir? Queriam ver-se livres de mim sem me eliminarem porque minha família é muito importante.

— Quem são "eles"?

— Os nacional-socialistas — disse Becker.

— Ah, os nazistas...

— O pai e os irmãos de minha mulher são membros proeminentes do partido, embora descendam dos Hohenzoller, príncipes de Brandenburg.

— Compreendo.

Ele fez uma pausa demorada. Quando falou, era como se falasse consigo mesmo:

— Elise e eu parecíamos feitos um para o outro...

— Você estava apaixonado por ela?

— Éramos ambos jovens e ela era muito bonita. — Ele suspirou. — Mas isso não tem mais importância.

— O que aconteceu?

— Tivemos dois filhos e tudo parecia ir bem até a ascensão do nazismo. Aí começaram nossas divergências políticas.

Becker acendeu um cigarro e soprou a fumaça.

— Eu não queria nem pensar que meus compatriotas fossem permitir que essa ralé subisse ao poder. Falei demais e isso não foi esquecido. Relegaram-me a um segundo plano. Elise percebeu que estava casada com uma pária e não com uma estrela em ascensão, afastou-se de mim, e passou a freqüentar assiduamente a casa de seu pai, participando de seus interesses políticos.

— Por que não se divorciaram?

— Ela temia um escândalo e eu não insisti porque tudo me parecia inútil. Não poderíamos estar mais distanciados um do outro do que estamos agora.

— E seus filhos?

— Elise queria liberdade para dedicar-se inteiramente à vida social e mandou-os para um colégio interno. Mas encorajou-os a me ignorar, levando-os a crer que eu era um tipo excêntrico, cujas idéias bizarras punham em risco o bom nome da família. Atualmente eles me tratam como se eu fosse um doente mental ou algo parecido.

Becker acabou de fumar o cigarro e apagou-o cuidadosamente no cinzeiro. Depois concluiu:

— E foi desse modo, minha cara Lysette, que eu vim parar em Bar-lec-Duc. Aqui não havia perigo que eu pudesse causar problemas ou me tornar um herói, como meu pai. Para o propósito deles, o exílio era tão eficaz quanto a morte.

Ela o olhou com piedade.

— Como pode suportar isso?

— A despeito de tudo, amo meu país e quero acreditar que a Alemanha sobreviverá a esses tempos obscuros, como sobreviveu a outros, ao longo dos séculos. Mas enquanto isso não acontece, não posso manchar a memória de meu pai, recusando-me a cumprir o meu dever. Ficarei aqui.

— Sem nenhum amigo, a não ser eu?

— Sim, Liebchen. Sem ninguém a não ser você.

Ele se voltou para ela. Lysette estava sentada na cama, com os cabelos soltos sobre os ombros e os seios nus.

— Chegue aqui, sim?

Um sorriso de felicidade apareceu nos lábios dela.

— Eu o amo, Anton.

— Eu também, Liebchen.

Alain repousava num caixão de cedro, parecendo concentrar em si toda a luz filtrada pelas longas cortinas. Seus cabelos loiros, anelados, estavam penteados para trás. Seus longos cílios escuros descansavam sobre as faces pálidas, onde mal se notavam o contorno dos lábios. Na morte, ele parecia um anjo mergulhado num calmo sono.

De pé junto à porta da saia de visitas, Laura ouvia o murmúrio das velhas orações mesclado a sussurros de vingança, profundamente absorvida na contemplação daquele rosto amado e nas lembranças do passado.

Foi só num intervalo das queixas e dos murmúrios, que ela percebeu que alguém estava batendo na porta dos fundos. Dirigiu-se à cozinha e espiou pela janela. Havia um desconhecido parado no pórtico.

Foi até a porta e abriu-a. O homem não estava vestido para o velório. Usava um suéter grosso sobre calças de lã e trazia um envelope amarelo nas mãos.

— Sra. Laura Duclos?

— Sou eu mesma.

— James Fournier, primo de Paul Curei — apresentou-se ele. Depois, olhando nervosamente para os lados, acrescentou: — Trago uma mensagem do piloto americano.

— Harris?

— Sim, madame. Ele ficará em Londres, no Hotel Russell, de dez a dezessete de setembro. E quer que a senhora vá encontrar-se com ele.

— Em Londres?

— Sim, senhora. Isto aqui é para a sua viagem. Dólares americanos. — Fournier sorriu e entregou-lhe o envelope amarelo.

A resposta de Laura foi imediata:

— Não posso aceitar!

— Mas a senhora tem que aceitar! Essa foi a Ordem que recebi — o francês falou com vigor, parecendo temer que ela se retirasse sem dar-lhe tempo de cumprir sua missão.

— Está bem — disse ela para acalmá-lo, e enfiou o envelope no bolso da saia.

— Use o dinheiro para comprar a passagem, ou ofereça-o ao grupo, se não puder ir. Foi isso o que Harris me disse.

Fournier puxou a aba do boné para cima e olhou para os lados.

— Preciso ir. Os alemães estão interrogando todo o mundo. Laura passou-lhe a mão no braço.

— Como está Harris?

— Estava bem, quando o levei em meu barco até a Inglaterra. Adieu, madame. Que Deus tenha piedade da alma de Alain.

Ela ficou na porta e viu-o atravessar o campo e chegar à estrebaria de Langtot. Depois entrou. Tirou o envelope do bolso e estava para desatar a fita que o fechava, quando Brigitte chegou.

— Fui ver papai — explicou ela. — Ele me chamou de Claire e me perguntou o que faz toda essa gente em nossa casa.

— Que foi que você lhe disse?

— Que era uma reunião de igreja.

A moça olhou para o envelope que Laura tinha nas mãos.

— Dinheiro?

— Sim.

— Reichmarks? Marcos alemães?

— Dólares americanos.

Os olhos de Brigitte arredondaram-se de espanto.

— Onde os conseguiu?

— Dan Harris mandou-os para mim.

— Harris... aquele fuzileiro que vocês estavam escondendo?

— Quer que eu vá me encontrar com ele em Londres.

— E você vai, não vai? Laura deu um profundo suspiro.

— Como posso ir, Brigitte? Alain morreu e...

— Acha que ele iria ressuscitar se você permanecesse aqui? — cortou a moça.

— Que coisa terrível você está dizendo... — murmurou Laura, chocada.

Brigitte encolheu ligeiramente os ombros.

— Há uma coisa que a morte de Alain me ensinou: aproveitar ao máximo cada momento da vida.

— Aproveitar a vida? Thierry morreu há menos de um ano...

— Isso reforça meu ponto de vista — tornou a moça, inflexível. — Perdi dois irmãos e meu pai tornou-se um ser desfibrado, vivendo no terror mortal dos alemães, se não se mostrar submisso. Quantas pessoas mais serão destruídas, antes que isto chegue a um fim? Não há tempo, percebe?

— Não sei o que fazer.

— Sim, você sabe. Está apaixonada por ele, não está? Laura não respondeu.

— Alain me disse que você e o americano tinham-se tornado íntimos.

— Alain sofreu muito por causa disso.

— Ele estava confuso. Você tem que esquecer isso e continuar a viver.

— Na véspera de sua morte ele me disse que queria a minha felicidade.

Os olhos de Brigitte encheram-se de lágrimas.

— Viu só?

— Mas...

— Você não respondeu minha pergunta — tornou sua cunhada com firmeza. — Está apaixonada por esse americano?

— Não sei. Com Thierry, as coisas eram fáceis, confortáveis e seguras. Com Harris tudo parece arriscado e assustador... e por isso mesmo excitante. Não sei dizer o que sinto por ele.

— Mas você quer ir ao encontro dele, não quer?

— Tenho muito que fazer aqui. As aulas vão recomeçar na semana que vem.

— Lysette dará um jeito, não se preocupe. E pare de arrumar desculpas.

Laura fitou-a, incrédula. Não esperava que Brigitte defendesse seus pontos de vista com tanta firmeza. Sua cunhada estava amadurecendo rapidamente.

— E Henri? Ele está piorando a cada dia que passa.

— Meu pai não consegue encarar o mal que fez.

— Tenho receio de que ele se torne violento.

— Não creio. Vi gente como ele no hospital, que se refugia no passado, quando as coisas eram melhores. Ele não oferece nenhum perigo.

— Tem certeza?

Brigitte apertou-lhe a mão.

— Tome o trem para Calais e vá encontrar-se com Harris, Laura. Você tem documentos americanos. Os alemães não podem impedi-la de viajar.

— Terei que pedir um salvo-conduto.

— Vá ver Becker amanhã de manhã.

Capítulo VIII

Kurt Hesse apresentou-se diante do coronel e esperou que ele erguesse os olhos, antes de falar:

— Madame Duclos quer vê-lo, senhor.

Becker deixou cair a caneta e perguntou, admirado:

— O que ela quer?

— Um salvo-conduto.

— Vai viajar, então.

— Sim, senhor.

— Para onde ela quer ir?

— Não sei, senhor.

Ele suspirou fundo. Aquela mulher era outra cruz em seus ombros. Mas ordenou:

— Faça-a entrar.

A americana entrou e ficou de pé diante dele. Como sempre, seus olhos verdes o deixavam nervoso. Mas disse calmamente, com sua frieza habitual:

— Madame Duclos... Parece que a senhora quer fazer uma viagem.

— Sim, coronel.

— Qual é seu destino?

— Inglaterra.

Ele ergueu os ombros, surpreso.

— Posso saber qual é o motivo dessa viagem?

— Lazer. Vou sair de Fain para passar um breve período de férias em Londres.

Becker estudou-a em silêncio, intuindo que aquela partida, logo após a morte do rapaz, encobria alguma coisa. Aparentemente não havia motivo para suspeitar dela, mas...

— A senhora não pode gozar suas férias aqui mesmo, na França?

Um sorriso momentâneo iluminou o rosto sério de Laura.

— Tenho um amigo em Londres, que não vejo há muito tempo, e gostaria de aproveitar esta oportunidade para revê-lo.

Becker não ficou convencido, mas sabia que não havia nada a fazer. Ela estava protegida por sua cidadania americana. Se tentasse interferir em seus planos, poderia provocar um incidente diplomático. E isso era a última coisa que queria no momento. Tirou um formulário da gaveta e pôs-se a preenchê-lo.

— Quanto tempo vai ficar fora?

— Uma semana.

Não pôde conter esta observação:

- Pensei que a senhora fosse permanecer aqui, confortando os parentes de seu marido.
- Laura fitou-o e disse com voz calma, quase paciente:
- No estado em que meu sogro se encontra, não há nada que eu possa fazer por ele.

Quanto à minha cunhada, ela tem seu trabalho no hospital para confortá-la.

"E outro trabalho clandestino", refletiu Becker, certo de que as duas mulheres tinham ligação com os "maquis".

- Tem sorte em poder viajar numa época destas, madame.

Laura estendeu a mão para apanhar o salvo-conduto, dizendo com voz clara, incisiva e firme:

- É a vantagem de ser americana, coronel.

Ele olhou-a fixamente, pensando que aquela frase expressava bem a mulher que estava diante dele. Depois, sem uma palavra, depositou-lhe o passe na mão.

No corredor, Laura desdobrou o papel, curiosa. "Ville de Bar-lec-Duc" estava escrito no alto. A seguir, o formulário preenchido indicava que Laura Duclos, Citoyenne américaine, tinha permissão de ir de Fain-les-Sources para Londres, numa viagem de ida e volta. Embaixo, sob os dizeres "governo militar do Mosa, França", havia a assinatura do coronel: Anton Becker, Oberst.

Satisfeita, ela tirou a carteira da bolsa e juntou o documento à sua carte d'identité. Agora, só lhe faltava combinar com Lysette a data da reabertura da escola. Então, poderia voltar para casa e fazer as malas.

Brigitte só percebeu que Kurt a seguira quando ele a alcançou no fim do corredor e bloqueou-lhe o caminho. Ela quis passar e evitá-lo, mas ele a agarrou pelo braço e a introduziu quase à força no gabinete de Becker, fechando a porta atrás de si.

- Deixe-me ir! — protestou em voz alta. — Não quero falar com você.

Ele fitou-a com calma.

- Mas eu quero falar com você.

- Sobre o quê? Morte, crueldade e destruição?

A frase ficou suspensa no silêncio que se fez entre ambos.

— Pensei que você fosse integrar o pelotão de fuzilamento — tornou ela, tomada de súbita maldade.

— O coronel selecionou atiradores de elite para essa tarefa — disse ele, não podendo livrar-se de todo seu sentimento de culpa.

- Para não perder um alvo colocado a dez metros de distância?

Ele lhe lançou um olhar que foi até o fundo da alma.

— Por razões humanitárias. Se o pelotão falhasse o alvo, os tiros teriam que ser repetidos e o condenado sofreria duas vezes o pavor da execução.

Subitamente, os olhos dela encheram-se de lágrimas.

- Alain sofreu muito?

- Não. Teve morte instantânea.

Hesse quis puxá-la delicadamente para si, mas ela desprendeceu-se com violência.

- Você matou meu irmão!

O rosto dele anuviou-se.

— Não matei. Pelo contrário, tentei salvá-lo. Brigitte o encarou, ainda zangada.

— De que modo?

— Quando Becker me ordenou que fosse buscar seu pai, fiz de tudo para dissuadi-lo.

— Havia alguma razão para isso?

— Imaginei que o velho fosse entregar Alain.

Ela balançou a cabeça, perplexa. Não conseguia compreendê-lo.

— Você sabia que Alain estava envolvido na explosão da fábrica?

— Suspeitava.

— E não contou nada a Becker?

Hesse encolheu os ombros.

— Acho que ele também desconfiava. De qualquer modo, limitei-me a seguir suas ordens sem revelar minhas suspeitas.

— Fez isso em consideração a mim?

— Sim, querida!

— Sem se importar que meu irmão estava tramando contra o seu governo?

Hesse respondeu apenas:

— Isso não vai alterar nossas relações.

Súbito, toda a dor de Brigitte veio à tona, e ela agarrou-se a ele soluçando.

— Meu irmão morreu... Kurt, meu querido... Alain está morto!

Ele envolveu-a nos braços e pôs-se a afagar-lhe os cabelos, como o faria a uma criança, até que ela se acalmasse.

Às onze da manhã seguinte, Laura Duclos tomou o expresso que a levaria para Calais. Não viajava de trem desde a época da ocupação e achou a experiência enervante. Em todas as estações havia guardas alemães que entravam nos compartimentos para verificar os passes e os documentos, e para revistar as bagagens.

Suportou tudo com estóica paciência e foi recompensada. À vista do canal, com suas águas azuis ondulando à luz outonal, seu coração encheu-se de alegria.

No ferry-boat, debruçou-se à amurada sem se importar com o vento forte que jogava seus cabelos contra o rosto, e deixou que a memória se agitasse em breves lembranças. Quando a costa inglesa emergiu da bruma do horizonte, seu coração bateu mais forte. O que sentiria ao ver Harris? O tempo transcorrido tiraria toda naturalidade às suas relações? Iriam examinar-se um pouco embaraçados quando se vissem frente a frente?

Mas, ao entrar no trem que a levaria de Dover para Londres, estava tão exausta que não conseguiu pensar em mais nada. Dormiu durante todo o tempo que durou a viagem. Quando despertou, estava na estação Vitória. Apanhou suas coisas e desceu para a plataforma cheia de viajantes ansiosos, que chegavam ou deixavam a cidade. Mostrou seus papéis pela última vez, e encaminhou-se para a saída.

Lá fora, uma garoa fina descia do céu cinzento. Ao atravessar a praça, viu a primeira esquina destruída e só então lembrou-se de que Londres era uma cidade assediada. Ouvira notícias a respeito do bombardeio pela rádio francesa, que estava sob o rígido controle das Forças de Ocu-

pação. Mas um único olhar aos escombros foi suficiente para certifi-cá-la de que, ao menos daque-la vez, os alemães haviam dito a verdade.

Continuou a andar, tomada de repentina tristeza. Por toda a parte viam-se vestígios de um holocausto gigantesco. Paredes ruídas, trilhos e encanamentos arrancados do chão, montes de pedra atulhando a calçada antiga.

Com o coração oprimido, desceu as escadas da primeira estação de metrô que encontrou e foi consultar o mapa colocado à entrada. Localizou a Russell Square e então adquiriu o seu bilhe-te. Quando emergiu do subterrâneo, chovia copiosamente. Amarrou um lenço na cabeça para pro-terger-se e foi-se esgueirando pelas galerias cobertas até a esquina onde se localizava um hotel de fachada de pedra cinzenta.

Estava afogueada e sem fôlego quando entrou no hall cheio de gente, a maioria jovens fardados, rindo e falando alto. Tirou o casaco e correu os olhos em torno, pensando se não havia feito a viagem em vão. Talvez, no último momento, Harris...

E então o viu, sentado numa poltrona junto à janela. Sua pulsação acelerou-se à idéia de que iam ficar frente a frente. Atravessou o hall e, por um instante, houve uma lacuna em suas per-cepções. Quando se refez, já estava diante dele.

Harris levantou-se de um pulo, jogando no cinzeiro o cigarro que queimava entre seus dedos.

— Laura... Pensei que você não viesse. — A voz dele ficou rouca, quando acrescentou: — Faz dois dias que não saio desta poltrona.

Ele estava usando sua farda de capitão, com as insígnias prateadas brilhando nos ombros, e parecia tão bonito que Laura sentiu as lágrimas inundaram-lhe os olhos.

— Por que está chorando? Ela sorriu através das lágrimas.

— Nunca o vi de uniforme...

Ele a tomou nos braços e beijou-lhe de leve os lábios. Depois afastou-se três passos e fi-cou a admirá-la.

— Você está linda!

Ela enrubescou diante do olhar avaliador.

— Estou toda molhada da chuva.

Harris desatou-lhe o lenço e deixou-o cair sobre os ombros, dizendo:

— Deixe-me ver esses lindos cabelos. São os mais bonitos que já vi em toda a minha vida.

Depois fitou-a de novo, demoradamente. Só então disse:

— Sente-se. Temos muito que conversar.

Laura sentou-se na poltrona que ele lhe indicou e ficou a olhá-lo com um sorriso nos lá-bios.

— E então?

— Ainda não estou acreditando.

— Acreditando em quê?

— Que você está aqui. Não tinha certeza de que Fournier daria o recado.

— Não é tão difícil assim de acreditar.

— Estou à sua espera desde quarta-feira.

— Ficou em Londres na esperança de que eu viesse? Só por isso?

Ele confirmou com a cabeça.

— Pensei que fosse aproveitar a licença para visitar sua família.

— Irei vê-los depois. Esta era a minha única oportunidade de ver você.

Em volta deles, a multidão tornara-se mais compacta e barulhenta.

— Não quer subir? — perguntou Harris de repente. — Estaremos mais à vontade em meu apartamento.

Laura fez que sim, timidamente. Ele estendeu-lhe a mão e conduziu-a para o elevador com o braço em volta dela, como se ela fosse algo infinitamente precioso.

O quarto era pequeno, mas, limpo, com cortinas floridas nas janelas, e uma ampla cama de casal. Havia duas cadeiras ao lado de uma mesinha de mogno.

— Venha.

Harris acomodou-a numa delas e sentou-se ao seu lado.

— O que aconteceu em Fain, depois que eu parti? Laura baixou os olhos.

— Mataram Alain. Ele empalideceu.

— Então eles o apanharam... Apanharam mais alguém?

— Não. Alain não denunciou ninguém.

Harris virou a cabeça e olhou para além da janela, fixando os olhos a distância.

— Conte-me como foi.

Laura começou a falar e ele escutou-a, tomado de muda emoção. Quando ela terminou, disse tristemente:

— Pobre garoto... Insisti para que ele viesse comigo para cá. Que todos eles viessem.

Ela se inclinou para a frente e colocou-lhe a mão no braço.

— Alain nunca teria deixado a França. Ele queria ser um herói, como Thierry. Mas um herói em seu próprio país.

— E ele o foi — disse Harris com ênfase. — Não poderíamos ter levado avante nosso projeto sem a sua colaboração.

Houve um instante de silêncio, antes que ele perguntasse:

— E seu sogro?

— Tornou-se uma ruína humana. Recusa-se a comer e a deixar seu quarto. Está desorientado. Às vezes, confunde Brigitte com sua falecida esposa.

— Não consigo ter pena dele.

— Ele vive num inferno, Dan.

— A maioria das pessoas diria que ele está pagando pelo que fez.

— Pessoas como você? Certamente, não o acusa...

— Não acuso ninguém. Não cabe a mim julgá-lo. Harris consultou o relógio de pulso.

— São quatro horas. Hora do chá.

— Ótimo. Estava precisando de uma bebida quente — disse Laura, percebendo que ele relutava em dar o primeiro passo para reatar a intimidade que houvera entre eles. Mal a tocara, depois que a abraçara no salão...

Desceram e tomaram seus lugares à uma pequena mesa coberta com uma toalha de renda. Uma garçonete de touca e avental engomados saiu imediatamente de trás do balcão, trazendo um bule de chá e duas xícaras.

— Que Deus abençoe os ingleses — disse Harris com um sorriso. — Não permitem que nada interfira na hora de seu chá.

— Alô, ianque. Vejo que conseguiu sobreviver às bombas que os "Jerries" despejaram ontem à noite — retrucou a moça com bom humor. — O que vai querer?

— O que pode nos oferecer?

— Sanduíches de queijo, biscoitos e torta de maçãs.

— Traga um pouco de tudo. E também um uísque para mim. — Perfeitamente, senhor.

— Vi os sinais do bombardeio nas ruas — comentou Laura, depois. — Isso acontece sempre?

— Quase todas as noites. Se soubesse antes, não teria pedido que você viesse para cá.

— É tão terrível assim?

— Não imagina quanto. Chamam a isso de blitzkrieg. Guerra-relâmpago. É uma guerra psicológica, destinada a abater a população. Não há alvos militares em Londres.

— Tive a impressão de que os londrinos continuam a viver como sempre viveram.

Harris sorriu, anuindo.

— Hitler está redondamente enganado se pensa que seus reides noturnos vão assustar essa gente. Eles não se intimidarão.

Ele alcançou-lhe a mão por cima da mesa.

— Exatamente como alguns franceses que eu conheço. Ela sorriu, entrelaçando os dedos aos. dele.

— Concordo com você.

Ele a fitou em silêncio, por um instante.

— Minha licença termina no dia dezessete.

— Sei disso. O primo de Curei foi bastante claro.

— Passarei muito tempo fora. Fui designado para outra missão.

— Compreendo.

— Será uma missão de alto risco, algo muito mais abrangente do que o trabalho que fizemos em Fain.

A garçonete chegou com o pedido e ele calou-se. Depois que ela se afastou, tomou um gole de seu drinque e continuou:

— O que estou querendo dizer é que esta semana será tudo o que posso lhe oferecer. Não tenho futuro, Laura. Partirei dentro de uma semana para um lugar indeterminado. Nem mesmo meus pais poderão ter idéia de onde estarei.

Laura não fez nenhum comentário.

— Quis que você soubesse tudo antes de...

— Sim?

— Vou ser franco. Quero você, Laura. Desejo-a mais do que a tudo no mundo. Teremos alguns dias e uma eternidade só para nós dois... Mas, findo este intervalo, eu partirei e você não terá mais notícias minhas. É assim que tem de ser.

Ele apertou-lhe a mão com força.

— Você tem que tomar sua decisão. Se quiser ir embora, eu entenderei.

Laura fitou-o. Havia uma estranha expressão nos olhos dele. De certa forma, sabia que ele

estava com medo de sua resposta. A voz lhe tremia um pouco, quando disse:

— Não estou com fome. E você?

Harris soltou um suspiro e começou a sorrir.

— Eu também não.

Ele se levantou e deixou algumas notas em cima da mesa. Depois estendeu-lhe a mão.

— Venha.

O quarto estava em penumbra. Lá fora era quase noite. Olharam-se em silêncio durante alguns momentos e então Harris puxou-a para si. Laura foi sem a menor resistência e ergueu o rosto radiante.

Levemente, ele começou a beijar-lhe os olhos, as faces, o colo, os lábios macios com uma ternura quase despojada de paixão.

— Preciso de você, Laura.

— Eu também preciso de você, Harris. Sentia-me tão vazia, tão sozinha...

Com uma lentidão voluptuosa, ele retirou-lhe os grampos e soltou-lhe os cabelos, que caíam sobre os ombros dela como um manto de seda. Quase reverente, deixou-os escorrer por entre os dedos e depois inclinou-se para aspirar-lhes o perfume.

— O cheiro fresco e limpo de uma manhã de chuva. Ela emocionou-se.

— Faz tempo que não ouço palavras assim, meu querido.

Com delicadeza, ele deitou-a na cama e desabotoou-lhe a blusa de seda. Depois, numa ânsia incontida, tomou-lhe os seios nas mãos e beijou-os demoradamente. Ela fechou os olhos e suspirou de prazer.

— Oh, Harris...

Ele olhou-a. Ela estava linda, com os cabelos espalhados sobre o travesseiro, os ombros nus, um sorriso discreto curvando-lhe os lábios sensuais. Sua pele era macia e seus imensos olhos verdes irradiavam um brilho claro mesmo na penumbra do [quarto].

— Que bom que você esteja aqui, Laura. Ele inclinou-se e tomou-lhe as mãos.

— Compreende o que isso quer dizer?

Ela fez que sim, com os olhos cheios de lágrimas.

— Você precisa me amar, Harris...

Os lábios queimando, ele beijou-lhe a boca macia e úmida até senti-la tremer em seus braços. Depois, impaciente, despiu-se com gestos bruscos e cobriu-a com seu corpo.

O desejo explodiu com força, dominando-os. Os lábios dele eram ávidos, devoradores, e os dela famintos e selvagens. A entrega se fez total.

Laura soltou-se dos braços de Harris e ele protestou no sono, tentando retê-la. Ela esperou um instante, para ter certeza de que ele não despertaria e então caminhou de pés nus até o lavatório.

Lavou o rosto e mirou-se no espelho para prender os cabelos no alto da cabeça. Não se reconhecia naquela mulher nua, de rosto ruborizado e olhos cintilantes como esmeraldas. Mas quando sussurrou "Isto é amor", a exaltação que tinha tocado seu rosto de magia dissipou-se.

Voltou-se e contemplou o homem adormecido. Ele estava de bruços, a cabeça virada para um lado, o braço esticado sobre o travesseiro. Olhou para seu belo corpo de atleta e lembrou-se dos momentos inesquecíveis que ele lhe proporcionara.

Deitou-se a seu lado e disse baixinho "Harris"! Ele a enlaçou imediatamente, aquecendo-lhe o corpo frio com o seu calor. Laura fechou os olhos, pensando tristemente:

"Dentro de alguns dias tudo estará acabado. Ele seguirá seu caminho e eu seguirei o meu".

Quando voltou a abri-los, viu Harris apoiado no cotovelo, a observá-la.

— Alô, beleza.

Ela sorriu.

— Alô.

— Sabe que horas são?

— Não tenho a menor idéia.

— Oito horas.

— Hora de jantar?

— Hum, hum... Não quer descer até o salão?

— E vestir-me? Ah, não!

— Nesse caso, vou chamar a camareira.

Harris vestiu as calças e dirigiu-se para a porta. Voltou cinco minutos depois.

— Conseguiu alguma coisa? — perguntou Laura.

— Não receberam suprimentos frescos hoje, por causa do bombardeio. Podem nos servir apenas chá e hors d'oeuvres. Vamos experimentar?

— Para mim, está ótimo.

Ele tornou a sair. Quando voltou, sentou-se na beirada da cama e tomou-a nos braços.

Laura pousou o rosto no ombro dele e pôs-se a brincar com a medalha presa à sua correntinha.

— Harris, Daniel P. — leu ela em voz alta. — O que significa esse P?

— Patrick.

— Sua mãe é irlandesa?

— Meus avós eram.

Ela ergueu a cabeça para olhá-lo.

— Isso explica seus olhos azuis.

— E meu temperamento exaltado.

— Não acho que você seja temperamental. Acho-o até bastante calmo.

— Estou procurando causar boa impressão em certa dama.

— Nunca tira essa medalha?

— Não, é o regulamento. Serve de identificação em caso de... acidente.

Harris acendeu um cigarro e levantou-se.

— Acho que fui egoísta pedindo que você viesse para cá — disse, caminhando para a janela.

— Por que egoísta? — perguntou Laura, surpresa. Ele apontou para a cidade lá embaixo.

— Isto aqui vai ficar um inferno.

— Você não podia ter adivinhado.

Laura vestiu o roupão e chegou por trás, abraçando-o pela cintura.

— É por isto que seus olhos estão sempre tristes? Temos ainda seis dias, Dan. Vamos

aproveitá-los!

Ele se voltou e estreitou-a nos braços.

— Não quero que me esqueça, Laura.

— Não vou esquecê-lo, Dan. Nunca!

— Tudo é tão incerto! A invasão da Polônia, a ocupação da França... Isso foi apenas o começo. Quem sabe o que nos espera?

Houve uma batida na porta e Harris despreendeu-se delicadamente dela.

— Sim?

— Seu pedido, senhor.

Ele foi atender e voltou empurrando um carrinho, que colocou ao lado da cama.

— Venha, Laura. Quero servi-la.

Ele serviu um prato com fartura e passou-o às mãos dela.

— Isto é apenas o início.

Serviu-se também e começou a comer, percebendo de repente que estava com um apetite devorador.

— Muito bom, não acha? — perguntou, entre dois bocados.

Laura concordou, enquanto se servia de chá.

— Você devia estar faminto.

— Estou me preparando. Tenho a impressão de que preciso comer muito para resistir.

— Daniel... — protestou ela, indignada.

— Diga que não quer isto. — Harris tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-lhe as pálpebras. — E isto — completou, mordendo-lhe levemente a orelha, enquanto ela ria, sem fôlego.

Subitamente sério, ele contemplou-a. Ela estava com o roupão caído nos ombros, revelando os seios redondos que freavam de desejo. Pousou carinhosamente uma das mãos sobre eles, enquanto a outra desatava-lhe nervosamente a faixa amarrada na cintura.

— Tão doce... tão macia — murmurou, enquanto mergulhava com ela nas profundezas da paixão.

Laura despertou no meio da noite, com o barulho estridente de uma sirene. A primeira idéia que lhe ocorreu foi que se tratava de um incêndio. Súbito, percebeu que o alarme era diferente e então lembrou-se de onde estava. Sentou-se na cama, incerta sobre o que fazer.

Harris não lhe deu tempo para pensar. Jogou a coberta para um lado e pulou para o chão.

— Reide aéreo!

Ele vestiu-se rapidamente e depois atirou-lhe o impermeável.

— Vista isto por cima da camisola! — gritou-lhe impaciente, enquanto o estridente barulho de uma bomba foi aumentando até o desmedido fragor da explosão. — Não temos tempo a perder.

No corredor, os hóspedes já saíam de seus quartos, precipitando-se para as escadas sem fazer caso do pequeno elevador.

— Para onde vamos? — perguntou Laura.

— Para o abrigo subterrâneo.

Parte da adega do hotel havia sido reforçada com vergalhões de aço e blocos de concreto, e apresentava as garantias de um bom abrigo antiaéreo. Encontraram lugar num canto, um pouco

afastados da multidão de hóspedes que entravam, acotovelando-se e falando alto.

— É o segundo aviso — disse alguém, perto deles. — Estão chegando novamente...

Harris passou o braço pelos ombros de Laura, enquanto um leve tremor percorria a adaga. Quando ressoou o estampido rouco de uma explosão, a conversa parou para logo recomeçar mais alta e aguda. Seguiram-se outras três explosões, rápidas e mais próximas. As paredes estremeceram, e a luz vacilou até extinguir-se por completo.

As conversas cessaram. Algumas velas foram acesas, mostrando rostos imóveis, à escuta, enquanto lá fora o estridor prosseguia. Aos poucos, as explosões pesadas foram cessando, permanecendo apenas as saraivadas das baterias antiaéreas que continuavam a funcionar.

— Foram-se. Acabou o ataque — comentou um velho, com um suspiro.

— Bandidos! — murmurou Harris, brandindo o punho fechado. — Ainda vou apanhá-los.

Laura sorriu.

— Sozinho?

— Se for necessário — retrucou ele, irritado.

— Isso pode levar muito tempo, Dan. — Ela tornou a sorrir. — Podemos ir agora?

Ele olhou em volta. A maioria dos hóspedes estava se dirigindo para as escadas.

— Sim, claro.

Foram seguindo a multidão. Ao passarem pelo saguão, viram um carro-pipa lançando jatos de água sobre um edifício em chamas do outro lado da rua.

— Essa caiu perto — observou Harris. — Mais algumas dezenas de metros e seríamos nós o alvo.

Voltaram em silêncio para o quarto. Quando a porta fechou-se atrás deles, ele inclinou-se para Laura e lhe acariciou de leve o rosto.

— Acho que deve voltar imediatamente para a França. Aqui não há a mínima segurança para você.

Ela sentiu um aperto no coração.

— Não há segurança em Fain. Não há segurança em nenhum lugar da Europa!

— Então volte para os Estados Unidos! — tornou ele, exasperado. — O episódio desta noite não a convenceu de que ninguém está brincando por aqui?

— Sei que não é uma brincadeira desde o dia em que mataram Alain.

Harris pegou-lhe o queixo, levantando-lhe o rosto para olhá-la nos olhos.

— Sinto muito, garota. É que tenho medo que algo lhe aconteça.

— O céu estava nublado. Pensei que os reides só acontecessem com o céu limpo.

— O tempo melhorou enquanto dormíamos — murmurou ele, curvando-se para acariciar-lhe o pescoço com os lábios, enquanto suas mãos ávidas desabotoavam-lhe o impermeável. Laura fez cair a alça da camisola e puxou-lhe a cabeça para os seios, deixando-o sentir sua nudez. Quando ele pousou a boca sobre o bico rígido, sentiu o calor começar a correr-lhe pelo corpo e fechou os olhos.

O céu continuou encoberto até o fim de semana. Indiferente às nuvens carregadas e às pancadas intermitentes de chuva e vento, Laura e Harris saíam para explorar a cidade e passear pelos parques ou almoçar em algum hotelzinho discreto dos arredores. Por mais que soubessem que em breve teriam de se separar, não pensavam nisso porque não podiam mesmo confiar no

destino.

O domingo foi um dia calmo e tranquilo. Tomaram o café da manhã num pequeno bar em Kensigton, voltaram ao hotel e passaram quase a tarde inteira na cama, amando-se e conversando descontraidamente, como se tivessem todo o tempo do mundo à sua disposição.

À noite, foram ao cinema. Durante o percurso de volta, a noção da partida interpôs-se subitamente entre eles, com a força de uma realidade inevitável. Parados na praça deserta, olharam-se em silêncio, experimentando a sensação de que uma tempestade os ameaçava e que não podiam fazer nada para evitá-la.

Ficaram imóveis à espera de que aquela emoção passasse. Pareceu decorrer uma eternidade até que Harris conseguisse dizer:

— Você está chorando?

— Não. É que... preciso me acostumar com a idéia de que iremos nos separar.

Recomeçaram a caminhar, o desespero que tinham conseguido evitar começando a envolvê-los.

No quarto, Laura acendeu o abajur e, de pé à frente de Harris, desabotoou lentamente o vestido, deixando que ele escorregasse para o chão. Alguns instantes depois, seus lábios se colavam aos dele e seu corpo quente o recebia.

Harris ainda pôde ouvi-la sussurrar;

— Tomara que essa noite nunca chegue ao fim...

Ele despertou lentamente e viu as cobertas jogadas sobre o assoalho. Tinha acreditado, como Laura, que aquela noite não teria fim, mas agora sentia o tempo voltar, rastejando sobre aquele silêncio. Pôs-se a contemplá-la. Sua respiração era calma e ritmada. Ela ainda não voltara à realidade.

Estendeu a mão para apanhar o cigarro. Enquanto o acendia, ouviu-a dizer:

— Que horas são?

Virou-se. Os olhos dela brilhavam, claros, no rosto pálido.

— Quase oito e quarenta.

— Tão tarde? A que horas vão passar para apanhá-lo?

— Às dez. Temos tempo de sobra para tomarmos um bom café da manhã.

Laura pousou-lhe a mão no corpo e correu os dedos sobre seu peito.

— Harris...

Meia hora depois deixavam o quarto, cada qual com sua maleta na mão. Antes de sair para o corredor, Laura parou na porta e virou-se.

— Esqueceu alguma coisa? — perguntou ele. Ela sacudiu a cabeça.

— Quero gravar tudo na memória.

O salão estava quase vazio. A garçonete deixou a bandeja com o chá à frente deles e foi embora.

— Coragem! — disse Harris. — Vai ver que não será tão ruim assim.

— Estou preocupada com você.

— Estarei bem.

— Tem certeza?

— Claro.

Ele levou a xícara aos lábios e tornou a colocá-la em cima da, mesa sem provar o chá.

— Não quero que chore.

— Não vou chorar — prometeu ela com um fio de voz.

— Assim que se fala. — Ele sorriu. — O que vai fazer quando chegar em Fain?

— As aulas já recomeçaram. Quanto mais trabalho eu tiver, melhor. Não terei tempo para pensar.

— Você sabia que seria assim.

Ela não teve coragem de falar. Limitou-se a assentir em silêncio.

— Tem certeza de que não quer voltar aos Estados Unidos? Daqui seria muito mais fácil.

— Prometi a Brigitte que voltaria.

Ele fitou-a longamente. Depois, num gesto inesperado, tirou as pequenas asas de prata da gola do uniforme e colocou-as na mão dela.

— É tudo o que tenho para lhe oferecer.

Laura apertou as insígnias com tanta força que quase lhe machucaram a mão.

— Não vou esquecê-lo, Harris. Jamais, enquanto eu viver. Ele acariciou-lhe o rosto.

— Não me acompanhe até o carro. Quero despedir-me de você aqui, levando comigo a recordação de como a vejo nesse instante e não no meio de uma multidão. Pode compreender isso?

— Sim, posso.

— Eu a amo, Laura. — Ele beijou-lhe a mão e levantou-se.

Ela manteve o sorriso até que ele saísse do salão. Correu então para a janela e levantou a cortina. Harris estava parado ao lado da porta aberta do carro, olhando fixamente para as janelas envidraçadas do salão de chá. Viu-o tirar um cigarro do bolso e acendê-lo. Só quando o cigarro queimou até quase chegar-lhe às pontas dos dedos foi que ele o jogou no chão e entrou no carro.

LIVRO SEGUNDO

O destino da guerra Inverno de 1942

Capítulo IX

Laura desceu os degraus de entrada e olhou para o céu cinzento, onde as nuvens se arrastavam, pesadas, deixando passar a custo uma leve claridade. Não se lembrava de uma véspera de Natal tão fria quanto aquela. Quando transpôs o portão de ferro, gotejante, o vento gelado assaltou-a com força, fazendo-a tremer sob o grosso casaco de pêlo de camelo. Apertou-o em torno do corpo e começou a percorrer a longa rua deserta.

Ao passar diante do correio, viu a bandeira alemã tremulando, no mastro da fachada e lembrou-se dos natais de antes da guerra, quando costumava falar com sua família pelo telefone. Lágrimas subiram-lhe aos olhos, mas obrigou-se a sufocá-las. Fizera sua escolha. Agora pertencia a Fain, onde era útil.

Dobrou a esquina e seguiu pela alameda lateral até a porta dos fundos. A casa estava em silêncio e às escuras, sem luz em qualquer dos cômodos. Brigitte, agora enfermeira diplomada, encontrava-se no hospital, dando seu plantão. Quanto a Henri, devia estar na cama, dormindo ou olhando para um ponto fixo do teto, sem nada ver. Seu sogro recolhera-se para dentro de si mesmo e vivia em total isolamento, tão distanciado da comunidade humana quanto um morto.

Um leve suspiro escapou-lhe dos lábios, enquanto acendia o fogo da lareira. Tantas coisas haviam mudado... Ao inclinar-se para a frente, as asas de prata de Harris penderam-lhe da corrente que trazia ao pescoço, brilhando à luz das chamas como um talismã. Tornou a sentir, como se os experimentasse pela primeira vez, os temores e as esperanças que tivera dois anos antes.

No começo, assim que deixara Londres, recebera notícias dele através de uma de suas irmãs. Mas, depois de Pearl Harbor, quando os Estados Unidos haviam declarado guerra à Alemanha, toda e qualquer comunicação com seu país fora interrompida.

As lembranças continuavam ainda frescas em sua mente. Havia vezes, porém, em que elas pareciam pertencer a outra mulher. Vivia agora uma vida secreta, cumprindo uma promessa que fizera a si mesma: participar da causa da liberdade pela qual os dois irmãos Duclos haviam dado suas vidas.

Aquela tarde, fora ao cemitério depositar um buquê de flores em cada um de seus túmulos. O de Thierry, de granito cinzento, tinha gravado junto com seu nome e a data de sua breve vida, um título que explicava por quê e por quem ele morreria: "Chevalier de France". Na lápide de Alain, estava gravado um versículo da Bíblia que ela e Brigitte haviam escolhido: "Amor maior homem nenhum pôde nutrir, amor que fez doar a vida por seus amigos".

As chamas ergueram-se, vermelhas e crepitantes na lareira, e Laura preparou-se para ir

ao telheiro. Queria ter um bom estoque de aças armazenado em casa. Durante a madrugada, o frio tornava-se insuportável. Abotoou novamente o casaco e saiu para o pátio. Mal havia dado dois passos, quando um vulto saiu do meio das sombras. Era Curei.

— Que está fazendo aqui? Não é perigoso? — perguntou e então lembrou-se de que o toque de recolher fora suspenso em virtude do dia santo.

— Acabei de receber uma mensagem. Há um piloto americano escondido num convento perto da fronteira com a Alemanha. Vamos tirá-lo de lá esta noite.

O coração de Laura bateu mais rápido. Não era a primeira vez que eram chamados para prestar ajuda a um agente americano. Desde a destruição da fábrica de vidro, o Víbora continuava a agir clandestinamente, auxiliando outros grupos em atos de sabotagem, ou resgatando prisioneiros e pilotos aliados que se encontravam em território ocupado.

Haviam conduzido uma infinidade de soldados britânicos, canadenses e americanos através da França até a neutra Suíça. E o faziam com tamanha eficiência, que outros grupos da Resistência apoiavam-se frequentemente neles, quando tal esforço se fazia necessário.

— Como ele chegou ao convento?

— Fugiu a pé de um campo de prisioneiros, mas desfaleceu nos arredores de Mezt. Os "partisans" encontraram-no meio enregelado e o levaram ao convento. As irmãs já cuidaram de outros e sabem como agir.

— O homem está em condições de viajar?

— Deve estar, ou elas não teriam entrado em contato comigo. Escolheram esta noite para removê-lo porque acharam que os alemães iam afrouxar a vigilância nas estradas na véspera de Natal.

Laura assentiu.

— Sim, claro. Que vamos fazer?

— Vá à missa do galo e faça com que a vejam. Quando chegar o momento da Comunhão, saia discretamente pela sacristia e encontre-se comigo atrás da igreja. Eu a estarei esperando com a carroça de Langtot. Viajaremos em direção ao norte durante a noite. Todos estarão comemorando e ninguém notará nossa ausência.

— O que faremos depois?

— Apanhemos o agente e o trazemos para cá. Depois encontraremos um meio de levá-lo para a Suíça.

— O plano parece bom.

Na verdade, a idéia da missa era brilhante. Os alemães toleravam as observâncias religiosas, mas nem por isso deixavam de vigiar os fiéis. Certamente, ela seria notada.

— Então está resolvido — disse Curei e desapareceu na escuridão.

Laura correu até o telheiro, recolheu uma braçada de aças e voltou para casa. Jogou a lenha na cesta e deixou um bilhete em código na mesa da cozinha para Brigitte, que começara a trabalhar para o grupo logo após a morte de Alain. Se não tivesse voltado até o dia seguinte, ela saberia por que motivo havia se ausentado.

Feito isto, preparou uma refeição leve para Henri e subiu ao quarto dele. Encontrou-o sentado na cama.

— Laura...

Ela respirou, aliviada. Nesse dia, ao menos, ele a reconhecia.

— Trouxe-lhe alguma coisa para comer.

— Não estou com fome.

— Talvez tenha mais tarde. Vou deixar a bandeja na mesinha-de-cabeceira.

— Onde está Alain? Não voltou do trabalho?

— Ainda não.

— Quando ele chegar, diga-lhe para aumentar o fogo da lareira. Está fazendo muito frio.

— Eu direi.

Henri tornou a enrolar-se nos cobertores e virou-se para o outro lado.

— Bonne Noel, papa — disse Laura com suavidade e inclinou-se para beijar-lhe a testa.

Depois renovou o fogo com turfa, acrescentando uma acha de bom tamanho, que queimaria lentamente e manteria o quarto numa temperatura agradável. Henri ficaria bem até o dia seguinte, quando Brigitte chegasse do hospital.

A seguir, desceu para seu quarto e escolheu um par de pesadas calças de lã e um suéter grosso para vestir após o serviço religioso. Enfiou-os na mochila, junto com a pistola que Harris lhe dera, e então começou a vestir-se para a missa.

Lysette terminou de embrulhar o presente de Becker e sorriu, satisfeita. Era uma primeira edição de Goethe, que descobrira na pequena livraria de Vitry-le-François, e sabia que seria apreciada.

"Hoje à noite vou estar com ele", pensou enquanto afofava os cabelos diante do espelho.

Mirou seu rosto radiante, ciente da mudança que se operara nela desde que o conhecera. O medo e a ânsia se haviam desvanecido. E o sentimento de confiança que crescia em seu íntimo era tão evidente que agora os homens voltavam-se na rua para olhá-la. Mas seu interesse estava voltado unicamente para aquele que transformara sua vida de modo tão radical.

Quando estavam juntos, raramente se referiam à situação difícil que atravessavam, preferindo imaginar que, por algum milagre, encontravam-se numa zona neutra, ou num universo perfeito, onde não havia guerras nem a barreira das nacionalidades. Mas não perdiam a prudência. Anton era muito cuidadoso, como se a vida dela estivesse sob sua guarda, e seu ajudante-de-ordem discreto no que dizia respeito ao segredo de seu superior.

Suspirou, sentindo a aceleração de seu próprio pulso. Agora ele estaria junto à janela, esperando e olhando para a porta por onde ela deveria entrar. Quando ouvisse seus passos, iria abrir-lhe a porta. Cheia de leveza e exaltação, consultou o relógio. Era quase hora de ir ao encontro dele. Vestiu o casaco e abriu a porta. O vento abrandara e um silêncio mágico parecia envolver a pequena cidade.

Como nas outras noites, esgueirou-se rente aos muros dos quintais até a beira da estrada e esperou, sob os ramos de um olmo, o carro do Estado-Maior.

Becker estava à espera dela com a porta aberta.

— Bonne Noel, Lysette. — Ele a envolveu pela cintura e beijou-a na boca.

— Bonne Noel, chéri.

Ela moldou o corpo ao dele e o beijo tornou-se profundo, apaixonado. Quando se separaram, ele ajudou-a a tirar o casaco e pendurou-o no cabide do vestíbulo.

— Você está muito bonita. Charmante.

Lysette sorriu, mas seus olhos estavam cheios de preocupação.

— Você parece muito cansado.

— Não consigo dormir bem, quando você não está comigo.

— E eu não consigo dormir, quando estou com você.

Ele riu, deliciado.

— Quer tomar um pouco de vinho? — perguntou, e sem esperar resposta retirou os selos que lacravam o gargalo da garrafa e encheu dois copos de cristal. — Frohliche Weihnachten. Bom natal.

Beberam lentamente, apreciando o sabor da bebida fragrante.

— Delicioso, Anton.

— Foi Hesse que o descobriu para mim. Esse rapaz é uma preciosidade.

Lysette sorriu.

— Sabe que ele mal me cumprimenta? Parece que não gosta muito de falar.

— Ele sabe que não deve falar com você — disse Becker em tom amável.

— Mas é absurdo, depois de tanto tempo!

— Quanto menos Hesse se envolver nesse assunto, tanto melhor para ele.

— Por quê?

Becker deu de ombros.

— As coisas podem mudar.

Lysette sentiu uma contração no estômago.

— Que coisas, Anton? A que está se referindo?

Ele acariciou-lhe o rosto.

— Não se preocupe com isso.

— É algo relacionado com Kleinschmitt?

Ela sabia que as inspeções do Standartenführer sempre deixavam Becker descontrolado.

— A visita foi adiada. Desde o avanço russo na frente oriental, ele tem outros problemas com que se preocupar, muito mais sérios do que minha "falta de cooperação!" — disse ele, sarcástico.

— É estranho, mas você parece satisfeito com essa vitória dos russos,

O coronel colocou o copo vazio na mesa e levantou-se.

— Hitler é um fanático — observou ele, com ênfase. — A única esperança que nos resta é que a Alemanha perca esta guerra.

Lysette olhou-o com uma expressão perplexa.

— Não o censuro por mostrar-se cáustico, mas não posso acreditar que esteja falando a sério!

— Nunca falei tão a sério em toda a minha vida. Por que duvida disso?

— Não podia imaginar que você desejasse a derrota da Alemanha, Anton!

— Julga que não sou patriota?

Ela permaneceu em silêncio, esperando que aquela explosão terminasse. Mas ele prosseguiu com veemência:

— Oh, meu Deus! Minha lealdade é para com a Alemanha, a minha Alemanha. Aquele ca-

bo de esquadra lunático e seus lacaios estão levando meu país para um abismo!

Becker inclinou-se para frente e despejou em seus copos mais um pouco de vinho. Depois acrescentou:

— Sabe qual é o último projeto de Himmler? Lebensborn!

— Lebensborn?

— Significa literalmente manancial de vida. É um plano para o futuro da raça ariana. Eles estão requisitando crianças de cabelos loiros e olhos azuis da Polônia e de outros países ocupados e enviando-as à Alemanha para que sejam criadas segundo os preceitos nazistas.

— Oh...

— Em Bogorzno, as mães jogaram-se na frente dos trens que iam levar seus filhos e foram metralhadas pelas tropas de choque.

— Que coisa horrível... — balbuciou Lysette.

— Soube dos judeus?

— Desapareceram... foram enviados a campos de concentração.

— E tem idéia do que acontece nesses campos?

— Pare! Não quero ouvir nem mais uma palavra! — gritou Lysette de súbito. — Não há nada que possamos fazer!

Ele a agarrou pelos ombros.

— Estou com medo, Lysette. Não sei se poderei protegê-la, caso alguém descubra que você... seu pai...

Ela fechou os olhos, esperando o pior.

— Tenho inimigos poderosos. Kleinschmitt e outros. Não receio por mim, mas o que possa acontecer a você.

Lysette apoiou-se nele, desesperada.

— Não quer mais me ver, é isso?

— Não, não! Ele afagou-lhe os cabelos. — Mas você deve ter muito cuidado, Liebchen! Devemos ser ambos muito cuidadosos.

Ele a atraiu para si e a manteve aninhada ao peito durante longo tempo.

— Sinto muito. Estou quebrando a promessa que fiz a mim mesmo de não falar dessas coisas. Venha.

Ele a guiou até o sofá e a fez sentar-se.

— Gostaria de abrir seu presente agora?

O rosto dela iluminou-se.

— Sim, Anton. Gostaria muito.

Ele sorriu levemente e foi para o quarto, de onde voltou com uma pequena caixa, recoberta de veludo.

— Abra-a.

Lysette apertou o fecho e a tampa abriu-se, revelando, no interior guarnecido de cetim, uma cruz rúnica esmaltada de azul presa a uma delicada corrente de ouro. Tirou-a e colocou-a na palma da mão.

— É linda!

— Sabe o que é?

— Não.

— A mais alta condecoração que um oficial alemão pode receber — disse Becker, orgulhoso. — Meu pai ganhou-a na Primeira Guerra Mundial por atos de bravura.

— Uma condecoração de guerra? — perguntou Lysette, surpresa, sabendo o quanto ele reverenciava a memória de sua família.

— Sim, Lysette.

— E você quer dá-la para mim. E seus filhos?

O rosto de Becker anuviou-se à essa lembrança.

— Ela não significaria nada para meus filhos. Gostaria que você a guardasse... como testemunho dos momentos maravilhosos que houve entre nós.

Ela baixou a cabeça e pôs-se a chorar baixinho.

— Lysette... o que é isso? — perguntou ele, desalentado, sem entender aquela reação.

Ela ergueu os olhos inundados de lágrimas.

— Acha que eu não sei por que está fazendo isso?

— Por que, minha querida?

— Quer que eu fique com ela para que eu me lembre de você, quando for embora. Acha então que essa condecoração pode substituí-lo?

Becker não retrucou. A observação, de um modo nada agradável, se aproximava da verdade. Lysette podia ler seus pensamentos e entender suas motivações melhor do que ele próprio.

— Não poderia viver sem você, Anton — tornou ela com tristeza.

— Não vamos pensar mais nisso, sim?

Ele procurou-lhe os lábios e deu-lhe um grande beijo na boca.

— Venha, minha querida. Vamos aproveitar a noite antes do Gotterdammerung... O crepúsculo dos deuses.

Laura empurrou as portas duplas esculpidas da igreja de Saint Michel Archange e parou diante da pia de mármore. Mergulhou os dedos na água benta, persignou-se e depois resvalou para o banco mais próximo. Sentou-se de mãos postas, como se estivesse rezando, mas na realidade observando tudo de soslaio, com olhos atentos.

Havia dois guardas alemães na entrada, um de cada lado da porta, dois nos fundos, junto ao altar-mor e mais um ao lado da porta da sacristia. Seu coração quase parou. Planejara ir para a frente com a fila dos comungantes e então sair discretamente pela sacristia. Mas a menos que o guarda mudasse de posição, não poderia passar despercebida.

Enquanto considerava o problema, voltou a olhar em torno, desta vez à procura de Lysette. Ela não estava presente, mas isso não era novidade. Sua amiga vivia agora recolhida em seu próprio mundo, imersa numa paz interior que chegava a causar inveja.

O que a intrigava era que só podia entender metade das razões daquele deslumbramento. Essas razões eram bastante simples; a morte de um marido tirano e grosseiro, a conquista da liberdade. Mas quais eram as que ainda permaneciam ocultas?

Os primeiros acordes de Ave Maria de Gounod arrancaram-na de suas divagações. Enquanto o som melodioso ressoava pela abóbada da velha igreja, padre Deslourdes chegou seguido de dois coroinhas e parou aos pés do altar.

— Introibo ad altare Dei — entoou ele.

— Quero subir ao altar de Deus...

— Ad Deum qui baetificat juventutem meam — responderam em coro os dois rapazes.

A missa estava começando.

Laura abriu o livro de orações e pôs-se a seguir o serviço com devoção. Decorridos quarenta minutos, um dos coroinhas fez soar o sino de prata, indicando a Consagração e Elevação, e os fiéis abaixaram a cabeça.

— Tome e coma porque este é Meu corpo... — murmurou o sacerdote.

Laura olhou para o guarda. Também ele estava de cabeça baixa, movendo silenciosamente os lábios. Ela sentiu um assomo de esperança. O rapaz era católico! "Tenha fé", disse a si mesma. "Tenha fé!"

Pôs-se a rezar desesperadamente para que Deus a iluminasse. Antes que sua oração estivesse terminada, o coro começou a entoar o Adeste Fideles, e os fiéis levantaram-se e puseram-se em fila diante do altar-mor, para receber a hóstia consagrada. Chegara o momento da Comunhão.

O guarda alemão entrou também na fila e ela deslizou para fora do banco cantando junto com o coro:

— Natum videte Regem Angelorum.

Odette Giradot virou a cabeça e olhou-a por cima do ombro.

— Venite adoremus... Odette retomou a caminhada.

— Venite adoremus, Dominum...

Estava se aproximando do altar. Já podia ouvir o padre Deslourdes murmurar Corpus Christi... a cada comungante. Cravou os olhos no uniforme cinzento, e quando o soldado ajoelhou-se, de olhos fechados e mãos postas, virou subitamente para a direita.

Odette viu-a e lançou-lhe um olhar interrogativo. Laura levou o dedo aos lábios e esperou. Após um momento que pareceu uma eternidade, a mulher assentiu quase imperceptivelmente. Com um suspiro de alívio, ela passou diante da estátua de saint Michel, evitando cuidadosamente as velas votivas que ardiam aos pés do Santo, e deslizou pela porta entreaberta da sacristia.

Não parou para ver se alguém mais, além de Odette, notara sua saída. Oculta pela escuridão, mudou de roupa e dirigiu-se para a porta que dava para o pátio posterior. O frio quase a fez recuar. Protegeu o pescoço e as orelhas com a longa echarpe de lã e enfrentou o vento que soprava em rajadas geladas.

Além do pátio de pedras arredondadas, viu Curei sentado à boléia da carroça. Acenou com os braços erguidos e correu ao encontro dele.

— Estou atrasada?

— Bastante. O que aconteceu? — resmungou ele, enquanto a ajudava a acomodar-se no banco.

— Tive que esperar até o momento da Comunhão para poder agir.

O francês levantou as rédeas e instigou os cavalos. Ao alcançarem a estrada, ele tirou uma mania de lã debaixo do banco e a colocou sobre o colo de Laura.

— Cubra-se.

Ela ajustou a manta em torno dos joelhos, agradecida,

— Obrigada.

— Se encontrarmos alguma patrulha, diga que vamos visitar minha irmã Odile.

Ela fez que sim, enquanto perscrutava em torno. A vila já havia desaparecido atrás de um bosque de pinheiros. Restava apenas o céu escuro e a planície por onde seguiam rumo ao norte. Recostou-se no banco, fechou os olhos e instantes depois sentiu algo úmido no rosto.

— Está nevando, Curel! — anunciou, feliz. Ele riu baixinho.

— Imaginou se Deus estivesse do lado dos alemães?

— Essa possibilidade nunca me ocorreu.

A sorte continuou a sorrir-lhes. Não encontraram uma alma até chegarem a seu destino. Os alemães deviam estar celebrando em seus alojamentos, com um bom suprimento de "Schnapps" e "Sliwowitz".

Curei encurtou um pouco as rédeas e levou a carroça para o pátio do Convento de Sainte Claire. A porta da frente abriu-se no mesmo instante, e um garoto chegou correndo para levar o cavalo quase congelado à estrebaria.

Laura foi a primeira a saltar e a galgar os degraus. Ao entrar no vestíbulo, quase colidiu com uma freira que estava junto à porta.

— Desculpe, irmã. Não a vi.

— Não tem importância — disse ela suavemente. — Está aqui para ver nosso hóspede?

— Sim, irmã. Como está ele?

— Melhor, mas ainda muito fraco. Apesar disso, tivemos muito trabalho em convencê-lo a esperar por vocês. Ele queria voltar à sua unidade a todo custo.

Curei chegou apressado, o rosto abrindo-se num largo sorriso.

— Boa noite, irmã.

A freira tocou o crucifixo que pendia do cinto de couro e sorriu.

— Feliz Natal para ambos. Sou irmã Mary Joel.

— Obrigado.

— A irmã superiora deu-me instruções para levá-los até nosso paciente. Venham. É por aqui.

Laura e Curei seguiram-na através de um pátio interno até a ampla escadaria de pedra.

— Os quartos ficam lá em cima — explicou irmã Mary Joel, começando a subir os degraus.

No fundo do corredor, ela parou diante de uma porta e colocou a mão na maçaneta.

— Fiquem à vontade. Estarei esperando aqui fora. Havia um crucifixo na parede lisa, atrás da cama de ferro.

Nela estava deitado um homem com uma jaqueta de couro de piloto. Ele soergueu-se quando a irmã introduziu os visitantes, e olhou-os. No instante em que seus olhos azuis encontraram-se com os de Laura, ela sentiu as pernas tremerem e teve que se apoiar ao batente para re-frear a tontura. O homem que tinham vindo buscar era Dan Harris.

Capítulo X

Curei, que se encontrava ao lado de Laura, pôde ver a troca de olhares entre ambos. Fitou-a em silêncio. Viu sua extrema palidez e as lágrimas que lhe afluíam aos olhos e que ela procurava desesperadamente conter, e sentiu um nó formar-se na garganta. Virou-se e saiu precipitadamente do quarto, deixando-a a sós com o piloto americano.

— Laura... — murmurou Harris de súbito, com voz estranhamente rouca.

Ela foi até a cama como um autômato e ficou olhando para ele. Seu rosto estava muito pálido e magro e os olhos encovados.

— Laura.

Era impossível deixar de sentir a emoção que a sua voz, já um pouco mais forte, demonstrava. Ela murmurou alguma coisa e, de repente, não pôde mais se conter. Deixou-se cair de joelhos e curvou a cabeça sobre a mão dele, pondo-se a chorar.

— Querida — disse ele, afagando-lhe os cabelos.

A palavra foi tão ternamente proferida, que Laura sorriu por entre as lágrimas.

— Diga isso de novo, Dan.

Ele acariciou-lhe o rosto.

— Querida.

— Oh, Dan! — disse ela, abrindo mais o sorriso.

— O que estão fazendo aqui?

— E você? Como foi que veio parar aqui?

Ele recostou-se nos travesseiros com um suspiro.

— Bom... tive um pequeno problema com meu avião.

— Curei me disse que seu avião foi abatido.

— Pois é...

— Quando foi isso?

— Há seis meses. Estávamos bombardeando Rouen e eles responderam ao fogo.

— Havia mais alguém com você?

A voz de Harris transformou-se num sussurro.

— Meu bombardeiro.

Laura olhou-o ansiosa. Estava com receio de tê-lo fatigado. Mas seu receio era infundado. A cor voltara-lhe às faces e ele parecia o Dan Harris de antigamente.

— Quer falar sobre isso?

— Não há muito o que dizer. Fomos apanhados assim que nossos pára-quedas tocaram o solo. Levaram-nos para um campo de prisioneiros. Planejamos escapar juntos e o fizemos, mas...

Harris fez uma pausa demorada.

— O coração de Peter não agüentou. A crosta de neve tinha virado gelo e não pude nem ao menos enterrá-lo.

Laura ficou segurando-lhe a mão. Por fim perguntou:

— Como conseguiu alcançar o convento?

— Nem sei como. Foi duro até chegar à fronteira, eu tinha que me esconder o tempo todo. Mas quando alcancei a França, os "partisans" me ajudaram.

— Não pensou que o nosso grupo poderia estar por perto?

— Pensei. Mas não esperava ter a sorte de encontrá-los.

— Então, ficou contente de me ver?

— Muito — Harris olhou-a com um esboço de sorriso nos lábios. — E você? Sentiu a minha falta?

Ela aconchegou-se nos braços dele.

— Nem sabe quanto.

Ele abraçou-a com um sorriso de felicidade no rosto.

— Sei, sim.

Ficaram abraçados durante um longo tempo.

— Vocês vieram me buscar?

— Sim, Dan.

— Para onde vão me levar?

— Para a Suíça.

— Fazem isso com frequência?

— É nosso trabalho ajudar prisioneiros fugitivos e pilotos lançados atrás das linhas inimigas, e conduzi-los para um lugar seguro.

Ele hesitou um instante e então disse inesperadamente, com o rosto muito sério:

— Está fazendo isso por Alain?

— Por Alain e Thierry. Por toda essa gente que trabalhou tão arduamente pela causa da liberdade, e que morreu por ela.

Ele beijou-lhe levemente os lábios.

— Essa é a garota que eu conheço.

Laura apoiou a cabeça no ombro dele.

— Por que ficou tão surpreso de me ver? Não sabia que eu estava trabalhando com o grupo?

— Não. Quando as irmãs me disseram que duas pessoas iriam me levar até a fronteira, pensei que fossem dois homens. E contava ir para o sul, para Vercors.

Ela sacudiu a cabeça.

— Berna.

— Por quê?

— Lembra-se de eu ter lhe dito que a irmã de Alain trabalha no hospital de Bar-lec-Duc?

— Sim, mas o que isso tem a ver comigo?

— O Sacre Coeur não está preparado para tratar de casos graves de queimadura. Os pacientes com tais lesões são transferidos para o Hospital da Misericórdia, em Berna. Com a ajuda de Brigitte poderemos levá-lo até a fronteira numa ambulância, junto com algum eventual paciente.

— Já fizeram isso antes?

— Algumas vezes, apenas. Não podemos fazê-lo com muita frequência para não levantar as suspeitas dos alemães. Além disso, há outro inconveniente. Temos que esperar uma verdadeira emergência para entrarmos em ação. Reservamos a ambulância só para casos especiais.

Harris sorriu.

— Como o meu?

— Como os de muitos pilotos. Não sabíamos que era você, quando planejamos esta viagem.

— Então, os pilotos são casos especiais?

— Vocês são importantes demais para ficar em terra por muito tempo.

Ele sacudiu a cabeça.

— Jamais pensaria que vocês estivessem se dedicando a esse tipo de trabalho.

— Somos peritos, agora. Temos uma rede de informantes a nossa disposição e podemos prestar ajuda a outros grupos de guerrilheiros.

— Como estão as coisas em Fain?

— Ruins. A guerra está demorando demais. É difícil manter viva a fé e a esperança.

— O comandante é ainda o mesmo?

— Sim, é ainda o coronel Becker.

— Pensei que fossem substituí-lo, quando a fábrica foi pelos ares.

— Mas não o substituíram. Agora, deixe-me olhar para você. Ela afastou-se um pouco e pôs-se a contemplá-lo. A mudança era evidente, mas não dramática.

— Bastante mal, não? — perguntou ele, ansioso.

— Para mim, você está ótimo. Vai ter apenas que engordar um pouco.

— Você precisava me ver duas semanas atrás. As irmãs foram muito boas comigo. Chamaram um médico para cuidar de mim.

Laura tocou-lhe o rosto.

— Ainda não acredito que seja você.

Harris inclinou-se para ela. Beijou-a e encostou o rosto no dela.

— Mas sou eu. O velho Dan Harris.

Ela sentiu que lágrimas quentes lhe tremiam nas pálpebras, e abriu e fechou rapidamente os olhos.

— Tinha medo de que nunca mais voltasse a vê-lo.

Ele tornou a beijar-lhe os lábios quentes e macios.

— Não era preciso ter medo, querida.

— Sei disso... agora — disse ela com um suspiro de contentamento.

Houve uma batida na porta e ambos endireitaram-se.

— Detesto interrompê-los, mas temos que ir. Vai amanhecer dentro de três horas.

Harris pôs as pernas para fora da cama e levantou-se.

— Que bom ver você, Curei! É como nos velhos tempos. Espero que ainda tenhamos a oportunidade de trabalharmos juntos.

O francês sorriu para ele.

— Eu também espero. Vive l'Amerique!

— Vive l'France!

Irmã Mary Joel apareceu à porta, interrompendo os efusivos cumprimentos.

— Precisam ir. Está ficando tarde.

Os três seguiram-na pelo corredor deserto e silencioso. No saguão, Curei virou-se para ela.

— Obrigado por tudo, irmã.

Irmã Mary Joel esboçou um sorriso.

— Boa viagem.

Enquanto o francês ia buscar a carroça, Laura agradeceu-a calorosamente:

— Estamos muito gratos à madre superiora pela ajuda que nos prestou.

— Direi isso a ela.

Movido por súbito impulso, Harris tomou a mão da jovem freira e beijou-lhe o anel de prata no dedo anular.

— A senhora salvou-me a vida. Não vou esquecer disso.

— Pensarei muito em vocês, meus amigos. E rezarei muito por você.

— Muito obrigada, irmã.

Lá fora, a nevasca persistia. A neve descia em grossos flocos brancos, empilhando-se em montes ao longo do pátio e do caminho.

— Natal branco — observou Harris. Curei virou-se para ele.

— Você vai ficar aí atrás, na caixa do veículo, escondido debaixo de uma boa camada de feno. Cubra-o, Laura.

Antes de saltar para o interior da carroça, Harris agarrou-a pelos ombros e beijou-a.

— Verei você em Fain — disse, e mergulhou no feno macio que ela apressou-se em nivelar com a ajuda de um forcado.

— Pode respirar?

— Está tudo bem — foi a resposta abafada que ouviu.

— Podemos ir? — perguntou Curel, impaciente.

— Sim, podemos. — Laura sentou-se a seu lado e cobriu os joelhos com a manta. — Qual é a história que devemos contar, no caso de encontrarmos uma patrulha alemã?

— Estamos voltando da casa de minha irmã, onde passamos a véspera de Natal, com uma boa carga de feno para os cavalos.

Ela sorriu.

— No meio da noite?

— Queremos chegar em Fain a tempo de assistir à missa de Natal.

— E se eles resolverem examinar a carroça?

Curel mostrou a faca que trazia no cinto.

— Farei uso disto aqui. Limpo, eficaz e silencioso. Mas agora pare de fazer perguntas e deixe-me guiar.

O francês tocou o animal, fazendo com a boca o ruído dos condutores de cavalos e soltou as rédeas. Laura fechou os olhos. Ouvia o bater dos cascos no chão de pedra, enquanto atravessaram o pátio do convento, e seus pensamentos tornaram-se morosos. Minutos depois, levada pelo passo cadenciado do animal, mergulhava em leve sonolência.

Os viajantes chegaram em Fain às seis da manhã, uma hora antes que o sol aparecesse. A vila estava adormecida e imersa numa escuridão quase completa. Havia apenas algumas janelas iluminadas, e sombras moviam-se atrás delas. Eram os fiéis que iam assistir à missa das sete.

Diante da estrebaria de Langtot, Curel pulou para o chão e ajudou Laura a descer. Quando ela fez meia-volta para chamar Harris, ele lhe disse nervosamente:

— Espere! Veja se há alguém por aí.

Ela olhou em torno.

— Não há ninguém. Todos estão ainda na cama.

— Melhor assim. — Curei entrou no estábulo escuro e caminhou na direção da lanterna pendurada num fio de arame.

— Vou levar Harris para casa — anunciou Laura atrás dele. Curei virou-se, espantado.

— Como?

— Ele está fraco, não pode apanhar frio — justificou-se ela.

— Não pode fazer isso, Laura! Se alguém descobrir, você estará morta.

— Quer então que o deixe nessa cocheira gelada? Um homem doente assim?

O veterano voltou-se para falar com Langtot, que chegava correndo na direção deles. Depois de uma troca rápida de palavras, ele anuiu.

— Está bem. Cobriremos a retaguarda.

Laura correu para a carroça e bateu na grade lateral, chamando:

— Dan... Dan...

Ele emergiu imediatamente do monte de feno e começou a limpar-se dos fiapos de palha que tinham aderido às suas roupas.

—Você está bem? — perguntou ela ansiosa.

— Acho que sim. Apenas um pouco tonto.

— Então venha.

— Para onde quer me levar?

— À minha casa.

— E Henri?

— Ele não tem noção do que se passa à sua volta.

Curei emergiu da cocheira e ergueu o polegar.

— Pode ir, Harris. Entrarei em contato com você mais tarde.

— O.k.

De cabeça abaixada, atravessaram o campo em meio à cortina de neve que caía sem cessar. Ao chegarem em casa, Laura foi direto para as escadas.

— Vou dar uma espiada em Henri.

Dentro do quarto, havia uma pequena luz acesa. O sogro estava voltado para a parede, dormindo. Ela o estudou por um momento, certificando-se de que sua respiração era normal e então fechou a porta silenciosamente atrás de si.

— Está dormindo — disse a Harris, que a esperava aos pés da escada.

— Ótimo.

Olharam-se longamente, um pouco constrangidos. Agora que estavam sozinhos, nenhum dos dois sabia o que dizer.

— É melhor eu acender esse fogo. Caso contrário, vamos congelar aqui dentro — disse Laura de repente, deixando-se tombar de joelhos diante da lareira.

Quando as chamas crepitaram atrás das grades, ela foi fechar a porta do corredor, para que o calor não escapasse.

— Feito — disse, sentando-se no chão, com a dança amarela das chamas a iluminar-lhe o corpo.

Harris sentou-se ao seu lado, e puxou-a para si.

— Está se sentindo melhor?

— Estou ótima — murmurou ela, experimentando uma doce sensação de conforto.

Ele segurou-lhe o queixo e ergueu-lhe o rosto.

— Oh, Laura... Senti a maior saudade de você...

Ela não resistiu ao fogo daqueles olhos azuis e ofereceu-lhe a boca.

— Dan... — murmurou suavemente. Quando seus lábios se encontraram, abriu-se aos seus beijos ávidos e correspondeu com ardor à doçura de sua língua.

— Quero você, Laura. Quero-a tanto que chega a doer.

Ela lembrou-se das vezes em que havia adormecido com sua ausência a doer-lhe no corpo e sussurrou:

— Também quero você, Dan.

Fechou languidamente os olhos, e deixou que ele lhe arrancasse o suéter e o sutiã, o coração parecendo querer saltar-lhe do peito diante da onda de sensualidade que a envolvia.

Harris olhou-a, cheio de admiração.

— Você é muito bonita, Laura. Ainda mais do que eu me lembrava.

Tomou-lhe os seios jovens e firmes nas mãos e beijou-os.

— Pronta? — sussurrou, sentindo-a estremecer. Ela abriu os braços, carinhosamente.

— Venha, meu querido.

Abraçaram-se, as mãos sôfregas ansiando pela retomada de um ritual reprimido pela longa ausência. Trocaram carícias cada vez mais íntimas e então amaram-se intensamente, até que estivessem absolutamente exaustos.

Voltaram à consciência ainda enlaçados, a luz dourada da lareira iluminando os seus corpos nus.

— Tenho que começar a me vestir — disse Laura, esticando-se preguiçosamente.

Harris colocou-lhe a mão entre as pernas.

— Foi bom para você?

Ela voltou-se para ele com um sorriso.

— Nunca imaginei que pudesse ser tão bom. Não queria mais parar.

— Tive a impressão de que você não fazia amor há muito tempo.

— A última vez foi em Londres, com você.

Ele olhou-a com expressão séria.

— Não houve nenhum outro homem desde então?

— Não.

— Provavelmente não haverá nenhum outro, depois dessa noite — tornou ele, satisfeito.

Ela riu.

— Presunçoso!

— Por quê? Acha que poderia ser ainda melhor?

— Você não me ouviu fazer nenhuma queixa, ouviu?

Ela passou-lhe os braços pelo pescoço e atraiu-o para si.

— Ainda não me deu um beijo de bom dia.

Harris tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a na boca, de leve.

— Bom dia... Bom Natal.

Laura virou a cabeça para a janela.

— Veja, ainda está nevando. Natal branco, como você disse.

Ele descansou a cabeça sobre as mãos cruzadas na nuca e disse, sonhador:

— Posso imaginar o que meu pessoal está fazendo, lá em Evanston.

— Abrindo os presentes?

Ele confirmou com a cabeça.

— E preparando-se para ir à igreja e para o grande almoço em família.

De repente uma torrente de recordações inundou Laura.

— Estou com saudades de minha casa e de minha família.

— Isto é compreensível.

— E de Thierry e Alain.

Harris sentou-se e pôs-se a contemplar o céu com ar ausente.

— As coisas nunca mais serão as mesmas para ninguém, depois desta guerra. Vi coisas terríveis e fiz outras mais terríveis ainda para sobreviver. — Ele fez uma pausa. — Não era como eu pensava que fosse.

Ela passou-lhe as mãos pelas costas e sentiu-se mal de ver tão perto de seus olhos os vergões e as cicatrizes, marcas da prisão e da tortura. Aquele dorso jovem e magro, todo músculos e tendões, contava a história de uma vida rude e corajosa.

— Foi no campo de prisioneiros? — perguntou com um fio de voz.

Ele confirmou com a cabeça.

— Um dos guardas gostava de torturar os prisioneiros e eu era um de seus alvos prediletos.

Tomada de um grande mal-estar Laura sentiu um nó formar-se na garganta. Ela encostou a testa ao dorso de Harris, e envolvendo-o pela cintura pôs-se a beijá-lo.

— O que está fazendo?

Ela deslizou as mãos para seu peito, os dedos movendo-se em massagens leves e sensuais.

— Não adivinha?

Ele se virou lentamente, os olhos escuros de desejo. Tornaram a se abraçar e a se confundir e a procurar juntos o êxtase.

Uma hora depois, Laura despertou rodeada pelos braços fortes de seu amado, cujo corpo se colava ao dela, produzindo-lhe um intenso bem-estar. Permaneceu quieta, pensando se aquilo não era um sonho, e sentiu de novo a mesma ardente vibração física que os fizera submergir numa onda de êxtase inacreditável. Teve vontade de tocá-lo, de acariciar-lhe as coxas, o peito, mas não quis perturbar seu sono e desprendeu-se dele com delicadeza. Ele suspirou profundamente, mas continuou a dormir.

Não despertou, quando meia hora mais tarde, ela foi levar a refeição matinal a Henri, nem depois, quando começou a preparar o almoço natalino. Havia conseguido uma galinha com a mulher de Langtot e pôs-se a prepará-la com temperos e ervas.

Colocou-a no fogo e então cortou o pão em fatias e abriu uma pote de conserva de vagens e cenouras, resultado de seus últimos esforços na horta. Arrumou tudo na mesa, junto com os bolos que comprara com os talões de racionamento de Kurt Hesse, agradecendo-o mentalmente. Aquele rapaz valia ouro!

— Isso tudo é para mim?

Laura voltou-se. Harris estava soerguido, apoiado no cotovelo e corria os dedos pelos cabelos em desordem.

— Para nós.

— Hum... o cheiro está tentador! — Ele alcançou as calças e pôs-se a vesti-las. — Parece que seus talentos culinários não têm limites. Você me tratou a pão-de-ló, nos tempos que passei na estrebaria de Langtot. Ela sorriu.

— Por consideração patriótica.

— E agora?

— Agora tenho meus próprios motivos para querer que você se fortaleça.

— Sabia que eu ia passar o Natal aqui? Eu não contava com isso.

— Desapontado?

Ele abraçou-a e pôde sentir-lhe o corpo tremer de encontro ao seu.

— Vai ser o melhor Natal de minha vida. Horas de louca paixão e agora um lauto almoço.

Que mais um homem pode desejar?

Laura ficou em silêncio alguns instantes. Depois murmurou:

— Gosto de você.

— Isso é outra coisa que eu sei — disse ele, rindo. — E agora, gostaria de me lavar um pouco. É possível?

— Claro! Não quer esquentar um caldeirão de água no fogo da lareira?

— Vai demorar muito. No campo, os prisioneiros costumavam lavar-se com água fria.

Harris foi até a pia, encheu uma bacia de água e pôs-se a lavar os cabelos, o rosto e os braços. Laura estendeu-lhe uma toalha.

— Enxugue-se com isto aqui.

— Importa-se se eu fizer a barba mais tarde?

— Tem todo o direito a isso. Ainda está convalescendo de uma doença séria.

— Já estou bem. — Os olhos dele tornaram-se subitamente sérios. — Mas o rapaz que estava comigo não teve a mesma sorte.

Laura pousou a mão sobre a dele e disse suavemente:

— Não foi culpa sua. Você bem que tentou.

— Nunca é culpa minha! Mas as pessoas continuam a morrer à minha volta.

Ela esperou em silêncio que a explosão passasse. Depois perguntou:

— Conte-me o que andou fazendo nesses anos.

— Antes que os Estados Unidos entrassem na guerra, estive em vários países ocupados, ajudando a organizar o trabalho clandestino dos guerrilheiros. Polônia, Holanda, Noruega... Conheci muita gente interessante.

— Alguém como eu?

Harris pousou-lhe a mão no braço.

— Ninguém como você, Laura.

Ela olhou-o com os olhos grandes, suavemente luminosos.

— E depois de Pearl Harbor?

— Fui para a RAF britânica e incorporei-me a um grupo de pilotos americanos. O Esqua-

drão das Águias.

— Até seu avião ser abatido?

— Isto mesmo.

— Depois passou seis meses num campo de prisioneiros.

— Passei-os planejando minha fuga.

— E conseguiu.

Ele ficou pensativo.

— Quase não consegui.

— Como assim?

— Eu tinha subornado a sentinela, prometendo-lhe meu cronômetro. No último instante, houve uma mudança de guarda e todos os meus planos ameaçaram ir por água abaixo.

— Que foi que você fez?

Harris sorriu de súbito, quase maliciosamente.

— Simulei uma queda do telhado.

— Do telhado? Não entendo.

— Estava fazendo algumas reparações junto com os outros prisioneiros. — Ele fez uma pausa. — Quer ouvir o resto da história, não é?

— Gostaria, sim.

— Fingi desmaiar, imaginando que me levariam ao departamento médico, uma pequena construção de madeira junto ao portão de entrada. E foi o que aconteceu.

— Mas como foi que você conseguiu sair de lá?

— Não houve outro recurso senão atingir o médico com um livro de medicina e levá-lo à inconsciência.

Laura pôs-se a rir.

— Você fez isso? Não acredito...

— Pois é verdade! Enquanto ele me examinava, fiquei olhando em torno à procura de algo com que golpeá-lo. Em cima da mesa havia um livro grosso, que devia pesar cerca de cinco quilos. Esperei até que ele se virasse e dei-lhe uma pancada no pescoço, logo abaixo da cabeça. Ele caiu por terra inanimado, sem soltar um ai.

— Você não foi visto por ninguém?

— Não. Mas estava tremendo tanto que mal podia agüentar-me de pé.

— E seu bombardeiro?

— Estava esperando por mim na cozinha. — Harris balançou tristemente a cabeça. — Peter estava muito fraco, não devia permitir que fosse comigo. Mas ele insistiu tanto...

Laura pôs a mão no braço dele para interrompê-lo.

— É preferível morrer de pé a viver de joelhos, Harris.

Mas ele continuou, procurando justificar-se:

— De qualquer modo, ele não teria conseguido sobreviver aos rigores daquela prisão.

Houve um longo momento de silêncio. Quando ela percebeu que um pouco da tensão deixava seu rosto, foi acender as velas que enfeitavam a pequena árvore de Natal.

Harris seguiu-a.

— Está esperando alguém?

- Brigitte. Ela deve chegar a qualquer momento.
- Não vai haver problemas, se ela me encontrar aqui?
- Não, Brigitte está a par de tudo.
- Você lhe falou a meu respeito?
- Sim, claro. Foi ela quem insistiu para que eu fosse a Londres.
- Nesse caso, preciso agradecê-la por isso.
- Pois agradeça. Brigitte vai também providenciar a ajuda de que você precisa.
- De que modo?
- Ela tem... contatos importantes.

O barulho da chave na porta dos fundos interrompeu-os. Voltaram-se ao mesmo tempo e viram Brigitte entrar na cozinha com o lenço de cabeça e o casaco cobertos de neve.

Ela olhou para a cunhada, cheia de preocupação, mas logo se recuperou.

- Não pensei que tivesse visitas.

Laura sorriu.

— Venha cá, Brigitte. — Quando a moça chegou mais perto ela fez as apresentações: — Este é Dan Harris.

- O "seu" Dan Harris?
- Em carne e osso — disse o fuzileiro, estendendo a mão. — Como vai?

Brigitte apertou-a com calor.

- Posso perguntar o que está fazendo aqui?
- É uma longa história.
- Pois vai ter que me contar tudo — disse ela com um sorriso. — Dê-me só um minuto para mudar de roupa.

Harris ficou olhando para a porta depois que ela saiu.

- Estou surpreso. Pensei que sua cunhada fosse pouco mais do que uma criança.
- Brigitte deixou de ser criança há muito tempo. Depois da morte de Alain, ela aprendeu a fazer tudo o que é necessário.

- O que quer dizer?

Laura sorriu e tratou de mudar de assunto.

- Vou precisar de mais um pouco de carvão. Não quer ir buscá-lo no porão? Está num cesto perto da entrada.

- Claro!

Minutos depois, Brigitte descia as escadas envergando uma saia de lã e um suéter grosso. Laura virou-se para ela.

- O que achou de Dan, querida?
- Ele é exatamente como você o descreveu: alto, moreno, charmoso...

Quando Harris chegou com o carvão, teve a impressão de que as duas moças estavam falando dele.

- O que há senhoras? Algum segredo?
- Estávamos falando a seu respeito — confessou Brigitte.
- Posso saber o quê?
- Estávamos falando sobre sua viagem à Suíça.

— Quando vai ser isso?

— Assim que aparecer um caso de queimadura grave.

Brigitte aproximou-se dele, cheia de curiosidade.

— Quero ouvir o resto da história, Harris. Como foi que você e Laura se reencontraram?

— Tive a sorte de escapar de um campo de prisioneiros e refugiei-me num convento, próximo da fronteira com a Alemanha. Laura foi para lá com Curei, pensando resgatar um piloto americano qualquer, e deparou comigo.

— Deve ter sido uma surpresa para vocês dois.

Harris olhou para Laura e sorriu.

— Uma surpresa extremamente agradável.

— Isso bem que merece uma comemoração!

Sentaram-se à mesa, diante do fogo da lareira e puseram-se a comer com apetite, aproveitando a fartura. Depois do café, Brigitte ajudou a lavar os pratos e então anunciou:

— Vou tirar um cochilo. Tive um dia muito cansativo.

Já a caminho da porta, ela virou-se para Laura.

— Quer que eu fale com Kurt a respeito de Harris?

— Vamos aguardar as instruções de Curei. Ele disse que entraria em contato conosco.

— Está bem.

Assim que ela saiu, Harris perguntou:

— Quem é esse Kurt?

— O ajudante-de-ordem do coronel Becker — explicou Laura. — É ele que vai nos ajudar a tirar você daqui.

Harris abriu a boca e não conseguiu falar. Fez um esforço, e a voz lhe saiu estrangulada e ronca:

— Um soldado alemão? Há uma razão para isso?

— Há, sim. Brigitte. Kurt é capaz de fazer qualquer coisa por ela.

Capítulo XI

Harris olhava-a boquiaberto, atônito.

— Pelo amor de Deus, Laura! Eu sou um fugitivo. No momento em que puser para fora a minha cabeça, ele a decepará!

— Kurt já trabalhou para nós antes.

— O sujeito é um alemão, não se esqueça disso!

— Não acredita em mim?

Vendo a expressão de dúvida no rosto dele, ela acrescentou:

— Encare os fatos, querido. Nosso esquema não funcionaria sem ele.

Harris sacudiu a cabeça, aborrecido. Não gosto disso, Laura.

— É o meio mais seguro de você chegar à Suíça. A outra alternativa seria guiá-lo até a Espanha ou Portugal, ou ao norte da África. Mas a viagem é longa e extremamente perigosa. Além disso, o Marrocos e a Argélia são um viveiro de traidores. Em Lisboa, o que mais se vê são as suásticas nazistas. Você correria o risco de ser vendido ao licitante mais poderoso. Não perdemos um só homem desde que começamos a trabalhar com Kurt.

— Mais cedo ou mais tarde, os alemães vão dar pela coisa, Laura!

— Antes de permitir que isso aconteça, mudaremos de método. Não quero prejudicar Kurt. Não só porque gosto dele, mas porque não quero perder esse contato. Até lá, porém, vamos nos utilizar da ambulância.

Ele considerou longamente a questão, depois murmurou:

— Nunca teria imaginado que você pudesse tornar-se amiga de um "Kraut".

— Eles não são os monstros que todos acreditam, Dan. Kurt é um bom rapaz e está profundamente apaixonado por minha cunhada.

— Houve tempo em que você gostaria de ver todos eles queimando nas chamas do inferno.

Laura enfrentou-lhe o olhar.

— Quero vencer esta guerra, Kurt pode nos ajudar nesse sentido e vou permitir que ele o faça.

Os lábios de Harris comprimiam-se por um momento e depois se afrouxaram, num suspiro,

— Está bem. O que deveremos fazer?

— Aguardar os acontecimentos.

Passaram-se três semanas. A princípio Laura mostrava-se alegre, exultante, por ter Harris a seu lado. Depois, quando dezembro se convertia em janeiro, sem que a oportunidade para levá-lo à Suíça aparecesse, começou a ficar preocupada. Sabia que os riscos aumentavam a cada dia que passava, e que logo ele se encontraria em situação difícil.

O próprio Curei andava inquieto, irritadiço. E estava quase a ponto de tomar uma decisão qualquer, quando Brigitte mandou-lhe um recado de que um empregado da usina, apresentando queimaduras de terceiro grau devido à explosão de uma caldeira, dera entrada no hospital de Barlec-Duc. Os médicos pretendiam enviá-lo ao Hospital da Misericórdia em breve, para um tratamento mais acurado.

Em vista disso, Laura passou a ocupar-se com os preparativos, providenciando roupas e mantimentos para Harris, de modo que ele estivesse pronto para partir assim que recebessem o sinal verde.

Essa oportunidade apresentou-se em fins de janeiro. Uma tarde, ao voltar da escola, ela desceu até a adega, onde ele passava a maior parte do tempo e o fitou sem dizer palavra.

Só de olhá-la Harris soube do que se tratava.

— É para esta noite, não?

Ela assentiu com um simples movimento de cabeça, porque sentia a voz insegura.

Subiram juntos para a cozinha. Diante da lareira, ele a virou para si.

— É o que deve ser feito, Laura.

Você parece aceitar tudo com muita naturalidade.

— Tenho que continuar a lutar por aquilo em que acredito.

— Já não teve a sua guerra? Não está satisfeito com o momento presente?

Ele colocou-lhe as mãos no ombros.

— Você não está sendo coerente, Laura. Sabe muito bem que eu não posso ficar aqui.

— Nunca consegui reter ninguém por muito tempo. O primeiro a ir embora foi Thierry, depois Alain e agora você...

— Não vou morrer, Laura. Voltarei para você.

— Como pode ter certeza? — gritou ela, tomada de súbita crueldade. — Você pensa que é forte, invencível, mas não é. Ouvi você falar e gritar no sono.

Ele empalideceu, mas manteve-se em silêncio.

— Poderá suportar novas torturas, se tornarem a apanhá-lo? Sei que é egoísmo de minha parte. Deveria estar pensando no que acontecerá à humanidade se perdermos esta guerra. Mas, neste momento, só consigo pensar em nós dois. Será que não temos direito a um pouco de felicidade?

Harris tomou-lhe ambas as mãos e puxou-a delicadamente para si.

— Já tivemos nossa parte. E quem disse que não voltaremos a tê-la?

— Não quero passar mais dois anos em contínua tortura, sem saber se você está vivo ou morto!

— Eu mudaria as coisas se pudesse, Laura. Mas não posso.

Subitamente, a voz dela ficou trêmula.

— Quer me deixar?

— Por que está me fazendo uma pergunta dessas? O que eu poderia responder?

— Diga a verdade!

— A verdade é que eu gostaria de levá-la comigo para algum lugar onde pudéssemos viver em paz. Mas supondo que isso fosse possível, o que você pensaria de mim, então? O que pensaríamos de nós mesmos? Poderíamos construir um ninho de amor, enquanto nossos companheiros fazem o trabalho que nos cabe? O que aconteceria, se todos se omitissem?

Laura rompeu em lágrimas com coração partido.

— Não chore, querida. Você mostrou-se sempre tão corajosa... Não vai querer entregar os pontos agora, vai?

— Eu não me importo com isso.

— Importa-se, sim. Talvez não agora, mas com o correr do tempo iria se envergonhar de sua fraqueza. Conheça-a bem para saber o que estou dizendo.

Ele ergueu-lhe o queixo.

— Ouça: voltarei para você assim que puder.

Ela levantou para ele os olhos ainda úmidos de lágrimas.

— Não diga isso apenas para me consolar.

— É uma promessa, querida. Creia nela.

Laura nunca tinha visto tanta suavidade, tanta ternura, tanto amor nos olhos dele. E fez que sim com a cabeça, pensando como poderia suportar a espera e ocultar a dúvida que sentia.

— Essa é a única certeza que eu posso dar a você.

— Abraça-me, querido! Abraça-me, tenho medo — exclamou ela, com voz repassada de

desespero. — Como é que vou viver sem você?

— Coronel...

Becker levantou os olhos cansados, orlados de vermelho.

— Sim, Hesse?

O ajudante-de-ordem apresentou-lhe uma requisição em pape! timbrado do hospital.

— Há uma emergência, um caso de queimadura grave. O paciente precisa ser transferido para o Hospital da Misericórdia, em Berna. Querem uma escolta.

— Por que não me informaram antes?

— O hospital suíço só deu a autorização para a transferência esta manhã.

— Quem irá?

— O motorista da ambulância, o paciente e a enfermeira que está cuidando dele. A escolta os seguirá, num carro, até a fronteira.

— Quem é a enfermeira?

Hesse respirou fundo.

— Uma das que compõe a equipe médica.

— E o motorista?

— O mesmo de sempre. Um homem de confiança.

— Em que ponto irão atravessar a fronteira?

— Lissante.

— Muito bem. Avise os guardas dos postos avançados: que fiquem de prontidão. Mais alguma coisa?

— Sim, senhor. Gostaria de seguir com a escolta. Becker inclinou-se para trás e perguntou com a testa franzida:

— Por quê?

— Os regulamentos são muito claros a esse respeito, senhor. Temos que supervisionar qualquer veículo que atravesse a fronteira.

— Está novamente falando de regulamentos, Hesse? Isso não o aborrece?

— Não, senhor. É meu dever.

O coronel sorriu imperceptivelmente.

— Está bem, meu rapaz. Pode ir.

Quando Hesse saiu, ele ficou olhando para a porta, pensativo. Era óbvio que o rapaz tinha uma garota francesa. Mas estava preparado para fazer vista grossa. O regulamento que estabelecia os limites da confraternização, embora ainda oficialmente em vigor, estava quase esquecido após os dois anos de ocupação. Iria, portanto, permitir-lhe seu affair de coeur. Sabia como era importante encontrar alguém em quem se amparar, um corpo jovem que estimulasse uma nova vida, sem limitações e sem passado, constando apenas do momento presente.

Becker levantou-se e acendeu um cigarro. Kleinschmitt, o oficial terrível e venenoso, chegaria dentro de alguns dias, aparentemente para certificar-se de que a escola estava adotando o currículo apropriado.

A idéia de que um oficial das SS fosse fiscalizar o local onde Lysette trabalhava enchia-o de um medo irracional. Temia que o homem, de um modo ou de outro, descobrisse que ela tinha

sangue judeu e a denunciasse.

Por um instante, pensou em recomendar-lhe que ficasse em casa no dia da inspeção. Mas logo percebeu que a ausência de uma funcionária responsável poderia dar margem a suspeitas maiores.

Como soldado, aprendeu a seguir seus pressentimentos e inspirações. E decidiu que o melhor a fazer era instruir Lysette para que permanecesse sempre em segundo plano, de modo a não chamar a atenção de ninguém. Ao mesmo tempo, daria um jeito de acompanhar Kleinschmitt em seu giro. Desse modo, estaria presente, caso o agente da Gestapo resolvesse praticar um absurdo qualquer.

Brigitte verificou a caixa com os apetrechos de urgência, sedativos, morfina, seringas para o caso de seu paciente voltar a sentir dores durante a viagem. Feito isto, começou a empurrar a cama de rodas por um longo corredor até a rampa da Emergência.

O pátio estava movimentado. Olhou ao redor, à procura do motorista e viu-o encostado à porta aberta da ambulância, já com sua braçadeira da Cruz Vermelha. Foi ao seu encontro, deu-lhe os papéis da transferência, e depois esperou que um atendente introduzisse o paciente sedado na parte de trás do veículo.

Estava inquieta. Kurt já devia encontrar-se ali. O plano era substituir o motorista por um dos homens do grupo. E se ele não aparecesse logo, a oportunidade de levar Harris para fora do país estaria perdida.

O motorista estava falando com o atendente. Aproximou-se mais e ouviu-o dizer:

— Pronto?

— Tudo em ordem — respondeu o rapaz, saltando ao chão. Correu para eles, dizendo:

— Esperem um instante. Esqueci a caixa com os frascos de solução de Ringer.

Voltou correndo ao hospital. No saguão, encostou-se à janela e perscrutou a rua, esperando que o carro de Kurt aparecesse. Quando o viu estacionar junto ao meio-fio, agarrou um vidro de sabão líquido de glicerina e correu para fora. Alcançou a ambulância no instante em que Kurt entregava um papel timbrado ao motorista.

— Um despacho urgente do coronel Becker.

O homem leu o papel e ergueu os olhos, surpreso.

— Por que essa mudança de planos?

— Houve um acidente em Vitry. Vamos ter uma noite movimentada por aqui.

Enquanto ele se afastava, Kurt fez um sinal ao "maquis" para que tomasse o volante.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe Brigitte em voz baixa.

— O homem de Curei atrasou-se.

— Que papel é esse que você entregou ao motorista?

— Uma ordem assinada por Becker. Mas não se preocupe. Sei assinar o nome do comandante melhor do que ele mesmo.

— Muniu-se também de um salvo-conduto?

Ele bateu no bolso.

— Tenho tudo aqui. De qualquer modo, seguirei logo atrás de vocês. Se encontrarmos uma patrulha ao longo do caminho eu responderei às perguntas.

Movida por um súbito impulso, Brigitte tomou-lhe a mão.

— Kurt, eu...

— Sim?

— Obrigada.

— Algum dia, vou cobrar a dívida. — Kurt sorriu e bateu-lhe de leve no rosto. — Boa viagem.

Ele saltou ao chão e fechou as portas de irás da ambulância. Brigitte ouviu-o afastar-se um pouco e dizer alguma coisa a alguém. Pouco depois, punham-se a caminho.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Apesar disso ordenou-se:

"Não pense no risco que ele está tomando por você. Faça apenas o que deve ser feito".

— Onde ficaram de me apanhar? — perguntou Harris, enfiando o suéter.

Laura apontou para uma cerca alta, atrás da qual via-se uma cerrada massa de ciprestes.

— Ah, à beira da estrada.

— Um serviço porta-a-porta — observou ele, calçando as botas.

— Procuramos pensar em tudo.

— Falta muito para a hora combinada? Ela olhou para o relógio.

— Quinze minutos.

— Não haverá problemas com a patrulha?

— Kurt programou a partida de modo a passar por aqui no intervalo entre duas rondas.

— A fronteira fica muito distante?

— A cerca de duas horas de carro daqui.

— Quantas barreiras de verificação encontraremos no caminho?

— Duas. Mas Kurt irá escoltá-los para que não haja problemas com os guardas.

— E sua cunhada?

— Ela irá acompanhar o paciente até o Hospital da Misericórdia, como de hábito.

Harris ficou olhando para ela, enquanto preparava a mochila.

— O que farei quando chegar à Berna?

— O motorista lhe dará o nome e o endereço de nosso contato nessa cidade. Mas você não terá nada a temer. A Suíça é território neutro.

— O.k. Isso é tudo?

— Não.

Laura tirou uma pistola do fundo da gaveta e passou-a às mãos dele.

— Tome.

Ele olhou para a 38.

— Não vai precisar dela?

Ela sorriu.

— Dispomos de uma porção de armas agora.

— Lembra-se de quando lhe dei esta?

— Lembro-me, sim...

— Desejava-a tanto naquela noite, que tive de fazer um esforço para não mandar os outros passearem.

— Parece que foi há uma eternidade...

Harris assentiu, pensativo.

— Muita coisa aconteceu depois disso.

Ficaram um longo momento em silêncio, ambos imersos em recordações. Foi Laura a primeira a falar:

— Que vai fazer, depois que entrar em contato com o suíço?

— Tentarei voltar para a Inglaterra e anexar-me à minha unidade, aquartelada na Base Aérea de Church Fenton.

— Vai tornar a voar?

— Sim, claro!

— Não vão lhe dar uma licença? Afinal, você ainda está convalescendo.

— Um descanso de alguns dias, talvez. Não mais do que isso.

— Onde vai passá-los?

— Brighton, Bournemouth, Skegness... Num hotel qualquer à beira-mar.

— Gostaria de poder ir com você. Tivemos momentos tão felizes em Londres... — suspirou Laura, lembrando-se também da dor que sentira quando haviam se separado.

— Teremos outros iguais... um dia.

Harris abraçou-a e beijou-a. Ficaram assim durante muito tempo. Depois, ele abaixou um dos braços e consultou o relógio.

— Está na hora.

Ela desprendeceu-se dele e foi buscar o casaco.

— O que pensa que vai fazer?

— Acompanhá-lo até a estrada.

— De modo nenhum!

Se tentar me impedir, vou fazer uma cena!

— É perigoso, Laura.

Ela não respondeu. Vestiu o casaco e ficou então a olhá-lo, calma e impassível.

— Está bem — concordou ele, resignado. — Vamos! Desceram os degraus da entrada de mãos dadas. A neve que caía em suaves flocos brancos adornava o cume dos pinheiros.

— Cheguei com a neve e estou indo embora com ela — disse Harris, olhando para o céu negro, onde se acendiam as primeiras constelações.

Laura abraçou-se a ele, tentando não pensar nas noites vazias que a aguardavam.

— É sinal de boa sorte.

Caminharam lentamente até o local do encontro. Minutos depois, as luzes de dois veículos riscavam a escuridão, a forma clara da ambulância seguida de perto pela mais escura do carro do Estado-Maior, com as bandeiras alemãs esvoaçando ao vento.

Harris virou-se para ela e beijou-lhe os lábios.

— Adeus, garota.

— Estamos sempre a nos dizer adeus, não é, Dan?

— É o que parece.

Ela conteve as lágrimas e ergueu corajosamente a cabeça.

— Tenha cuidado, sim?

— Fique descansada.

A ambulância parou diante deles com um guinchar de pneus.

Quando as portas de trás se abriram, puderam ver Brigitte sentada, com o corpo rígido, ao lado da maca.

— Entre, Harris! — gritou ela.

Ele saltou para o interior do veículo e virou-se para Laura.

— Eu voltarei!

A ambulância partiu imediatamente, a luz dos faróis cintilando através da neblina. Quase antes que percebesse, os faróis do Mercedes se tornaram uma claridade ofuscante e o carro passou por ela como uma sombra cinzenta no rastro da luz, e desapareceu na estrada.

Dentro da ambulância, Brigitte envolveu Harris em lençóis e escondeu-o atrás da cama de seu paciente.

— Não fale, a menos que eu lhe dirija a palavra — avisou ela. — Chegaremos à primeira barreira dentro de vinte minutos.

Depois disso, ela tornou a acomodar-se no banco e ficou a olhar a estrada cheia de neve que, metro após metro, era engolida pelas rodas do veículo. Quando a casa do guarda ficou à vista, inclinou-se para Harris e disse baixinho;

— Fique completamente imóvel. Estamos chegando. Eles costumam intensificar a vigilância perto da fronteira.

— O.k.

Brigitte sorriu. Americanos! Mostravam-se despreocupados até quando suas vidas corriam perigos.

Nesse instante, a ambulância parou diante da barreira abaixada. A sentinela alemã saiu de seu abrigo e pôs-se a falar com o motorista. Ela podia ouvir o murmúrio das vozes, mas não entendia o que estavam falando.

Seguiu-se um silêncio opressivo e então as portas duplas da ambulância se abriram e a luz de um farolete focalizou-se em seu rosto, cegando-a.

— É a enfermeira? — perguntou-lhe uma voz em alemão.

— Sim, senhor.

— O que há com seu paciente?

— Sofreu queimaduras de terceiro grau.

— Para onde o estão levando?

— Hospital da Misericórdia, em Berna. — Então, sem refletir, acrescentou: — O cabo está com o nosso salvo-conduto, liberado pelo coronel Becker.

Mal as palavras lhe haviam saído da boca, lamentou tê-las dito. Era regra primordial não dar informações aos guardas, a menos que fossem solicitadas.

Ficou em silêncio, esperando que o homem voltasse a falar. Em vez disso, ele baixou o farolete para a maca. Ao sentir o inconfundível cheiro de narcótico, torceu o nariz e fechou as portas com força.

Ainda trêmula, ela ergueu a ponta da cortina que vedava a janelinha e viu-o falar com Hesse, antes de voltar à guarita e erguer a barreira.

Quando os dois veículos passaram, soltou um profundo suspiro de alívio.

— Tudo bem. Conseguimos — disse, inclinando-se para Harris.

Ele pôs a cabeça para fora dos lençóis e sorriu.

— Um ponto a nosso favor.

— O verdadeiro teste será na fronteira. Até lá, procure dormir um pouco.

Harris tornou a cobrir-se com os lençóis, pensando como alguém poderia dormir nessas circunstâncias, mas acabou por mergulhar numa leve sonolência. A voz de Brigitte o fez despertar.

— Harris... pode me ouvir?

— Sim, posso.

— Chegamos à fronteira. Todo cuidado é pouco.

Brigitte consultou o relógio e, pela primeira vez, desde que haviam deixado Bar-lec-Duc, relaxou. Faltavam cinco minutos para a meia-noite. Estavam chegando à fronteira pouco antes da mudança de guarda. Exatamente como tinham programado.

Havia apenas uma sentinela armada em serviço, como era o costume nos postos avançados da fronteira. Ele saiu de seu abrigo e parou primeiro para falar com Hesse.

— Os papéis, por favor.

O cabo estendeu-os sem dizer palavra.

— Está escoltando a ambulância?

— Sim, mas até este ponto.

O soldado assentiu, porém algo em sua expressão fez Hesse sair do carro e segui-lo até o veículo da frente. Chegou quando ele perguntava a Brigitte:

— Por que motivo estão levando esse doente para a Suíça?

— O Hospital da Misericórdia dispõe de mais recursos para tratar de casos de queimadura de terceiro grau — explicou ela.

A sentinela olhou-a com ar enigmático. Depois tirou o rifle do ombro, calou a baioneta e cutucou a forma imóvel na maca.

Brigitte retesou-se, quando seu paciente gemeu, mas não abriu a boca, não satisfeito o homem enfiou a arma na trouxa de lençóis atrás da maca. Não houve nenhum som, mas ele voltou-se para Kurt com ar triunfante.

Antes que o cabo pudesse reagir, Harris emergiu de trás da maca com a arma engatilhada e atirou. O barulho no espaço confinado foi ensurdecedor. Uma expressão de perplexidade surgiu no rosto do guarda. Depois seu peito tingiu-se de vermelho e ele caiu lentamente na estrada, os olhos arregalados.

Kurt, muito pálido, não se movia. De repente, como que impelido por uma mola, ele ajoelhou-se ao lado do soldado e bateu-lhe o pulso. Sentiu a pulsação enfraquecer sob seus dedos e por fim cessar. Deixou então cair o lenço e levantou-se.

— Por que teve de matá-lo? — perguntou, olhando para Harris.

— Que mais eu poderia fazer para calar sua boca?

O piloto saltou ao chão. Nesse instante, alertado pelos tiros, o motorista chegou correndo.

— Ajude-me a tirá-lo daqui.

Enquanto os dois homens levavam a sentinela de volta à guarita, Kurt envolveu Brigitte pelos ombros. Ela tremia tanto que seus dentes batiam sem parar.

— Acalme-se, querida. Você já viu muita gente morrer.

— Não assim — sussurrou ela.

— Ouça. Nem tudo está perdido. Podemos ainda levar o americano para além da fronteira e salvar nossas próprias peles.

— De que jeito?

— O substituto do guarda morto chegará dentro de alguns minutos, de modo que você não pode ficar aqui. Siga em frente e continue como se nada aconteceu. Acha que conseguirá?

— Sim, mas que explicação vai dar a seus superiores, Kurt?

— Direi que encontrei o guarda morto, quando cheguei aqui escoltando a ambulância. Mandeí que vocês seguissem em frente e permaneci no local para fazer o relatório. Eles pensarão que foi obra de um sabotador local. Isso costuma acontecer com frequência aos guardas de postos avançados. Harris, que chegava naquele instante com o motorista, aprovou-o:

— É uma desculpa plausível. Obrigado.

O cabo olhou-o friamente.

— Não estou fazendo isso por você.

O piloto balançou a cabeça e entrou na ambulância sem acrescentar palavra.

Antes de fechar a porta, Kurt inclinou-se para Brigitte.

— Até a volta. Estarei esperando por você em Bar-lec-Duc.

Ela tomou-lhe a mão e levou-a ao peito.

— Eu o amo, Kurt — murmurou em alemão.

Ele ficou parado na estrada, enquanto a ambulância ganhava velocidade e desaparecia na primeira curva. Por que Brigitte escolhera aquele instante crucial para lhe dizer o que ele tanto queria ouvir?

Ainda perplexo, dirigiu-se à guarita. Tudo aconteceu com tal rapidez, que perdera a noção do tempo. Ficou aliviado, ao ver no relógio da casa do guarda, que se haviam passado apenas alguns minutos. Aspirou profundamente o ar puro da noite e então foi ao telefone. A linha estava sempre ocupada. Depois de várias tentativas, o operador em Lyon obteve-lhe finalmente a comunicação com Bar-lec-Duc.

— Aqui é Kurt Hesse, ajudante-de-ordem do coronel Becker, governador militar do departamento do Mosa — disse com voz firme. — Quero relatar um ato de sabotagem que aconteceu em Lissante, posto avançado na fronteira com a Suíça...

Enquanto o tenente de plantão tomava nota da versão alterada dos fatos, ele ouviu o ruído fraco de um motor que se aproximava crescendo de intensidade a cada momento. Dois minutos depois, uma motocicleta parava diante da guarita.

O substituto da sentinela havia chegado.

LIVRO TERCEIRO

Libertação Verão de 1944

Capítulo XII

— Curei garantiu que não vai demorar muito — sussurrou Laura, enquanto percorria o longo corredor do hospital ao lado de Brigitte.

— Ele vem dizendo isso há um mês — retrucou sua cunhada, no mesmo tom de voz.

— Desta vez é certo. A Resistência recebeu outra mensagem ontem à noite.

As duas olharam em torno ao mesmo tempo, para ver se ninguém as ouvira. Uma estranha inquietação começava a invadir o saguão. Os soldados alemães corriam de um lado para o outro e, pela primeira vez, como se tivessem necessidade de que alguém acorresse em seu auxílio.

— É melhor continuarmos a conversa lá fora — disse Laura. Esperaram até alcançarem o pátio. Só então ela voltou a falar:

— Você viu? Pareciam baratas tontas! Algo está para acontecer. Sinto isso!

Era um sentimento intangível. Começara com um leve pressentimento no fundo do coração. Depois fora crescendo até tornar-se certeza.

— Que foi que você soube? — perguntou-lhe a cunhada.

— Os aliados estão organizando uma operação chamada "Projeto Soberano". A mensagem dizia que a invasão é iminente.

Brigitte ficou mais atenta.

— Como é que vocês recebem essas mensagens?

— Através da BBC. A primeira delas chegou há uma semana, codificada num poema de Verlaine, a partir desse dia, passamos a recebê-las quase diariamente.

— Não sei. — A moça balançou a cabeça, incrédula. — Fala-se dessa invasão há meses! Onde vai ser isso?

— Parece que os aliados estão tentando enganar os alemães sobre o local exato da invasão. Curei disse que pode ser Calais, ou Brest, ou um ponto qualquer da Normandia.

— Como é que Curei sabe tantas coisas?

— Oh, ele tem fontes de informação que não revela. Conhece todo o mundo e todos con-

fiam nele.

Houve um brilho de esperança nos olhos de Brigitte.

— Acha que podemos vencer os alemães?

Laura acariciou-lhe a mão.

— Claro que sim! Por razões estratégicas, os fatos e as decisões mais importantes terão que permanecer em estrito segredo, mas uma coisa é absolutamente certa: a invasão sobrevirá.

— Então, vamos torcer para que aconteça logo! — disse a moça com fervor.

— Kurt não disse nada? Afinal, ele deve saber que as vitórias alemãs se transformaram em sucessivas retiradas.

— Ele não sabe o que pensar da situação.

— E Becker?

— O coronel é muito fechado. Ninguém sabe o que ele pensa.

— Nem mesmo Kurt?

— Ele tem a impressão de que o coronel está esperando alguma coisa, mas não sabe o quê. Depois de uma série de alarmes falsos, ninguém estava dando muita importância aos boatos.

— Ótimo — disse Laura com satisfação. — Espero que continuem confiantes, sem fazer caso dos rumores. Quando a invasão acontecer, vai pegá-los desprevenidos.

— Ainda estou para ver um soldado alemão confiante. Veja: essa atividade me parece fora do normal. Acho que eles estão se preparando para partir.

— E ainda há gente que acredita que esta cidade não poderá funcionar sem eles! — comentou Laura com desprezo.

— Mas eu me lembro bem como é viver em liberdade!

— Oh, Brie... Eu também! E confio em Deus de que seremos livres novamente!

Por um momento, encararam juntas a questão. Depois Brigitte falou:

— É melhor você voltar para a escola antes que Lysette comece a procurá-la.

— Você virá para o jantar?

— Claro! Pode me esperar.

Laura montou na bicicleta estacionada no pátio e seguiu pela rua principal. As calçadas estavam repletas. Havia uma excitação no ar e todos podiam sentir isso. Os alemães não haviam sido os únicos a reagirem aos boatos. Os transeuntes olhavam-se e sorriam levemente e então desviavam a vista, como se tivessem medo de demonstrar seu contentamento.

Ao chegar diante da escola ouviu as vozes e os risos das crianças brincando no pátio. Enquanto subia as escadas, uma brisa suave, perfumada com os primeiros botões de uma sebe de lilases, acariciou-lhe o rosto. Suspirou, nostálgica. Fora um dia assim, quatro anos antes, que Alain lhe dissera que um agente americano viria para ajudá-los. Naquela ocasião, não tinha a menor idéia da importância que ele ia ter em sua vida.

Fazia oito meses que não tinha notícias dele. Recebera algumas mensagens esporádicas através da rede de informações da Resistência. A primeira anunciava que ele chegara são e salvo à Inglaterra. E a última que ele estava voando novamente. E isso fora tudo.

Ao passar por sua classe, colocou os livros no armário e foi procurar Lysette. Achou-a sentada atrás da escrivaninha, com um livro aberto nas mãos, mas os olhos perdidos na distância.

— Já almoçou?

Lysette virou-se para ela com um sobressalto.

— O quê?

Laura riu.

— Imersa em pensamentos?

— Oh... sim. O que foi que você disse?

— Perguntei se já almoçou.

— Não estou com fome.

— Você nunca está com fome. Como faz para ficar de pé?

A amiga murmurou algo ininteligível e ela continuou, baixando sensivelmente o tom de voz:

— Correm rumores de que a invasão é iminente.

Lysette fechou o livro com um golpe seco, mas não disse nada.

— Não acha maravilhoso?

— Já ouvimos esses rumores antes.

— Sim, eu sei. Mas acredito que desta vez sejam verdadeiros. Os aliados continuam seu avanço pela península italiana. Entravam em Roma ontem. Os alemães estão em plena retirada e...

— Como pode saber? — cortou a moça levantando-se. — Não temos meios de verificar tudo o que ouvimos. As pessoas dizem o que querem, ou o que gostariam que fosse verdade. Pode ser mais uma onda de boatos.

Laura fitou-a, pensativa. Lysette tornara-se mais distante do que nunca. Acidentalmente descobrira que ela tomara o hábito de desaparecer em horas estranhas, provavelmente para dar longos passeios ou para ir à igreja, as únicas coisas possíveis de fazer, devido às limitações do toque de recolher.

Mas não a censurava por afastar qualquer intrusão em seu repouso, preferindo a solidão. E a defendia, quando os outros a acusavam de ser fria e até hostil. O que a intrigava sobremaneira era que ela parecia não querer que a invasão acontecesse e que os alemães fossem expulsos da França!

— Não há nada oficial — disse, cautelosa. — Estou me baseando no comportamento dos próprios alemães. Acho o silêncio deles muito significativo. Não estão tentando abafar esses rumores com propaganda, como costumavam fazer. Isso leva a crer que têm problemas maiores com que se ocupar.

— Não sei — disse Lysette, indo para a janela. — E prefiro não fazer comentários a esse respeito.

Virando-se, ela acrescentou:

— O recreio já terminou. Não quer tocar o sino?

Laura ficou a olhá-la durante alguns segundos. Depois deu-lhe as costas e deixou a sala sem dizer palavra.

Lysette esperou que seus passos morressem no corredor e então cobriu o rosto com as mãos, os soluços sacudindo-lhe o corpo sem parar.

Amanhecia, quando bateram à porta dos aposentos de Becker. Ele passara a noite em cla-

ro, à espera dessa visita, e não se surpreendeu. Descansou o cigarro no cinzeiro, vestiu a túnica do uniforme e foi abrir a porta para Hesse.

—Então?

Seu ajudante estendeu-lhe o despacho.

— Acabamos de decifrá-lo. Há outros a caminho, mas achei que gostaria de saber logo as notícias.

Becker revirou o papel entre os dedos, mas não o abriu.

— O que diz?

— É sobre a invasão, senhor.

— Onde desembarcaram? Em Calais?

— Num ponto qualquer da Normandia.

O coronel bateu o envelope na palma da mão.

— Normandia... a opção menos óbvia. — Ele olhou para Hesse. — Pensei que o mau tempo fosse retardar a operação.

— Era o que todos pensavam, senhor.

— Receberam informações de nossas sentinelas avançadas?

Hesse baixou os olhos.

— Há vinte e um comboios americanos e outros trinta e oito, entre britânicos e canadenses. A estimativa é de cento e cinquenta mil homens na primeira leva.

Uma pequena veia começou a pulsar na testa do coronel.

— Continue, Hesse. Continue, não pare.

— O número de aviões era incontável. O rádio-operador disse que escureceram o céu.

Becker caminhou para a janela e pôs-se a contemplar o nascer do sol.

— Que dia é hoje?

— Seis de junho, senhor.

— Nunca iremos esquecer esta data ou este momento, Hesse. Lembre-se disso.

— Sim, senhor — disse o cabo com voz rouca.

— A derrota inglória da Alemanha! Agora, o mundo inteiro irá conhecer nossa vergonha: as mentiras, a corrupção através da cobiça pelo poder, os massacres... Não é desonra perder uma guerra, mas não haverá desculpa ou perdão para esta desgraça!

O coronel começou a falar com sua reserva habitual, mas acabou explodindo:

— Graças a Deus, meu pai não viveu para ver isto!

Ele calou-se, a voz enrouquecida pela velha mágoa, a velha fúria reprimida. Depois de uma pausa, continuou:

— Está tudo acabado, filho. Nossa lua-de-mel na França terminou.

Hesse estremeceu. Nunca vira seu comandante tão prostrado.

— O que vai acontecer agora?

— Não sei. — Becker apontou para uma pilha de papéis. — Estive relendo as ordens enviadas pela Chancelaria nestas últimas semanas. São absolutamente contraditórias. Nossos generais estão em pânico, Hesse!

— Acha que vão ordenar a retirada?

O coronel dirigiu-lhe um sorriso afetuoso e resignado.

— Penso que sim, meu rapaz.

— Não há esperança, então?

Becker colocou-lhe as mãos nos ombros.

— Nenhuma. Lutaremos por algum tempo ainda. Mas será uma loucura continuar enviando divisões para serem exterminadas por um inimigo tão poderoso. A guerra está perdida, Hesse. E como cavalheiro e oficial, eu sei que é tempo de retirar-me do jogo.

Hesse abaixou a cabeça e nada disse.

— Não fique triste — tornou Becker gentilmente. — Eu lamento a desonra, mas, não a derrota. E é assim que tem de ser.

— Sim, senhor.

— Agora preste atenção: quero que vá buscar madame Remy esta noite.

— Pois não, senhor.

— Mais uma coisa; aconselho-o a preparar o espírito de sua amiga. Quando recebermos a ordem de retirada, que não deve demorar, não haverá tempo para os adeuses.

Esse assunto nunca fora discutido entre eles, mas Hesse não se surpreendeu e disse respeitosamente;

— Farei isso, senhor.

— Agora vá e traga um bom café da manhã para dois. Temos de nos preparar. Este vai ser um dia muito, muito longo.

Aquela noite, um pouco antes do toque de recolher, Curei bateu à porta dos fundos da casa Duclos. Foi Laura quem abriu a porta.

— Alô, Curei.

— Boa noite, Laura.

O rosto dele irradiava alegria e ela percebeu imediatamente a razão de sua inesperada visita.

— A invasão... — murmurou emocionada. Os olhos do veterano cintilaram.

— Já aconteceu. A notícia chegou pela BBC há alguns minutos.

— Onde foi?

— Na Normandia. Começaram a desembarcar esta manhã, num trecho da costa entre Caen e Valognes.

Laura lançou-lhe os braços em volta do pescoço e beijou-o no rosto.

— Deus seja louvado!

Depois o fez entrar.

— Venha nos contar tudo.

Brigitte largou a xícara de chá em cima da mesa e virou-se sorridente para ele.

— Qual é a novidade, Curei?

Ele sentou-se diante das duas e começou a falar:

— A mensagem era breve, como sempre, e anunciava que cinquenta e sete mil soldados americanos e outros vinte e um mil canadenses desembarcaram em território francês.

Os olhos da moça arregalaram-se de espanto e ela exclamou, num sussurro emocionado.

— Meu Deus!

A voz de Curei era exultante.

— Mil e cem vasos de guerra, quinhentas barcaças de desembarque, mais de três mil aviões! Isso foi tudo o que pudemos decifrar, mas é suficiente para compreender que uma grande Força de Invasão, a maior desta guerra, desembarcou na França sob o comando do general Eisenhower.

— Deus salve a América! — disse Laura com fervor e seus companheiros sorriram.

— Continuará a nos manter informados de tudo o que souber? — indagou Brigitte.

Curei assentiu.

— Claro que sim.

— Recebeu alguma instrução para o nosso grupo?

— Ainda não.

— Mas nós queremos ajudar, Curei! — disse Laura.

— Você já nos prestou uma ajuda inestimável nesses quatro anos.

Ela ficou surpresa. O antigo veterano era um homem frio por natureza, não costumava fazer elogios.

— O que faremos?

— O controle da situação passou para outras mãos. Temos que aguardar ordens superiores.

— Então, só nos resta brindar a esse momento histórico!

Laura desceu para a adega e voltou minutos depois com uma garrafa de velho Armagnac, os selos ainda intactos.

— Estava guardando essa preciosidade para uma ocasião especial — disse, enchendo três copos até a metade.

Curei recostou-se na cadeira e ergueu o dele.

— Ao sucesso da invasão!

— À nossa amada França! — acrescentou Brigitte, antes de sorver a suave, fragrante bebida.

Terminaram de beber em silêncio, ainda sob um clima de emoções diversas. Laura foi a primeira a levantar-se,

— É melhor que vá, Curei. Seria uma pena se o apanhassem na rua, justamente quando estamos para vencer esta guerra.

O veterano sorriu.

— Voltarei amanhã, provavelmente a esta mesma hora.

Quando ele saiu, Laura virou-se para a cunhada, exultante.

— Não lhe disse?

Ela riu de contentamento.

— Vai demorar muito para os americanos chegarem?

— Eles acabaram de desembarcar, Brigitte! Não vai querer que estejam aqui amanhã bem cedinho, quando você acordar!

— Não seria maravilhoso?

— Fique descansada. Eles vão chegar.

— Quanto a isso não tenho a menor dúvida! Acha que Harris virá com eles?

— Não tenho idéia. Mas acredito que não. Harris é piloto e a ocupação está a cargo das unidades de infantaria.

— Para mim, um soldado é um soldado!

Laura virou-se para o fogão sorrindo.

Brigitte disse:

— Consegui um pouco de chá. Não quer tomar uma xícara.

— Claro!

Enquanto sorviam o líquido fumegante, Brigitte tornou:

— Você teria imaginado que a guerra fosse terminar assim?

— Mas a guerra ainda não terminou — disse Laura, cautelosa.

— Não seja desmancha-prazeres! Não ouviu Curei descrever o tamanho da Força de invasão? Quem poderia enfrentá-los com sucesso?

— Você conhece os alemães. Acha que vão desistir facilmente?

Brigitte permaneceu um instante em silêncio, pensativa. Depois perguntou:

— Quanto tempo você julga que ainda vai durar esta guerra?

— Gostaria de ser otimista, mas acho que vai demorar ainda algum tempo. Um ano, talvez.

— Mas a invasão é o começo do fim, não acha?

— Estou plenamente de acordo com você!

Becker levantou-se e foi até a janela. A rua estava escura e deserta. Voltou para a mesa, deu uma tragada profunda no cigarro e apagou-o no cinzeiro já transbordando de tocos. Lysette estava atrasada. Quando isso acontecia, achava difícil manter a calma, mesmo sabendo que, às vezes, Hesse mudava de itinerário por medida de precaução.

Ele acender mais um cigarro, quando ouviu uma leve batida na porta. Levantou-se de um salto. E quando Lysette entrou, a luz do hall pondo um halo em volta de seus cabelos, sentiu -a tensão ceder. Foi ao seu encontro e tomou-lhe ambas as mãos, estudando-lhe intensamente o rosto. Sua reserva tensa era confirmação de que ela já sabia.

Levou-a para a poltrona e a fez sentar. Depois apoiou o braço no consolo da lareira e perguntou calmamente:

— Ouviu falar da invasão?

Ela abaixou a cabeça.

— Sim. Dizem que a Alemanha já está vencida.

— Não dê importância a isso. Essa gente costuma exagerar.

Lysette ergueu o rosto, e disse com súbita e desesperada energia na voz:

— Diga tudo o que sabe, Anton. Por favor.

Ele endireitou-se bruscamente.

— Os aliados desembarcaram na costa da Normandia.

— São muitos?

Becker ficou em silêncio.

— Centenas de milhares — tornou ela. — É o que dizem por aí.

— Ainda não sabemos o número exato.

— Vão demorar para chegar até aqui?

— É impossível saber, Lysette.

— Mas você terá que partir, não é?

Ele sentou-se ao lado dela e tomou-lhe as mãos trêmulas.

— Ouça-me...

— Não quero ouvir nada! Desde o começo eu sabia. Desde o começo... — Ela lançou-lhe os braços ao pescoço e o trouxe para mais junto de si. — Quero ir embora com você, Anton.

Gentilmente, ele soltou-se de seus braços e obrigou-a a encará-lo.

— Lysette, minha querida... Você sabe que eu não posso fazer isso.

— Não sei viver sem você.

A patética lassidão de sua voz comoveu-o.

— Você vai achar uma nova razão para viver. Todos neste país farão isso.

— Não entendeu, Anton. Não quero viver sem você.

— Você diz isso agora, mas quando chegar o momento...

Ela despreendeu as mãos com um gesto brusco.

— Oh, cale-se! Já vivi o suficiente para saber o que significa para você: a prostituta da aldeia que você pode usar e esconder. Apenas isto!

O movimento de Becker foi rápido e impulsivo. A palma aberta de sua mão atingiu-a em pleno rosto. Súbito, o pleno horror de seu gesto explodiu em seu entendimento e ele abaixou a cabeça. Jamais se sentira tão envergonhado em sua vida.

— Perdoe-me, meu amor. Mas você estava dizendo coisas tão terríveis de si mesma... Não pude suportar.

Quando tornou a erguê-la, seu rosto moreno estampava uma profunda tristeza.

— Não deve pensar que eu a considero tão pouco. Eu poderia ajoelhar-me a seus pés e adorá-la apenas.

Ele falou tão docemente, que os olhos de Lysette encheram-se de lágrimas. Um soluço escapou de seus lábios antes de ela murmurar:

— Anton... desculpe. Não tinha a menor intenção de dizer o que disse.

Ele beijou-lhe as lágrimas que lhe corriam pelo rosto, dizendo-lhe ao ouvido palavras de carinho, até fazê-la parar de soluçar. Depois tornou:

— Quando eu partir, você vai ter que ficar aqui por seu próprio bem.

— Acha que eu me importo com o que possa me acontecer?

— Eu me importo!

Becker levantou-se e foi até a janela.

— Se ficar aqui, será considerada a cidadã de um país ocupado. Os americanos a tratarão bem e a respeitarão. — Ele esboçou um leve sorriso. — Eles gostam de pensar que são como os antigos gregos na vitória. Benevolentes.

— E se eu não quiser a segurança e o respeito, preferindo arriscar tudo a seu lado?

— Você não sabe o que isso significa — disse ele tristemente.

— E você sabe?

— Posso imaginar, pelas histórias que ouvi da outra guerra. Serei o soldado de um exército derrotado. Não apenas derrotado, mas em desgraça.

— Desgraça?...

— Não vai demorar muito para o mundo inteiro saber o que os nazistas fizeram. A vingança será tremenda!

— Mas você nunca pertenceu ao partido!

— Como poderão saber? Serei um oficial alemão comandando a retirada. Se eu for capturado e você estiver comigo...

— Que devo fazer para que você entenda que eu não tenho medo?

— Não vou permitir que corra esse risco!

— Por favor, Anton! Pare de me tratar como se eu fosse uma criança. Sou mulher feita e sei tomar minhas próprias decisões.

— Não cabe a você tomar esta decisão. Mas a mim!

Ele levantou-se e compôs a túnica. Depois puxou Lysette para si e cingiu-lhe o corpo leve e pequeno.

— Temos ainda esta noite. Não vamos estragá-la com discussões inúteis.

Ela ia responder, quando ele ergueu a mão como se quisesse colocá-la sobre sua boca. Mas foram os lábios que ele pousou sobre os lábios dela.

Brigitte levantou-se e abriu a porta dos fundos. Kurt estava parado no limiar, com um sorriso no rosto e um pacote numa das mãos.

— Você está atrasado. O que aconteceu?

— Becker incumbiu-me de uma missão. Laura não está?

— Vai demorar ainda um pouco. Não quer entrar?

Ele passou para a cozinha e foi logo colocando o pacote em cima da mesa.

— Para você.

Brigitte desembulhou-o e sorriu, delicada.

— Bolo de ameixa. Onde o conseguiu?

— Tirei-o da mesa dos oficiais. Aproveite, é o último. O carregamento de farinha que devia chegar de Berlim foi suspenso.

Ela empalideceu.

— Isso quer dizer que vocês estão na iminência de partir?

Ele deu de ombros.

— Significa que vai haver uma mudança. Mas qual, ninguém sabe.

— Mas vocês vão partir, não vão?

— Vai depender do avanço aliado. Becker acha que será dentro de um a dois meses, no máximo.

Kurt atraiu-a para seus braços.

— Mas isso não vai mudar nossos planos, querida. Eu partirei com minha unidade e quando a guerra terminar, voltarei para você. Ou você irá ter comigo. Não se preocupe.

— E se demorar muito?

— Acha que isso mudará o que sentimos um pelo outro?

— Não sei, não sei. Thierry partiu e nunca mais o vi — murmurou ela, subitamente medrosa. — Não quero que vá embora, Kurt!

Ele tentou fazer pilhéria.

— É essa a Joana d'Arc que queria expulsar os hunos da França? Pensei que você fosse ficar contente de nos ver partir.

— Não brinque comigo, Kurt — disse ela, a ponto de chorar. — Não posso suportar a idéia de viver sem você.

Ele roçou o rosto na sedosa maciez de seus cabelos.

— Lembra-se de quando cheguei aqui? Você era tão orgulhosa...

— E você tão insistente...

Encararam-se um instante, e então Kurt puxou-a para si. Ela foi sem a menor resistência e ergueu os lábios para ele. O beijo foi profundo e apaixonado.

— Faça amor comigo, querido — murmurou ela de repente. — Agora!

Ele a olhou sem compreender. Quantas vezes não lhe pedira que fosse sua e ela sempre recusara...

— Por que justamente agora?

— O futuro é tão incerto, meu querido... Quero estar com você, quero viver o meu sonho! Ele permaneceu em silêncio e ela sentiu-se enrubescer.

— Você... não quer?

— Oh, Brigitte... Eu a desejo tanto!

Sem dizer palavra, ela o pegou pela mão e o levou para o andar superior. O quarto estava iluminado apenas pela luz rosada do abajur. Estendeu a mão, apagou-o e começou a desabotoar-lhe a túnica.

— Kurt... — murmurou, enquanto lhe passava lentamente os dedos pelo peito.

Alguns instantes depois, os seus lábios se colavam aos dele e o seu corpo jovem e macio se aquecia ao contato com o seu

Kurt soergueu-se na cama e olhou para Brigitte.

— Está acordada, querida?

Ela virou-se para ele e aninhou-se em seus braços,

— Estou... Você vai ter que voltar para o quartel?

— Não. Estou de folga até amanhã de manhã.

Ela riu, alegre.

— Nenhuma missão para Becker?

— Não. — Kurt sorriu, misterioso. — Ele vai estar muito ocupado.

— Assim como nós?

Ele ficou sério.

— Vamos nos preocupar apenas conosco, está bem? O coronel tem seus próprios problemas.

— Problemas relacionados com a retirada?

Kurt lançou-lhe um olhar exasperado e mergulhou os dedos nos cabelos dela.

— Ele não tem culpa pelo fracasso da ocupação!

— Você gosta muito dele, não é mesmo?

— O coronel é um homem bondoso. Infelizmente, foi colhido por uma situação indesejável e não pôde esquivar-se.

Brigitte cobriu os seios com o lençol.

— Bondoso? Que é isso? Ele mandou matar meu irmão!

— Ele não tinha outra alternativa.

— Você o está defendendo, Kurt?

Ele curvou-se e beijou-lhe o alto da cabeça.

— Tudo isso pertence ao passado, Brigitte. Vamos falar de coisas que interessam apenas a nós dois.

— Que coisas?

— Como será a nossa vida quando a guerra terminar, por exemplo.

Ela sorriu, sonhadora.

— Onde iremos morar?

— Onde você quiser. Podemos ir à Alemanha e eu mostrarei a você a minha casa. As roseiras devem estar todas em flor agora. Isto é... se a casa não foi reduzida a escombros por alguma bomba.

Súbito, ele sentou-se na cama e cochichou:

— O que é isso?

Brigitte apurou ouvidos, alerta.

— É meu pai — disse ela, alcançando o vestido. — Está me chamando.

— Acha que ele nos ouviu?

— É bem provável. Fique aqui, bem quietinho. Vou ver o que ele quer.

— Chame, se houver algum problema.

— Não será necessário. Sei como tratá-lo.

Brigitte deslizou silenciosamente pelo corredor escuro e bateu à porta de Henri.

— Papai?

— Entre — respondeu uma voz baixa mas firme.

— Você me chamou?

— Qual é o motivo desse barulho? — perguntou Henri, irritado.

— Que barulho?

— Não diga que não ouviu?

— Não sei do que está falando, papai.

— Thierry e Alain estão brigando novamente?

— Não, papai.

— Tive a impressão de que aqueles dois estavam brigando — disse ele, mais calmo.

— Deve ter sido o gato dos Langtot.

— Aquele bicho devia ficar preso na estrebaria.

Henri virou-se para a parede.

— Vá chamar Thierry.

Brigitte ficou preocupada. Às vezes, quando suas ordens não eram obedecidas, ele ficava quase incontrolável.

— Thierry está trabalhando no turno da noite.

— Que horas são?

— Cerca de dez horas.

— Quando ele chegar, mande-o subir. Vou ter uma boa conversa com ele. Não quero que brigue mais com Alain. Ele é mais velho e devia ser mais responsável.

— Farei isso, papai.

— E Alain?

— Foi dar uma volta!

— Tão tarde?

Brigitte curvou-se e alisou-lhe os cabelos.

— Posso fazer alguma coisa por você, papai?

Henri fechou os olhos.

— Sim. Dê um pouco de água ao gato. Caso contrário, não poderei dormir.

— Está bem, papai.

Brigitte fechou mansamente a porta atrás de si e voltou para seu quarto.

— O que foi? — perguntou-lhe Kurt.

— Ele ouviu nossas risadas e pensou que fossem meus irmãos brigando.

— Que desculpa arrumou?

— Disse-lhe que era o gato do vizinho.

— Ele acreditou?

— Sim.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Pobre papai! Achou que podia proteger-se do mundo escondendo-se dentro de si mesmo. Agora, tudo o que ele quer é dormir em paz.

Kurt tocou-lhe delicadamente o rosto.

— Sinto muito por você, Brigitte.

Ela o fitou com tristeza.

— Não sente também por Alain e Thierry? E por todas as coisas que a guerra nos tomou? A vida de meus irmãos, a saúde de meu pai?

— Sim, Brigitte. E remediaria tudo, se pudesse. — Ele passou-lhe o braço pelos ombros e a trouxe para perto de si.

— Lembro-me desta casa quando era cheia de alegria e felicidade. Agora, quando meu pai ouve alguém rir, não reconhece o som.

— Como era ele, antes que isso acontecesse?

Ela sorriu levemente.

— Papai nunca foi muito forte. Mas era lúcido, sereno...

Kurt deitou-a a seu lado e aninhou-lhe a cabeça no peito vigoroso. Enquanto lhe beijava os lábios, cobriu seu corpo com o dele e lentamente correu as mãos sobre a curva delicada de seus quadris.

Depois afastou-se um pouco para olhá-la. Os lábios dela estavam entreabertos, os olhos semicerrados.

Com um gemido rouco, puxou-a para si e pressionou seu membro endurecido contra o ventre macio.

— Brigitte...

Ela soltou um suspiro que lhe vinha do fundo da alma e, com um ímpeto selvagem, rece-

beu-o dentro de si.

Laura chegou uma hora depois, de volta de uma reunião com Curei. Viu o suéter de Brigitte na cadeira da cozinha e imaginou que ela estivesse em casa. Ansiosa para contar as últimas novidades, subiu ao seu quarto e bateu levemente na porta. Como não recebesse resposta, girou a velha maçaneta de bronze.

Estacou, surpresa ao ver os dois amantes. Brigitte apoiava a cabeça no ombro de Kurt e ele estava com o braço protetoramente passado em volta dos ombros dela. O lençol abaixado expunha-lhes a nudez até a cintura.

Laura contemplou-a durante alguns instantes com um sorriso nos lábios e depois fechou mansamente a porta atrás de si.

Capítulo XIII

Passou junho e depois julho. E dia após dia, chegavam mais notícias sobre o avanço aliado e o desenvolvimento da guerra. Cherbourg, o aeroporto de Carpinet, Saint-Lô e Vannes caíram sucessivamente, diante da inexorável Força de Invasão. Enquanto isso os habitantes de Fain-les-Sources esperavam, com a paciência típica dos camponeses, o momento em que a ocupação alemã terminaria de vez.

Isso aconteceu durante a primeira quinzena de agosto. Laura despertou no meio da noite com o ruído de tráfego pesado na estrada principal. Abriu a janela de par em par e viu uma fila imensa de caminhões e carros-blindados que rumavam para o leste. Notou as bandeiras com a cruz gamada nos capôs e nas laterais dos veículos, e exultou: os alemães estavam partindo.

Era um momento de alegria indescritível! Ficou parada, observando o espetáculo durante alguns minutos, e então lembrou-se de que Brigitte estava em casa. Foi acordá-la, mas encontrou-a já debruçada à janela.

— Chegaram de dia, à luz do sol, e estão indo embora escondidos pelas sombras da noite, como ladrões!

— Boa viagem de volta a Berlim! — gritou Brigitte com toda a força de seus pulmões.

As duas olharam-se e riram.

— Acha que Kurt foi com eles? — perguntou Laura.

— Não. Ele teria me avisado. Essa deve ser a primeira leva. O grupo de comando é sempre o último a partir.

Laura fitou-a. Admirava-se com sua capacidade de amar Kurt como indivíduo, embora de testasse os alemães, como um todo.

— Como será a vida sem eles? — observou, sorrindo.

— Uma coisa é certa; não haverá mais tanta ordem e eficiência. Mas quem se importa com isso?

— Parece que os poderosos conquistadores da Europa estão muito apressados. Os americanos devem estar no seu encalço.

— Não vou conseguir dormir. Estou excitada demais — disse Brigitte, tomando-a pelo braço e conduzindo-a para fora do quarto. — Vamos tomar um pouco de chá?

— O chá acabou.

— Oh, não! Quando teremos novamente fartura nesta casa?

Laura suspirou fundo.

— Manteiga, açúcar, café, filés macios, bolos confeitados...

— Não diga mais nada, por favor! A despensa está vazia.

— Mas quando os americanos chegarem...

— Acha que o maná vai chover do céu?

Becker estava cedo em atividade, naquela bela manhã de verão. Havia uma pilha de despachos sobre sua mesa de trabalho, que ele ia lendo à medida que iam sendo decifrados. Depois de ler o último, deixou-o cair ao lado dos outros e recostou-se na cadeira, pensativo. O fim estava próximo e ele queria estar vivo para ver o que acontecia.

Hesse interveio no silêncio que se seguiu:

— E então, senhor?

— Vamos ter que partir amanhã à noite. Durante a retirada, iremos explodindo as pontes sobre a Marsa e o Sena, a fim de retardar o avanço aliado.

— Quer que eu faça a distribuição do serviço de demolição?

Becker assentiu.

— Convoque também todos os chefes de divisões para uma reunião às nove horas em meu gabinete. — Ele fez uma pausa. — Ainda há uma coisa...

— Sim, senhor?

— Vá buscar madame Remy e traga-a aqui.

— Agora... senhor?

— Vamos estar muito ocupados esta noite, Hesse.

— Perfeitamente, senhor.

Enquanto dava ordens a seus auxiliares para que preparassem a evacuação do hospital, ele pôs-se a pensar numa fórmula mágica que fizesse Lysette entender por que tinha de partir sem ela.

Seu esforço revelou-se inútil. Hesse voltou sozinho.

— E madame Remy? — perguntou, com uma ponta de desapontamento na voz.

O rapaz olhou-o meio desconcertado.

— Bem... ela...

— Diga logo, homem!

— Ela se recusa a revê-lo, senhor.

Becker correu os dedos pelos cabelos escuros num gesto de cansaço e perplexidade. E numa voz que era quase um suspiro disse:

— Talvez seja melhor assim.

Depois ficou imóvel, a fitar pela janela os campos ensolarados. Decorrido um momento,

lembrou-se de Hesse e ordenou:

— Forme já os piquetes de demolição. As pontes devem ser destruídas dentro de no máximo quarenta e oito horas.

Quando seu ajudante saiu, recostou a cabeça no espaldar da cadeira e certas lembranças despertaram, vividas, atrás de seus olhos pensativos.

Lysette estava sentada no sofá da sala, com as mãos cruzadas sobre o colo. Acordara durante a madrugada, com o tráfego pesado das unidades alemãs em retirada e soubera que a coisa que ela mais receava, a partida de Becker, estava para acontecer.

Era o fim. O golpe lógico e sem misericórdia, suspenso desde o princípio sobre aquele amor que havia imaginado dentro de um círculo mágico de proteção. Não podia enfrentar tal coisa... e não a enfrentaria.

Num estado de calma aceitação foi à cozinha e apanhou a faca que escolhera para o seu propósito. Afiou-a cuidadosamente e então tornou a sentar-se no sofá com o braço esquerdo apoiado no joelho. Não havia nenhuma loucura naquele ato. Era a admissão simples, final, de que a vida não valia a pena ser vivida.

Lera em algum lugar que cortes verticais sangravam com mais abundância. Fez dois num pulso e mais dois no outro. Houve pouca dor, apenas a sensação da carne resistindo à lâmina, o sangue fluíu livremente de suas veias abertas, a cabeça tombou-lhe para trás. Agora havia apenas a névoa e o silêncio, com toda a sua paz.

Permaneceu estendida, numa imobilidade de mármore, perdida no encantamento de suas recordações: Anton durante sua primeira visita à biblioteca, rígido e formal, mas sorrindo para ela. O jantar a dois, a revelação do homem sob o uniforme alemão... Sua pálpebras fecharam-se e ela deslizou para a inconsciência.

Laura consultou o relógio. Dez horas. Já não havia dúvida de que Lysette esquecera-se da reunião. Pegou a bicicleta e decidiu ir a Fain, para ver o que retivera sua amiga. O dia estava lindo, próprio para um passeio ao ar livre. O céu era azul, a relva ao pé das árvores verde e fresca. Cortou caminho pelos bosques para evitar a estrada principal, por onde fluía uma corrente de carros alemães, e foi sair na alameda que levava ao pequeno chalé de Lysette.

Apoiou a bicicleta no muro do jardim e avançou pelo estreito caminho coberto de cascalho. Bateu na porta, mas não houve nenhuma resposta. Abriu-a e espiou. Teve que se apoiar no batente para refrear a súbita tontura que a acometeu. Lysette estava caída no sofá, sua intensa palidez contrastando com o rio de sangue que fluía de suas veias abertas.

Respirou profundamente e foi ajoelhar-se a seu lado. A princípio ela pareceu-lhe morta, mas ao ouvir as débeis batidas de seu coração enfaixou-lhe os pulsos e depois saiu a correr da sala como uma louca. Atravessou a alameda em questão de segundos. Na estrada principal, postou-se diante de um dos carros do Estado-Maior que deixavam Bar-lec-Duc em lenta procissão, obrigando-o a parar.

— É uma emergência! Há uma pessoa gravemente ferida naquele chalé. Precisamos levá-la ao hospital — gritou em alemão, ao tenente sentado atrás do volante.

O oficial olhou-a com hostilidade, obviamente suspeitando de uma emboscada dos "par-

tisans". Ardis dessa espécie faziam parte das máquinas da Resistência.

— Não é uma farsa, senhor. Ela está morrendo e precisa de ajuda!

O homem hesitou, mas acabou dando algumas ordens rápidas aos dois soldados sentados no banco de trás, para que seguissem Laura com as armas engatilhadas. No chalé, um agarrou Lysette pelas pernas e o outro pelos braços e assim fizeram os cem metros que os separavam da estrada. Enquanto faziam a moça escorregar para o banco de trás do Mercedes, o tenente observou, ressentido:

— A senhora não me disse que se tratava de uma tentativa de suicídio.

— Que diferença faz? Ela precisa de ajuda! — replicou Laura. — Vai levá-la ao hospital?

O oficial reagiu à urgência da voz dela e fez um gesto de assentimento. Depois fechou a porta e foi sentar-se à direção. Quando ele saiu da fila e virou o carro, os outros veículos tiveram que se afastar para o lado e abrir-lhes passagem.

Pararam na rampa da Emergência. Enquanto Lysette era levada numa padiola, Laura saltou e colocou-se diante do tenente alemão.

— Obrigada. O senhor pode ter salvo a vida de minha amiga.

O tenente esboçou um leve sorriso.

— Gosto de pensar que o último feito da Força de Ocupação de meu país foi praticar um ato de caridade. Auf Wiedersehen, Fraulein.

— Adeus, tenente.

Lysette não estava mais na sala de Emergência e ninguém parecia saber para onde ela havia sido levada nem qual era o seu estado. Profundamente inquieta, Laura resolveu pedir a ajuda de Brigitte. Ao passar pelo saguão, notou as mudanças. Não só a bandeira nazista, mas todos os outros sinais da presença alemã haviam desaparecido dali. A porta do gabinete de Becker estava aberta e a sala, deserta e quase vazia, revelava que o inimigo estava prestes a bater em retirada.

Prosseguiu caminho, pensativa. Ao dobrar o corredor, sua cunhada viu-a de longe e veio ao seu encontro.

— Não esperava ver você aqui. Alguma novidade?

— Acabo de levar Lysette para a Emergência.

— Ela sofreu um acidente?

— De certa forma. Tentou suicidar-se.

Os olhos de Brigitte arregalaram-se de espanto.

— O quê?

— Pois foi isso mesmo. Ela cortou os pulsos. Encontrei-a no meio de um mar de sangue.

— Por quê, meu Deus?

— Não sei, mas estou muito preocupada. Gostaria que você falasse com os médicos que estão cuidando dela.

— Espere um instante. Vou chamar o chefe da equipe de emergência.

Brigitte foi ao telefone e voltou alguns segundos depois.

— Lysette está na UTI, recebendo uma transfusão de sangue. O médico disse que as próximas horas serão decisivas.

— O que isso quer dizer?

— Que pode ser tarde demais. Ela chegou aqui parcialmente exangue.

— Acha que poderá superar a crise?

— Num caso desses, não se pode fazer nenhum prognóstico.

Brigitte inspecionou o rosto da cunhada, que externava preocupação, e acrescentou gentilmente;

— Não se desespere. Lysette é saudável: poderá reagir ao tratamento.

Laura sufocou um soluço.

— Não pensei que ela se sentisse tão infeliz. Nesses dois últimos anos, ela dava a impressão de estar contente com a vida. Não consigo compreender seu gesto.

— Quem pode saber o que se passa no coração de uma mulher?

Na hora do almoço, Hesse encontrou-se com Brigitte na saleta de repouso das enfermeiras, deserta àquela hora do dia.

— O que há com sua cunhada? — perguntou ele. — Eu a, vi no corredor. Ela parecia fora de si.

— Uma de suas amigas, Lysette Remy, tentou suicidar-se. Seu estado é grave.

— Lysette... Remy?

— Sim, por quê?

Hesse desviou a vista, perturbado.

— Oh... nada. A que horas vai sair?

— Às três, como sempre. Você está de partida?

— Acho que iremos embora amanhã. Mas antes temos que acertar os detalhes de um trabalho final.

Ele olhou por cima do ombro dela e bateu no vidro, fazendo sinal a um soldado que passava.

—Desculpe, querida. Preciso falar com Kessel. Verei você depois.

Alguma coisa na voz dele fez Brigitte permanecer onde estava. Quando os dois já iam pelo corredor, resolveu segui-los. Viu-os entrarem sorrateiramente numa pequena sala, que servira para guardar os arquivos do coronel e fechar cuidadosamente a porta atrás de si. Parou do lado de fora e ficou à escuta. Ambos falavam rapidamente, mas conseguiu entender:

— Temos ordens para explodir as pontes durante a retirada, a fim de retardar o avanço das tropas aliadas — dizia Kurt. — O coronel encarregou-me de formar os piquetes de demolição. Quero que você cuide de Chaumont. Brecht ficará com Vitry e Hauptmann com Saint-Dizier. Se houver algum problema, vá me procurar no gabinete de Becker.

Enquanto repetia mentalmente o nome das cidades, Brigitte notou, com alívio, que Kurt não iria tomar parte dessas expedições. Isso estimulou-a a ir procurar Curei e passar-lhe as informações.

Enquanto voltava ao gabinete do coronel, Hesse pensava no melhor meio de falar de madame Remy. Não queria levar novas preocupações a seu chefe, mas seria imperdoável se ele deixasse a França sem saber da sorte da mulher que lhe inspirava tanta simpatia.

O coronel estava ao telefone, em comunicação com o quartel-general da Gestapo, em Lyon. Fez-lhe um gesto para que entrasse e continuou a conversar:

— Quanto tempo mais teremos que esperar pela chegada do Standartenführer Keinschmitt?... Muito bem. Sim, telefonarei antes de ir... Auf Wiedersehen.

Quando ele colocou o fone no gancho, foi logo anunciando.

— Keinschmitt estará conosco amanhã. Inimigo encarniçado até o fim, Hesse.

Depois, apanhando um comunicado de cima da mesa, continuou:

— De Gaulle voltou à França e está formando um governo provisório, que será instalado assim que partirmos.

— E Pétain?

— A Gestapo prendeu-o em sua residência, em Vicky.

— Qual é o motivo da vinda do Standartenführer, senhor?

— Fiscalizar nossa partida. Mas quem pode saber? Já desisti de compreender os misteriosos motivos da SS.

Ficaram em silêncio por um momento e então Hesse, que estava a uma distância respeitável, aproximou-se.

— Podemos conversar um instante, senhor?

Becker notou-lhe a perturbação.

— O que há, meu rapaz? Mais uma notícia desagradável?

— Sim, senhor. E diz respeito a madame Remy.

O coronel ergueu bruscamente a cabeça.

— O que há com ela?

— Madame foi trazida para cá esta manhã. Ela...

Becker sentiu um peso oprimir-lhe o peito.

— Diga, Hesse.

— Ela tentou suicidar-se.

— Está... viva?

— Sim, senhor. Mas seu estado é grave,

— Quem foi que a encontrou?

— Madame Duclos.

— Laura Duclos?

— Sim, senhor.

— Foi veneno... ou o quê?

— Madame Remy cortou os pulsos.

Becker tombou a cabeça para trás e fechou os olhos.

— Posso ajudá-lo, senhor? — perguntou Hesse, alarmado.

— Não é preciso. Eu já estou bem. Mas foi insuportável pensar nela no meio... de tanto sangue...

Hesse olhou-o atentamente. E foi só nesse momento, ao ver a dor e a piedade que haviam em seus olhos, que compreendeu a profundidade de seus sentimentos.

— Vou vê-la — disse ele levantando-se de repente. — Assuma meu lugar enquanto eu estiver fora.

— Perfeitamente, senhor.

Becker parou no umbral da enfermaria da ala feminina, onde haviam instalado Lysette. Ainda não dava para vê-la. Laura Duclos estava ao lado da cama, de costas para ele, obstruindo-lhe a visão. Aproximou-se. A americana moveu-se um pouco para lhe dar espaço, e então ele a viu.

Uma tenda de plástico transparente envolvia-lhe a cabeça e os ombros. Seus olhos estavam fechados, os lábios exangues, e as pálpebras pareciam cercadas de uma orla azulada. Não dava para notar sua respiração.

Ficou um momento em silêncio e então olhou para Laura. Ela fez um sinal afirmativo.

— Está viva, coronel — disse baixinho. — Mas muito mal.

Ele continuou imóvel, os olhos fixos na mulher que jazia inconsciente. Todos os seus sentimentos estavam estampados em seu rosto e, de súbito, Laura adivinhou as relações que os uniam.

"Meu Deus... Foi por ele que Lysette tentou se matar"...

Era ele a razão da mudança de sua amiga, de suas inexplicáveis ausências, de seu estranho comportamento quando haviam discutido o fim da ocupação. Lysette estava apaixonada pelo coronel Becker!

la fazer-lhe uma pergunta, quando ele virou-se bruscamente e rumou para o corredor.

— Quero que essa senhora seja removida para um quarto particular — ouviu-o ordenar a um assistente que passava. — E peça ao médico de plantão para vir falar comigo.

O jovem obedeceu automaticamente.

— Está bem, senhor.

Quando ele voltou à enfermaria, aproximou-se dela.

— Soube que foi a senhora que a encontrou e a trouxe para cá.

— Sim, coronel.

— A senhora salvou-lhe a vida.

Antes que pudesse reaver-se da surpresa, ele tomou-lhe a mão e a levou aos lábios.

— Madame Duclos... Estarei sempre em dívida com a senhora.

Laura fitou-o e, por um momento, viu-o com os olhos de Lysette. Percebeu então, pela primeira vez, que ele era um homem muito atraente.

— Gostaria de ficar a sós com ela? — perguntou-lhe gentilmente.

— Eu lhe ficaria muito grato.

Ao ficar sozinho, Becker tornou a olhar para a forma imóvel de Lysette, tão pequena debaixo dos lençóis, e sentiu nos lábios o gosto salgado das lágrimas. Pobre menina. Sem posição, sem ninguém por ela, a dar-se toda em troça de nada, por amor, puro amor, amor somente. E ele cheio de reservas diante de uma mulher que o amara tanto, que se entregara totalmente...

Subestimara os sentimentos dela. Não fizera caso de suas queixas nem de seus silêncios melancólicos, não lhe ocorrendo que a carga lhe pesava demais os ombros frágeis.

Tocou-lhe a face lívida. Teria que reaquecê-la, fazê-la vibrar de novo e dar-lhe tudo de si, descobrindo-se inteiramente, pondo-se a nu, porque a amava.

Laura observava a cena de longe. Viu quando dois assistentes chegaram com uma cama de rodas para removerem Lysette para um quarto particular, e viu Becker segui-los ao longo do corredor. Esperou que o médico chegasse para examinar sua paciente e quando ele saiu, abordou-o:

— Como está madame Remy?

— Foi a senhora que a encontrou?

— Sim, foi.

— Acredito que ela vá superar a crise. Seu organismo está reagindo às transfusões de sangue. No momento, ela está dormindo sob a ação dos sedativos. Mas deverá acordar dentro de seis horas.

Laura suspirou fundo de alívio e rumou para a Enfermaria, para dar a notícia a Brigitte. Ao passar diante do quarto de Lysette, olhou pelo vão da porta entreaberta. Becker estava sentado ao lado dela, de cabeça baixa, num profundo sofrimento.

Isso abalou-a mais do que poderia acreditar. Estava ainda perturbada, quando encontrou-se com Brigitte.

— Como está Lysette? — perguntou-lhe a cunhada.

— Um pouco melhor. Mas você não vai acreditar...

— O quê?

— Becker foi vê-la.

— O coronel Becker?

Laura confirmou com a cabeça.

— Com que propósito?

— Não sei, mas imagino. Eu o vi do corredor sentado ao lado dela e podia jurar que ele estava chorando.

Brigitte olhou-a com incredulidade.

— O quê? Está querendo dizer que eles...

— É o que eu acho. Foi por ele que ela tentou suicidar-se.

— Quem diria... Lysette foi sempre tão tímida, tão cheia de reservas diante dos homens...

— E o que me diz de Becker, o homem frio, insensível? Ele estava arrasado! Acho que a ama de verdade.

— Não vejo nada de estranho nisso. Ele deve ser tão capaz de amar como qualquer um de nós.

— Pensei que você o desprezasse...

— Desprezo-o pelo que ele fez a meu irmão. Mas não acho que por ser alemão ele deva ser necessariamente destituído de sentimentos.

— Oh, Brigitte... Eu não quis dizer...

— Eu sei que você não estava querendo insinuar nada. — Brigitte sorriu. — Vai ver Curei esta noite?

— Sim, por quê?

— Vou com você. E tenho uma informação importante para dar a ele.

Por volta de meia-noite, Lysette rompeu caminho através da sonolência que a sufocava e abriu os olhos. Através das grades do pé do leito, descobriu a mesinha com vidros de remédio e então compreendeu que estava num quarto de hospital. Virou a cabeça e viu Anton sentado numa poltrona ao lado da cama. Quando ele sorriu, não agüentou. Fechou os olhos e pôs-se a chorar baixinho.

— Lysette... — A voz dele era cheia de ternura. — Olhe para mim.

— Não posso. Estou tão envergonhada... — disse com esforço, admirando-se com o som de sua própria voz. Soava como se fosse de outra.

— Não tem nada do que se envergonhar, querida. A culpa é minha.

— Você não é responsável pelo meu ato de loucura.

— Sou, sim. Inteiramente responsável.

Ele lhe segurou a mão.

— Mas não pense mais nisso! Por mim!

Ela lutou em silêncio com um sofrimento sem lágrimas e depois disse, submissa:

— Sim, Anton.

Ele inclinou-se e beijou-lhe a testa.

— Boa menina... Agora descanse. Mais alguns dias e poderá levantar-se.

— Mas você vai partir...

— Não sem você, meu amor.

— Promete?

— Prometo.

Quando Becker voltou a seu gabinete, ficou surpreso de encontrar Hesse à sua espera.

Esquecera-se inteiramente dele.

— Kleinschmitt já chegou? — perguntou-lhe distraidamente.

— Não senhor. Mas temos um problema.

— Outro? — suspirou o coronel, desanimado. — O que é?

— Hauptnam, senhor. Ele está doente e não pode assumir o comando da turma que fará explodir a ponte de Saint-Dizier.

— O que há com ele?

— Parece que apanhou uma gripe forte. Foi levado ontem à enfermaria com 39° de febre.

— Quem você recomenda para a tarefa?

— Não há mais ninguém, senhor.

— E então?...

— Com sua permissão, eu poderia substituí-lo.

— De quantos homens vai precisar?

— Apenas de três ou quatro.

— Está bem. Antes de partir providencie um motorista e um caminhão com espaço para abrigar uma cama de hospital.

— Uma cama... de hospital?

Becker olhou-o fixamente.

— Para madame Remy.

Hesse não pestanejou.

— Perfeitamente. Há mais alguma coisa que eu possa fazer pelo senhor?

O coronel colocou-lhe a mão no ombro.

— Você é um bom rapaz e um ótimo soldado. Acho que nunca lhe disse isso, disse?

— Não, senhor.

— Bom. Agora tenho que me preparar para o encontro com o Standartenführer. Verei você em Saint-Dizier.

Hesse entrou na sala de recepção da ala feminina e dirigiu-se à chefe das enfermeiras, sentada atrás de uma ampla escrivaninha.

— Em que posso ajudá-lo? — perguntou ela numa voz tão aborrecida quanto a expressão

de seu rosto.

Gostaria de falar com mademoiselle Duclos.

— A enfermeira Duclos encontra-se na Cirurgia — disse a mulher sem esconder o seu desprezo.

— Sabe se ela vai demorar?

— É impossível dizer.

A mulher era, ostensivamente hostil. Achando que seria ingenuidade esperar que ela o ajudasse, Hesse rodou nos calcanhares e saiu da saía batendo a porta.

Brigitte tinha acabado de mudar o uniforme, quando a supervisora Lenoir empurrou a porta vaivém e postou-se diante dela.

— Seu namorado "boche" esteve aqui, à sua procura.

Brigitte pôde ver que ela estava contente de encontrar afinal um pretexto para hostilizá-la, e escondeu cuidadosamente sua surpresa.

— Quem? — perguntou, enquanto enxugava as mãos.

— Não se faça de inocente, minha filha. Não há ninguém neste hospital que ignore esse fato!

A mente de Brigitte trabalhava freneticamente. Kurt não teria vindo procurá-la se não houvesse um motivo forte para tal. Nesse caso, era inútil fingir que não o conhecia.

— O que ele queria?

— Como posso saber? Ele não me disse!

— Isso é tudo?

— Sim, é tudo — disse Lenoir com satisfação, notando sua palidez.

Brigitte jogou a toalha no cesto de roupa suja e dirigiu-se para a Enfermaria. No corredor, teve uma inspiração súbita. Iria procurar Kurt no gabinete do coronel. Mas havia outro soldado de guarda junto à porta.

— O cabo Hesse, por favor?

— Ele não está.

— Sabe onde posso encontrá-lo?

— Não sei, mademoiselle — disse o rapaz, visivelmente contrafeito.

Brigitte compreendeu seu zelo em não dar nenhuma informação e afastou-se, pensativa. A julgar pela lealdade que Kurt devotava ao coronel, sua ausência naquele momento crucial era bastante significativa: ele devia estar empenhado em alguma missão delicada.

De volta à sua ala, viu um atendente limpando um quarto vazio e lembrou-se de que um dos camaradas de Kurt fora internado ali, na noite anterior. Impulsivamente, dirigiu-se para ele.

— O que aconteceu com o soldado alemão?

— Seguiu com as tropas, esta manhã. Foi o ajudante-de-ordem do coronel que assinou a ordem.

— O cabo Hesse?

Ele confirmou com a cabeça.

— Ouvi, quando ele disse ao soldado doente que iria substituí-lo em Saint-Dizier.

Brigitte sentiu o sangue fugir-lhe do rosto! Kurt estava se dirigindo para a ponte e para a emboscada que os amigos de Curei haviam preparado!

Depois de seguirem passo a passo a evacuação do hospital, Becker e Kleinschmitt voltaram ao gabinete.

— Como vão as coisas no quartel-general? — perguntou o coronel em tom natural, deixando-se cair numa cadeira.

— Como sempre — retrucou o agente secreto com frieza.

— Houve distúrbios na divisão de Kluge, não é? Parece que ele está perdendo terreno.

— O senhor fala como se estivéssemos derrotados! O marechal-de-campo Kluge pediu permissão para retirar-se de Mortain, mas o Führer permitiu apenas uma retirada parcial.

— Os aliados já atravessaram o Loire. Por que não foi autorizada uma retirada plena a nordeste?

Kleinschmitt lançou-lhe um olhar cáustico.

— O senhor está questionando o julgamento do Führer?

— Os aliados estão a um passo da nossa porta!

O agente da SS falou com sua arrogância característica:

— Está com medo?

Becker resolveu não tomar conhecimento do insulto.

— É loucura não querer enxergar a realidade da situação!

A discussão foi interrompida por uma discreta batida na porta.

— Entre — disse Becker, levantando-se.

Era um dos internos que estava de plantão no andar de Lysette.

— O dr. Laurent acaba de dar alta a madame Remy. Ele já está em condições de viajar.

— Ótimo! — disse Becker, aliviado.

— Madame terá que viajar deitada, senhor.

— Já providenciei uma cama. Mandarei avisá-lo, quando chegar o momento de removê-la.

Quando o interno saiu, Keinschmitt voltou-se para ele realmente surpreso.

— O senhor não está autorizado a fornecer transporte para civis!

— Essa senhora viajará comigo, Standartenführer.

— Não me diga que está querendo levar sua... namorada francesa para desfrutá-la durante a viagem! Isso é muito irregular...

Becker segurou-o pelas lapelas da túnica e ergueu-o do chão.

— Dobre essa língua ou serei forçado a lhe dar uma lição que não esquecerá tão cedo!

Kleinschmitt enrubescceu e respondeu quase aos gritos:

— Vou queixar-me ao Führer! E não quero estar na sua pele quando...

— Para o diabo! — interrompeu Becker, soltando-o. — Aquela senhora irá comigo. Matarei quem tentar impedir-me!

Lysette já estava vestida e encontrava-se sentada na cama, quando o coronel entrou no quarto, seguido de dois assistentes que empurravam uma cama de rodinhas.

— Oh, Anton... Não era necessário! Eu posso caminhar com meus próprios pés.

— Ordens do médico, querida.

— Mas eu estou me sentindo bem.

— Ótimo!

Ela sorriu.

— Para onde iremos?

— Para o norte. Alemanha, eventualmente. Isso tem importância?

— Nenhuma, querido.

Ele inclinou-se e beijou-lhe a testa.

— Tudo vai dar certo. Confie em mim.

Brigitte pedalava velozmente na direção de Saint-Dizier, seguindo por uma estrada secundária para evitar a corrente de tráfego alemão que fluía de Bar-lec-Duc. Embora a maioria da tropa já tivesse se retirado, as estradas estavam ainda bem movimentadas.

Seu coração estava oprimido. Tinha consciência de que se algo houvesse acontecido a Kurt, iria carregar essa culpa pelo resto de seus dias. Sua angústia redobrou ao aproximar-se do rio. Não havia nem sinal do carro de Kurt.

Apoiou a bicicleta num dos lados da estrada e pôs-se a descer a rampa tão rapidamente quanto lhe permitia sua saia justa. Viu os corpos imediatamente. Estavam jogados debaixo do viaduto. Kurt estava caído com os braços abertos, um pouco distante dos outros.

Tombou de joelhos ao lado dele, com as lágrimas a escorrer-lhe pelo rosto.

"Eu o matei", pensou, sentindo-se tão responsável por aquela morte como se ela própria houvesse usado as armas que o eliminaram.

Ouviu então um gemido abafado e soluçou de gratidão. Sustentou-lhe a cabeça e bateu-lhe de leve nas faces.

— Acorde, querido...

As pálpebras dele tremeram, mas seus olhos permaneceram fechados.

— Abra os olhos, soldado! — ordenou em alemão. Ele obedeceu automaticamente.

— Brigitte... — murmurou com voz fraca.

— Escapou desta, Kurt — disse ela, sorrindo, através das lágrimas.

— O que... o que está fazendo aqui?

— É uma longa história. Mas o que importa é que você está vivo.

— Suponho que perdi os sentidos... pois não senti mais nada... E os outros?

— Acho que estão mortos.

— Vá ver... por favor.

Brigitte examinou mais detidamente os corpos inertes dos soldados e voltou para junto dele.

— Estão mesmo mortos — anunciou.

— Pobres diabos... — Kurt suspirou. — Fomos vítimas de uma emboscada. Os "maquis" sabiam...

— Fui eu que os avisei — confessou ela, profundamente envergonhada.

Os olhos dele encheram-se de mágoa.

— Por quê?...

— Porque eu sabia que você não devia estar com a equipe de demolição.

— Você... nunca desiste.

— Não, Kurt. — Ela sorriu levemente. — Acha que pode andar?

Ele soergueu-se e depois sacudiu a cabeça, desanimado.

— Não se preocupe. Vamos esperar.

— Pelo quê?

— O resto da guarnição deverá passar pela estrada principal. Eles irão nos ajudar.

Brigitte voltou a deitá-lo no chão. Depois, com gestos decididos, rasgou a barra de seu uniforme e começou a cortá-la em tiras com o auxílio da tesoura que trazia ao cinto. Usou-as como torniquete para estancar o sangue que saía do braço ferido de Kurt, mas sabia que isso não era suficiente para salvar-lhe a vida. Só lhe restava esperar... e rezar.

Passou-se uma hora antes que as luzes do último comboio aparecessem a distância. Ela passou o braço pelo corpo de Kurt e, fazendo um esforço, levou-o até o alto do barranco. Ao alcançar a estrada, acenou com a mão livre. O carro-chefe parou à entrada da ponte e os outros veículos o imitaram. Enquanto o motorista corria para ela e a aliviava de sua carga, o coronel Becker emergiu do interior de um dos veículos e veio caminhando na sua direção.

— Mademoiselle Duclos?

— Sim, senhor.

— Por que se encontra aqui?

Ela guardou silêncio e o coronel compreendeu.

— A senhorita é a namorada de Kurt... e, no entanto, não hesitou em traí-lo.

Brigitte mordeu o lábio inferior, mas não respondeu.

— Seus esforços forma inúteis, mademoiselle. Outra equipe irá explodir a ponte. Arriscou sem necessidade a vida do homem que a ama.

— Ele não morreu — disse ela com voz baixa.

— Apesar da senhorita e de seu bando de assassinos! — retrucou ele com veemência. — Isso lhe parece uma luta justa?

— "Quem com ferro fere"... Conhece o provérbio, coronel?

— Eu poderia prendê-la. Poderia até levá-la para a Alemanha sob custódia!

— Mas não o fará. — Ela olhou para Hesse, que estava sendo colocado no banco de trás do primeiro carro. — Há uma clínica perto de Saint-Dizier. Deixe-me levá-lo para lá.

— Por que eu deveria dar-lhe essa permissão?

— Para ajudar Kurt.

— Não o estarei ajudando, se ele for feito prisioneiro pelos americanos. Quem sabe o que lhe acontecerá então?

— Nada lhe acontecerá. Eu o protegerei. A Resistência o protegerá.

— Pode garantir isso, mademoiselle?

Ela ergueu orgulhosamente o queixo.

— Posso. Eles farão isso por mim.

Becker ficou um momento a fitá-la e então assentiu.

— Bachmann — ele disse ao motorista do carro. — Leve Hesse e a senhorita à clínica que ela indicar. Depois reúna-se ao comboio.

— Pois não, senhor.

Depois disso, o coronel voltou-se novamente para Brigitte.

— Cuide bem de Kurt. Esse rapaz significa muito para mim.

— E também para mim — retrucou ela. — Dou-lhe a minha palavra de que ele receberá o melhor tratamento possível.

— Então nada mais há a dizer, não é certo?

— Nada mais. Adeus, coronel.

Becker levou a mão à aba do quepe e saudou-a com o seu francês preciso:

— Adieu, mademoiselle.

Capítulo XIV

Harris apoiou-se no cotovelo para apanhar o cigarro ao lado da cama e as estrelas dançaram diante de seus olhos. Prendeu a respiração e ficou imóvel, não sentindo outra coisa senão o latejar de sua própria dor.

Quando a dor diminuiu, acendeu o cigarro e encheu os pulmões de fumaça. Tivera muita sorte, segundo a enfermeira. Sorte, pois sim! Os músculos femorais de sua perna esquerda sofreram lesões graves, devido aos fragmentos de metal que se haviam cravado na carne e a convalescença arrastava-se. Mas podia ter sido pior. Estava vivo, pelo menos.

Encostou a cabeça nos travesseiros e aspirou a brisa suave que entrava pelas janelas, sempre escancaradas, concentrando-se nos ruídos noturnos. O murmúrio do vento nas frondes das palmeiras, o canto das cigarras, o fragor distante e abafado das ondas que morriam na praia. De vez em quando, da estação naval que ficava do outro lado da baía, chegava o som de uma sirene de navio. Ninguém poderia imaginar que, sob aquela paz maravilhosa, ocultava-se o horrendo estridor da guerra.

Fazia dois meses que estava afastado dela. Desde que, atingido pelo fogo das baterias antiaéreas japonesas, fora parar ali, no Hospital Naval Pearl Harbor, instalado na ilha Oahu, território do Havaí.

Nunca vira um lugar tão lindo em toda a sua vida. Sob um céu sereno e sem nuvens, o mar azul e profundo estendia-se ao longo de praias de areia branca, entremeadas de palmeiras escuras. Um verdadeiro paraíso.

Nas primeiras semanas após a cirurgia, não estivera em condições de apreciar aquela beleza. À medida que ia convalescendo, porém, a enfermeira começara a levá-lo numa cadeira de rodas até o jardim, onde ele passava as longas tardes preguiçosas a contemplar, por cima das folhagens dos hibiscos floridos e dos leques das palmeiras alinhadas nas margens, a baía semeada de uma guirlanda de ilhotas e de navios que pareciam de brinquedo.

A princípio, achava uma espécie de fascinação no espetáculo daquele mar azul, que enchia o espaço até o horizonte. Mas acabara por se cansar: depois de certo tempo, até o paraíso podia tornar-se aborrecido.

Súbito, a luz de um farolete brilhou sobre seu rosto, fazendo-o piscar.

— Mas o que é...

— Exatamente o que eu suspeitava! — cortou a tenente Cady, em tom de desaprovação.

— Passe para cá esse cigarro, major Harris!

Ele sorriu para ela, lançando mão de todo o seu charme.

— Seja boazinha, Cady. Deixe-me terminá-lo. Faltam apenas algumas tragadas.

A enfermeira suspirou e abaixou o farolete. Gostava dele, apesar de sua mania de desrespeitar os regulamentos. Os atos de bravura que ele havia praticado nos céus de Okinawa tinham lhe valido a "Purple Heart" e a "Silver Star", além das insígnias de major e de um ferimento na perna que o faria sofrer pelo resto da vida.

— Termine-o, então — murmurou ela. — Onde está o resto do maço?

Harris inalou outra vez a fumaça. Reteve-a por muito tempo, antes de soprá-la para o teto.

— Este era o último cigarro.

— Não se faça de inocente. Sei que está mentindo. Além do mais, o senhor anda fumando muito.

— Tem razão, Cady — disse ele, conciliador, mudando em seguida de assunto. — Sente-se perto de mim e faça-me um pouco de companhia.

— É inútil esbanjar charme comigo, major. Isso funciona com as enfermeiras jovens. Mas eu sou velha demais para me deixar seduzir por esses seus olhos azuis ou suas medalhas. Os "Silver Star" têm que obedecer aos regulamentos também. São três horas da madrugada e o senhor devia estar dormindo.

Harris deu outra tragada e apagou o cigarro no cinzeiro de metal.

— Estou sem sono.

— É a perna novamente?

— É, sim.

— Daremos um jeito para que o senhor durma.

— Nada de injeções, Cady!

— Não se esqueça de que o senhor quase perdeu essa perna, major.

— Não esqueci, não.

A enfermeira olhou-o com simpatia.

— Há então outra coisa que eu possa fazer pelo senhor?

— Há, sim.

— O que é?

— Seria ótimo se pudesse me trazer Betty Grable.

Ela sorriu.

— Acho que não é preciso. Um homem com o seu charme deve ter centenas de garotas! Não deixou nenhuma lá em casa?

— Em casa, não. Na França.

— Bonita, naturalmente.

— Linda! Tez clara, olhos verdes, cabelos vermelhos...

— Estonteante!

— Mais do que isso. Laura é uma mulher muito especial. Em 42, quando meu avião foi

abatido pelos alemães, ela escondeu-me em sua casa até que seus amigos "partisans" pudessem me levar para fora do país.

— Parece que o senhor vive despencando do céu, major! Pensei que seu objetivo fosse ficar lá em cima.

— Não faça pouco de mim, Cady! — queixou-se ele. — Estou preso a essa cama...

Ela sorriu, compreensiva.

— Então sente-se que eu vou ajeitá-lo direitinho.

Harris sentou-se e ela enrolou-lhe as pernas num cobertor leve e afofou o travesseiro sob sua cabeça.

— Procure dormir um pouco. E sonhe com sua ruiva. Vai ver que, dentro em breve, terá notícias dela.

Ele assumiu uma expressão de dúvida.

— Seria um milagre. A França transformou-se num caos, após a invasão aliada.

— Está preocupado?

— Bastante.

— Pois eu acho que sua Laura deve ter dado um jeito de escapar com vida.

Harris afundou a cabeça no travesseiro e sorriu.

— Já estou me sentindo melhor.

— Ótimo. — Cady assumiu um tom profissional. — Mas nada de cigarros! E não pense que vai conseguir alguma coisa com a turma do dia. Estarei aqui até as três da tarde e vou ficar de olhos bem abertos.

— Sim, senhora.

O bom humor de Harris ainda persistia, horas depois, quando ela apareceu na enfermaria logo após o café da manhã, agitando o envelope que tinha nas mãos.

— Para o senhor, major. Da base aérea de Kaneohe.

— Já era tempo de voltar ao trabalho. A guerra ainda não terminou.

Ele sentou-se na cama, quebrou o lacre que fechava o envelope e leu rapidamente o comunicado.

— Mas terminou para mim — disse então com voz rouca. — Estão me mandando de volta para casa.

Após a retirada dos alemães, a sufocante atmosfera de medo que envolvera o Mosa durante os quatro anos de ocupação dissipou-se como névoa ao sol. Brigitte e Laura ouviam a BBC a todo volume, regozijando-se com a tomada de Falaise pelos canadenses e a libertação de Paris. A alegria de ambas chegou ao auge quando, na última semana de agosto, as forças americanas tomaram Avignon e Château Thierry, cruzando o Marna em Meaux, e Charles de Gaulle instalou seu governo provisório na capital da França.

O mês ainda não havia terminado e os russos anunciavam ao mundo que os alemães tinham exterminado mais de um milhão de judeus no campo de concentração de Majdanek. As duas moças tomaram conhecimento dos horrendos detalhes estarrecidas, mal sabendo que aquela era apenas a primeira de uma série de revelações apavorantes.

À noite, Laura não conseguiu dormir. Ficou de olhos abertos, vendo as sombras que dan-

çavam no teto, sem poder esquecer a voz do comentarista ao narrar os fatos, sua imparcialidade jornalística parecendo quase desumana naquelas circunstâncias.

Pouco a pouco, porém, seus pensamentos voltaram-se para Harris. Os últimos boletins oficiais davam conta de que os fuzileiros americanos estavam em lugares exóticos como Guam, Tinian e Iwo Jima, travando combate com os japoneses, que defendiam sangrentamente cada centímetro de seu solo. Tinha quase certeza de que ele se encontrava lá. Caso contrário, teria encontrado um meio de lhe enviar notícias.

De repente, alguém começou a falar em voz baixa no corredor e outra pessoa respondeu. Inquieta, levantou-se para apanhar o roupão. Antes de vesti-lo ouviu a porta abrir-se e virou-se. Um homem estava parado no umbral, numa atitude quase arrogante.

— Jacques Lenoir... — balbuciou, perplexa, ao reconhecer um dos "partisans" que trabalhavam para Curei. — O que você quer?

— Não é aqui — disse ele por cima do ombro a alguém no corredor. — Vamos ver no outro quarto.

— O que está acontecendo? — gritou Laura, já em pânico, agarrando-o pela manga do paletó. — Por que invadiram minha casa a esta hora da noite?

Os olhos do homem estavam frios como gelo.

— Não é nada contra a senhora.

Consciente de que algo terrível estava para ocorrer, Laura acabou de vestir o roupão e seguiu-o até o corredor. Ao ver dois homens arrastando sua cunhada para fora do quarto, deixou escapar um grito:

— Brigitte!

Mas quando fez menção de correr para ela, Lenoir agarrou-a pela cintura e empurrou-a rudemente para trás.

— É melhor que a senhora fique aqui, ou algo terminará lhe acontecendo.

— Quero saber o que foi que ela fez!

— Ela traiu a França e deve responder por seu crime — retrucou o homem com maus modos, enquanto seus companheiros levavam Brigitte para baixo.

— Que crime? Você deve estar maluco!

— Minha mulher é enfermeira-chefe do hospital em que essa pequena vagabunda trabalha, e foi testemunha de sua infâmia!

Laura lembrou-se da mulher de cara azeda que chefiava o departamento de Brigitte e compreendeu tudo.

— Quero ver minha cunhada!

— Pois então vá — disse Lenoir, soltando-a. — Vá assistir a tudo. Toda a sua vergonha.

Laura precipitou-se para a escada. Ao chegar à rua, estacou, sufocada de incredulidade e horror. Dois homens seguravam Brigitte com os braços torcidos para trás, enquanto a supervisora Lenoir, brandindo ameaçadoramente um par de tesouras de jardinagem, dizia com voz enganosamente macia:

— Que pena que seu namorado não esteja aqui para proteger você!

Laura alcançou-a com duas passadas e agarrou-a pelo braço.

— Não faça isso! Brigitte estava trabalhando para a Resistência.

— Resistência! — disse a mulher com desprezo. — Ela dormiu com aquele "boche" loiro, o ajudante do coronel Becker!

— Ela devia se mostrar amiga dele para obter as informações que interessavam ao nosso grupo.

— Oh... sim, amiga! — A outra soltou uma gargalhada alta, áspera. — Tão amiga que está esperando um filho dele...

Laura olhou para a cunhada. Isso explicava uma porção de coisas. Sua sonolência, as náuseas, a alegria exagerada... "Eu devia ter desconfiado", pensou.

— Estão cometendo um erro monstruoso! Os irmãos dela morreram pela causa da liberdade. Não se lembram!

— Eu me lembro do pai, nosso ilustre prefeito. Ele colaborou com os alemães e a filha seguiu seu exemplo!

— Ai está ele — disse alguém.

Todas as cabeças viraram-se a um só tempo. Henri avançava, tropeçando, pelo jardim. Ao chegar à rua lançou em torno um olhar enevoado e perguntou, com voz indistinta e vacilante:

— O que estão fazendo com Brigitte?

Laura aproximou-se dele e colocou-lhe a mão no braço.

— Vamos, papai. Deixe-me levá-lo para casa.

Ele desvencilhou-se com surpreendente rapidez.

— Por que estão segurando Brigitte?

— Queremos fazer justiça, traidor! — gritou a mulher de Lenoir. — Queremos que vocês dois paguem pelo crime que cometeram.

O olhar de Henri tornou-se subitamente claro, como se ele tivesse finalmente compreendido o que estava acontecendo. Deu dois passos para a frente e tentou alcançar a filha, mas Lenoir empurrou-o para o chão e depois deu-lhe alguns pontapés, atingindo-o com o salto do sapato.

— Colaboracionista! Isso é para você aprender a não trair seu país!

Laura tombou ao lado do sogro e amparou-lhe a cabeça.

— Ele é um velho indefeso!

— Deixe-o em paz — sugeriu um dos homens. — Viemos aqui para fazer outro trabalho.

— Já não fizeram dano suficiente, espancando um velho?

Ninguém respondeu. Queriam um bode expiatório, para dar vazão aos quatro anos de frustrações e humilhações. Agora que o tinham encontrado, não iriam desistir facilmente. Pobre Brigitte! Ela nada tinha feito para merecer tal destino. Não deveria pagar pelos pecados do pai.

Laura ergueu os olhos e viu diante de si o irmão mais velho de um de seus alunos, que a fitava penalizado. Enquanto ele a ajudava a transportar Henri até o banco do jardim, perguntou-lhe em voz baixa:

— Você não é irmão de Claude Gueret?

O rapaz moveu a cabeça afirmativamente, sem uma palavra.

— Ajude-me, por favor! Vá buscar Curei, o mineiro que mora perto da igreja, e traga-o até aqui antes que essa gente faça algum mal a Brigitte!

Ele lançou um olhar furtivo a seu redor e depois esgueirou-se rente ao muro, perdendo-se no meio dos curiosos. Laura seguiu-o com os olhos durante alguns segundos e depois voltou-se. O

círculo de justiceiros estreitara-se em torno de Brigitte, que permanecia imóvel, sem esboçar nenhuma reação, como que decidida a suportar a provação até o fim.

— Que vão fazer com ela? — gritou de longe, com o coração oprimido.

— Veja! — disse a mulher de Lenoir, levantando o braço. Ato contínuo, ela rasgou a frente da camisola de Brigitte de alto a baixo. E quando a moça movimentou as mãos, tentando cobrir-se dos olhos ávidos dos homens, riu grosseiramente.

— A vagabunda tenta esconder o que antes tinha o maior orgulho em exhibir.

Depois, enquanto um de seus cúmplices agarrava os pulsos de Brigitte, forçando-os para longe do corpo, pôs-se a cortar-lhe os longos e sedosos cabelos loiros.

— É esse o tratamento que vamos dar às mulheres que traíram o seu próprio povo e tornaram-se cúmplices e instrumentos dos alemães!

O terrível processo não durou mais do que alguns minutos mas, para Laura, pareceu durar uma eternidade. Quando abruptamente, os dois homens soltaram Brigitte, Laura correu para junto dela e passou-lhe o braço pelos ombros, tentando em vão cobri-la com a camisola rasgada.

Foi assim que Curei as encontrou, ao chegar, ofegante, com Gueret a seus calcanhares.

— Vocês são idiotas... todos vocês! — gritou ele, fulminando os companheiros com os olhos.

Houve uma sutil mudança na atitude dos justiceiros. Constrangidos, pouco à vontade, eles se entreolharam e depois, lentamente, começaram a recuar.

— Essa mulher merecia isso — protestou Lenoir, quando recuperou a voz. — Ela é colaboracionista!

— Seu asno! Ela está trabalhando para a Resistência — gritou Curei, tirando a camisa e passando-a em volta dos ombros de Brigitte. — Enquanto você e seus companheiros dormiam tranqüilamente em suas camas, na segurança de seus lares, esta moça arriscava a vida por nós, pela causa da liberdade. E vejam como vocês retribuíram seu sacrifício!

A mulher de Lenoir rompeu o silêncio que se seguiu:

— Como poderíamos saber? Ela estava sempre com aquele "boche"...

— Só os idiotas costumam julgar os outros pela aparência! Nunca se detiveram para pensar se havia um motivo para isso?

Ninguém respondeu.

— Vão embora — continuou Curei, segurando Brigitte pelo cotovelo, para servir-lhe de apoio. — Já causaram muito dano.

Enquanto os dois caminhavam lentamente para casa, Laura virou-se para Gueret.

— Vamos! Temos que socorrer meu sogro.

Ergueram Henri pelos pés e pela cabeça, conduziram-no para dentro de casa, e o fizeram deitar no sofá da sala.

— Pobre papai... — murmurou Laura.

— Ele parece muito mal.

— Faça-me mais um favor: vá chamar o dr. Fenelon. Diga-lhe o que aconteceu e peça-lhe para vir depressa. Henri precisa urgentemente de cuidados médicos.

Ela colocou a mão no ombro de Gueret e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Obrigada. Não sei o que teria acontecido se Curei não viesse.

Não havia mais nada que pudesse fazer por Henri naquele momento e ela caminhou a passos lentos para a cozinha. Encontrou Brigitte sentada à mesa, o rosto impassível.

— Como ela está? — perguntou a Curei. Ele resumiu tudo numa única palavra:

— Triste.

— Mande chamar o dr. Fenelon. Ele cuidará dela.

— E Henri?

— Ainda não recobrou os sentidos. Não imaginava que ele estivesse tão machucado.

— Sabe o que o fez sair de casa?

— Acho que ele acordou com o barulho e foi até a janela. Ao ver Brigitte em perigo, seu instinto paterno falou mais alto. Ele quis ajudá-la. — Laura interrompeu-se, a voz embargada. — Pobrezinho...

— Deixe-o por minha conta — disse o veterano, procurando tranquilizá-la.

— Fico-lhe grata por tudo o que fez. Sem a sua intervenção, as coisas poderiam ter sido piores.

— Cheguei tarde demais — Curei sacudiu a cabeça com desânimo. — O que aconteceu nos campos de batalha é nada em comparação a isto: os franceses voltando-se contra os franceses.

Quando ele saiu da cozinha, Laura sentou-se ao lado de Brigitte e, gentilmente, pôs-se a afagar-lhe as têmporas com as pontas dos dedos. Depois, lentamente, desceu-os para o pescoço, começando a massagear os músculos tensos.

— Como está se sentindo agora?

Duas grossas lágrimas deslizaram pelas faces da moça.

— Um pouco melhor.

— Fique sentada aí e relaxe, enquanto vou preparar um bom banho para você. Depois, voltará para a cama, e dormirá até o meio-dia.

Brigitte segurou-lhe a mão e apertou-a.

— Não sei como poderia sobreviver sem sua ajuda, Laura.

— Você tem que pensar no bebê.

— Kurt...

— O que há com ele?

— Quando ele me vir nesse estado, vai imaginar o que aconteceu.

Laura afagou-lhe os cabelos.

— Ele a ama, querida. Não irá se importar.

— Você não entendeu. Ele irá se culpar por isso!

Brigitte agarrou-se a ela com desespero, pondo-se a chorar em seu ombro. Laura a manteve em seus braços até que toda aquela tensão se dissipasse. Depois a afastou delicadamente de si e disse:

— Não o deixe voltar para cá.

Brigitte enxugou os olhos e olhou-a sem entender,

— Como assim?

— Vá para a Alemanha com ele. Não há futuro para vocês aqui.

Vítima do julgamento de sua própria gente, Henri morreu na madrugada daquela mesma

noite sem ter recobrado a consciência. Laura e Brigitte prantearam-no sinceramente, compreendendo que ele carregava sua própria cruz, a carga de um erro multiplicado pelas suas conseqüências. Sepultaram-no junto às tumbas de seus dois filhos e inscreveram em sua lápide Pere des héros... pai de heróis.

Kurt teve alta da clínica de Saint-Dizier numa tarde calma e ensolarada de princípios de setembro. Brigitte foi buscá-lo no cabriolé de Langtot. Na volta, ela conduziu o cavalo para um lado da estrada e saltou, indo sentar-se à sombra de uma árvore, onde a relva era verde e macia.

Kurt seguiu-a e os dois ficaram em silêncio por um momento, olhando apenas um para o outro.

— Por que paramos aqui? — perguntou ele, por fim.

— Preciso falar com você.

— Algum problema?

— Oh, não! — Ela fez uma pausa. — Os americanos chegaram em Lyon.

— Não sabia que estavam tão perto.

Ela baixou os olhos.

— Logo estarão aqui e não tardará muito antes que ouçam falar que existe um alemão no vale. Todos conhecem o ajudante-de-ordem do coronel Becker.

Kurt começou a ficar preocupado.

— Nisso você tem razão, Brigitte. Temos de tomar cuidado.

— A princípio, pensei que o fato de você ter colaborado com a Resistência pudesse resolver tudo. Agora, estou pensando no que acontecerá se os americanos duvidarem de sua palavra ou da minha. Provavelmente, você será enviado a um campo de prisioneiros e lá permanecerá até que sejam ouvidas todas as testemunhas. Essa probabilidade me assusta. Não quero me separar de você. Fez-se um momento de silêncio e então ele disse:

— Você tem alguma sugestão a fazer nesse sentido?

— Seus papéis estão em ordem?

— Sim, claro.

— Pode voltar para a Alemanha quando quiser?

— Sim, mas pensei que você não quisesse deixar a França — disse Kurt, não conseguindo disfarçar a surpresa.

— Mudei de idéia.

Ele afastou-se um pouco para olhá-la.

— Por quê?

— Estou grávida.

— Sério? — Havia uma nota de exultação na voz dele.

— Não ia brincar com uma coisa dessas, Kurt. Estou esperando um filho seu.

Ele a abraçou com ardor e beijou-a de um modo tão sensual e ardente que a deixou sem ação.

— Querida... para isso é que vale a pena viver, para ouvir coisas assim. Estou tão feliz!

— Oh, Kurt! — exclamou Brigitte, entre o riso e o choro. — Eu também estou feliz, mas isso muda tudo.

— Temos que nos casar imediatamente! Esse padre de vocês...

— Padre Deslourdes?

— Ele poderá realizar a cerimônia. Depois disso, estaremos prontos para ir à Alemanha.

— Acha que conseguiremos?

— Por que não? Não estou usando uniforme e, com as estradas atravancadas de refugiados, ninguém irá reparar em nós. Quando alcançarmos a fronteira, apresentarei meus papéis e a certidão de casamento, e não haverá problemas nem para você nem para mim.

Brigitte não se espantou, ao vê-lo aceitar com naturalidade a nova situação. Sabia que seria assim.

— Meu irmão Alain falou-me de uma cabana abandonada no "Bois D'Or". Ninguém pode vê-la da estrada. Eu o levarei até lá e irei encontrar-me com você amanhã. Com minhas coisas e o padre Deslourdes. Está bem?

Ele inclinou-se e beijou-a na boca.

— Se não há outro jeito...

Na manhã seguinte Kurt já estava pronto, quando uma pequena procissão pôs-se a galgar a picada que conduzia à cabana. Eram Laura e Brigitte, acompanhadas por padre Deslourdes.

Brigitte vestia roupas de viagem, um par de calças que lhe chegava à altura dos joelhos, botas de jornada e camiseta de mangas curtas. Ele ficou parado à entrada, vendo-a subir apressadamente a colina, e pensou que jamais a vira tão jovial e animada.

— Minha bagagem está no cabriolé — anunciou ela, depois de fazer as apresentações.

— Seu vizinho emprestou-o para você?

— Não é um empréstimo. É um presente de casamento. O padre ouvia essa calma troca de palavras com crescente impaciência. Kurt notou e apressou-a.

— É melhor não perdermos tempo, Brigitte. Trouxe a licença?

— Não existe outro tipo de licença a não ser esta, adotada pelos alemães.

— Ótimo. É exatamente o que nos convém.

Não havia mais nada a acrescentar. Padre Deslourdes colocou a estola sobre os ombros e deu início à cerimônia. Quando terminou, Brigitte virou-se para a cunhada e a abraçou fortemente, sabendo que ia deixar atrás de si tudo o que fora ontem e que tudo agora era um grande amanhã, um amanhã difícil de alcançar.

— Aqui está o endereço dos pais de Kurt. É para lá que estamos indo.

Laura guardou o papel no bolso e tornou a abraçá-la.

— Vou sentir sua falta, querida.

Os olhos de Brigitte encheram-se de lágrimas.

— Alain, Thierry... eles não lutaram em vão, não acha? Nossa missão não foi um malogro. Vencemos no final.

— Claro que vencemos! Agora vá com seu marido e seja feliz.

A moça sorriu através das lágrimas.

— Adeus e cuide para que a casa esteja ainda de pé quando eu voltar... "se" eu voltar.

— Eu cuidarei. Adeus.

Os americanos chegaram de manhã cedinho, enquanto a aldeia despertava para um novo dia. Laura estava se dirigindo para a cozinha quando ouviu o som de vozes e de risos. Foi até a por-

ta e abriu-a.

Havia um carro blindado, dirigido por um sargento, liderando a procissão de veículos que subia a rua com os motores roncando. Os soldados, usando o uniforme verde-oliva, sorriam e acenavam para o povo que acorria de todos os lados, fazendo com os dedos o V da vitória.

Quando fizeram uma parada, ela viu a estrela branca estampada na porta do carro-chefe e a bandeira de listas brancas e vermelhas que tremulava no alto da torre, e seus olhos se enevoaram.

Os americanos já tinham chegado.

Capítulo XV

A recepção aos americanos transformou-se numa festa que durou uma semana e empenhou os habitantes de cada cidade ou aldeia da região do Mosa. Todos tinham consciência da série de milagres que tornara possível a vitória dos aliados e celebraram o fato com um entusiasmo nunca visto antes.

Os integrantes do comboio que Laura vira chegar estabeleceram seu quartel general no Hospital Sacre Coeur, que os alemães tinham acabado de abandonar. E embora fosse algo previsível, pois não havia outro edifício tão apropriado na região, ela achou maravilhoso ver a Old Glory desfraldada no mesmo saguão onde antes imperava a suástica nazista.

Uma tarde, ao sair da escola, viu um soldado consertando um jipe no pátio e, movida por um estranho impulso, atravessou a rua e parou ao lado dele.

— Sargento? — chamou, ao notar as duas listas na manga do uniforme.

O homem emergiu debaixo do carro, o rosto redondo abrindo-se num sorriso.

— Às suas ordens, senhora.

— Posso lhe perguntar de onde é?

Ele levantou-se e limpou as mãos sujas de graxa num trapo.

— Kansas, senhora, Topeka, Kansas.

— Está muito longe de sua casa.

— Pode estar certa disso — disse o homem, anuindo enquanto a examinava. — A senhora fala inglês muito bem.

— Sou de Boston.

Ele deu um longo assobio.

— Sabe que é a primeira americana que encontro por aqui?

Laura considerou-o durante alguns segundos.

— Queria lhe fazer uma pergunta.

— Pois faça!

— Que é que você sabe dos fuzileiros navais?

O sargento pareceu desapontado.

— Não me diga que seu namorado é fuzileiro naval!

Ela hesitou um instante e afinal assentiu.

Ele deu um soco na palma da mão aberta.

— Aqueles sujeitos estão sempre na nossa frente! Mas qual é o problema?

— Bom. Meu... amigo é capitão e estava na Inglaterra no começo da guerra.

— Agora há poucos americanos por lá. A maioria está no Pacífico, lutando contra os japoneses.

— Meu amigo é piloto de caça e de bombardeiro.

— Nesse caso, tanto pode estar em campanha nas ilhas Carolinas, como nas Filipinas.

— Os resultados não foram bons nessas ilhas, não é verdade?

— Vamos reverter logo essa situação, senhora. Pode estar certa disso.

— Isso é o que importa.

O sargento olhou-a com atenção.

— Faz muito tempo que não tem notícias dele?

— Sim, muito tempo,

— Isso não quer dizer nada. O serviço postal desta região não operava desde 1940.

— Ele costumava mandar notícias através da Resistência.

O homem viu lágrimas nos olhos dela e apressou-se a dizer:

— Se ele deixou a Europa, não teria meios de se comunicar consigo, não acha?

— Tem toda a razão, sargento. — Laura sorriu. — Quando voltar para casa, diga alô a Kansas por mim.

— Conhece-a? — perguntou ele, nostálgico.

— Não, mas gostaria de conhecê-la.

O sorriso dele foi imediato.

— Lindo lugar. Meu pessoal tem uma fazenda.

— Você voltará logo para lá. Tenho certeza.

— Assim espero. Estou morrendo de saudades.

— Eu também. Não sabia disso até vocês chegarem.

— Está pensando em voltar para os Estados Unidos?

— Ainda não sei.

Ficaram se olhando durante um longo momento, dois estranhos que provavelmente nunca se encontrariam em seu próprio país, mas que, ali, sentiam-se atraídos por uma mútua simpatia.

— Até logo, sargento — disse Laura finalmente. — Obrigada por sua atenção.

— Não há de quê. Se houver alguma coisa que eu possa fazer para aliviar sua aflição, não deixe de me procurar.

— Mais uma vez, obrigada. — Laura ergueu-se na ponta dos pés e beijou-o no rosto. — Bonne chance.

— Como?

— Boa sorte. — Ela sorriu e acenou com a mão. O sargento seguiu-a com os olhos, pensando:

"Que direito tenho eu de ter uma garota como essa?"

Harris encontrava-se no Expresso Lakeshore das vinte e duas horas, com destino a Nova York. A viagem seria longa e tediosa e ele procurava distrair-se com um livro. Dez minutos após a partida da Estação Central de Chicago, desistiu de seu intento. Tentou cochilar, mas o garoto que ocupava o assento oposto do compartimento mexia-se sem cessar, incomodando-o quase a ponto de esgotar-lhe a paciência.

— Quer alguma coisa, filho? — perguntou-lhe, abrindo os olhos.

A senhora idosa que o acompanhava, provavelmente sua avó, interveio:

— Peter gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

Harris sorriu, condescendente.

— O.k., Peter. O que você quer saber?

— O senhor está no exército?

— Sou fuzileiro naval — explicou ele, apontando para a folha dourada que brilhava em sua gola. — Major.

O garoto arregalou os olhos.

— O senhor esteve na guerra?

— Sim, claro.

— Onde?

— Na Europa, jogando bombas, e no Pacífico, pilotando os novos "Corsair".

O menino entusiasmou-se.

— Seu avião chegou a ser metralhado?

— Peter... — censurou a avó, balançando a cabeça. — Não seja tão curioso. Talvez o maior não queira falar a respeito disso.

— Não tem importância, senhora. — Harris voltou-se para o garoto. — Fui atingido duas vezes pelo fogo da bateria antiaérea do inimigo. Na segunda, quase perdi a perna esquerda.

— Aposto como o senhor matou uma porção de japoneses!

— Sou um soldado e devo cumprir as ordens que recebo — disse Harris gentilmente.

Peter emudeceu. Depois de alguns minutos, tornou a falar:

— O senhor está de férias?

— Licença, querido — interveio a avó. — No exército, chamam isso de licença.

— Exatamente, senhora. Estou de licença — disse Harris. — Fui visitar minha família em Evanston, e agora vou ver minha garota.

— Em Nova York?

— Na França. Tenho que ir a Nova York para chegar à França.

Peter ficou visivelmente desapontado.

— Não vai voltar para a guerra?

— Não para combater. Vou treinar pilotos na Carolina do Norte. Tomarei posse de meu novo cargo dentro de duas semanas.

— Oh...

— Seus superiores devem ter achado que o senhor já deu sua contribuição para a pátria — disse gentilmente a velha senhora.

Nesse instante o cabineiro enfiou a cabeça pelo vão da porta.

- Chegaremos a Nova York às oito da manhã. Preferem que eu apague as luzes?
- Tenho a impressão de que estou com sono — disse Harris.
- Eu também — murmurou a avó de Peter. — Boa noite, major.
- Boa noite, senhora.

Harris dormiu a viagem toda até Nova York. Quando saltou do trem, sentia-se disposto e animado. Atravessou o mar de gente da Grand Central e saiu para o sol radioso de uma linda manhã de outono. As calçadas estavam repletas. Ali, todo o mundo se movimentava. Depois de uma rápida passagem pelo hotel, às nove e meia ele franqueava as portas de cristal de uma luxuosa joalheria da 47nd Street.

— Em que posso ajudá-lo, senhor? — perguntou a elegante vendedora, exibindo um sorriso profissional.

- Quero um anel.
- Temos anéis de todos os tipos, senhor. Tem idéia do que deseja?
- Um anel de noivado.

O rosto da moça iluminou-se de prazer.

- De brilhante?
- Penso que sim.

Ela saiu da sala e voltou em seguida com uma bandeja forrada de veludo azul, onde faiscavam brilhantes de todos os formatos.

- É o que temos de melhor, senhor.

Na última fileira, Harris encontrou o que queria; um brilhante redondo num engaste quadrado, montado sobre um delicado aro de ouro.

- Gostei deste.
- É um dos mais caros. Um brilhante azul, sem jaça, numa lapidação perfeita.
- Quanto?

Ela disse uma cifra em voz baixa e ele anuiu.

- Vou levá-lo.
- Um instante, senhor.

A moça tornou a sair. Voltou pouco depois com o proprietário da loja, que examinou a pedra com a lupa.

— Fez uma ótima escolha, Major — disse o homem com um sorriso. — Vou preparar o certificado.

- O que é isso? — perguntou Harris, surpreso.
- É um documento especificando os quilates e a qualidade da gema.
- Ah... sim.

O joalheiro preencheu o certificado e o entregou à vendedora, que o enfiou numa elegante sacola, junto com a pequena caixa forrada de cetim.

- Felicidades, Major.
- Obrigado.

Horas depois, Harris tomava o ônibus que o deixou na Base Aérea do Forte Dix, em Nova Jersey. Estava autorizado a servir-se de transporte militar e não teve dificuldade em encontrar lugar num avião cujo destino era o aeroporto francês de Carpiquet.

Na França, imperava a desordem. Unidades alemães, destroçadas, ainda lutavam em sua retirada, contribuindo para aumentar a confusão. Os transportes de massa funcionavam precariamente, pois as estradas estavam congestionadas, tanto pelo tráfego civil quanto pelo militar.

Apesar disso, Harris conseguiu facilmente uma carona. Difícil, mesmo, foi chegar ao seu destino. No final, ele havia gasto três dias de sua licença para alcançar Bar-lec-Duc.

O dia de aniversário de Thierry amanheceu claro e ensolarado. Laura apanhou no jardim uma braçada de flores silvestres, e com elas compôs três buquês para enfeitar os túmulos dos Duclos.

Enquanto subia a colina pedregosa, evitando a estrada, a brisa ergueu-se, e fez tombar as folhas cor de ferrugem, que voaram a seus pés. Absorta, transpôs os velhos portões de ferro e depois de depositar as flores sobre as lápides, sentou-se no gramado pensando se o sacrifício daquelas duas jovens vidas não teria sido um desperdício sem sentido.

Permaneceu assim por um longo tempo, até que um ruído de botas sobre as folhas secas arrancou-a de suas divagações. Era Curei.

— O que está fazendo aí? — perguntou ele.

Laura ergueu o rosto, contraído pela dor de uma emoção contida.

— Pensando.

— Em seus mortos?

Ela fez que sim.

— Acha que deve? — disse ele, sentando-se ao seu lado. — Não há mais nada que você possa fazer por eles.

— Veio visitar sua mulher?

Curei assentiu em silêncio.

— Faz tempo que ela morreu?

— Vinte anos.

— Tanto tempo e o senhor ainda não a esqueceu.

— Sou um homem velho, vivo de recordações. Mas você tem uma vida inteira pela frente. Não deve desperdiçá-la vivendo do passado.

— O passado era melhor.

Laura fitou-o pensativa, por um longo momento, antes de voltar a falar:

— Antes de partir, Brigitte me perguntou se valeu a pena lutar pela liberdade.

— Valeu a pena, mas tivemos que pagar um preço por isso, claro.

— O preço não foi muito elevado? Thierry queria viver. E Alain... — Laura abaixou a cabeça e as lágrimas escorreram-lhe pelas faces. — Pobre Alain... Posso ainda vê-lo naquela última tarde. Tão jovem, tão assustado, e no entanto tão corajoso...

Curei tomou-lhe as duas mãos e apertou-as.

— Ele era muito corajoso. E Thierry também.

— Com Thierry foi diferente. Eu não estava lá, não tive que lhe dizer adeus. — Ela fechou os olhos. — Não sabe como aquele adeus ainda me faz sofrer.

— Um dia, essa lembrança deixará de ser dolorosa.

— Mas como é que o senhor sabe? Como é que pode ter certeza?

Curei não respondeu. Não sabia o que responder.

— Também Henri podia estar vivo, se não fosse a guerra — tornou ela. — No mundo, há milhões de pessoas como ele, que vivem com suas ilusões e suas dignidades intactas, simplesmente porque não tiveram de enfrentar o que ele enfrentou.

Pensativo, o veterano concordou com um gesto de cabeça.

— Foi uma pena, uma grande pena...

Ficaram um momento em silêncio, cada qual entregue aos próprios pensamentos.

— O que me assusta é que quando penso neles, não consigo evocar seus rostos — começou Laura.

— Do que é que você tem medo? De esquecê-los?

— Não poderia, mesmo se quisesse.

— Então não se preocupe. O amor que eles lhe deram encherá seus dias enquanto viver.

Acredite nisso. Eu sei.

Laura enxugou as lágrimas.

— Sinto-me tão só...

O velho francês contemplou-a.

— Teve notícias de Brigitte?

— Não. E acho que não vou recebê-las tão cedo.

— Harris?

Ela balançou a cabeça devagar.

— Ele vai voltar.

— Gostaria de ter sua fé.

— Já pensou em retornar aos Estados Unidos?

— Já. Mas acho que não devo.

— Por que não?

— Foi aqui que Harris me conheceu. E é para cá que ele voltará... se estiver vivo.

Curei dirigiu-lhe um de seus raros e calmos sorrisos.

— Então você não desistiu de esperar!

Laura sorriu também.

— Não, não desisti. Esperarei por Dan ainda que seja pelo resto da vida.

Harris olhou para o sargento que lhe oferecera carona com ar de dúvida.

— Tem certeza que este jipe está em condição de enfrentar uma estrada acidentada?

— Claro que tenho. Fui eu mesmo que o consertei. — O rapaz abriu a porta do carro. —

Entre.

— Posso ir a pé, se for o caso — tornou Harris, sentando-se ao lado dele.

— Não com essa perna! — O sargento estendeu-lhe a mão. — Carter Foley.

— Dan Harris.

— Qual é o nome dessa vila para onde quer ir?

— Fain-les-Sources.

— Conheço o lugar. Passamos por lá, a caminho de Bar-lec-Duc — disse Forley girando a chave de ignição. — Vai ver sua garota?

— Hum, hum.

— Uma linda professora moça de cabelos vermelhos, não é?

Harris virou-se para ele, perplexo.

— Como é que você sabe?

O sargento riu.

— Não se preocupe. Não sou adivinho. Ela veio falar comigo. Queria saber o que os fuzi-
leiros navais estavam fazendo. Quando o vi chegar, imaginei logo quem era.

Foley olhou para a folha na gola de Harris.

— Major? Ela me disse que seu namorado era capitão.

— Fui promovido recentemente.

— Piloto?

— Acertou.

— Inglaterra?

— Até a invasão. Depois fui para o Pacífico.

— De que campanha participou?

— Okinawa.

— Deve ter sido terrível. — Foley fez uma pausa. — Tomei parte na invasão. "Omaha
Beach".

Harris mostrou-se interessado.

— Verdade?

— Não sei como sobrevivi. Houve cerca de mil baixas no primeiro dia.

— Ouvi falar.

— Tivemos mais sorte em outras cabeças-de-praia, ou eu não estaria aqui, falando com o
senhor — continuou Foley. — Mas sonho sempre com isso. O cheiro de cordita, o barulho das ba-
terias antiaéreas, dos morteiros... Os gritos...

Harris pensou em toda a crueldade, morte e destruição que tinha visto e suspirou.

— Sei como é.

— Quanto tempo pretende ficar aqui?

— Duas semanas. Depois vou à Carolina do Norte treinar pilotos.

— Eles lhe deram uma oportunidade, não foi?

— Parece que sim.

— Acho que mereceu isso, companheiro.

— Obrigado, Foley. Tem cigarros?

— Um maço quase cheio aí, no porta-luvas.

Harris tinha acabado de acender um, quando surgiram as primeiras casas.

— É aquela de esquina.

Foley o olhou. O homem estava ansioso para avistar a casa de sua garota. E simpatizou
com ele.

— Contente, major?

— Ainda pergunta?

Um minuto depois, ele parou o carro e abriu-lhe a porta.

— Aqui estamos.

Harris saltou e levou a mão ao quepe.

— Adeus, sargento. Obrigado.

A casa estava em silêncio e os passos dele ressoavam no estreito caminho de pedra. Ficou desapontado. Não havia ninguém ali.

— Dan!

Ele virou-se e a viu chegar correndo, com uma cesta nas mãos. Ficou um instante imóvel, sem poder talar. Depois, as palavras se articularam por si mesmas, estendendo uma ponte entre eles.

— Não disse que voltaria, querida?

Capítulo XVI

Laura atirou-se nos braços dele e fechou os olhos, aspirando o aroma que se desprendia do corpo másculo.

— Dan, Dan!

Beijaram-se e ela sentiu o mundo girar em torno de si.

— Estava com tanto medo... Pensei que não fosse vê-lo nunca mais.

— Que é isso, menina? Estou aqui, não estou?

Separaram-se e olharam um para o outro.

— Você está linda! — disse ele, ainda lhe segurando a mão, como se tivesse medo de soltá-la.

Um sorriso aflorou ao rosto de Laura e sua alegria iluminou-lhe os olhos.

— E você está muito bem. Que é que andou fazendo?

— Descansando, depois de voar muito tempo pelos céus de Okinawa.

— Quanto tempo lhe deram de licença?

— Duas semanas. Tenho que voltar para a minha base no dia primeiro de outubro.

— E depois?...

— Não há nenhum depois.

Ela o olhou sem querer acreditar.

— Isso quer dizer...

— Que não vou voltar mais para a linha de frente. Estou fora desta guerra para sempre.

Os olhos de Laura ficaram marejados de lágrimas.

— Graças a Deus!

De repente ela percebeu o que isso queria dizer.

— O que houve com você, Dan?

— Oh... uma bobagem. Fui atingido por alguns estilhaços de shrapnel. Mas já estou bom.

— Só isso?

— Sim, Laura. Só isso.

Ela tornou a descansar a cabeça em seu peito.

— Imaginei tantas coisas horríveis...

— Bobinha... — Harris passou o braço pelo dela. — Podemos entrar? Eu faria amor com você no jardim, mas tenho receio de escandalizar os vizinhos.

Ela riu.

— Está bem, Dan. Vamos entrar.

Assim que a porta fechou-se atrás deles, ele tomou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-a demoradamente na boca. Depois tirou o quepe e a túnica e jogou-os numa cadeira.

— Está tudo tão quieto...

— Não há ninguém em casa.

Harris virou-se para ela, surpreso.

— Ninguém?

— Henri morreu e Brigitte partiu para a Alemanha.

Ele a olhou durante um ou dois segundos sem falar. Depois pegou-a pela mão e levou-a até o sofá.

— Diga o que aconteceu.

Rapidamente, Laura contou o que havia acontecido, inclusive como fora providencial a chegada de Curei. Ele a ouviu sem interrompê-la. Quando ela terminou, disse apenas:

— Pobre Brigitte... Ela se recuperou do choque?

— Acredito que sim. Mas isso convenceu-a a partir para a Alemanha com Kurt.

— Eles foram embora logo depois do... incidente?

— Assim que Kurt teve alta do hospital. Padre Deslourdes casou-os e eles partiram imediatamente após a cerimônia. Espero que tenham conseguido chegar a seu destino.

Harris puxou-a para si, e afagou-lhe os cabelos.

— Você passou por maus bocados, garota.

— É a guerra, Dan.

Gentilmente, ele ergueu-lhe o rosto e fitou-a com um olhar intenso, onde se refletiam paixão e ternura.

— Senti tanto a sua falta... Não sabe a vontade que eu tinha de abraçá-la e beijá-la, de ir para a cama com você.

— Não tenha tanta pressa, capitão — disse Laura, quando ele começou a desabotoar-lhe a blusa com mãos ávidas.

— Major, por favor.

— Major?...

— Hum, hum.

— Está bem, Major. — Ela sorriu maliciosa. — Estava apenas querendo saber quando é que você vai perguntar se eu quero me casar com você.

— Oh, isso... — Harris fez uma curvatura exagerada. — Quer se casar comigo, madame Duclos?

— Quero! — disse ela prontamente, e lançou-lhe os braços em volta do pescoço.

Ele a manteve apertada contra seu peito, saboreando a alegria daquele momento.

— Bom. Agora precisamos oficializar esse compromisso. — Ele tirou a caixinha de cetim

do bolso. — Trouxe isto de Nova York para você.

Laura apertou o fecho. Quando a tampa se abriu, soltou uma exclamação:

— É maravilhoso, Dan!

— Deixe-me pô-lo em seu dedo.

Ela estendeu a mão e contemplou o anel por um instante.

— É lindo! Mas não devia ter gasto suas economias comigo.

— Por quê?

— Quando a guerra terminar você estará desempregado.

— Não se preocupe. Vou entrar para a aviação comercial.

Ele abraçou-a e pôs-se a passear a boca sobre seu rosto, brindando-a com beijos leves e acariciantes.

— Vamos começar por onde paramos, querida? Diga que sim!

— Sim — murmurou Laura, entreabrindo os lábios trêmulos de emoção e desejo.

Harris sentou na cama e pegou seu relógio na mesinha-de-cabeceira. Seis horas.

— Já acordou, querido?

Ele se virou, sentindo-se subitamente vivo, como há anos não se sentia.

— Desculpe se a acordei.

— Nem pense nisso. Não estava mesmo dormindo. Quer um café?

— Quero, sim. Seria ótimo.

Laura passou o roupão pelos ombros e levantou-se. Harris acompanhou-a até a cozinha e ficou esperando, enquanto ela preparava o café. Minutos depois, ambos sentavam-se à mesa, cada qual com uma xícara da bebida quente e fumegante diante de si.

Ele tomou um gole e olhou para ela.

— Estava pensando em falar com padre Deslourdes. Eu teria que pedir permissão ao comandante para me casar, claro. Mas posso fazer isso através da Primeiro Exército, aquarrelado em Bar-lec-Duc.

Laura não respondeu.

— O que há, querida? Mudou de idéia?

— Bem, é que...

— Diga, querida!

— Gostaria de me casar nos Estados Unidos. Meus pais poderiam assistir à cerimônia.

— Acha que seu pai me aceitaria? — perguntou Harris, incrédulo.

— Um Major da Marinha, condecorado por atos de bravura? Um filho da velha Evanston, o coração da pátria?

Ele sorriu.

— Está bem. Há uma capela na base e você poderia convidar sua família e seus amigos. Mas acho que não devíamos pôr o destino à prova, retardando o casamento.

Laura alcançou-lhe a mão através da mesa.

— O pior já passou.

— É... acho que tem razão.

Harris refletiu um instante.

— Já sei o que vou fazer. Embora não seja nada fácil, pois a guerra ainda não terminou,

terei de conseguir uma passagem de navio por Le Havre. Irei esperá-la em Nova York e de lá iremos para Camp Lejeune. O que acha?

— Pode realmente conseguir isso?

— Você se surpreenderia com as coisas que um "Silver Star" pode conseguir.

— Está enganado. Eu não me surpreenderia nem um pouco — disse Laura, rindo.

De repente, ambos começaram a rir e nenhum dos dois sabia por quê.

Harris conseguiu a passagem para o mês de novembro. Embora inquieto, pois sabia como era perigoso atravessar o canal em tempo de guerra, sentia-se feliz. Em breve, Laura e ele estariam juntos para sempre.

Depois disso, os dias passaram voando, transformando-se em horas e as horas em minutos, até que, inacreditavelmente, chegou o dia de sua partida.

— Isso me lembra a nossa despedida em Londres, durante a blitz — disse Laura, queixosa.

— Foi tão difícil dizer adeus a você naquele dia...

— Não é a mesma coisa, querida. Naquela época, não tínhamos certeza se nos veríamos novamente.

— Desculpe — disse ela de repente.

— Desculpar o quê?

— Compliquei as coisas para você. Devíamos nos ter casado aqui mesmo.

— Será uma separação breve. Depois disso, ficaremos juntos para sempre.

Nesse instante, um jipe parou diante da casa e Harris pegou a mochila.

— É o sargento Foley. Ele ficou de me apanhar.

Laura o olhou e disse com suavidade:

— Cuide-se. Há outras maneiras de morrer sem ser preciso enfrentar um Zero japonês.

— Fique descansada — disse ele, beijando-lhe de leve os lábios. — Adeus.

— Adeus...

Ela deu um passo para trás e de repente voltou a se jogar nos braços dele.

— Dê-me um beijo de verdade, Dan!

Laura passou as semanas que se seguiram despedindo-se dos amigos e conhecidos e prometendo a si mesma que voltaria a Fain-les-Sources, algum dia. Foi ao cemitério pela última vez e como não havia flores naquela época do ano, fez três buquês com folhas de freixo, amarrou-os com uma fita tricolor, e os depositou aos pés dos túmulos de seus queridos.

Passou sua última noite em companhia de Curei. Jantaram e conversaram, com saudade, sobre as primeiras missões do grupo e, terminado o jantar, o rude veterano de guerra, que parecia amar apenas sua falecida esposa, propôs um brinde:

— À amizade!

— À amizade!

— Sentirei sua falta, Laura.

— Eu também sentirei a sua, Curei.

— Tenho um pequeno presente para você — prosseguiu ele, enfiando a mão no bolso e tirando uma caixinha antiga, de couro lavrado.

Laura abriu-a e soltou uma exclamação de surpresa e prazer. Dentro havia um lindo pingente de macassita, que ela colocou na corrente, junto com as asas de prata de Dan.

— É uma peça muito antiga. Pertenceu às mulheres de minha família durante gerações — explicou Curei. — Gostaria de que você a conservasse em nome de nossa amizade.

— Obrigada. Fique certo de que me lembrarei sempre do senhor.

Às sete horas da manhã seguinte, Laura deixou Fain-les-Sources, rumo a Le Havre, sua bagagem consistindo unicamente de uma mala com roupas. A viagem foi longa e acidentada. Os trens, além de correrem fora de horário, estavam repletos. Parecia que, após quatro anos de ocupação, todos os franceses estavam com pressa de entrar ou sair do país. Quando finalmente chegou a seu destino, estava exausta.

A linda manhã de outono, fresca e cheirando a maresia, revigorou-a. Tomou café com croissants num bar e depois dirigiu-se vagarosamente para o porto.

A bordo, os dias eram tranquilos, e Laura passava-os lendo ou tomando sol no convés. Mas as noites eram perturbadas pelo intenso tráfego aéreo dos aviões da RAF inglesa e da AAF americana, que cruzavam o canal para bombardear as refinarias de petróleo, as ferrovias e os aeroportos militares alemães.

A travessia do Atlântico Norte oferecia ainda muito perigo e a viagem a Nova York durou dez dias. Na manhã da chegada, uma neblina espessa envolvia a linha da costa. Quando o sol rompeu as nuvens, dissipando-a, e a estátua da Liberdade surgiu radiosa à luz da manhã, os olhos de Laura encheram-se de lágrimas.

— Très beau, n'est-ce-pas? — disse uma senhora francesa, dela. — Lindo!

Ela assentiu e enxugou o rosto.

— Não pensei que fosse me emocionar tanto.

— A senhora é americana. É natural que chore ao voltar para o seu país. Faz tempo que está fora de casa?

— Sim. Muito tempo.

— A estátua foi um presente dos franceses ao povo americano, sabia?

— Sim, madame. Eu sabia.

O desembarque foi rápido e Laura passou pelo Departamento de Imigração sem nenhum problema. Mas seu coração batia descompassado quando saiu para a plataforma banhada de sol, perscrutando cada rosto na multidão.

— Laura!

Ao ouvir seu nome, pronunciado com um inconfundível sotaque do Meio-Oeste, ela viu-se.

— Dan! — gritou, enquanto ali, de pé, fitava o rosto querido. De repente, deixou cair a mala no chão e saiu correndo para os braços dele.

Epílogo

Dezembro de 1950

Chicago, Illinois.

Passavam poucos minutos das nove horas da noite, quando Harris pendurou o sobretudo e o chapéu cobertos de neve no armário do vestíbulo. As crianças receberam-no à porta da sala, alvoroçadas.

— Papai! Papai!

Ele abriu os braços e os dois correram para o seu colo. Beijou primeiro o rosto de Danielle e depois o do pequeno Alan.

— O que fizeram hoje?

— Brincamos de índio.

— Muito bem!

Laura chegou da cozinha e beijou-lhe os lábios frios.

— Olá, querido.

— Desculpe ter chegado tarde.

— Não faz mal. Teve um dia difícil?

— Como sempre. Só que longo demais.

Ela virou-se para os filhos e disse, firme:

— Muito bem, crianças. Chega! Está na hora de irem para a cama.

A decepção se estampou no rosto de Danielle.

— Mas nós queremos ficar com papai!

— Seu pai está cansado. Trabalhou muito durante o dia. Dêem-lhe um beijo e subam.

— Boa noite, papai! — as crianças disseram a contragosto, saindo da sala.

— Boa noite. Je vous aime beaucoup.

Laura saiu com eles, mas reapareceu na sala menos de quinze minutos depois.

— Demorei muito? — perguntou, sorrindo.

— Não, querida. Não demorou nada.

— Vou preparar uma bebida para você.

— Ah, como isso ajudaria...

Ela foi ao bar e preparou o drinque, quando voltou, sentou-se ao lado dele.

— Recebi uma carta de Brigitte.

— O que diz ela?

— Estão de mudança. Kurt conseguiu um emprego de supervisor de mina, em Essen. Parece que foi Becker que arrumou tudo. O coronel é uma pessoa muito influente agora. Acaba de ser eleito para o Bundestag.

— Brigitte é bastante independente. Deve ser difícil para ela receber favores do homem que julga responsável pela morte do irmão.

— Ela não pode impedi-lo de ajudar o marido. Além do mais, Brie quer a felicidade de Kurt e uma vida melhor para a pequena Terry.

— Nisso ela tem razão. — Harris acabou de tomar o drinque e abriu-lhes os braços. — Venha cá, moça.

Laura sentou-se ao lado dele e Harris a abraçou com força, tirando-lhe quase a respiração.

— Eu a amo, querida.

— Diga isso de novo, Dan — murmurou ela , radiante. — Diga, querido.

— Eu a amo.

Lá fora, pequenos flocos de neve continuavam a dançar no ar gelado, cobrindo os pinheiros verdes, os cedros e os carvalhos desfolhados.

— Vamos ter um Natal branco este ano.

Bonn, Alemanha do Leste.

O inter-comunicador tocou na mesa de Becker.

— Sua esposa está aqui, senhor — anunciou a secretária.

— Faça-a entrar, por favor.

Quando a porta se abriu, ele levantou-se e foi ao encontro dela, beijando-lhe levemente os lábios.

— Querida, já lhe disse que não é necessário fazer-se anunciar para entrar em meu escritório. Você é sempre bem-vinda.

Lysette sorriu. O marido era sempre tão delicado, terno e respeitoso...

Becker recuou e contemplou-a, satisfeito. A esposa usava um casaco cinza-azulado, de lã, com gola e punhos de pele azul, e chapéu combinando. Os cabelos estavam impecavelmente penteados, as jóias eram discretas e o perfume evocativo.

— Está muito elegante, madame.

— Obrigada.

Lysette teria preferido usar roupas mais simples, mas Anton gostava de vê-la sempre bem vestida. Ela era um homem de projeção na comunidade do pós-guerra e no novo governo democrático, e ela sentia que, como sua esposa, tinha o dever de causar boa impressão.

— Passei para vê-lo, antes de partir para o campo.

— Tenho uma sessão no Parlamento e sou obrigado a passar a noite na cidade. Não gostaria de ficar comigo?

— Eu adoraria, querido. Mas preciso voltar para casa e fazer os preparativos. Os rapazes irão passar os feriados conosco, não se lembra?

Terminada a guerra, o marido havia se divorciado da primeira esposa, e conseguira reatar as relações com seus dois filhos.

— Ah, sim — disse Becker.

Ele segurou Lysette pelo braço e abriu a porta.

— Vou sair, Gretchen — disse à secretária. — Deixe os recados na minha mesa.

— Pois não, senhor.

— Boa tarde, Gretchen.

— Boa tarde, Frau Becker.

A moça ficou a observá-los e não pôde deixar de notar que Frau Becker tinha o coração nos olhos, quando olhava para o marido. Invejava-a, embora não pudesse deixar de gostar dela. Corriam rumores de que era uma refugiada de guerra, sem um centavo, que ele conhecera na França. Mas achava difícil acreditar que o passado dos dois fosse tão diferente.

Gretchen suspirou e recomeçou a bater à máquina. Certamente, esses boatos haviam

nascido da imaginação romântica de alguém. Frau Becker era francesa, sim, mas devia provir de uma família aristocrática. Seu patrão não iria se apaixonar por uma mulher que não fosse de sua própria classe!

Fim